HÁ MOMENTOS EM QUE É
PRECISO DECIDIR-SE



LIBERTA-ME

TAHEREH MAFI

Nova Concelho

Sumário

Capa

Rosto

Dedicatória

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

Agradecimentos

Créditos

LIBERTA-ME

HÁ MOMENTOS EM QUE É PRECISO DECIDIR-SE

Tahere Mafi

Editora Novo Conceito

Para minha mãe. A melhor pessoa que já conheci.

1

O mundo pode estar ensolarado hoje.

A grande bola amarela pode estar derramando-se nas nuvens, fluida e borrada, parecendo gema de ovo no céu mais azul, brilhante de esperanças frias e promessas falsas sobre lembranças doces, famílias de verdade, cafés da manhã de rei, pilhas de panquecas banhadas em xarope de bordo sobre um prato em um mundo que não existe mais.

Ou talvez não.

Talvez o dia esteja escuro e úmido, soprando um vento tão cortante que fere a pele dos nós dos dedos de homens adultos. Talvez esteja nevando, talvez esteja chovendo, não sei, talvez esteja gelado, tenha granizo, seja um furacão escorregando para um tornado e a Terra esteja tremendo e se abrindo para liberar espaço para os nossos erros.

Não tenho a menor ideia.

Não tenho mais janela. Não tenho uma vista. Faz um milhão de graus abaixo de zero em meu sangue e estou enterrada 15 metros abaixo da terra em uma sala de treinamento que virou meu segundo lar nos últimos tempos. Todos os dias, encaro essas quatro paredes e lembro a mim mesma que *não sou prisioneira, não sou prisioneira, não sou prisioneira*, mas, às vezes, os antigos medos percorrem minha pele e pareço não conseguir me libertar da claustrofobia que aperta minha garganta.

Fiz tantas promessas quando cheguei aqui.

Agora, não tenho tanta certeza. Agora, estou preocupada. Agora, minha mente é uma traidora porque meus pensamentos arrastam-se para fora da cama toda manhã com olhos agitados e mãos suadas e risos nervosos que se acomodam em meu peito, crescem em meu

peito, ameaçam explodir meu peito, e a pressão me aperta e me aperta e *me aperta.*

A vida por aqui não é o que eu esperava que fosse.

Meu novo mundo está gravado em bronze de canhão, selado com prata, afogado nos cheiros de pedra e aço. O ar é gelado, os tapetes são laranja; as luzes e os interruptores apitam e tremulam, eletrônicos e elétricos, brilhantes em neon. Está cheio aqui, cheio de corpos, cheio de salas lotadas de sussurros e gritos, pés batendo no chão e passos cuidadosos. Se eu prestar bastante atenção, posso ouvir os sons de cérebros trabalhando e testas sendo beliscadas e dedos tamborilando em queixos e lábios e sobrancelhas franzidas. As ideias são carregadas nos bolsos, os pensamentos estão apoiados na ponta de todas as línguas; olhos se comprimem com a concentração, com o planejamento cuidadoso a respeito do qual eu devia querer saber.

Mas nada está funcionando e todos os meus pedaços estão quebrados.

Devo controlar minha Energia, disse Castle. Nossos dons são formas diferentes de Energia. A matéria nunca é criada ou destruída, ele me contou, e, como nosso mundo mudou, a Energia contida nele mudou também. Nossas habilidades são tiradas do universo, de outras matérias, de outras Energias. Não somos aberrações. Somos inevitabilidades das perversas manipulações de nossa Terra. Nossa Energia veio de algum lugar, ele disse. E algum lugar é no meio do caos ao nosso redor.

Faz sentido. Lembro-me de como o mundo estava quando eu o deixei.

Lembro-me dos céus irritados e da sequência de pores do sol desmoronando sob a Lua. Lembro-me da terra rachada e dos arbustos ásperos e do que costumava-ser-verde e está agora muito perto do marrom. Penso na água que não podemos beber e nos pássaros que não voam e em como a civilização foi reduzida a nada

além de uma série de aglomerados espalhados pelo que sobrou de nossa terra devastada.

Este planeta é como um osso quebrado que não voltou ao lugar certo, cem pedaços de cristal colados. Fomos estilhaçados e reconstruídos, disseram-nos para nos esforçarmos todo dia e fingirmos que ainda funcionamos da maneira como deveríamos. Mas é mentira, é tudo mentira; cada pessoa lugar coisa e ideia é uma mentira.

Eu não funciono do jeito certo.

Não sou nada além da consequência de uma catástrofe.

Duas semanas desabaram na beira da estrada, abandonadas, já esquecidas. Há duas semanas estou aqui e, em duas semanas, instalei-me em uma cama de cascas de ovo, imaginando quando alguma coisa vai quebrar, quando eu serei a primeira a quebrá-la, imaginando quando tudo vai desmoronar. Com duas semanas, eu devia estar mais feliz, mais saudável, dormindo melhor e mais tranquila neste espaço seguro. Em vez disse, fico preocupada com o que vai acontecer ~~quando~~ se eu não conseguir acertar, se eu não descobrir como treinar da forma certa, se eu machucar alguém ~~de propósito~~ por acidente.

Estamos nos preparando para uma guerra sangrenta.

Por isso estou treinando. Todos nós estamos tentando nos preparar para derrotar Warner e seus homens. Para ganhar uma batalha por vez. Para mostrar aos cidadãos de nosso mundo que ainda há esperança, que eles não precisam concordar com as exigências do Restabelecimento e virar escravos de um regime que não quer nada além de explorá-los para ter poder. E eu concordei em lutar. Em ser uma guerreira. Em usar meus poderes em contradição com meu bom senso. Porém, a ideia de encostar a mão em alguém traz um mundo de lembranças, sentimentos, um arrepio de poder que experimento somente quando entro em contato com uma pele não imune à minha. Um arrepio de invencibilidade; um tipo

atormentado de euforia; uma onda de intensidade que enche cada poro de meu corpo. Não sei o que isso fará comigo. Não sei se posso confiar em mim mesma para ter prazer com a dor de outra pessoa.

Tudo que sei é que as últimas palavras de Warner estão presas em meu peito e não consigo tossir e expelir o frio e a verdade que ferem o fundo de minha garganta.

Adam não faz ideia de que Warner pode tocar em mim.

Ninguém sabe.

Warner devia estar morto. Warner devia estar morto porque eu devia ter atirado nele, mas ninguém supunha que eu precisaria saber disparar uma arma e, agora, acho que ele veio me procurar.

Ele veio para lutar.

Por mim.

2

Uma batida rápida e a porta é aberta de repente.

— Ah, senhora Ferrars. Não sei o que espera conseguir sentada no canto.

O sorriso fácil de Castle entra dançando na sala antes dele.

Eu tomo um pequeno fôlego e tento olhar para Castle, mas não consigo. Em vez disso, sussurro uma desculpa e ouço o tom arrependido que minhas palavras ganham nessa grande sala. Sinto meus dedos trêmulos apertarem-se contra as esteiras espessas e acolchoadas espalhadas pelo chão e penso que não conquistei nada desde que cheguei aqui. É humilhante, muito humilhante decepcionar uma das únicas pessoas que já foi gentil comigo.

Castle fica parado bem em frente a mim, espera até eu finalmente levantar o olhar.

— Não precisa se desculpar — ele diz.

Seus olhos penetrantes e castanho-claros e seu sorriso amigável fazem com que seja fácil esquecer que ele é o líder do Ponto Ômega. O líder de todo esse movimento clandestino dedicado a lutar contra o Restabelecimento. A voz dele é muito suave, muito gentil e isso é quase pior. ~~Às vezes, queria que ele simplesmente gritasse comigo~~.

— Porém — ele continua —, precisa aprender a controlar sua energia, senhora Ferrars.

Uma pausa.

Um passo.

As mãos dele repousam sobre a pilha de tijolos que eu devia ter destruído. Ele finge não reparar nos contornos vermelhos ao redor dos meus olhos nem nos canos de metal que atirei pela sala. O olhar dele evita com cuidado as manchas de sangue nas tábuas de madeira colocadas de lado; seus questionamentos não me perguntam por que meus punhos estão cerrados e nem se eu me machuquei de novo. Ele levanta a cabeça na minha direção, mas está olhando para um ponto logo atrás de mim, e sua voz é delicada quando fala.

— Sei que é difícil para você — ele afirma. — Mas a senhora tem que aprender. Precisa aprender. Sua vida depende disso.

Engulo em seco com tanta força que ouço o eco do gole no abismo entre nós dois. Faço que sim com a cabeça, encosto-me na parede, dou boas-vindas ao frio e à dor do tijolo enterrado em minha espinha. Puxo os joelhos para perto de meu peito e sinto os pés pressionados contra as esteiras protetoras que cobrem o chão. Estou tão perto de chorar que tenho medo de acabar gritando.

— Eu apenas não sei — digo, por fim. — Não sei nada disso. Não sei nem mesmo o que eu deveria estar fazendo.

Olho para o teto e pisco pisco pisco. Meus olhos parecem brilhantes, úmidos.

— Não sei como fazer as coisas acontecerem.

— Então, precisa pensar — Castle diz, sem se deixar deter.

Ele pega um cano de metal descartado. Pesa-o nas mãos.

— A senhora precisa achar ligações entre os eventos que aconteceram. Quando quebrou o concreto na câmara de tortura de Warner... Quando seu soco atravessou a porta de aço para salvar o senhor Kent... O que aconteceu? Por que, nessas duas vezes, a senhora conseguiu reagir de forma tão extraordinária?

Ele se senta a alguma distância de mim. Empurra o cano na minha direção.

— Preciso que você analise suas habilidades, senhora Ferrars. Você deve ter concentração.

Concentração.

É uma palavra, mas é suficiente, é o que basta para eu me sentir mal. Parece que todo mundo precisa que eu tenha concentração. Primeiro, Warner precisava que eu me concentrasse e, agora, Castle precisa que eu me concentre.

Nunca consegui fazer isso.

O suspiro profundo e triste de Castle me traz de volta ao presente. Ele fica em pé. Alisa o único paletó azul-escuro que parece ter e vejo rapidamente o símbolo prateado do Ômega bordado nas costas. Uma mão despreocupada toca a ponta de seu rabo de cavalo; ele sempre prende os *dreads* em um nó perfeito na base do pescoço.

— A senhora está resistindo a si mesma — ele afirma, embora use um tom suave. — Talvez devesse trabalhar com outra pessoa para variar. Talvez um parceiro a ajude a desvendar tudo... a descobrir a ligação entre esses dois eventos.

Meus ombros travam, surpresos.

— Pensei que tivesse dito que eu tinha de trabalhar sozinha.

Ele passa por mim, olhando-me de soslaio. Coça um ponto abaixo da orelha, coloca a outra mão em um bolso.

— Eu não queria que a senhora trabalhasse sozinha de verdade — ele conta. — Mas ninguém se ofereceu para a tarefa.

Uma depois duas depois 15 pedras caem na boca do meu estômago. Várias ficam presas na traqueia. Não sei por que engulo

a respiração, por que estou tão surpresa. Eu não devia ficar surpresa. Nem todo mundo é o Adam.

Nem todo mundo está protegido contra mim da maneira como ele está. Ninguém além de Adam já me tocou e gostou. ~~Ninguém, exceto Warner~~. No entanto, apesar das boas intenções de Adam, ele não pode treinar comigo. Está ocupado com outras coisas.

Coisas que ninguém quer me contar.

Porém, Castle está me encarando com um olhar esperançoso, um olhar generoso, um olhar que não faz ideia de que essas novas palavras que ele ofereceu para mim são tão ruins. Ruins porque, por mais que eu saiba a verdade, ainda dói ouvir. Dói lembrar que, embora eu viva em uma redoma com Adam, o restante do mundo ainda me vê como uma ameaça. Um monstro. Uma aberração.

~~Warner estava certo. Não importa aonde eu vá, parece que não consigo fugir disso.~~

— O que mudou? — pergunto a ele. — Quem está disposto a me treinar agora?

Faço uma pausa.

— Você?

Castle sorri.

É o tipo de sorriso que dispara uma onda de calor e humilhação pelo meu pescoço acima e atravessa uma lança bem na vértebra de meu orgulho. Tenho de resistir ao impulso de fugir porta afora.

~~Por favor por favor por favor não tenha dó de mim, é o que quero dizer.~~

— Quem me dera ter tempo — Castle me diz. — Mas Kenji está finalmente livre... Conseguimos reorganizar a programação dele... E ele disse que ficaria feliz em trabalhar com a senhora.

Um momento de hesitação.

— Quero dizer, se a senhora concordar.

Kenji.

Quero gargalhar alto. Kenji *seria* o único disposto a se arriscar a trabalhar comigo. Eu o machuquei certa vez. Por acidente. Mas ele e eu não passamos muito tempo juntos desde que ele liderou, pela primeira vez, nossa expedição para o Ponto Ômega. Era como se ele estivesse apenas cumprindo uma tarefa, realizando uma missão; depois de concluída, voltou para sua própria vida. Aparentemente, Kenji é importante por aqui. Ele tem um milhão de coisas a fazer. Coisas a regularizar. As pessoas parecem gostar dele, até respeitá-lo.

Fico imaginando se já o viram como o Kenji odioso e boca-suja que eu conheci.

— É claro — eu respondo a Castle, tentando fazer uma expressão agradável pela primeira vez desde a chegada dele. — Parece ótimo.

Castle levanta-se. Seus olhos são brilhantes, ansiosos, fáceis de agradar.

— Perfeito. Pedirei que ele a encontre no café da manhã de amanhã. Vocês podem comer juntos e começar dali.

— Ah, mas eu geralmente...

— Eu sei — Castle me interrompe.

O sorriso dele está apertado em uma linha fina agora, com a testa enrugada de preocupação.

— A senhora gosta de fazer as refeições com o senhor Kent. Sei disso. Mas a senhora quase não passou nenhum tempo com os outros, senhora Ferrars, e, se vai ficar aqui, tem de começar a confiar em nós. As pessoas do Ponto Ômega sentem-se próximas

de Kenji. Ele pode contribuir para a sua imagem. Se todos os virem passando um tempo juntos, ficarão menos intimidados com sua presença. Vai ajudá-la a se adaptar.

Um calor como óleo quente salpica meu rosto; eu recuo, sinto meus dedos se torcerem, tento encontrar um lugar para onde olhar, tento fingir que não sinto a dor presa em meu peito. Tenho de engolir três vezes antes de poder responder.

— Eles... eles têm medo de mim — digo, eu sussurro, eu deixo minha voz morrer. — Não quero... Não queria incomodar ninguém. Não queria ficar no caminho...

Castle solta um suspiro, longo e alto. Ele olha para cima e para baixo, coça o ponto macio sob seu queixo.

— Eles só têm medo — ele começa, por fim — porque não a conhecem. Se a senhora se esforçasse um pouquinho mais... Se fizesse até mesmo o menor esforço para conhecer alguém...

Ele para. Franze as sobrancelhas.

— Senhora Ferrars, a senhora está aqui há duas semanas e quase não falou com suas colegas de quarto.

— Mas isso não é... Eu acho que elas são ótimas...

— E, ainda assim, as ignora? Não passa um tempo com elas? Por quê?

~~Porque nunca tive amigas mulheres antes. Porque tenho medo de fazer algo errado, dizer algo errado e elas acabarem me odiando como todas as outras garotas que já conheci. E eu gosto muito delas, o que fará com que sua inevitável rejeição seja muito mais difícil de suportar.~~

Não digo nada.

Castle balança a cabeça.

— A senhora agiu tão bem no dia em que chegou. Parecia quase *amigável* com Brendan. Não sei o que aconteceu — Castle continua. — Pensei que fosse se sair bem aqui.

Brendan. O menino magro com cabelo loiro-platinado e correntes elétricas correndo pelas veias. Eu me lembro dele. Ele foi gentil comigo.

— Eu gosto do Brendan — digo a Castle, desnorteada. — Ele está chateado comigo?

— *Chateado*?

Castle balança a cabeça, dá uma grande gargalhada. Ele não responde a minha pergunta.

— Não entendo, senhora Ferrars. Tentei ser paciente com você, tentei lhe dar tempo, mas confesso que estou bastante perplexo. A senhora era tão diferente quando chegou... Estava animada por estar aqui! Porém, bastou menos de uma semana para se afastar por completo. Nem olha para as outras pessoas quando anda pelos corredores. O que aconteceu com a conversa? Com a amizade?

Sim.

Levei um dia para me acomodar. Um dia para olhar o local. Um dia para ficar animada com uma vida diferente e um dia para todo mundo descobrir quem eu era e o que tinha feito.

Castle não diz nada sobre as mães que me veem andando pelo corredor e puxam seus filhos para fora de meu caminho. Ele não menciona os olhares hostis e as palavras hostis que suportei desde minha chegada. Ele não fala nada sobre as crianças que foram aconselhadas a ficarem bem, bem longe, e os vários idosos que me observam com tanta atenção. Posso apenas imaginar o que eles ficaram sabendo, de onde tiraram as histórias.

Juliette.

Uma garota com um toque letal que suga a força e a energia de seres humanos de sangue quente até eles virarem carcaças flácidas e paralisadas, ofegando no chão. Uma garota que passou a maior parte da vida em hospitais e centros de detenção juvenis, uma garota rejeitada pelos próprios pais, rotulada de louca certificada e condenada ao isolamento em um hospício onde até os ratos tinham medo de morar.

Uma garota.

Com tanta fome de poder que matou uma criancinha. Torturou um bebê. Fez um homem adulto cair de joelhos lutando por ar. Ela não tem nem a decência de se matar.

Nada disso é mentira.

Assim, olho para Castle com manchas coloridas no rosto e letras não ditas nos lábios e olhos que se recusam a revelar seus segredos.

Ele suspira.

Ele quase diz alguma coisa. Tenta falar, mas seus olhos investigam meu rosto e ele muda de ideia. Apenas me oferece um rápido aceno de cabeça, respira fundo, bate no relógio, diz “Três horas até as luzes serem desligadas” e vira-se para sair.

Para na porta.

— Senhora Ferrars — ele diz, de repente, com delicadeza, sem se virar —, você escolheu ficar conosco, lutar conosco, ser membro do Ponto Ômega.

Uma pausa.

— Vamos precisar de sua ajuda. E temo que estamos ficando sem tempo.

Eu o observo sair.

Ouço seus passos se afastarem conforme eles ecoam ao lado de suas últimas palavras e encosto a cabeça na parede. Fecho o olhos, que olhavam o teto. Ouço a voz dele, solene e firme, ressoar nos meus ouvidos.

Estamos ficando sem tempo, ele disse.

Como se tempo fosse o tipo de coisa que pudesse acabar, como se fosse medido em tigelas que nos são entregues ao nascermos e, se comêssemos muito ou com muita rapidez ou logo antes de pular na água, nosso tempo seria perdido, desperdiçado, devorado, já gasto.

Porém, o tempo está além de nossa compreensão finita. É interminável, existe fora de nós; não podemos ficar sem ele nem o perder de vista nem achar uma forma de segurá-lo. O tempo continua mesmo quando não continuamos.

Temos bastante tempo, é o que Castle devia ter dito. Temos todo o tempo do mundo, é o que devia ter falado para mim. No entanto, ele não o fez porque o que quis dizer tic tac é que nosso tempo tic tac está mudando. Está se lançando para frente em uma direção completamente nova, batendo de cara com outra coisa e

tic

tic

tic

tic

tic

está quase

na hora da guerra.

3

Eu poderia tocá-lo daqui.

Seus olhos, azul-escuros. Seu cabelo, castanho-escuro. Sua camiseta, muito apertada nos lugares certos, e seus lábios, seus lábios dobram-se para cima, para apertar o interruptor que acende o fogo em meu coração, e eu não tenho nem tempo de piscar e soltar o ar antes de estar presa em seus braços.

Adam.

— Ei, você — ele sussurra, bem perto de meu pescoço.

Eu seguro um arrepio enquanto o sangue sobe para corar meu rosto e, por um momento, apenas esse momento, eu largo meus ossos e permito que ele me segure.

— Ei.

Eu sorrio, inalando o aroma dele.

Voluptuoso, é o que isto é.

Quase nunca ficamos sozinhos. Adam está dormindo no quarto de Kenji com seu irmãozinho, James, e eu divido o dormitório com as gêmeas curandeiras. Temos, provavelmente, menos de 20 minutos antes de elas voltarem para o quarto, e eu pretendo aproveitar ao máximo essa oportunidade.

Meus olhos se fecham.

Os braços de Adam envolvem minha cintura, puxando-me mais para perto, e o prazer é tão enorme que mal posso evitar que meu corpo trema. É como se minha pele e meus ossos estivessem sedentos por contato, carinho, interação humana por tantos anos que não sei como me acalmar. Sou uma criança faminta tentando

encher o estômago, devorando meus sentidos no prazer quase imoral desses momentos como se eu fosse acordar de manhã e perceber que ainda estou varrendo o borralho para minha madrasta.

Mas Adam, então, aperta os lábios contra minha cabeça e minhas preocupações colocam um vestido chique e fingem ser outra coisa por um instante.

— Como você está? — pergunto, e é muito constrangedor porque minhas palavras já estão trêmulas, embora ele mal tenha me segurado, mas não consigo me soltar dele. ~~Nunca quero soltar. Nunca. Nunca nunca.~~

A risada chacoalha o corpo dele, macia e sonora e permissiva. Mas ele não responde a minha pergunta e sei que não responderá.

Tentamos escapar juntos várias vezes, apenas para acabarmos pegos e castigados pela nossa negligência. Não podemos sair do quarto depois que as luzes são apagadas. Depois de nosso período de tolerância — uma indulgência concedida por conta de nossa chegada bastante abrupta — acabou, Adam e eu tivemos de seguir as regras como qualquer um. E há muitas regras a seguir.

Essas medidas de segurança — câmeras por toda parte, em cada canto, em cada corredor — existem para nos preparar no caso de um ataque. Guardas patrulham à noite, procurando qualquer barulho suspeito, atividade ou sinal de violação. Castle e sua equipe são vigilantes na proteção do Ponto Ômega e não estão dispostos a correr o menor risco; se um invasor chegar perto demais deste esconderijo, alguém terá de tomar toda e qualquer atitude necessária para afastá-lo.

Castle alega ter sido essa vigilância a responsável por mantê-los em segredo por tanto tempo, e, se eu for totalmente sincera, posso ver a lógica de ele ser tão rígido com isso. Porém, essas mesmas medidas severas me mantêm longe de Adam. Nós nunca nos vemos, a não ser no horário das refeições, quando estamos sempre cercados por outras pessoas, e todo tempo livre que tenho eu gasto

trancada em uma sala de treinamento onde devo “controlar minha Energia”. Adam está tão descontente com a situação quanto eu.

Eu toco o rosto dele.

Ele inspira rapidamente. Vira-se para mim. Diz muito com os olhos, tanto que tenho de desviar o olhar, porque sinto tudo com uma força penetrante. Minha pele é supersensível, finalmente finalmente finalmente acordada e zumbindo de vida, cantarolando com sentimentos tão intensos que é quase indecente.

Não consigo nem esconder.

Ele vê o que faz comigo, o que acontece comigo quando seus dedos roçam minha pele, quando seus lábios ficam muito perto de meu rosto, quando o calor de seu corpo contra o meu força meus olhos a se fecharem e meus braços e pernas a tremerem e meus joelhos a cederem sob a pressão. Eu vejo o que isso faz com ele também, saber que ele tem esse efeito sobre mim. Ele me tortura às vezes, sorrindo enquanto demora demais para cruzar o espaço entre nós, deleitando-se com o som de meu coração chocando-se contra meu peito, com a respiração curta que luto com força para controlar, com a maneira como engulo cem vezes logo antes de ele se mexer para me beijar. Não posso nem olhar para ele sem me divertir com cada momento que tivemos juntos, cada memória dos lábios dele, do toque dele, do aroma dele, da pele dele. É demais para mim, demais, tanto, tão novo, tantas sensações maravilhosas que nunca conheci, nunca senti, nunca pude nem acessar antes.

~~Às vezes, tenho medo de que isso me mate.~~

Liberto-me dos braços dele; estou quente e fria e sem equilíbrio, esperando conseguir controlar a mim mesma, esperando que ele esqueça a facilidade com que me afeta, e sei que preciso de um momento para me recompor. Eu cambaleio para trás; cubro o rosto com as mãos e tento pensar em algo para dizer, mas tudo está tremendo e eu o vejo olhando para mim, olhando como se pudesse me aspirar por inteira em uma inspiração.

Não, é a palavra que penso ouvi-lo sussurrar.

Tudo que sei em seguida são os braços dele, o nervosismo desesperado da voz dele quando diz meu nome, e estou desfiando em seu abraço, estou esfarrapada e despedaçando e sem fazer qualquer esforço para controlar os tremores em meus ossos e ele está tão quente sua pele está tão quente e nem sei mais onde estou.

A mão direita dele sobe pela minha coluna e puxa o zíper que segura meu traje até que ele fique na metade das minhas costas e eu não ligo. Tenho 17 anos a compensar e quero sentir tudo. Não estou interessada em esperar e arriscar os quem-sabe e os e-se e os enormes arrependimentos. Quero sentir tudo, porque e se eu acordar e descobrir que esse fenômeno passou, que a data de validade chegou, que minha chance veio e foi embora e nunca vai retornar. Que essas mãos nunca mais sentirão esse calor.

Não posso.

Não vou.

Nem percebo que me comprimi contra ele até sentir o contorno de seu corpo sob o algodão fino de suas roupas. Minhas mãos deslizam por baixo de sua camisa e ouço sua respiração tensa, sinto os nervos de seu corpo se retesarem e olho e vejo os olhos dele fechados e contraídos, seus traços presos em uma expressão que parece um tipo de dor e, de repente, as mãos dele estão no meu cabelo, desesperadas, os lábios tão perto. Ele se inclina e a gravidade sai do caminho dele e meus pés deixam o chão e eu flutuo. Estou voando, ancorada por nada além desse furacão em meus pulmões e o coração dele batendo um pulo um pulo um pulo rápido demais.

Nossos lábios

tocam-se

e sei que vou me rasgar nas costuras. Ele está me beijando como se tivesse me perdido e tivesse me encontrado e eu estivesse escorregando e ele nunca fosse me soltar. Quero gritar, às vezes, quero desfalecer, às vezes, quero morrer consciente de que eu soube como era viver com esse beijo, esse coração, essa explosão suave que me faz sentir como se tivesse tomado um gole de sol, como se tivesse comido as nuvens oito, nove e dez.

Isto.

Isto me faz doer em toda parte.

Ele se afasta, está respirando com dificuldade, suas mãos escorregam debaixo do material macio de meu traje e ele está tão quente sua pele está tão quente e acho que já disse isso mas não consigo lembrar e estou tão distraída que quando ele fala eu não entendo bem.

Mas é alguma coisa.

Palavras, graves e roucas em meu ouvido, mas eu entendo pouco mais do que uma declaração ininteligível, consoantes e vogais e sílabas quebradas misturadas. As batidas do coração dele ressoam por todo seu peito e caem dentro do meu. Seus dedos estão traçando mensagens secretas em meu corpo. Suas mãos deslizam para baixo, pelo tecido macio e acetinado deste traje, escorregando para a parte interna das minhas coxas, ao redor da parte de trás dos meus joelhos e para cima e para cima e eu imagino se é possível desmaiar e ainda ficar consciente ao mesmo tempo e aposto que essa é a sensação de hiper, hiperventilar quando ele nos puxa para trás. Ele bate as costas na parede. Encontra onde apertar firme meus quadris. Puxa-me com força contra seu corpo.

Eu ofego.

Os lábios dele estão em meu pescoço. Seus cílios fazem cócegas na pele sob meu queixo e ele diz alguma coisa, alguma coisa que parece meu nome e beija minha clavícula subindo e descendo,

beijos no arco de meu ombro, e seus lábios, seus lábios e suas mãos e seus lábios estão procurando as curvas e declives de meu corpo e seu peito está arfando e ele fala um palavrão e para e diz *Meu Deus, você é tão gostosa*

e meu coração voou para a Lua sem mim.

Adoro quando ele me diz isso. Eu adoro quando ele diz que gosta de tocar em mim porque vai contra tudo o que ouvi a vida inteira e eu desejo poder colocar as palavras dele em meu bolso para tocá-las de vez em quando e lembrar-me da existência delas.

— Juliette.

Mal posso respirar.

Mal posso levantar o olhar e olhar reto e ver qualquer coisa além da perfeição absoluta deste momento, mas nada disso importa porque ele está sorrindo. Ele está sorrindo como se alguém tivesse pendurado as estrelas em seus lábios e está olhando para mim, olhando para mim como se eu fosse *tudo*, e eu quero chorar.

— Feche os olhos — ele sussurra.

E eu confio nele.

Então, concordo.

Meus olhos se fecham e ele beija um, depois o outro. Depois, meu queixo, meu nariz, minha testa. Minhas bochechas. As duas têmporas.

Cada

centímetro

de meu pescoço

e

ele se afasta tão rápido que bate a cabeça na dura parede. Algumas palavras de raiva escapam antes que ele possa impedi-las. Estou congelada, assustada e, de repente, com medo.

— O que aconteceu? — eu sussurro e não sei por que estou sussurrando. — Você está bem?

Adam se esforça para não fazer uma careta, mas está com a respiração acelerada e olhando ao redor e gaguejando.

— D-desculpe.

E agarra a parte de trás da cabeça.

— Foi... Quero dizer, eu pensei...

Ele desvia o olhar. Limpa a garganta.

— Eu... Eu pensei... Eu pensei ter ouvido alguma coisa. Pensei que alguém estava prestes a entrar.

É claro.

Adam não tem permissão para estar aqui.

Os meninos e as meninas ficam em alas diferentes no Ponto Ômega. Castle diz que é, principalmente, para garantir que as garotas se sintam seguras e confortáveis no lugar onde moram — em especial porque dividimos os banheiros — e, assim, em geral não tenho problema com isso. É bom não ter de tomar banho com homens velhos. Porém, fica difícil nós dois termos um tempo juntos... E durante qualquer tempo que conseguimos encontrar, estamos sempre superatentos para não sermos descobertos.

Adam encosta na parede e estremece. Eu estendo a mão para tocar a cabeça dele.

Ele se retrai.

Eu congelo.

— Você está bem...?

— Sim.

Ele suspira.

— Eu apenas... Quero dizer...

Ele balança a cabeça.

— Não sei.

Ele baixa a voz. Os olhos.

— Não sei que diabos está errado comigo.

— Ei.

Eu roço as pontas dos meus dedos na barriga dele. O algodão de sua camisa ainda está morno com o calor de seu corpo e eu tenho de resistir à ânsia de enterrar meu rosto nele.

— Tudo bem — digo. — Você estava apenas sendo cuidadoso.

Ele sorri um sorriso estranho e triste.

— Não estou falando da minha cabeça.

Eu o encaro.

Ele abre a boca. Ele a fecha. Ele a força a abrir de novo.

— É... Quero dizer, *isto*...

Ele faz um gesto entre nós dois.

Não termina. Não olha para mim.

— Não entendo.

— Estou perdendo a *cabeça* — ele diz, mas sussurra como se nem estivesse certo de que estava falando aquilo.

Eu olho para ele. Olho e pisco e viajo em palavras que não posso ver e não posso encontrar e não posso falar.

Ele está balançando a cabeça.

Agarra a parte de trás da cabeça e parece constrangido e estou me esforçando para entender o porquê. Adam não fica constrangido. Adam nunca fica constrangido.

A voz dele está grossa quando ele por fim fala:

— Esperei tanto para ficar com você — ele começa. — Eu quis isso... Eu quis *você* por tanto tempo e, agora, depois de tudo...

— Adam o que vocês está d...

— Não consigo dormir. Não consigo dormir e penso em você o tempo... o tempo todo e não posso...

Ele para. Pressiona a parte de baixo das mãos contra a testa. Fecha os olhos e aperta-os. Vira-se na direção da parede para eu não ver seu rosto.

— Você deve saber... Você tem de saber — ele diz, as palavras ásperas, parecendo esgotá-lo — que eu nunca quis nada como quis você. Nada. Por causa disso... disso... Quero dizer, meu Deus, eu *quero* você, Juliette, eu quero... Eu quero...

As palavras vacilam conforme ele se vira para mim, os olhos brilhantes demais, a emoção corando a superfície de seu rosto. O olhar dele demora-se nas linhas de meu corpo, tempo suficiente para acender um fósforo no fluido de isqueiro que flui em minhas veias.

Eu pego fogo.

Quero dizer alguma coisa, alguma coisa certa e firme e tranquilizadora. Quero dizer a ele que entendo, que quero a mesma coisa, que eu o quero também, mas o momento parece tão carregado e real e urgente que quase tenho certeza de que estou sonhando. É como se eu tivesse apenas minhas últimas letras e tudo que tenho são os “q” e os “z” e acabei de lembrar que alguém inventou um dicionário quando ele finalmente arranca os olhos de mim.

Ele engole em seco, com força, os olhos voltados para o chão. Desvia o olhar de novo. Uma de suas mãos está presa no cabelo, a outra está fechada contra a parede.

— Você não tem ideia — ele diz, a voz dissonante — do que faz comigo. O que me faz sentir. Quando você *toca* em mim...

Ele passa uma mão trêmula pelo rosto. Quase ri, mas sua respiração está pesada e irregular; ele não me olha nos olhos. Dá um passo para trás, fala um palavrão baixinho. Passa o punho para cima e para baixo da testa.

— Caramba. Que diabos estou dizendo? Merda. *Merda*. Desculpe... Esqueça isso... Esqueça que eu disse alguma coisa... É melhor eu ir...

Eu tento pará-lo, tento encontrar minha voz, tento dizer “Está tudo bem, tudo bem”, mas estou nervosa agora, tão nervosa, tão confusa, pois nada disso faz sentido. Não entendo o que está acontecendo ou por que ele parece tão incerto sobre mim e nós e ele e eu e todos esses pronomes juntos. Não o estou rejeitando. Nunca o rejeitei. Meus sentimentos por ele sempre foram muito claros... Ele não tem motivo para se sentir inseguro a meu respeito ou perto de mim, e eu não sei por que ele está me olhando como se algo estivesse *errado*...

— Eu sinto muito — ele diz. — Estou... Eu não devia ter dito nada. Apenas estou... estou... *Merda*. Eu não devia ter vindo. É melhor eu ir... Eu tenho que ir...

— O quê? Adam, o que aconteceu? Do que você está falando?

— Foi uma péssima ideia — ele afirma. — Sou tão idiota... Nem deveria ter vindo até aqui...

— Você *não* é idiota... Está bem... Está tudo bem...

Ele ri, alto, insincero. O eco de um sorriso desconfortável demora-se em seu rosto quando ele para, encara um ponto bem atrás de minha cabeça. Não diz nada por bastante tempo, até finalmente falar:

— Bem — ele começa; tenta parecer alegre. — Não é o que Castle pensa.

— O quê?

Eu ofego, pega de surpresa. Sei que não estamos mais falando de nosso relacionamento.

— É.

As mãos dele estão, de repente, nos bolsos.

— Não.

Adam balança a cabeça para cima e para baixo. Encolhe os ombros. Olha para mim e desvia o olhar.

— Não sei. Acho que sim.

— Mas os testes... Estão... Quero dizer...

Não consigo parar de balançar a cabeça.

— Ele encontrou alguma coisa?

Adam não olha para mim.

— Ai, meu Deus — digo, e sussurro essas palavras como se sussurrar, de alguma forma, tornasse a situação mais fácil. — Então, é verdade? Castle tem razão?

Minha voz, aos poucos, está ficando mais aguda e meus músculos estão começando a ficar tensos e eu não sei por que esse sentimento parece medo, esse sentimento que se arrasta pela minha coluna acima. Eu não deveria ter medo se Adam tem um dom como o meu; eu devia saber que não poderia ter sido tão fácil, que não poderia ter sido tão simples. Essa sempre foi a teoria de Castle, que Adam pode tocar em mim porque ele também tem algum tipo de Energia que permite isso. Castle nunca achou que a imunidade de Adam à minha habilidade fosse uma feliz coincidência. Ele achava que tinha de ser mais que isso, mais científico do que isso, mais específico do que isso. ~~Eu sempre quis acreditar que, simplesmente, tive sorte.~~

E Adam queria saber. Ele estava animado para descobrir, na verdade.

Porém, depois de começar os testes com Castle, Adam parou de querer falar a respeito. Ele nunca me deu nada além das notícias mais superficiais sobre a situação.

Algo está errado.

Algo está *errado*.

~~É claro que sim.~~

— Não sabemos nada definitivo — Adam me conta, mas posso ver que ele está se segurando. — Preciso fazer mais algumas sessões; Castle diz que ainda há mais algumas coisas que ele precisa... examinar.

Não deixo de perceber a forma mecânica como Adam dá essa informação. Algo não está certo e não acredito que não vi os sinais até exatamente agora. Eu não quis, entendo. Não quis admitir para mim mesma que Adam parece mais exausto, mais desgastado, mais extenuado do que eu já tinha visto. A ansiedade construiu um lar sobre seus ombros.

— Adam...

— Não se preocupe comigo.

Suas palavras não são duras, mas há uma urgência velada em seu tom que não posso ignorar, e ele me puxa em seus braços antes que eu tenha uma chance de falar. Seus dedos fecham meu zíper até eu ficar decentemente vestida.

— Estou bem — ele garante. — De verdade, quero apenas saber se você está bem. Se você está bem aqui, então eu também estou. Tudo está bem.

Ele recupera o fôlego.

— Certo? Tudo vai ficar bem.

O sorriso trêmulo em seu rosto faz minha pulsação esquecer que tem um trabalho a realizar.

— Certo — demoro um instante para encontrar minha voz. — Certo, claro, mas...

A porta é aberta e Sonya e Sara já estão na metade do quarto quando congelam, com os olhos fixos em nossos corpos enlaçados.

— Ah! — Sara diz.

— Hum — Sonya olha para o chão.

Adam fala um palavrão baixinho.

— Podemos voltar depois... — as gêmeas dizem juntas.

Elas estão saindo pela porta quando eu as paro. Não vou expulsá-las de seu próprio quarto.

Peço que elas não saiam.

Elas perguntam se tenho certeza.

Eu dou uma olhada no rosto de Adam e sei que vou me arrepender de perder até mesmo um minuto de nosso tempo juntos, mas também sei que não posso me aproveitar de minhas colegas de quarto. Este é o espaço pessoal delas, e está quase na hora de as luzes se apagarem. Elas não podem fica vagando pelos corredores.

Adam não está mais olhando para mim, mas também não me solta. Inclino-me para frente e deixo um beijo suave em seu coração. Ele por fim me olha nos olhos. Oferece-me um sorriso tímido e dolorido.

— Eu te amo — digo, baixinho, para que apenas ele me ouça.

Ele exala um suspiro curto e irregular. Sussurra “Você não faz ideia” e se afasta. Vira-se. Sai pela porta.

Meu coração está pulsando em minha garganta.

As meninas estão me olhando. Preocupadas.

Sonya está prestes a falar, mas, nesse momento

um interruptor

um clique

uma luz tremulante

e as luzes são apagadas.

4

Os sonhos voltaram.

Eles me deixaram por um tempo, logo depois de eu ter sido recém-aprisionada na base com Warner. Eu pensei ter perdido o pássaro, o pássaro branco com listras de ouro iguais a uma coroa sobre sua cabeça. Ele costumava me encontrar em meus sonhos, voando com força e suavidade, navegando sobre o mundo como se soubesse mais que os outros, como se tivesse segredos de que nunca suspeitaríamos, como se estivesse me guiando para um lugar seguro. Era meu único pedaço de esperança na escuridão amarga do manicômio, até eu encontrar seu irmão gêmeo tatuado no peito de Adam.

Era como se ele tivesse voado para fora dos meus sonhos apenas para repousar sobre o coração de Adam. Achei que fosse um sinal, uma mensagem me dizendo que eu estava, enfim, a salvo. Que eu havia saído voando e, finalmente, encontrado paz, um santuário.

Eu não esperava ver o pássaro de novo.

Porém, agora ele voltou e está igualzinho. É o mesmo pássaro branco no mesmo céu azul com a mesma coroa amarela. Mas, desta vez, está congelado. Batendo as asas no lugar como se tivesse sido preso em uma gaiola invisível, como se estivesse destinado a repetir o movimento para sempre. O pássaro *parece* estar voando: está no ar; suas asas funcionam. Parece que está livre para subir pelos céus. Mas está preso.

Incapaz de voar para cima.

Incapaz de cair.

Tive o mesmo sonho em todas as noites da última semana e, em todas as sete manhãs, acordei estremecendo, tremendo no ar

terroso e gelado, lutando para normalizar as lamúrias em meu peito.

Lutando para entender o que isso significa.

Eu me arrasto para fora da cama e visto o mesmo traje que uso todos os dias; a única roupa que tenho agora. É do tom mais forte de roxo, tão roxo que é quase preto. Tem um leve brilho, um pouco de reflexo na luz. É uma peça só, do pescoço aos pulsos e aos tornozelos, e é justa no corpo sem ser nem um pouco apertada.

Eu me mexo como uma ginasta usando esse traje.

Tenho botas de couro de cano curto flexíveis que se moldam ao formato de meu pé e me permitem não fazer barulho enquanto caminho pelo chão. Tenho luvas de couro pretas que chegam aos cotovelos e evitam que eu toque em algo em que não deva tocar. Sonya e Sara me emprestaram um de seus elásticos de cabelo e, pela primeira vez em anos, posso tirar o cabelo do rosto. Uso um rabo de cavalo alto e aprendi a fechar meu zíper sem a ajuda de ninguém. Esse traje faz com que eu me sinta extraordinária. Faz com que eu me sinta invencível.

Foi um presente de Castle.

Ele mandou ser feito para mim antes de eu chegar ao Ponto Ômega. Ele achou que eu poderia gostar de ter uma roupa que me protegesse de mim e dos outros enquanto, ao mesmo tempo, me desse a opção de *machucar* outras pessoas. Se eu quisesse. Ou precisasse. O traje é feito de um material especial que deve me manter fresca no calor e aquecida no frio. Até agora, tem sido perfeito.

~~Até agora até agora até agora~~

Vou para o café da manhã sozinha.

Sonya e Sara sempre saem antes de eu acordar. O trabalho delas na ala médica nunca acaba... Não apenas elas são capazes de

curar os feridos, mas também passam os dias tentando criar antídotos e unguentos. Na única vez em que conversamos, Sonya explicou-me como algumas Energias podem ser esgotadas se nos esforçarmos demais, como podemos exaurir nosso corpo o suficiente para que ele simplesmente desmorone. As garotas dizem que querem poder criar remédios para usar em casos de muitos ferimentos que elas não possam curar de uma só vez. Afinal, elas são apenas duas. E a guerra parece iminente.

As cabeças ainda se viram em minha direção quando entro na sala de jantar.

Sou um espetáculo, uma anomalia mesmo entre as anomalias. Eu devia estar acostumada a isso agora, depois de todos esses anos. Eu devia ser mais durona, mais desinteressada, mais indiferente à opinião dos outros.

~~Eu devia ser muitas coisas.~~

Eu limpo os olhos e mantenho as mãos ao lado do corpo e finjo que sou incapaz de fazer contato visual com qualquer coisa além daquele ponto, aquela pequena marca na parede a 15 metros de onde estou.

Finjo que sou apenas um número.

Não há emoções em meu rosto. Lábios perfeitamente imóveis. Costas retas, mãos abertas. Sou um robô, um fantasma deslizando em meio às multidões.

Seis passos para frente. Quinze mesas pelas quais passar. 42 43 44 segundos e a contagem continua.

~~Estou com medo~~

~~Estou com medo~~

~~Estou com medo~~

Sou forte.

A comida é servida somente três vezes por dia: café da manhã das 7h às 8h, almoço das 12h às 13h e jantar das 17h às 19h. O jantar dura uma hora a mais porque é no final do dia; é como a nossa recompensa por trabalhar duro. No entanto, as refeições não são eventos chiques e luxuosos; a experiência é muito diferente de jantar com Warner. Aqui, apenas ficamos em uma longa fila, pegamos as tigelas já cheias e vamos para a área das mesas, com nada além de uma série de mesas retangulares arrumadas em linhas paralelas pelo salão. Nada é supérfluo e, assim, nada é desperdiçado.

Vejo Adam na fila e caminho na sua direção.

68 69 70 segundos e a contagem continua.

— Ei, gata.

Algo como um caroço me acerta nas costas. Cai no chão. Eu me viro, meu rosto flexiona os 43 músculos necessários para franzir antes de eu vê-lo.

Kenji.

O sorriso grande e fácil. Olhos da cor de ônix. Cabelo ainda mais escuro, acentuado, superliso e caindo nos olhos. Sua mandíbula está se contraindo e seus lábios estão se contraindo e as impressionantes linhas de suas maçãs do rosto estão arqueadas em um sorriso que luta para continuar reprimido. Ele está me olhando como se eu estivesse andando por aí com papel higiênico no cabelo e não posso deixar de me perguntar por que não passei um tempo com ele desde que chegamos aqui. Em um nível puramente técnico, ele salvou minha vida. E a vida de Adam. E a de James também.

Kenji inclina-se para pegar o que parece uma bola compacta de meias. Ele a pesa na mão como se estivesse pensando em jogá-la de novo.

— Aonde está indo? — ele pergunta. — Pensei que devêssemos nos encontrar aqui. Castle disse...

— Por que trouxe um par de meias para cá? — eu o interrompo. — As pessoas estão tentando comer.

Ele congela por um milésimo de segundo antes de revirar os olhos. Fica atrás de mim. Puxa meu rabo de cavalo.

— Eu estava atrasado para me encontrar com *você*, alteza. Não tive tempo de pôr as meias.

Ele faz um gesto para as meias em suas mãos e as botas nos pés.

— Isso é muito nojento.

— Sabe, você tem um jeito muito estranho de dizer que se sente atraída por mim.

Eu balanço a cabeça, tento esconder minha diversão. Kenji é um paradoxo ambulante de Pessoa Inabalavelmente Séria e Garoto de 12 Anos Passando pela Puberdade em um só corpo. Mas eu tinha esquecido o quão mais fácil é respirar perto dele; parece natural rir quando ele está próximo. Assim, continuo andando e tomo cuidado para não dizer nada, mas um sorriso ainda está puxando meus lábios quando pego uma bandeja e sigo para o centro da cozinha.

Kenji está meio passo atrás de mim.

— Então, vamos trabalhar juntos hoje.

— Ahã.

— E então... Você simplesmente passa por mim. Nem diz “oi”?

Ele aperta as meias contra o peito.

— Estou arrasado. Guardei uma mesa para nós e tudo mais.

Olho para ele. Continuo andando.

Ele me alcança.

— É sério. Sabe o quão constrangedor é acenar para alguém e a pessoa o ignorar? E aí você fica olhando em volta feito um babaca, tentando dizer “não, é sério, eu juro, eu conheço aquela garota” e ninguém acredita em v...

— Você está brincando?

Eu paro no meio da cozinha. Viro-me. Meu rosto está fazendo uma careta.

— Você falou comigo talvez *uma vez* nas duas semanas em que estamos aqui. Quase nem presto mais atenção em você.

— Certo, espere — ele diz, virando-se para bloquear meu caminho. — Nós dois sabemos que não tem como você não ter prestado atenção em tudo isto.

Ele faz um gesto para si mesmo.

— Por isso, se estiver tentando fazer joguinhos comigo, devo avisá-la logo que não vai funcionar.

— O quê?

Eu franzo as sobrancelhas.

— Do que está faland...

— Não pode se fazer de difícil, garota.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Não posso nem *tocar* em você. Você leva o “difícil” a um novo patamar, se é que me entende.

— Ai, meu Deus — eu mexo os lábios sem soltar som, balançando a cabeça — Você é louco.

Ele cai de joelhos.

— Louco pelo seu doce, doce amor!

— *Kenji!*

Não posso levantar os olhos porque estou com medo de olhar ao redor, mas estou desesperada para ele parar de falar. Para ficar a um salão de distância dele o tempo todo. Sei que ele está brincando, porém posso ser a única.

— O quê? — ele pergunta, a voz ressoando pelo salão. — Meu amor a envergonha?

— Por favor... *Por favor*, levante... e baixe a *voz*...

— De jeito nenhum.

— Por que não? — estou implorando agora.

— Porque, se eu baixar a voz, não conseguirei me ouvir falar. E essa — ele diz — é a minha parte favorita.

Não consigo nem olhar para ele.

— Não me rejeite, Juliette. Sou um homem solitário.

— O que há de *errado* com você?

— Você está partindo meu coração.

A voz dele está até mais alta, seus braços balançando em gestos tristes que quase me atingem conforme dou passos para trás, em pânico. Porém, nesse momento, percebo que todas as pessoas o estão observando.

Entretidas.

Consigo abrir um sorriso constrangido quando olho para o salão e fico surpresa ao perceber que ninguém está olhando para mim agora. Os homens estão sorrindo, claramente acostumados com as palhaçadas de Kenji, e as mulheres estão encarando-o com uma mistura de adoração e mais alguma coisa.

Adam está olhando também. Ele está em pé com a bandeja nas mãos, a cabeça erguida e os olhos confusos. Ele sorri um sorriso meio incerto quando nossos olhares se cruzam.

Eu caminho na direção dele.

— Ei, espere, garota.

Kenji pula para ficar de pé e segurar meus braços enquanto me afasto.

— Você sabe que eu só estava brincando com...

Os olhos dele seguem meu olhar até onde Adam está. Ele bate a palma na testa.

— É *claro*! Como pude esquecer? Você está apaixonada pelo meu colega de quarto.

Eu me viro para olhá-lo.

— Olhe, estou grata por você me ajudar a treinar. De verdade, estou. Obrigada por isso. Mas você não pode sair proclamando seu falso amor por mim... Principalmente na frente do Adam... E você tem de me deixar atravessar este salão antes que o café da manhã acabe, certo? Eu quase nunca consigo vê-lo.

Kenji concorda balançando a cabeça bem devagar, com um ar um pouco solene.

— Você está certa. Desculpe. Eu entendi.

— Obrigada.

— O Adam tem ciúmes do nosso amor.

— Vai pegar sua comida!

Eu o empurro, com força, segurando uma risada aborrecida.

Kenji é uma das poucas pessoas daqui — exceto Adam, é claro — que não tem medo de tocar em mim. Na verdade, ninguém tem nada a temer quando estou usando este traje, mas, geralmente, tiro as luvas enquanto como, e minha reputação sempre chega antes de mim. As pessoas mantêm distância. E, embora eu tenha atacado Kenji por acidente certa vez, ele não tem medo. Acho que seria necessária uma quantidade astronômica de coisas ruins para abatê-lo.

Eu o admiro por isso.

Adam não diz muito quando nos encontramos. Ele não precisa dizer nada além de “Ei”, porque seus lábios entortam para cima de um lado e já posso vê-lo ficando um pouco mais alto, um pouco mais contraído, um pouco mais tenso. E eu não sei muito sobre nada deste mundo, mas sei como ler o livro escrito nos olhos dele.

A maneira como ele olha para mim.

Os olhos dele estão pesados agora, de uma forma que me preocupa, mas seu olhar ainda é tão carinhoso, tão focado e cheio de sentimento que eu mal posso me segurar e ficar longe dos braços dele quando estamos próximos. Eu me pego observando-o fazer as coisas mais simples — trocar o apoio de seu peso, pegar uma bandeja, acenar com a cabeça para cumprimentar alguém — apenas para acompanhar o movimento de seu corpo conforme se desloca pelo ar ao nosso redor. Meus momentos com ele são tão poucos que meu peito está sempre muito apertado; meu coração, muito convulsionado. Ele me faz querer ser irracional o tempo todo.

Ele nunca solta minha mão.

Eu nunca quero desviar o olhar.

— Você está bem? — pergunto, ainda me sentindo um pouco apreensiva por causa da noite anterior.

Ele faz que sim com a cabeça. Tenta sorrir, mas o sorriso parece doer.

— Sim. Eu, ahn...

Ele limpa a garganta. Respira fundo. Desvia o olhar.

— Sim, desculpe-me por ontem à noite. Eu meio que... Eu me desesperei um pouco.

— Mas com o quê?

Ele estava olhando por cima do meu ombro. Franzindo as sobrancelhas.

— Adam...?

— Sim?

— Por que você se desesperou?

Os olhos dele se encontram com os meus de novo. Arregalados. Arredondados.

— O quê? Nada.

— Eu não enten...

— Por que vocês estão demorando tanto?

Eu me viro. Kenji está logo atrás de mim, com tanta comida empilhada em sua bandeja que eu me surpreendo por ninguém ter

dito nada. Ele deve ter convencido os cozinheiros a lhe darem mais.

— E então?

Kenji está nos encarando, sem piscar, esperando uma resposta. Por fim, ele tomba a cabeça para trás, em um movimento que diz *sigam-me*, antes de sair andando.

Adam solta a respiração em um sopro e parece tão distraído que eu resolvo parar de falar sobre a noite anterior. Logo mais. Conversaremos logo mais. Tenho certeza de que não é nada. Tenho certeza de que não é nada mesmo.

Conversaremos logo mais e tudo ficará bem.

5

Kenji está esperando por nós em uma mesa vazia.

James costumava fazer as refeições conosco, mas, agora, fez amizade com várias crianças mais novas no Ponto Ômega e prefere sentar-se com elas. Ele parece o mais feliz de todos nós por estar aqui... E eu fico feliz por ele estar feliz... Mas tenho de admitir que sinto falta de sua companhia. No entanto, tenho medo de dizer isso; às vezes, não tenho certeza se quero saber por que ele não fica com Adam quando estou por perto. ~~Não acho que quero saber se as outras crianças conseguiram convencê-lo de que sou perigosa. Quero dizer, eu~~ *sou* ~~perigosa, mas eu apenas~~

Adam senta-se no banco e eu escorrego para perto dele. Kenji senta-se à nossa frente. Adam e eu escondemos nossas mãos entrelaçadas sob a mesa e eu me permito aproveitar o simples luxo da proximidade dele. Ainda estou usando as luvas, mas simplesmente estar assim tão perto dele já é suficiente; flores desabrocham em meu estômago, as pétalas macias fazendo cócegas em cada centímetro de meu sistema nervoso. É incrível o efeito que ele tem sobre mim, as coisas que me faz sentir, os pensamentos que me faz ter. É como se eu tivesse ganhado três desejos: tocar, saborear, sentir. É um fenômeno muito estranho. Uma impossibilidade louca e feliz embrulhada em papel de seda, amarrada com um laço, guardada no meu coração.

~~Muitas vezes, parece um privilégio que não mereço.~~

Adam se mexe e sua perna fica pressionada contra a minha.

Eu levanto o olhar e vejo que ele está sorrindo para mim, um sorriso secreto e discreto que diz tantas coisas, o tipo de coisas que ninguém devia dizer à mesa do café da manhã. Eu me esforço para respirar enquanto reprimo um sorriso. Viro-me para me concentrar em minha comida. Espero não estar corando.

Adam inclina-se na direção de meu ouvido. Sinto os sussurros delicados de sua respiração logo antes de ele começar a falar.

— Vocês são nojentos. Sabem disso, não?

Eu levanto os olhos, assustada, e vejo Kenji congelado no meio de um movimento, a colher na metade do caminho até a boca, a cabeça levantada em nossa direção. Ele gesticula com a colher em direção ao nosso rosto.

— Que diabos é isso? Vocês estão roçando os pezinhos embaixo da mesa ou algo do tipo?

Adam afasta-se de mim, só alguns centímetros, e solta um suspiro profundo e irritado.

— Sabe, se não gosta, você pode ir embora.

Ele mexe a cabeça na direção das mesas ao nosso redor.

— Ninguém pediu que sentasse aqui.

Esse é o Adam fazendo um esforço cuidadoso para ser simpático com Kenji. Os dois eram amigos na base, mas, de alguma forma, Kenji sabe exatamente como provocar Adam dos piores jeitos possíveis. Eu quase esqueço, por um momento, que eles são colegas de quarto.

Imagino como deve ser, para eles, morarem juntos.

— Isso é besteira e você sabe — Kenji diz. — Eu disse, hoje pela manhã, que tinha de sentar com vocês. Castle quer que eu ajude vocês dois a se *adaptarem*.

Ele bufa. Balança a cabeça em minha direção.

— Olha, eu não faço ideia do que você vê nesse cara — afirma —, mas devia tentar morar com ele. Esse homem é mal-humorado pra caramba.

— Eu não sou *mal-humorado*...

— É, cara.

Kenji baixa os talheres.

— Você é *mal-humorado*. É sempre “Cale a boca, Kenji”, “Vai dormir, Kenji”, “Ninguém quer vê-lo pelado, Kenji”. Quando eu tenho *certeza* de que há milhares de pessoas que adorariam me ver pelado...

— Por quanto tempo você tem de ficar sentado aqui?

Adam desvia o olhar, esfrega os olhos com a mão livre.

Kenji endireita-se no banco. Pega a colher apenas para golpear o ar de novo.

— *Você* devia se considerar sortudo por eu sentar à sua mesa. Estou fazendo-o parecer descolado por associação.

Sinto Adam tenso ao meu lado e decido intervir.

— Ei, podemos falar sobre outra coisa?

Kenji resmunga. Revira os olhos. Enfia outra colher cheia de café da manhã na boca.

Estou preocupada.

Agora que estou prestando bastante atenção, posso ver o cansaço nos olhos de Adam, o peso em sua testa, os ombros endurecidos. Não posso deixar de me perguntar pelo que ele está passando em seu mundo clandestino. O que não está me contando. Puxo um pouco a mão de Adam e ele se vira para mim.

— Tem certeza de que está bem? — eu sussurro.

Sinto que continuo fazendo a mesma pergunta, de novo e de novo e de novo.

Os olhos dele ficam mais suaves imediatamente, parecendo cansados, mas um pouco divertidos. A mão dele solta a minha sob a mesa e só descansa sobre meu colo, apenas para escorregar para minha coxa, e eu quase perco o controle das palavras antes de ele deixar um beijo suave em meu cabelo, seus lábios demorando-se tempo suficiente para destruir minha concentração. Eu engulo em seco com muita dificuldade, quase derrubo o garfo no chão. Levo um instante para lembrar que ele não respondeu a minha pergunta. É apenas depois de desviar o olhar, encarar a comida, que ele balança a cabeça, diz “Estou bem”. Mas eu não estou respirando e a mão dele ainda está traçando desenhos em minha perna.

— Senhora Ferrars? Senhor Kent?

Eu me endireito no banco com tanta rapidez que bato os nós dos dedos embaixo da mesa ao som da voz de Castle. Há algo na presença dele que me faz sentir como se ele fosse meu professor, como se eu tivesse sido pega aprontando durante a aula. Adam, por outro lado, não parece nem um pouco assustado com a aproximação de Castle. Estou tentando conter um chorinho que se forma por causa da dor em minha mão quando sinto Adam enlaçar nossos dedos de novo. Ele leva meus nós dos dedos, sob a luva, até os lábios. Beija cada um deles sem nunca tirar os olhos de sua tigela de café da manhã. Ouço Kenji engasgar com a comida.

Eu agarro os dedos de Adam e levanto o rosto.

Castle está parado ao lado de nossa mesa e Kenji está saindo para deixar sua tigela na cozinha. Ele dá uma batida nas costas de Castle, como se fossem velhos amigos, e Castle lança a Kenji um sorriso carinhoso quando ele passa.

— Volto logo — Kenji grita por cima do ombro, torcendo-se para nos mandar um sinal de *ok* superentusiasmado. — Tentem não ficar pelados na frente de todo mundo, certo? Há crianças aqui.

Eu me encolho e olho para Adam, mas ele parece estranhamente concentrado na comida. Não disse uma palavra desde a chegada de Castle.

Decido responder por nós dois. Abro um sorriso luminoso.

— Bom dia.

Castle faz um aceno com a cabeça, toca na lapela do terno; sua postura é forte e controlada. Ele sorri para mim.

— Vim apenas dar um oi e ver como estão as coisas. Fico feliz em ver que está aumentando seu círculo de amizades, senhora Ferrars.

— Ah, obrigada. Mas não posso levar o crédito por essa ideia — eu observo. — Foi você quem me disse para eu me sentar com Kenji.

O sorriso de Castle é um pouco controlado demais.

— Sim, bem — ele diz —, estou feliz em ver que aceitou meu conselho.

Eu aceno com a cabeça na direção de minha comida. Esfrego a testa, distraída. Adam parece nem estar respirando. Estou prestes a dizer algo quando Castle me interrompe.

— Então, senhor Kent — ele diz. — A senhora Ferrars contou que vai treinar com Kenji agora? Espero que a ajude a progredir.

Adam não responde.

Castle continua, determinado.

— Na verdade, achei que seria interessante ela trabalhar com o senhor também. Desde que eu supervisione.

Os olhos de Adam despertam para prestar atenção. Alarmados.

— Do que está falando?

— Bem...

Castle faz uma pausa. Vejo seu olhar pular entre Adam e eu.

— Pensei que seria interessante aplicar alguns testes no senhor e nela. Juntos.

Adam fica em pé tão rápido que quase bate o joelho na mesa.

— De jeito nenhum.

— Senhor Kent... — Castle começa.

— Sem chance, nem no *inferno*...

— A escolha é dela...

— Não quero discutir isso aqui...

Eu me levanto na hora. Adam parece pronto para incendiar alguma coisa. Seus punhos estão cerrados nas laterais do corpo; os olhos, contraídos; a testa está tensa, seu corpo todo treme de energia e ansiedade.

— O que está acontecendo? — eu exijo saber.

Castle balança a cabeça. Não está se dirigindo a mim quando fala:

— Quero apenas ver o que acontece quando ela o toca. Isso é tudo.

— Você é *maluco*...

— Isso é por *ela* — Castle continua, sua voz cuidadosa, supercalma. — Não tem nada a ver com o seu progresso...

— Que progresso? — eu interrompo.

— Estou apenas tentando ajudá-la a descobrir como afetar organismos que não estejam vivos — Castle está dizendo. — Animais e humanos já descobrimos... Sabemos que um toque é suficiente. As plantas não parecem ter influência alguma nas habilidades dela. Mas e todo o resto? É... diferente. Ela não sabe lidar com essa parte ainda, e eu quero ajudá-la. É tudo que vamos fazer — ele garante. — Ajudar a senhora Ferrars.

Adam dá um passo mais para perto de mim.

— Se vai ajudá-la a descobrir como destruir coisas sem vida, por que precisa de mim?

Por um rápido segundo, Castle parece mesmo derrotado.

— Não sei bem — ele afirma. — A natureza única do relacionamento de vocês... é muito fascinante. Em especial com tudo o que descobrimos até agora, é...

— O que vocês descobriram? — eu entro na conversa de novo.

— Totalmente possível — Castle continua falando — que tudo esteja ligado de uma maneira que ainda não entendemos.

Adam não parece convencido. Seus lábios estão contraídos em uma linha fina. Não parece que ele quer responder.

Castle vira-se para mim. Tenta parecer animado.

— O que acha? Está interessada?

— Interessada?

Eu olho para Castle.

— Nem sei do que estão falando. E quero saber por que ninguém está respondendo as minhas perguntas. O que vocês descobriram

sobre Adam? — pergunto. — O que está errado? Tem alguma coisa errada?

Eu olho rapidamente para os dois; Adam está com a respiração superacelerada e tentando disfarçar; suas mãos ficam abrindo e fechando.

— Alguém me diga, por favor, o que está acontecendo.

Castle franze as sobrancelhas.

Ele está me estudando, confuso, as sobrancelhas unidas como se eu estivesse falando em um idioma que ele não ouve há anos.

— Senhor Kent — ele diz, ainda olhando para mim —, devo entender que ainda não compartilhou suas descobertas com a senhora Ferrars?

— Que descobertas?

Meu coração está acelerado agora, tanto que está começando a doer.

— Senhor Kent...

— Não é da sua conta — Adam fala, ríspido, a voz muito baixa, muito estável, muito dura.

— Ela deveria *saber*...

— Não sabemos nada ainda!

— Sabemos o suficiente.

— Bobagem. Não terminamos ainda...

— A única coisa que falta testar são vocês dois juntos...

Adam dá um passo bem em frente a Castle, segurando a bandeja do café da manhã com um pouco de força demais.

— Talvez — ele diz com muito, muito cuidado — em algum outro momento.

Vira-se para sair.

Eu toco em seu braço.

Ele para. Larga a bandeja, se vira na minha direção. Há menos de dois centímetros entre nós e quase me esqueço de que estou em um salão lotado. Seu hálito é quente e sua respiração está curta e o calor de seu corpo está derretendo meu sangue apenas para espalhá-lo pelas minhas bochechas.

O pânico está dando cambalhotas em meus ossos.

— Está tudo bem — ele diz, mas mal posso ouvi-lo com o barulho de nossos corações colidindo. — Tudo vai ficar bem. Eu prometo.

— Mas...

— Eu prometo — ele repete, agarrando minha mão. — Eu juro. Vou consertar isso...

— Consertar isso?

Penso que estou sonhando. Penso que estou morrendo.

— Consertar o quê?

Algo está se quebrando em meu cérebro e algo está acontecendo sem a minha permissão e estou perdida, tão perdida, estou tão tudo, confusa, e estou afundando na confusão.

— Adam, eu não entend...

— Eu estou falando sério.

Kenji está voltando para o nosso grupo.

— Vão fazer isso aqui? Na frente de todo mundo? Essas mesas não são tão confortáveis quanto parecem...

Adam se afasta e bate no ombro de Kenji ao ir embora.

— *Não*.

É tudo que o escuto dizer antes de ele sumir.

6

Kenji solta um assobio baixo.

Castle está dizendo o nome de Adam, pedindo que ele vá mais devagar, que converse com ele, que discuta o assunto de maneira racional. Adam não olha para trás.

— Eu disse que ele era mal-humorado — Kenji sussurra.

— Ele não é mal-humorado — eu me escuto dizer, mas as palavras parecem distantes, desconectadas dos meus lábios.

Eu me sinto entorpecida, como se tivessem arrancado o interior dos meus braços e a única coisa que faz peso em meu corpo agora é esse cérebro cheio demais de matéria, porque tudo, tudo é importante agora. E tudo isso está em minha cabeça.

Onde deixei minha voz não encontro minha voz não encontro minha

— Então! Você e eu, hein?

Kenji bate as mãos.

— Pronta para ser arrasada?

— Kenji.

Aí está. Voz boba, estava escondida sob o medo e a paranoia e a negação e a dor e a dor e

— Sim?

— Quero que me leve para onde eles foram.

Kenji está me olhando como se eu tivesse acabado de pedir para ele dar um soco na própria cara.

— Ahn, certo... Que tal um *sem chance* carinhoso para esse pedido? Funciona para você? Porque funciona para mim.

— Eu preciso saber o que está acontecendo.

Viro-me para ele, desesperada, sentindo-me idiota.

— Você sabe, não sabe? Você sabe o que está errado...

— Claro que sei.

Ele franze as sobrancelhas, cruza os braços. Direciona o olhar para mim.

— Eu *moro* com esse pobre infeliz e praticamente administro este lugar.

— E por que não me conta? Kenji, *por favor...*

— Sim, ahn, vou deixar passar essa, mas sabe o que vou fazer? *Vou* ajudá-la a dar o fora deste salão onde todos estão ouvindo *tudo o que falamos*.

Essa última parte ele diz mais alto, olhando ao redor, balançando a cabeça.

— Voltem aos seus cafés da manhã, pessoal. Não há nada para ver aqui.

É apenas nesse momento que percebo o espetáculo que fizemos. Todos os olhos do salão estão piscando para mim, julgando julgando julgando, imaginando que diabos está acontecendo. Eu tento um sorriso fraco e um aceno nervoso antes de permitir que Kenji me tire de lá arrastando os pés.

— Não precisa acenar para o povo, princesa. Não é uma cerimônia de coroação.

Ele me empurra para um dos muitos corredores longos e mal iluminados.

— Diga-me o que está acontecendo.

Eu tenho de piscar várias vezes antes de meus olhos se adaptarem à iluminação.

— Não é justo... Todos sabem o que está acontecendo, menos eu.

Ele encolhe os ombros e encosta um deles na parede.

— Não cabe a mim contar. Quero dizer, gosto de provocar o cara, mas não sou um babaca. Ele me pediu para não dizer nada. Então, não vou dizer nada.

— Mas... Quer dizer... Ele está bem? Você pode pelo menos me dizer se ele está bem?

Kenji passa uma das mãos pelos olhos; bufa, irritado. Examina meu rosto antes de respirar fundo. Lança-me um olhar. Diz:

— Certo, bem, você já viu um acidente de trem?

Não espera que eu responda.

— Eu vi um quando era criança. Era um daqueles trens grandes e loucos com bilhões de vagões presos uns aos outros, completamente descarrilado, parcialmente explodido. Tinha um monte de merda pegando fogo e todo mundo estava gritando, tipo, que diabos acabou de acontecer, e você *sabe* que as pessoas ou estão mortas ou estão prestes a morrer e você não quer mesmo olhar, mas não consegue parar de olhar, sabe?

Ele acena com a cabeça. Morde a parte interna da bochecha.

— É parecido com isso. Seu garoto é um maldito acidente de trem.

Não consigo sentir minhas pernas.

— Quero dizer, não sei — Kenji continua. — Na minha opinião? Acho que ele está exagerando. Coisas piores já aconteceram, certo? Caramba, não estamos sufocados até o pescoço com merdas maiores para resolver? Mas não, o senhor Adam Kent não parece saber disso. Na verdade, tenho quase certeza de que ele enlouqueceu. Nem acho que ele durma mais. E, quer saber? — ele acrescenta, inclinando-se. — Acho que ele está começando a assustar um pouco o James e, para ser sincero, isso está começando a me irritar porque aquele menino é gentil demais e bacana demais para ter de lidar com os dramas de Adam...

Porém, eu já não estou ouvindo mais.

Estou tendo visões dos piores cenários possíveis, os piores resultados possíveis. Coisas horríveis, assustadoras, que terminam com Adam morrendo de um jeito terrível. Ele deve estar doente, ou deve ter algum tipo de problema horrível, ou algo que o leve a fazer coisas que não pode controlar ou, ó, meu Deus, *não.*

— Você tem de me contar.

Não reconheço minha própria voz. Kenji está olhando para mim, chocado, com os olhos arregalados, com um medo genuíno escrito em seu rosto, e é apenas nesse momento que percebo que o encurralei contra a parede. Meus dez dedos estão enrolados na camisa dele, punhos cheios de tecido apertados em cada mão, e posso apenas imaginar o que devo estar parecendo para ele agora.

O mais assustador é que nem me importo.

— Você vai me contar *alguma coisa*, Kenji. Você precisa. Eu tenho de saber.

— Você, ahn — ele passa a língua nos lábios, olha ao redor, solta uma risada nervosa —, talvez possa me soltar.

— Vai me ajudar?

Ele coça atrás da orelha. Encolhe-se um pouco.

— Não?

Jogo-o com mais força contra a parede, reconheço o fluxo de algum tipo selvagem de adrenalina queimar minhas veias. É estranho, mas sinto que poderia rasgar o chão apenas com as mãos.

Parece que seria fácil. Muito fácil.

— Certo... tudo bem... *maldição*.

Kenji está com os braços levantados, respirando rapidamente.

— Apenas... Que tal me soltar? E eu vou, ahn, vou levá-la aos laboratórios de pesquisa.

— Os laboratórios de pesquisa?

— Sim, é onde fazem os testes. É onde fazemos todos os nossos testes.

— Promete me levar se eu soltá-lo?

— Você vai esmagar meu cérebro na parede se eu não a levar?

— Provavelmente — eu minto.

— Então, sim. Eu a levo. *Maldição*.

Eu o largo e cambaleio para trás; esforço-me para me recompor. Sinto-me um pouco envergonhada agora que o soltei. Uma parte de mim sente que devo ter exagerado.

— Desculpe-me por isso — digo. — Mas obrigada. Agradeço pela sua ajuda.

Tento erguer o rosto com alguma dignidade.

Kenji bufa. Está olhando para mim como se não tivesse ideia de quem sou, como se não tivesse certeza se deveria rir ou aplaudir ou correr feito louco na direção oposta. Ele esfrega a nuca, os olhos fixos em meu rosto. Não para de me encarar.

— O que foi? — pergunto.

— Quanto você pesa?

— Uau. É assim que você conversa com todas as garotas que conhece? Isso explica muito.

— Eu tenho mais ou menos 79 quilos — ele comenta. — De músculo.

Eu o encaro.

— Quer um prêmio?

— Ora, ora, ora — ele diz, levantando a cabeça, o sinal quase imperceptível de um sorriso percorrendo seu rosto. — Veja quem é a espertinha agora.

— Acho que estou aprendendo com você — eu sugiro.

No entanto, ele não está mais sorrindo.

— Olhe — ele diz. — Não estou querendo me gabar ao comentar isso, mas eu poderia atirá-la na parede do outro lado com meu mindinho. Você pesa, tipo, quase nada. Tenho quase o dobro de sua massa corporal.

Ele faz uma pausa.

— Então, como você me prendeu contra a parede?

— O quê?

Eu franzo as sobrancelhas.

— Do que você está falando?

— Estou falando de *você* — ele aponta para mim — conseguindo *me* prender — ele aponta para si mesmo — contra a parede.

Ele aponta para a parede.

— Quer dizer que você não conseguia *mesmo* se mexer?

Eu pisco.

— Achei que só estava com medo de tocar em mim.

— Não — ele diz. — Eu realmente não conseguia me mexer. Mal conseguia respirar.

Meus olhos estão arregalados, muito arregalados.

— Você está brincando.

— Você nunca tinha feito isso antes?

— Não.

Estou balançando a cabeça.

— Quero dizer, não acho que eu...

Seguro um grito quando a memória de Warner e sua câmara de tortura aparece do fundo de minha mente; tenho de fechar os olhos com o fluxo de imagens. A menor lembrança daquele evento é suficiente para me deixar insuportavelmente enjoada; já posso sentir minha pele romper-se em um suor frio. Warner estava me testando, tentando me colocar em uma situação que me forçasse a usar meu poder contra um bebê. Fiquei tão horrorizada, tão enraivecida, que atravessei a barreira de concreto para chegar até Warner, que esperava do outro lado. E *ele* ficara preso entre mim e a parede

também. Apenas não percebi que ele estava intimidado com minha força. Pensei que ele estivesse com medo de se mexer porque eu chegara muito perto de tocá-lo.

Acho que eu estava errada.

— É — diz Kenji, acenando com a cabeça para algo que deve ver em meu rosto. — Bem. Foi o que pensei. Teremos de nos lembrar desse delicioso detalhe quando chegarmos às nossas sessões de treinamento de verdade.

Ele me lança um olhar cheio de significado.

— Quando quer que isso aconteça.

Estou fazendo que sim com a cabeça, sem prestar atenção de verdade.

— Claro. Está bem. Mas, primeiro, leve-me aos laboratórios de pesquisa.

Kenji suspira. Balança a mão com uma reverência e um floreio.

— Vá na frente, princesa.

7

Estamos percorrendo uma série de corredores que nunca vi antes.

Estamos passando por todos os salões regulares e alas e dormitórios, pela sala de treinamento que costumo ocupar e, pela primeira vez desde que cheguei, estou prestando mesmo atenção ao ambiente ao meu redor. De repente, meus sentidos parecem mais aguçados, mais claros; todo o meu ser parece estar zumbindo com um tipo renovado de energia.

Estou elétrica.

Esse esconderijo todo foi cavado no solo... Não é nada além de túneis cavernosos e passagens interligadas, tudo funciona com suprimentos e energia roubados de unidades de armazenamento secretas pertencentes a O Restabelecimento. Esse espaço tem valor incalculável. Castle nos disse, certa vez, que levou pelo menos uma década para projetá-lo e mais uma década para terminar os trabalhos. Naquela época, já tinha conseguido recrutar todos os outros membros deste mundo subterrâneo. Entendo por que ele fica tão inquieto com a segurança aqui e por que não está disposto a deixar nada acontecer a este lugar. Acho que eu não estaria também.

Kenji para.

Chegamos ao que parece ser um beco sem saída, o que pode ser o ponto final do Ponto Ômega.

Kenji tira um cartão-chave que eu não sabia que ele estava escondendo e sua mão tateia à procura de um painel enterrado na pedra. Ele abre o painel. Faz algo que não consigo ver. Passa o cartão. Aperta um interruptor.

A parede toda ganha vida e faz barulho.

Os pedaços estão se separando, mudando de lugar até revelarem um buraco grande o bastante para nossos corpos passarem. Kenji faz um gesto para que eu o siga e eu atravesso com dificuldade a entrada, olhando para trás e vendo a parede se fechar.

Meus pés atingem o chão do outro lado.

É como uma caverna. Maciça, ampla, separada em três seções longitudinais. A seção do meio é a mais estreita e serve como passagem; salas quadradas de vidro com finas portas de vidro formam as seções da esquerda e da direita. Cada parede cristalina funciona como divisória das salas de cada lado; tudo é transparente. Há uma aura elétrica engolindo todo o espaço; cada cubo brilha com luz branca e maquinário piscante; zumbidos agudos e enfadonhos da energia pulsam pelas vastas dimensões.

Há pelo menos 20 salas aqui embaixo.

Dez de cada lado, todas sem visão obstruída. Eu reconheço vários rostos do salão de jantar aqui, alguns presos a máquinas, agulhas enfiadas em seus corpos, monitores soltando bipes sobre algum tipo de informação que não entendo. Portas deslizam para abrir e fechar abrir e fechar abrir e fechar; palavras e sussurros e passos, gestos com as mãos e pensamentos meio formados juntam-se no ar.

Aqui.

Aqui é onde tudo acontece.

Castle me disse há duas semanas — o dia depois de minha chegada — que tinha uma boa ideia do porquê de nós sermos como somos. Disse que estava fazendo pesquisas havia anos.

Pesquisa.

Vejo figuras correndo, ofegando no que parecem esteiras incomumente rápidas. Vejo uma mulher recarregando uma arma em

uma sala lotada de armas e vejo um homem segurando algo que emite uma chama azul-brilhante. Vejo uma pessoa parada em pé em uma câmara cheia apenas de água e há cordas amontoadas no alto e amarradas pelo teto e todo tipo de líquidos, produtos químicos, aparelhos cujo nome não sei e meu cérebro não para de gritar e meus pulmões continuam pegando fogo e é demais demais demais demais

Máquinas demais, luzes demais, pessoas demais em salas demais fazendo anotações, conversando entre si, olhando para os relógios em intervalos de segundos e sigo cambaleando, olhando com muita atenção e sem atenção suficiente até que escuto. Esforço-me para não escutar, mas é mal contido por trás dessas grossas paredes de vidro e aqui está de novo.

O som baixo e gutural de agonia humana.

Ele me atinge bem na cara. Dá um soco bem no meu estômago. O entendimento pula sobre minhas costas e explode em minha pele e raspa as unhas pelo meu pescoço abaixo e estou engasgando com a impossibilidade.

Adam.

Eu o vejo. Ele já está aqui, em uma das salas de vidro. Sem camisa. Amarrado a uma maca, braços e pernas presos no lugar, fios de uma máquina próxima colados às suas têmporas, à sua testa, logo abaixo de sua clavícula. Seus olhos estão fechados e apertados, a mandíbula está tensa, o rosto está muito esticado com o esforço para não gritar.

Não entendo o que estão fazendo com ele.

Eu não sei o que está acontecendo eu não entendo *por que* está acontecendo ou por que ele precisa de uma máquina ou por que ela fica piscando e fazendo bipe e não consigo me mexer nem respirar e estou tentando me lembrar de minha voz, minhas mãos, minha cabeça e meus pés e, então, ele

tem um espasmo.

Ele convulsiona contra as amarras, contorce-se contra a dor até que seus punhos estão esmurrando o acolchoado da maca e escuto-o gritar de agonia e, por um momento, o mundo para, tudo desacelera, os sons são abafados, as cores parecem manchadas e o piso parece virado de lado e eu penso uau, penso que vou mesmo morrer. Vou tombar morta ou

vou matar a pessoa responsável por isso.

Ou um ou outro.

É quando vejo Castle. Castle, no canto da sala de Adam, observando em silêncio esse garoto de 18 anos enfurecer de sofrimento enquanto ele não faz nada. Nada além de observar, além de tomar notas em seu pequeno livro, de fazer biquinho conforme tomba a cabeça para o lado. De olhar para o monitor da máquina que faz bipe.

E o pensamento é tão simples que desliza para dentro de minha cabeça. Tão calmo. Tão fácil.

Tão, *tão* fácil.

Vou matá-lo.

— Juliette... *Não*...

Kenji segura-me pela cintura, os braços como tiras de aço ao meu redor, e penso estar gritando, penso estar dizendo coisas que nunca me ouvi falar antes e Kenji está me dizendo para me acalmar, ele está dizendo:

— Era *exatamente* por isso que eu não queria trazê-la aqui... Você não entende... Não é o que parece...

E eu decido que, provavelmente, devo matar Kenji também. Só por ser um babaca.

— SOLTE-ME...

— Pare de me *chutar*...

— Eu vou *matar* o Castle...

— É, você devia mesmo parar de dizer isso em voz alta, ok? Não está fazendo nenhum favor a si mesma...

— SOLTE-ME, KENJI, EU JURO POR DEUS...

— Senhora Ferrars!

Castle está no final do corredor, a alguns passos da sala de vidro de Adam. A porta está aberta. Adam não está mais se sacudindo, mas também não parece estar consciente.

Raiva sincera e quente.

É tudo o que sei agora. É a única coisa que sei sentir e nada, nada pode me convencer a mudar isso. O mundo parece tão preto e branco daqui, tão fácil de destruir e conquistar. Essa raiva não se parece com nada que eu tenha sentido antes. É uma raiva tão crua, tão potente que, na verdade, acalma, como um sentimento que enfim encontrou seu lugar, um sentimento que enfim senta-se confortavelmente conforme se instala em meus ossos.

Tornei-me um molde para metal líquido; um calor espesso e extremo distribui-se pelo meu corpo e o excesso reveste minhas mãos, forjando meus punhos com uma força tão avassaladora, uma energia tão intensa que acho que pode me engolir. Estou fraca com a fúria dele.

Poderia fazer qualquer coisa.

Qualquer coisa.

Os braços de Kenji caem para longe de mim. Não preciso olhar para ele para saber que está se afastando para trás aos tropeços.

Com medo. Confuso. Provavelmente perturbado.

Eu não ligo.

— Então é aqui que você tem estado — eu falo para Castle e fico surpresa com o tom frio e a fluidez de minha voz. — É isso que tem feito.

Castle se aproxima e parece se arrepender. Ele parece espantado, surpreso com algo que vê em meu rosto. Ele tenta falar e eu o interrompo.

— O que você fez com ele? — eu exijo saber. — O que tem *feito com ele*...

— Senhora Ferrars, por favor...

— Ele não é seu *experimento*!

Eu estouro e a compostura já era, a regularidade de minha voz some e, de repente, estou tão instável que mal consigo evitar que minhas mãos tremam.

— Você acha que pode simplesmente usá-lo para a sua *pesquisa*...

— Senhora Ferrars, por favor, você precisa se acalmar...

— Não diga para eu me acalmar!

Não posso imaginar o que devem ter feito com ele aqui embaixo, testando-o, tratando-o como um tipo de cobaia.

Estão *torturando-o*.

— Não esperava que você tivesse uma reação tão avessa a essa sala — Castle diz.

Ele está tentando manter um tom de conversa. Razoável. Carismático até. Faz com que eu me pergunte o que devo estar parecendo agora. Imagino se ele está com medo de mim.

— Pensei que entendesse a importância da pesquisa que fazemos no Ponto Ômega — ele afirma. — Sem isso, como poderíamos entender nossas origens?

— Você está machucando o Adam... Você está *matando* o Adam! O que você fez...

— Nada que ele não tenha pedido para participar.

A voz de Castle está tensa e seus lábios estão contraídos, e posso ver que sua paciência está começando a se esgotar.

— Senhora Ferrars, se está insinuando que eu o usei para meus experimentos pessoais, recomendo que preste mais atenção.

Ele diz as últimas sílabas com um pouco de ênfase demais, um pouco de fogo demais, e percebo que nunca o tinha visto bravo antes.

— Sei o que você está enfrentando aqui — Castle continua. — Sei que não está acostumada a se ver como parte de um grupo e fiz um esforço para entender o seu lado... Tentei ajudá-la a se adaptar. Mas precisa olhar ao seu redor!

Ele faz um gesto em direção às paredes de vidro e às pessoas atrás delas.

— Somos todos iguais. Estamos trabalhando na mesma equipe! Não sujeitei Adam a nada pelo que eu mesmo não tenha passado. Estamos apenas fazendo testes aqui para ver onde estão as habilidades sobrenaturais dele. Não podemos ter certeza do que ele é capaz sem testá-lo antes.

A voz dele desce uma oitava ou duas.

— Não temos o luxo de esperar vários anos até ele descobrir por acidente algo que possa ser útil para a nossa causa agora.

E é estranho.

Porque parece algo real, essa raiva.

Eu a sinto envolver meus dedos como se eu pudesse lançá-los contra o rosto dele. Sinto-a espiralar ao redor de minha espinha, plantando-se em meu estômago e disparando galhos pelas minhas pernas, pelos meus braços, pelo meu pescoço. Está me engasgando. Engasgando porque precisa ser liberada, precisa de alívio. Precisa agora.

— Você — digo e mal consigo cuspir as palavras. — Você pensa que é melhor que O Restabelecimento, mas está apenas *nos usando*... Fazendo experiências conosco para avançar com a sua causa...

— SENHORA FERRARS! — Castle berra.

Seus olhos estão reluzindo, brilhando demais, e percebo que todos neste túnel subterrâneo estão olhando para nós agora. Os dedos dele formaram punhos ao lado do corpo e seu queixo está inconfundivelmente rígido, e sinto a mão de Kenji em minhas costas antes de perceber que a terra está vibrando sob meus pés. As paredes de vidro estão começando a tremer e Castle está plantado no meio de tudo, rígido, inflamado de raiva e indignação e eu lembro que ele tem um nível impossivelmente avançado de telecinesia.

Lembro que ele pode mover objetos com a mente.

Ele levanta a mão direita, a palma estendida para fora, e o painel de vidro a poucos metros de distância começa a tremer, estremecer, prestes a se estilhaçar e percebo que não estou nem respirando.

— Você não quer me irritar.

A voz de Castle está calma demais para seus olhos.

— Se não gosta dos meus métodos, eu teria o prazer de convidá-la a expor suas reclamações de maneira racional. Não vou tolerar que fale comigo dessa forma. Minha preocupação com o futuro do nosso mundo pode ser maior do que você consegue compreender, mas não deve me criticar por causa da sua ignorância!

Ele baixa a mão direita e o vidro volta ao lugar bem a tempo.

— Minha *ignorância*?

Estou respirando rápido de novo.

— Acha que, porque não entendo o motivo de você sujeitar alguém a... a *isso*...

Balanço a mão apontando ao redor.

— Você acha que isso significa que sou *ignorante*...?

— Ei, Juliette, tudo bem... — Kenji começa a dizer.

— Leve-a daqui — Castle manda. — Leve-a de volta à sua sala de treinamento.

Ele lança um olhar descontente para Kenji.

— E você e eu... Nós discutiremos isso depois. No que estava *pensando* ao trazê-la aqui? Ela não está pronta para ver isto... Mal consegue lidar *consigo mesma* agora...

Ele está certo.

Não consigo lidar com isso. Não consigo ouvir nada além dos sons de máquinas fazendo bipe, gritando em minha cabeça, não consigo ver nada além da forma flácida deitada sobre um fino colchão. Não posso parar de imaginar pelo que ele deve estar

passando, o que teve de suportar apenas para entender o que ele pode ser, e percebo que é tudo culpa minha.

É culpa minha ele estar aqui, é culpa minha ele estar em perigo, é culpa minha Warner querer matá-lo e Castle querer testá-lo e, se não fosse por mim, ele ainda estaria vivendo com James em uma casa que não foi destruída; estaria seguro e confortável e livre do caos que eu trouxe para a vida dele.

Eu o trouxe aqui. Se ele nunca tivesse tocado em mim, nada disso teria acontecido. Ele seria saudável e forte e não estaria sofrendo, não estaria se escondendo, não estaria preso 15 metros abaixo do chão. Não estaria passando os dias amarrado a uma maca.

~~É minha culpa é minha culpa é minha culpa é minha culpa~~ é tudo culpa minha

Eu estouro.

É como se tivessem me enchido de galhos finos e tudo que preciso fazer é flexionar meus músculos e meu corpo todo vai quebrar. Toda a culpa, a raiva, a frustração, a agressão reprimida dentro de mim encontraram um escape e, agora, não podem ser controladas. A energia está me percorrendo com um vigor que nunca senti antes e não estou nem pensando, mas tenho de fazer *alguma coisa*. Preciso tocar *alguma coisa* e estou fechando os dedos e dobrando os joelhos e puxando meu braço para trás e

socando

meu

punho

em direção

ao

chão.

A terra abre fissuras sob meus dedos e as reverberações movem-se pelo meu corpo, ricocheteando em meus ossos até minha cabeça estar girando e meu coração ser um pêndulo que bate contra minhas costelas. Minha visão perde e recupera o foco e tenho de piscar cem vezes para clareá-la, apenas para ver uma fenda chiar sob meus pés, uma fina linha quebrando o chão. Tudo ao meu redor, de repente, está sem equilíbrio. A pedra está gemendo sob o nosso peso e as paredes de vidro estão chacoalhando e fazendo barulho e as máquinas estão saindo do lugar e a água está batendo contra seu recipiente e as pessoas...

As pessoas.

As pessoas estão congeladas de terror e horror e o medo em suas expressões dilacera-me.

Eu caio para trás, aninhando meu punho direito em meu peito e tentando me lembrar de que não sou um monstro, não preciso ser um monstro, não quero machucar as pessoas não quero machucar as pessoas *não quero machucar as pessoas*

e não está funcionando.

Porque é tudo mentira.

Porque essa era eu tentando ajudar.

Olho ao redor.

Para o chão.

Para o que eu fiz.

E entendo, pela primeira vez, que tenho o poder de destruir tudo.

8

Castle está mole.

Seus braços estão frouxos ao lado do corpo; os olhos, arregalados de preocupação e espanto e um pouquinho de intimidação, e, embora ele mexa os lábios, não parece produzir nenhum som.

Sinto que agora poderia ser um bom momento para pular de um penhasco.

Kenji toca em meu braço e eu me viro para olhá-lo. Com isso, percebo que estou petrificada. Estou sempre esperando que ele e Adam e Castle percebam que ser gentil comigo é um erro, que eu não valho a pena, que não sou nada além de uma ferramenta, uma arma, uma assassina particular.

Porém, ele toma meu punho direito na mão com muita delicadeza. Toma cuidado para não tocar em minha pele ao tirar a agora esfarrapada luva de couro e prende a respiração ao ver os nós dos meus dedos. A pele está rasgada e o sangue está por toda parte e não posso mexer os dedos.

Percebo que estou em *agonia*.

Eu pisco e estrelas explodem e uma nova tortura devasta meus braços e minhas pernas com tanta pressa que não consigo mais falar.

Eu ofego

e

o

mundo

d e s a p a r e c e

9

Minha boca tem gosto de morte.

Consigo abrir os olhos e imediatamente sinto a ira do inferno rasgar meu braço direito. Minha mão está enfaixada com tantas camadas de gaze que meus cinco dedos ficaram imóveis e descubro que estou grata por isso. Estou tão exausta que não tenho energia para chorar.

Pisco.

Tento olhar ao redor, mas meu pescoço está muito duro.

Dedos roçam em meu ombro e eu descubro que quero soltar o ar. Pisco de novo. E mais uma vez. O rosto de uma garota entra e sai de foco. Viro a cabeça para ver melhor e pisco pisco pisco um pouco mais.

— Como está se sentindo? — ela sussurra.

— Estou bem — digo para o borrão, mas acho que estou mentindo. — Quem é você?

— Sou eu — ela responde, muito delicada. Mesmo sem vê-la com clareza, sinto gentileza em sua voz. — Sonya.

É claro.

Sara provavelmente está aqui também. Devo estar na ala médica.

— O que aconteceu? — pergunto. — Quanto tempo fiquei dormindo?

Ela não responde e me pergunto se não me ouviu.

— Sonya?

Tento encontrar os olhos dela.

— Há quanto tempo estou dormindo?

— Você ficou muito doente — ela diz. — Seu corpo precisava de tempo...

— Quanto tempo? — minha voz vira um sussurro.

— Três dias.

Imagine um trem a centenas de milhões de quilômetros por hora.

Agora, imagine-o atingindo sua cara.

Eu me sento bem ereta e sei que vou enjoar.

Por sorte, Sonya teve a precaução de prever minhas necessidades. Um balde aparece bem a tempo de eu esvaziar o escasso conteúdo de meu estômago nele; depois, tenho ânsias e estou usando algo que não é meu traje, mas um tipo de camisola de hospital, e alguém está passando um pano quente e úmido pelo meu rosto. O vapor é tão quente e reconfortante que, por um instante, esqueço a dor o suficiente para perceber que há outra pessoa na sala conosco.

Sonya e Sara estão pairando sobre mim, os panos quentes em suas mãos, limpando meus braços e minhas pernas despidos, fazendo sons tranquilizadores e dizendo que ficarei bem, que preciso apenas descansar, enfim estou acordada por tempo suficiente para comer algo, não devo me preocupar, pois não há nada com que se preocupar e elas vão cuidar de mim.

Mas eu passo a prestar mais atenção.

Percebo as mãos delas, cuidadosamente cobertas por luvas de látex; percebo a medicação intravenosa presa ao meu braço; percebo a maneira apressada, mas cautelosa, como se aproximam de mim e, então, percebo o problema.

As curandeiras não podem tocar em mim.

10

Elas nunca tiveram de lidar com um problema como eu antes.

Os ferimentos sempre são tratados pelas curandeiras. Podem consertar ossos quebrados e curar feridas de bala e recuperar pulmões destroçados e fechar até os piores tipos de cortes; sei disso porque Adam teve de ser levado ao Ponto Ômega em uma maca quando chegamos. Ele havia sofrido nas mãos de Warner e seus homens depois de escaparmos da base militar e pensei que seu corpo carregaria cicatrizes para sempre. Mas ele está perfeito. Novinho. Foi necessário um dia todo para consertá-lo; foi como mágica.

No entanto, não há remédios mágicos para mim.

Nenhum milagre.

Sonya e Sara explicam que eu devo ter sofrido algum tipo de choque enorme. Dizem que meu corpo ficou sobrecarregado com as próprias habilidades e é um milagre eu ter conseguido sobreviver. Elas também acham que meu corpo levou tempo suficiente para ter reparado a maior parte dos danos psicológicos, embora eu não tenha certeza se isso é verdade. ~~Estou psicologicamente danificada há muito tempo.~~ Porém, pelo menos a dor física diminuiu. Parece mais uma palpitação constante que eu posso ignorar por curtos períodos.

Lembro-me de uma coisa.

— Antes — eu conto a elas —, nas salas de tortura de Warner, e depois com Adam e a porta de aço... Eu nunca... Isso nunca aconteceu... Eu nunca me machuquei...

— Castle nos disse isso — Sonya afirma. — Mas quebrar uma porta ou uma parede é muito diferente de tentar dividir a terra em dois pedaços.

Ela tenta abrir um sorriso.

— Temos quase certeza de que isso nem se compara com o que você fez antes. Foi muito mais forte... Todos nós sentimos quando aconteceu. Na verdade, pensamos que explosivos tinham sido detonados. Os túneis — ela disse —, eles quase ruíram.

— Não.

Meu estômago parece uma pedra.

— Tudo bem — Sara tenta me tranquilizar. — Você recuou bem a tempo.

Não consigo recuperar o fôlego.

— Você não tinha como saber... — Sonya começa a falar.

— Eu quase matei... Eu quase os matei, todos vocês...

Sonya balança a cabeça.

— Você tem uma quantidade incrível de poder. Não é culpa sua. Você não sabia do que era capaz.

— Eu podia tê-las matado. Eu podia ter matado Adam... Eu podia...

Minha cabeça chicoteia de um lado ao outro.

— Ele está aqui? Adam está aqui?

As garotas me olham. Olham uma para a outra.

Ouço alguém pigarrear e lanço-me na direção do som.

Kenji sai do canto da sala. Faz um meio aceno, oferece-me um sorriso torto que não chega aos seus olhos.

— Desculpe — ele me diz —, mas tivemos de mantê-lo fora daqui.

— Por quê? — pergunto, mas tenho medo de saber a resposta.

Kenji tira o cabelo dos olhos. Pensa em minha pergunta.

— Bem, por onde devo começar?

Ele conta nos dedos.

— Depois que ele descobriu o que aconteceu, tentou me *matar*, estourou com o Castle, recusou-se a deixar a ala médica, nem para comer ou dormir, e então ele...

— Por favor — eu o interrompo.

Fecho e aperto os olhos.

— Deixe para lá. Não. Eu não consigo.

— Você perguntou.

— Onde ele está?

Eu abro os olhos.

— Ele está bem?

Kenji esfrega a nuca. Desvia o olhar.

— Ele vai ficar bem.

— Posso vê-lo?

Kenji suspira. Vira-se para as garotas. Diz “ei, podem nos deixar sozinhos um pouco?” e as duas, de repente, têm pressa para sair.

— É claro — responde Sara.

— Sem problemas — diz Sonya.

— Vamos lhes dar privacidade — as duas falam juntas.

E saem.

Kenji pega uma das cadeiras empurradas contra a parede e leva-a até perto de minha cama. Senta-se. Apoia o calcanhar de um pé no joelho da outra perna e inclina-se para trás. Une as mãos atrás da cabeça. Olha para mim.

Eu me mexo no colchão para sentar-me e vê-lo melhor.

— O que foi?

— Você e Kent precisam conversar.

— Ah — eu engulo em seco —, sim. Eu sei.

— Sabe?

— É claro.

— Ótimo.

Ele faz um aceno com a cabeça. Desvia o olhar. Bate o pé rápido demais contra o chão.

— O que foi? — pergunto depois de um instante. — O que você não está me contando?

O pé dele para de bater, mas ele não olha nos meus olhos. Cobre a boca com a mão esquerda. Deixa-a cair.

— Você fez uma loucura e tanto lá.

De repente, sinto-me humilhada.

— Sinto muito, Kenji. Sinto muito mesmo... Eu não pensei... Eu não sabia...

Ele se vira para me encarar e seu olhar me congela. Ele está tentando me ler. Tentando me entender. Tentando, percebo, decidir se pode ou não confiar em mim. Se os rumores sobre eu ser um monstro são verdadeiros ou não.

— Eu nunca fiz aquilo antes — eu me ouço sussurrar. — Eu juro... Não queria que aquilo acontecesse...

— Tem certeza?

— O quê?

— É uma pergunta, Juliette. É uma pergunta legítima.

Nunca o vi tão sério.

— Eu a trouxe até aqui porque Castle a queria aqui. Porque ele achava que poderíamos ajudá-la... Ele achava que poderíamos oferecer a você um lugar seguro para viver. Tirá-la de perto dos idiotas que tentavam usá-la em benefício próprio. Mas você vem para cá e nem parece querer fazer parte de nada. Não conversa com as pessoas. Não faz nenhum progresso no seu treinamento. Não faz nada, basicamente.

— Sinto muito, de verdade...

— E, assim, eu acredito em Castle quando ele diz que está preocupado com você. Ele me diz que você não está se adaptando, que está com dificuldades para se adaptar. Essas pessoas ouviram coisas negativas a seu respeito e não estão sendo tão receptivas quanto deveriam. E eu deveria bater em mim mesmo por isso, mas sinto pena de você. Por isso, digo a ele que vou ajudar. Reorganizo toda a minha maldita programação apenas para ajudá-la com seus problemas. Porque eu acho que você é uma garota legal, que só é

um pouco incompreendida. Porque Castle é o cara mais decente que já conheci e quero ajudá-lo.

Meu coração está batendo tão rápido que estou surpresa por não estar sangrando.

— Por isso, eu me pergunto — ele me diz.

Ele baixa o pé que estava descansando no joelho. Inclina-se para frente, apoia os cotovelos nas coxas.

— Eu me pergunto se é possível que tudo isso seja apenas *coincidência*. Quero dizer, foi apenas uma louca *coincidência* eu acabar trabalhando com você? Eu? Uma das poucas pessoas daqui com acesso àquela sala? Ou foi coincidência você conseguir me ameaçar para levá-la aos laboratórios de pesquisa? E você, então, de alguma forma, por acidente, por coincidência, sem saber, lançou um soco contra o chão que balançou este lugar com tanta força que pensamos que as paredes estavam desabando?

Ele me encara fixamente.

— Foi coincidência — ele continua — o fato de que, se você tivesse demorado somente mais alguns segundos, este lugar inteiro desmoronaria?

Meus olhos estão arregalados, horrorizados, fixos.

Ele se inclina para trás. Olha para baixo. Pressiona dois dedos contra os lábios.

— Você quer mesmo ficar aqui? — pergunta. — Ou está apenas tentando nos destruir pelo lado de dentro?

— O quê? — eu ofego. — Não...

— Porque ou você sabe *exatamente* o que está fazendo... E é muito mais dissimulada do que finge ser... Ou realmente não faz

ideia do que está fazendo e apenas tem uma sorte dos infernos. Não decidi ainda.

— Kenji, eu juro, eu nunca... Eu n-nunca...

Tenho de me morder para segurar as palavras e poder piscar para conter as lágrimas que ameaçam me dominar. É debilitante este sentimento, este não saber como provar minha inocência. É a minha vida inteira sendo repassada uma vez e outra, tentando convencer as pessoas de que não sou perigosa, de que nunca quis machucar ninguém, de que não tive a intenção de que as coisas ficassem assim. De que não sou uma pessoa ruim.

~~Mas nunca parece funcionar.~~

— Sinto muito mesmo.

Eu engasgo, as lágrimas escorrem rápido agora, sem prestar atenção às minhas exigências de que ficassem presas lá dentro. Estou com muita aversão a mim mesma. Esforcei-me tanto para ser diferente, para ser melhor, para ser *boa* e simplesmente fui e estraguei tudo e perdi tudo de novo e nem sei como dizer a ele que está errado.

~~Porque ele pode estar certo.~~

Eu sabia que estava irritada. Eu sabia que quis machucar Castle e não me importei. Naquele momento, tive a intenção. Na fúria daquele momento, tive a intenção verdadeira e real. Não sei o que teria feito se Kenji não estivesse lá para me segurar. Não faço ideia. Nem sei do que sou capaz.

Quantas vezes~~, ouço uma voz sussurrar na minha mente,~~ quantas vezes você vai pedir desculpas por quem você é?

Ouço Kenji suspirar. Mexer-se na cadeira. Não ouso levantar os olhos, mas esfrego as bochechas vigorosamente, implorando aos meus olhos que parem de chorar.

— Eu tinha de perguntar, Juliette.

Kenji parece desconfortável.

— Sinto muito por você estar chorando, mas não sinto muito por ter perguntado. É meu trabalho pensar o tempo todo na nossa segurança... E isso significa que preciso olhar de todos os ângulos possíveis. Ninguém sabe ainda o que você pode fazer. Nem você. Mas você continua agindo como se suas habilidades não fossem nada de importante, e isso não está ajudando. Precisa parar de fingir que não é perigosa.

Eu levanto o olhar rápido demais.

— Mas eu não sou... Não estou tentando machucar ninguém...

— Isso não importa — ele diz, levantando-se. — Boas intenções são ótimas, mas elas não mudam os fatos. Você é perigosa. Caramba, você é *assustadoramente* perigosa. Mais perigosa do que eu e todas as pessoas daqui. Por isso, não me peça para agir como se esse conhecimento, por si só, não fosse uma ameaça para nós. Se você vai ficar aqui — ele me diz —, tem de aprender a controlar o que faz... Como conter isso. Tem de lidar com quem você é e tem de descobrir como viver com isso. Assim como o restante de nós.

Três batidas na porta.

Kenji ainda está me encarando. Esperando.

— Certo — eu sussurro.

— E você e Kent têm de resolver o drama de vocês o mais rápido possível — ele acrescenta, assim que Sonya e Sara voltam para a sala. — Não tenho o tempo, a energia nem o interesse de lidar com seus problemas. Gosto de provocá-la de vez em quando porque, bem, sejamos sinceros...

Ele encolhe os ombros.

— O mundo está indo para o inferno lá fora e suponho que eu vá morrer com uma bala antes dos meus 25 anos. Pelo menos quero lembrar como é rir antes de isso acontecer. Porém, isso não faz de mim seu palhaço ou sua babá. No final das contas, eu não ligo a mínima se você e Kent estão namorando firme ou não. Temos um milhão de coisas para cuidar aqui embaixo, e nenhuminha delas envolve sua vida amorosa.

Uma pausa.

— Está claro?

Faço que sim com a cabeça, sem confiar em mim mesma para falar.

— Então, você está conosco? — ele pergunta.

Balanço de novo a cabeça.

— Quero ouvi-la dizer. Se está conosco, está 100%. Sem essa de sentir pena de si mesma. Sem essa de ficar sentada na sala de treinamento o dia todo, chorando porque não consegue quebrar um cano de metal...

— Como você sa...

— Está *conosco*?

— Estou com vocês — digo. — Estou com vocês. Prometo.

Ele respira fundo. Passa a mão pelo cabelo.

— Ótimo. Encontre-me do lado de fora da sala de jantar amanhã de manhã, às seis.

— Mas a minha mão...

Ele balança a mão, afastando minhas palavras.

— Sua mão, nada. Você vai ficar bem. Nem quebrou nada. Machucou os nós dos dedos e seu cérebro pirou um pouco e, basicamente, você apenas caiu no sono por três dias. Não chamo isso de um ferimento — ele comenta. — Chamo isso de férias.

Ele para e pensa em alguma coisa.

— Você tem alguma ideia de quanto tempo faz desde que entrou de *férias*...

— Mas não vamos treinar? — eu o interrompo. — Não posso fazer nada se minha mão estiver enfaixada, posso?

— Confie em mim.

Ele tomba a cabeça.

— Você ficará bem. Isso... será um pouco diferente.

Eu o encaro. Espero.

— Você pode considerar isso como suas boas-vindas oficiais ao Ponto Ômega.

— Mas...

— Amanhã. Às seis da manhã.

Abro a boca para fazer outra pergunta, mas ele aperta um dedo contra os lábios, oferece-me uma saudação com dois dedos e sai andando de costas na direção da porta ao mesmo tempo que Sonya e Sara aproximam-se de minha cama.

Vejo-o fazer um aceno com a cabeça para se despedir das duas, girar sobre um pé e dar passos largos porta afora.

11

Eu dou uma olhada no relógio da parede e percebo que são apenas duas da tarde.

O que significa que ainda faltam 16 horas para as seis da manhã.

O que significa que tenho muitas horas a preencher.

O que significa que preciso me vestir.

Porque tenho que dar o fora daqui.

E preciso muito falar com Adam.

— Juliette?

Salto de minha própria mente e volto ao presente para ver que Sonya e Sara estão me olhando.

— Podemos trazer alguma coisa para você? — elas perguntam. — Está se sentindo bem o bastante para sair da cama?

Porém, olho de um par de olhos para outro e volto e, em vez de responder às perguntas, uma sensação debilitante de vergonha escava minha alma e, sem poder evitar, volto para outra versão de mim mesma. Uma menininha assustada que quer permanecer encolhida até não poder ser encontrada mais.

Fico dizendo:

— Desculpem, sinto muito, sinto muito por tudo, por tudo isso, por todo o trabalho, por todos os danos, de verdade, eu sinto tanto, tanto...

Ouço minha própria voz continuar e continuar e continuar e não consigo parar.

É como se um botão em meu cérebro estivesse quebrado, como se eu tivesse desenvolvido uma doença que me força a pedir desculpas por tudo, por existir, por querer mais do que já tenho, e não posso parar.

É o que eu faço.

Sempre estou me desculpando. Sempre me desculpando. Por quem eu sou e o que nunca quis ser e por este corpo no qual nasci, este DNA que nunca pedi, esta pessoa que não posso deixar de ser. Dezessete anos eu passei tentando ser diferente. Todo santo dia. Tentando ser outra pessoa para outra pessoa.

E nunca parece importar.

Mas, então, percebo que elas estão falando comigo.

— Não precisa se desculpar por nada...

— Por favor, está tudo bem.

As duas estão tentando falar comigo, mas Sara está mais perto.

Eu ouso olhar em seus olhos e fico surpresa ao ver como são afáveis. Gentis e verdes e um pouco fechados por causa do sorriso. Ela se senta no lado direito de minha cama. Acaricia meu braço nu com sua luva de látex, sem medo. Sem se encolher. Sonya está em pé ao lado dela, olhando para mim como se estivesse preocupada, como se estivesse triste por mim, e não tenho muito tempo para lidar com isso porque surge uma distração; sinto o cheiro de jasmim encher a sala, da mesma forma que aconteceu quando entrei aqui pela primeira vez. Quando cheguei ao Ponto Ômega. Quando Adam estava ferido. Morrendo.

Ele estava morrendo e elas salvaram a vida dele. Essas duas garotas à minha frente. Elas salvaram a vida dele e eu estou vivendo com elas há duas semanas e percebo, nesse instante, exatamente o quão egoísta tenho sido.

Assim, decido experimentar um novo conjunto de palavras.

— Muito obrigada — eu sussurro.

Sinto que estou começando a corar e penso sobre minha incapacidade de ser livre com palavras e sentimentos. Penso sobre minha incapacidade para brincadeiras, conversas tranquilas, palavras vazias para preencher momentos constrangedores. Não tenho um armário cheio de “hums” e elipses prontas para inserir no começo e no final de frases. Não sei como ser um verbo, um advérbio, nenhum tipo de adjetivo ou advérbio. Sou um substantivo do começo ao fim.

Tão lotada de pessoas lugares coisas e ideias que não sei como escapar de meu próprio cérebro. Como iniciar uma conversa.

Quero confiar, mas isso me apavora por completo.

Porém, nesse instante, lembro-me de minha promessa a Castle e minha promessa a Kenji e minhas preocupações com Adam e penso que, talvez, eu deva assumir o risco. Talvez eu deva tentar encontrar uma nova amiga ou duas. E penso em como seria maravilhoso ter uma amiga menina. Uma menina, assim como eu.

Nunca tive uma antes.

Assim, quando Sonya e Sara sorriem e dizem para mim “estamos felizes em ajudar” e que estão aqui “quando precisar” e que estão sempre por perto se eu “precisar de alguém para conversar”, digo a elas que adoraria isso.

Digo a elas que realmente gostaria disso.

Digo a elas que adoraria ter uma amiga com quem conversar.

Talvez um dia.

12

— Vamos colocar seu traje de volta — Sara me diz.

O ar aqui embaixo é fresco e frio e, geralmente, úmido, no inverno venta sem parar enquanto eles açoitam o mundo acima de nossas cabeças até a submissão. Mesmo com meu traje, sinto o frio, em especial de manhã cedo, em especial agora. Sonya e Sara estão me ajudando a tirar esta roupa de hospital e voltar ao meu uniforme e estou tremendo dentro de minha pele. Apenas quando elas fecham meu zíper é que o material começa a reagir com a temperatura do meu corpo, mas ainda estou fraca por ter ficado na cama por tanto tempo e, assim, tenho dificuldade para ficar em pé.

— Não preciso mesmo de uma cadeira de rodas — digo a Sara pela terceira vez. — Obrigada... de verdade... eu agradeço — gaguejo —, mas preciso que o sangue flua pelas minhas pernas, preciso ficar forte sobre meus pés.

Preciso ficar forte, ponto final.

Castle e Adam estão esperando por mim em meu quarto.

Sonya contou-me que, enquanto eu estava falando com Kenji, ela e Sara tinham ido avisar Castle de que eu estava acordada. Então. Agora, eles estão lá. Esperando por mim. No quarto que divido com Sonya e Sara. E estou com tanto medo do que está prestes a acontecer que tenho receio de esquecer, convenientemente, como chegar ao meu próprio quarto. Porque tenho quase certeza de que o que quer que eu esteja prestes a ouvir não vai ser bom.

— Você não pode voltar para o quarto sozinha — Sara diz. — Mal consegue ficar em pé sozinha...

— Estou bem — eu insisto.

Tento sorrir.

— De verdade, vou conseguir, desde que possa ficar perto da parede. Tenho certeza de que voltarei ao normal assim que começar a me mexer.

Sonya e Sara trocam um olhar antes de examinarem meu rosto.

— Como está a sua mão? — elas perguntam ao mesmo tempo.

— Está bem — digo, dessa vez com mais determinação. — Sinto-me muito melhor. É sério. Muito obrigada.

Os cortes estão quase curados e posso mexer os dedos agora. Examino a faixa nova e mais fina que enrolaram ao redor dos nós dos meus dedos. As garotas explicaram que a maior parte do dano foi interna; parece que feri qualquer que seja o osso invisível de meu corpo responsável por ~~minha maldição~~ meu “dom”.

— Certo. Vamos — Sara diz, balançando a cabeça. — Vamos levá-la de volta ao quarto.

— Não... Por favor... Está tudo bem... — eu tento protestar, mas elas já estão segurando meus braços e estou muito fraca para resistir. — Não é necessário...

— Não seja boba — elas falam em coro.

— Não quero que vocês tenham esse trabalho...

— Não seja boba — elas falam em coro de novo.

— Eu, eu realmente não estou...

Mas elas já estão me levando para fora da sala e corredor abaixo e estou mancando entre as duas.

— Juro que estou bem — eu afirmo. — De verdade.

Sonya e Sara trocam um olhar cheio de significado antes de sorrirem para mim, não sem carinho, mas há um silêncio estranho

entre nós enquanto atravessamos os corredores. Vejo pessoas passarem por nós e baixo a cabeça imediatamente. Não quero fazer contato visual com ninguém agora. Nem posso imaginar o que devem ter ouvido sobre o dano que causei. Sei que consegui confirmar todos os piores medos delas a meu respeito.

— Só estão com medo de você porque não a conhecem — Sara diz em voz baixa.

— É verdade — Sonya acrescenta. — Mal a conhecemos e achamos que você é demais.

Estou corando feito louca, imaginando por que o constrangimento sempre parece uma água gelada correndo em minhas veias. É como se todos os meus órgãos estivessem congelando, embora minha pele esteja quente muito quente.

~~Eu~~ *odeio* ~~isso.~~

~~Eu~~ *odeio* ~~essa sensação.~~

Sonya e Sara param de repente.

— Aqui estamos — elas declaram juntas.

Levanto o olhar para ver que estamos em frente à porta de nosso quarto. Tento me soltar dos braços delas, mas elas me impedem. Insistem em ficar comigo até eu estar lá dentro.

Assim, fico com elas.

E bato em minha própria porta, porque não sei mais o que fazer.

Uma vez.

Duas vezes.

Estou esperando apenas alguns segundos, apenas alguns instantes até o destino responder quando percebo o impacto total da

presença de Sonya e Sara ao meu lado. Elas estão me oferecendo sorrisos com a intenção de me encorajar, apoiar, dar reforço. Estão tentando me emprestar sua força porque sabem que estou prestes a encarar algo que não vai me deixar feliz.

E esse pensamento me deixa feliz.

Nem que por apenas um instante fugaz.

Porque eu penso uau, acho que isso é que é ter amigas.

— Senhora Ferrars.

Castle abre a porta apenas o suficiente para que eu veja seu rosto. Ele acena para mim com um movimento de cabeça. Baixa o olhar para minha mão machucada. Volta para o meu rosto.

— Muito bem — ele diz, principalmente para si mesmo. — Bom, bom. Estou feliz por ver que está melhor.

— Sim — eu consigo dizer. — Eu... O-obrigada, eu...

— Meninas — ele diz a Sonya e Sara.

Oferece um sorriso largo e sincero.

— Obrigado por tudo o que fizeram. Eu assumo a partir daqui.

Elas concordam balançando a cabeça. Apertam meus braços uma vez antes de me soltarem e eu balanço por apenas um segundo antes de encontrar apoio para os pés.

— Estou bem — digo a elas quando elas tentam me pegar. — Ficarei bem.

Elas balançam a cabeça de novo. Acenam enquanto saem.

— Entre — Castle diz para mim.

Assim, eu o sigo.

13

Um beliche de um lado da parede.

Uma cama de solteiro do outro.

Isso é tudo que o quarto tem.

Isso e Adam, que está sentado em minha cama de solteiro, os cotovelos apoiados nos joelhos, o rosto, nas mãos. Castle fecha a porta atrás de nós e Adam leva um susto. Dá um pulo.

— Juliette — ele diz, mas não está olhando para mim; está olhando para todo meu corpo.

Seus olhos estão examinando meu corpo como para garantir que ainda estou intacta, braços e pernas e tudo o mais. É apenas quando ele acha meu rosto que seus olhos se encontram com os meus; entro no mar do azul dos olhos dele, mergulho direto nele e me afogo. Sinto como se alguém tivesse me dado um soco nos pulmões e roubado todo o meu oxigênio.

— Por favor, sente-se, senhora Ferrars.

Castle faz um gesto na direção da cama de Sonya, a inferior do beliche, bem em frente de onde Adam está sentado. Caminho devagar, tentando não ceder à tontura, à náusea que estou sentindo. Meu peito sobe e desce rápido demais.

Largo as mãos sobre meu colo.

Sinto a presença de Adam neste quarto como um peso real contra meu peito, mas decido examinar meu novo curativo cuidadosamente enrolado — a gaze esticada bem justa sobre os nós dos dedos da minha mão direita — porque sou covarde demais para levantar o olhar. Não há nada que eu queira mais do que ir até ele, e ele me abraçar, levar-me de volta aos poucos momentos de felicidade que

já experimentei na vida, mas há algo me corroendo por dentro, esmagando meus órgãos, dizendo-me que algo está errado e, provavelmente, é melhor eu ficar bem onde estou.

Castle está em pé no espaço entre as camas, entre Adam e eu. Ele está encarando a parede, as mãos juntas atrás das costas. Sua voz está baixa quando diz:

— Estou muito, muito decepcionado com seu comportamento, senhora Ferrars.

Uma vergonha terrível e quente sobe meu pescoço e força minha cabeça a baixar de novo.

— Desculpe — eu sussurro.

Castle respira fundo. Expira bem devagar.

— Tenho de ser sincero com você — ele diz — e admitir que ainda não estou pronto para discutir o que aconteceu. Ainda estou muito chateado para conseguir falar sobre o assunto com calma. Suas atitudes — ele continua — foram infantis. Egoístas. *Imprudentes*! O dano que causou... Os anos de trabalho gasto na construção e planejamento daquela sala, nem consigo começar a dizer...

Ele se segura, engole em seco com dificuldade.

— Esse será um assunto — ele diz, firme — para outro momento. Talvez apenas entre nós dois. Mas estou aqui hoje porque o senhor Kent me pediu para estar.

Eu levanto o olhar. Olho para Castle. Olho para Adam.

Adam parece querer fugir.

Decido que não posso esperar mais.

— Você descobriu alguma coisa sobre ele — digo, e é menos uma pergunta do que um fato.

É tão óbvio. Não há outro motivo para Adam trazer Castle para falar comigo.

Algo terrível já aconteceu. Algo terrível está prestes a acontecer.

Posso sentir.

Adam está me encarando agora, sem piscar, as mãos em punhos pressionadas contra as coxas. Ele parece nervoso; assustado. Não sei o que fazer além de olhar de volta para ele. Não sei como reconfortá-lo. Não sei nem como sorrir agora. Sinto que estou presa na história de outra pessoa. O “viveram infelizes para sempre” de outra pessoa.

Castle balança a cabeça para cima e para baixo uma vez, lentamente.

Diz:

— Sim. Sim, descobrimos a natureza muito intrigante da habilidade do senhor Kent.

Ele anda até a parede e se encosta nela, dando-me uma visão mais clara de Adam.

— Acreditamos agora saber por que ele pode tocá-la, senhora Ferrars.

Adam vira-se para o outro lado, aperta um dos punhos contra a boca. A mão dele parece estar tremendo, mas ele, pelo menos, parece estar melhor do que eu. Porque estou gritando por dentro e minha cabeça está pegando fogo e o pânico está pisando em minha garganta, sufocando-me até a morte. As más notícias não aceitam devolução depois de serem entregues.

— O que é?

Fixo o olhar no chão e conto as pedras e os sons e as rachaduras e nada.

1

2, 3, 4

1

2, 3, 4

1

2, 3, 4

— Ele... pode incapacitar as coisas — Castle me diz.

5, 6, 7, 8 milhões de vezes eu pisco, confusa. Todos os meus números despencam no chão, somando e subtraindo e multiplicando e dividindo.

— O quê? — pergunto a ele.

Essa notícia está errada. Essa notícia não parece nada horrível.

— A descoberta foi bem acidental, na verdade — Castle explica. — Não estávamos tendo sorte com nenhum dos testes que fazíamos. Mas, um dia, eu estava no meio de um exercício de treinamento, e o senhor Kent estava tentando chamar minha atenção. Ele tocou no meu ombro.

Espere para ver.

— E... de repente — Castle diz, inspirando —, eu não conseguia aplicar minha habilidade. Foi como se... Como se um fio dentro do meu corpo tivesse sido cortado. Senti na hora. Ele queria a minha atenção e, sem querer, desligou-me na tentativa de redirecionar meu foco. Foi diferente de tudo que eu já tinha visto.

Ele balança a cabeça.

— Agora temos trabalhado com ele para ver se ele consegue controlar essa habilidade quando quer. E — Castle acrescenta, animado — queremos ver se ele consegue *projetar*. Veja bem, o senhor Kent não precisa fazer contato com a pele... Eu estava usando meu terno quando ele tocou no meu braço. Assim, isso significa que ele já está projetando, mesmo que apenas um pouco. E acredito que, com um pouco de trabalho, ele conseguirá estender seu dom para uma área de superfície maior.

Não faço ideia do que isso significa.

Tento encontrar os olhos de Adam; quero que ele mesmo me diga essas coisas, mas ele não levanta o olhar. Ele não quer falar e eu não entendo. Não parece uma notícia ruim. Na verdade, parece muito boa, o que não pode estar certo. Viro-me para Castle.

— Então Adam pode simplesmente fazer o poder de alguém... seu *dom*... o que quer que seja... ele pode simplesmente interromper? Ele pode desligá-lo?

— Parece ser assim.

— Já testaram em outra pessoa?

Castle parece ofendido.

— É claro que sim. Testamos em todos os membros do Ponto Ômega que têm um dom.

Mas algo não faz sentido.

— E quando ele chegou? — pergunto. — E estava ferido? E as garotas conseguiram curá-lo? Por que ele não cancelou as habilidades delas?

— Ah.

Castle balança a cabeça para cima e para baixo. Limpa a garganta.

— Sim. Muito perspicaz, senhora Ferrars.

Ele caminha pelo comprimento do quarto.

— É aí... que a explicação fica complicada. Depois de muito estudo, conseguimos concluir que a habilidade dele é um tipo de... mecanismo de *defesa*. Que ele ainda não sabe controlar. É algo que tem trabalhado no piloto automático durante toda a vida dele, embora funcione apenas para cancelar outras habilidades sobrenaturais. Se houvesse um risco, se o senhor Kent estivesse em perigo, em qualquer situação em que seu corpo estivesse superalerta, sentindo-se ameaçado ou correndo risco de se machucar, sua habilidade funcionaria automaticamente.

Ele para. Olha para mim. Olha de verdade para mim.

— Quando vocês se conheceram, por exemplo, o senhor Kent estava trabalhando como soldado, de guarda, sempre alerta para os riscos ao redor. Ele estava em um estado constante de *electricum*, um termo que usamos para definir quando nossa Energia está "ligada", por assim dizer; porque estava sempre em uma situação de perigo.

Castle coloca as mãos nos bolsos do terno.

— Uma série de testes mostrou também que a temperatura do corpo dele sobe quando ele está em um estado de *electricum...* Apenas alguns graus acima do normal. A temperatura elevada indica que ele está usando mais energia do que o normal para sustentar isso. E, resumindo — diz Castle —, esse uso constante tem deixado-o exausto. Tem enfraquecido suas defesas, seu sistema imunológico, seu autocontrole.

A temperatura elevada de seu corpo.

É por isso que a pele de Adam sempre fica tão quente quando estamos juntos. Por isso que eram sempre tão intensos nossos momentos juntos. A habilidade dele estava trabalhando para enfrentar a minha. A energia dele estava trabalhando para *dissipar* a minha.

Isso o estava *deixando exausto. Enfraquecendo suas defesas*.

Ah.

Deus.

— Seu relacionamento físico com o senhor Kent — Castle continua — não é assunto meu, na verdade. Porém, por causa da natureza única dos seus dons, tem sido muito interessante para mim de uma maneira puramente científica. Mas você deve saber, senhora Ferrars, que, embora essas novas descobertas sem dúvida me deixem fascinado, não sinto nenhum prazer com elas. Você deixou claro que não confia muito no meu caráter, mas precisa acreditar que nunca me divertiria com os seus problemas.

Meus problemas.

Meus problemas chegaram elegantemente atrasados a essa conversa, bestas desatenciosas que são.

— Por favor — eu sussurro. — Por favor, apenas me diga qual é o problema. Há um problema, não há? Algo está errado.

Olho para Adam, mas ele ainda está olhando para o outro lado, para a parede, para tudo exceto meu rosto, e sinto que estou ficando em pé, tentando chamar a atenção dele.

— Adam? Você sabe? Você sabe do que ele está falando? *Por favor*...

— Senhora Ferrars — Castle diz rapidamente —, sente-se, por favor. Sei que deve ser difícil para a senhora, mas precisa me deixar

terminar. Pedi ao senhor Kent que não falasse até eu acabar de explicar tudo. Alguém precisa dar essas informações de maneira clara e racional, e temo que ele não esteja em uma boa posição para isso.

Eu caio de volta na cama.

Castle solta um suspiro.

— Você tocou em um ótimo assunto, sobre como o senhor Kent pôde interagir com nossas curandeiras gêmeas ao chegar aqui. Mas foi diferente com elas — Castle conta. — Ele estava fraco, ele sabia que precisava de ajuda. Seu corpo não podia — e, o que é mais importante, não iria — recusar aquele tipo de cuidado médico. Ele estava vulnerável e, assim, incapaz de se defender mesmo se quisesse. Toda sua energia estava exaurida quando ele chegou. Ele se sentiu seguro e estava buscando ajuda; seu corpo estava livre de um perigo imediato e, assim, sem medo, não estava preparado para uma estratégia defensiva.

Castle levanta o olhar. Olha nos meus olhos.

— O senhor Kent começou a ter um problema parecido com a senhora.

— O quê? — eu ofego.

— Temo que ele ainda não saiba controlar suas habilidades. É algo com que esperamos trabalhar, mas será necessário bastante tempo... e muita energia e foco...

— O que quer dizer — eu me ouço perguntar, minhas palavras cheias de pânico — com ele *já ter começado* a ter um problema parecido comigo?

Castle respira levemente.

— Parece... Parece que ele fica mais fraco quando está com você. Quanto mais tempo passa na sua companhia, menos ameaçado ele se sente. E quanto mais... íntimos vocês ficam — Castle diz, claramente desconfortável —, menos controle ele tem sobre o próprio corpo.

Uma pausa.

— Ele está aberto demais, vulnerável demais a você. E, nos poucos momentos em que as defesas dele baixaram tanto assim, ele já sentiu uma dor bem particular associada ao seu toque.

Aí está.

Aí está minha cabeça caída no chão, rachada e aberta, meu cérebro escorrendo em todas as direções e eu não consigo eu não faço eu não consigo nem estou sentada aqui, chocada, adormecida, um pouco tonta.

Horrorizada.

Adam *não* é imune a mim.

Adam tem de se esforçar para se defender de mim e estou esgotando suas forças. Eu o estou deixando doente e estou enfraquecendo seu corpo e, se um dia ele escorregar de novo. Se um dia ele esquecer. Se um dia ele cometer um erro ou perder o foco ou ficar muito consciente de que está usando seu *dom* para controlar o que eu posso fazer...

Eu poderei machucá-lo.

Eu poderei *matá-lo*.

14

Castle está me encarando.

Esperando minha reação.

Ainda não consegui cuspir o giz da boca tempo suficiente para formar uma frase.

— Senhora Ferrars — ele diz, apressando-se para falar agora —, estamos trabalhando com o senhor Kent para ajudá-lo a controlar suas habilidades. Ele vai treinar, assim como a senhora, para aprender como exercitar esse elemento especial que o faz ser quem é. Será necessário algum tempo até termos certeza de que ele estará seguro com a senhora, mas tudo ficará bem, eu garanto...

— Não.

Eu estou em pé.

— Não não não não não.

Estou tropeçando para o lado.

— NÃO.

Estou olhando para meus pés e minhas mãos e essas paredes e quero gritar. Quero fugir. Quero cair de joelhos. Quero amaldiçoar o mundo por ter me amaldiçoado, por me torturar, por tirar a única coisa boa que já conheci e estou cambaleando para a porta, procurando uma saída, para escapar desse pesadelo que é a minha vida e

— Juliette... por favor...

O som da voz de Adam para meu coração. Forço-me a me virar. A encará-lo.

Porém, no momento em que ele encontra meus olhos, sua boca se fecha. Seu braço está esticado em minha direção, tentando me parar a três metros de distância e eu quero soluçar e gargalhar ao mesmo tempo, com a terrível comicidade de tudo isso.

Ele não tocará em mim.

Não permitirei que ele toque em mim.

Nunca mais.

— Senhora Ferrars — Castle diz com suavidade —, tenho certeza de que é difícil digerir isso agora, mas já disse que não é permanente. Com treinamento suficiente...

— Quando você toca em mim — pergunto a Adam, minha voz falhando —, é um esforço para você? Você fica exausto? Suas energias se esgotam por ter de lutar o tempo todo contra mim e o que eu sou?

Adam tenta responder. Ele tenta dizer alguma coisa, mas, em vez disso, não fala nada e suas palavras não ditas são muito piores.

Eu me viro na direção de Castle.

— Foi o que você disse, não foi? — minha voz está ainda mais trêmula agora, muito perto das lágrimas. — Que ele está usando sua Energia para extinguir a minha e que, se um dia ele esquecer... Se um dia ele se deixar l-levar ou ficar m-muito vulnerável... Eu poderei machucá-lo... Que eu *já* o m-machuquei...

— Senhora Ferrars, por favor...

— Apenas responda à pergunta!

— Bem, sim — ele diz —, por enquanto, pelo menos, é tudo o que sabemos...

— Ah, meu Deus, e-eu não consigo...

Estou tropeçando para alcançar a porta de novo, mas minhas pernas ainda estão fracas, minha cabeça ainda está girando, minha visão está embaçando e o mundo está perdendo todas as cores quando sinto braços conhecidos envolverem minha cintura, puxando-me para trás.

— Juliette — ele diz, com muita pressa —, por favor, precisamos falar sobre nós dois...

— Largue-me — minha voz mal é um sussurro. — Adam, por favor... Eu não consigo...

— Castle — Adam me interrompe. — Acha que pode nos dar um tempo sozinhos?

— Ah — ele se espanta. — É claro — e diz, um pouco tarde demais. — Com certeza, sim, sim, é claro.

Ele caminha até a porta. Hesita.

— Eu vou... Bem, certo. Sim. Vocês sabem onde me encontrar quando estiverem prontos.

Ele faz um aceno com a cabeça para nós dois, oferece-me um sorriso tenso e sai do quarto. A porta faz um barulho de clique ao ser fechada atrás dele.

O silêncio derrama-se pelo espaço entre nós.

— Adam, por favor — digo enfim, e me odeio por dizer isso. — Largue-me.

— Não.

Sinto a respiração dele em minha nuca e quase morro por tê-lo tão perto de mim. Quase morro por saber que tenho de reerguer os muros que tinha demolido, tão descuidada, no momento em que ele voltou para minha vida.

— Vamos conversar sobre isso — ele diz. — Não vá a lugar algum. Por favor. Apenas fale comigo.

Estou plantada no lugar.

— Por favor — ele repete, dessa vez com mais suavidade, e minha determinação escapa pela porta sem mim.

Eu o sigo de volta para as camas. Ele senta-se de um lado do quarto. Eu me sento do outro.

Ele me encara. Seus olhos estão muito cansados, extenuados. Ele parece não estar comendo bem, não dormir há semanas. Hesita, lambe os lábios antes de apertá-los, antes de falar.

— Desculpe — ele diz. — Desculpe-me por não ter lhe contado. Nunca quis chateá-la.

E eu quero rir e rir e rir até as lágrimas me dissolverem.

— Eu entendo por que não me contou — eu sussurro. — Faz muito sentido. Você queria evitar tudo *isto*.

Balanço a mão sem energia pelo quarto.

— Você não está brava?

Seus olhos estão terrivelmente esperançosos. Ele parece querer se aproximar de mim e tenho de erguer a mão para impedi-lo.

O sorriso em meu rosto está literalmente me matando.

— Como poderia estar brava com você? Você estava se torturando lá embaixo só para descobrir o que estava acontecendo com você. Está se torturando agora, tentando achar uma forma de consertar a situação.

Ele parece aliviado.

Aliviado e confuso e com medo de ser feliz ao mesmo tempo.

— Mas algo está errado — ele diz. — Você está chorando. Por que está chorando se não está chateada?

Eu, na verdade, rio dessa vez. Alto. Rio e soluço e quero morrer, com muito desespero.

— Porque fui uma idiota por achar que as coisas poderiam ser diferentes — eu respondo. — Por pensar que você fosse um acaso feliz. Por pensar que minha vida poderia um dia ser melhor do que é, que *eu* poderia ser melhor do que sou.

Tento falar de novo, mas, em vez disso, tapo a boca com a mão como se não acreditasse no que estou prestes a dizer. Forço-me a engolir a pedra que está em minha garganta. Baixo a mão.

— Adam — minha voz está áspera, dolorida. — Isso não vai dar certo.

— O quê?

Ele está congelado no lugar, os olhos arregalados demais, o peito subindo e descendo com rapidez.

— Do que está falando?

— Você não pode tocar em mim — eu lhe digo. — Você não pode tocar em mim e eu já o machuquei...

— Não... Juliette...

Adam está em pé, ele atravessou o quarto, está de joelhos perto de mim e tenta segurar minhas mãos, mas tenho de puxá-las para trás porque minhas luvas foram destruídas, destruídas no laboratório de pesquisas e, agora, meus dedos estão nus.

Perigosos.

Adam olha fixamente para as mãos que escondi atrás das costas como se eu tivesse lhe dado um tapa na cara.

— O que está fazendo? — ele pergunta, mas não está olhando para mim.

Ainda está olhando para as minhas mãos. Quase sem respirar.

— Não posso fazer isso com você.

Balanço a cabeça com força demais.

— Não quero ser o motivo de você se machucar ou ficar fraco e não quero que sempre tenha de se preocupar com a possibilidade de eu *matá-lo* por acidente...

— Não, Juliette, escute.

Ele está desesperado agora, os olhos para cima, procurando meu rosto.

— Eu estava preocupado também, certo? Eu estava preocupado também. Muito preocupado. Eu pensei... Eu pensei que, talvez... Não sei, eu pensei que, talvez, fosse ser ruim ou, talvez, não pudéssemos resolver o problema, mas conversei com Castle. Conversei com ele e expliquei tudo, e ele disse que preciso apenas aprender a controlar minha habilidade. Aprenderei a ativá-la e desativá-la...

— Exceto quando está comigo? Exceto quando estamos juntos...

— Não... O quê? Não, *especialmente* quando estamos juntos!

— Tocar em mim... estar comigo... isso exige muito de você fisicamente! Você tem febre quando estamos juntos, Adam. Percebe isso? Você ficaria doente apenas por tentar me enfrentar...

— Você não está me ouvindo... Por favor... Estou lhe dizendo, vou aprender a controlar tudo isso.

— Quando? — pergunto, e posso mesmo sentir que meus ossos estão se quebrando, um por um.

— O quê? O que você quer dizer? Vou aprender agora... Estou aprendendo *agora*...

— E como está indo? É fácil?

A boca dele se fecha, mas ele está me olhando, lutando contra algum tipo de emoção, lutando para encontrar calma.

— O que está tentando dizer? — ele acaba perguntando. — Está... — ele está respirando depressa. — Está... Quero dizer... Você não quer fazer isso dar certo?

— Adam...

— O que você está dizendo, Juliette?

Ele está em pé agora, uma mão trêmula presa ao cabelo.

— Você não quer... Você não quer ficar comigo?

Estou em pé, piscando para conter as lágrimas que queimam meus olhos, desesperada para correr até ele, mas incapaz de me mexer. Minha voz falha quando digo:

— É claro que quero ficar com você.

Ele tira a mão do cabelo. Encara-me com olhos muito arregalados e vulneráveis, mas seu queixo está tenso, os músculos estão retesados, a parte superior do corpo está arfando com o esforço para inspirar, expirar.

— Então, o que está acontecendo agora? Porque alguma coisa está acontecendo agora e não parece bom — ele diz, a voz entrecortada. — Não parece bom, Juliette, parece o oposto do que quer que seja bom, e tudo o que quero de verdade é abraçá-la...

— Eu não quero machucá-lo...

— Você não vai me machucar — ele afirma e, em seguida, está em frente a mim, olhando para mim, suplicando. — Eu juro. Ficarei bem... Nós ficaremos bem... E estou melhor agora. Estou trabalhando nisso e estou mais forte...

— Sou muito perigosa, Adam, por favor — estou implorando, andando para trás, limpando com vigor as lágrimas que escapam pelo meu rosto. — É melhor para você desta maneira. É melhor para você simplesmente ficar longe de mim...

— Mas não é isso que eu quero... Você não está perguntando o que *eu* quero... — ele diz, seguindo-me conforme eu me esquivo de seus avanços. — Quero ficar com você e não ligo a mínima se for difícil. Não me importo se der um pouco mais de trabalho, porque é assim que um relacionamento é, Juliette. Dá trabalho. Dá trabalho todo santo dia. E, sim, é uma droga, uma droga muito, muito grande e vai ser difícil pra caramba, mas não me importo. Eu quero mesmo assim. Eu a quero mesmo assim.

Estou presa.

Estou presa entre ele e a parede e não tenho para onde ir e não iria querer sair mesmo se pudesse. Não quero ter de lutar contra isso, apesar de haver algo dentro de mim gritando que é errado ser egoísta, permitir que ele fique comigo se vai apenas acabar se machucando. Mas ele está olhando para mim, olhando para mim como se eu o estivesse *matando*, e eu percebo que o estou machucando mais ao tentar ficar longe.

Estou tremendo. Desejando-o com desespero e sabendo, agora, mais do que nunca, que o que eu desejo terá de esperar. E odeio que tenha de ser assim. Odeio tanto que poderia gritar.

Porém, talvez possamos tentar.

— Juliette — a voz de Adam está rouca, falhando com a emoção.

Suas mãos estão na minha cintura, tremendo apenas um pouco, esperando minha permissão.

— Por favor.

E eu não protesto.

Ele está respirando mais depressa agora, inclinando-se em minha direção, descansando a testa em meu ombro. Ele coloca as mãos abertas contra o centro de minha barriga, apenas para descê-las pelo meu corpo, devagar, muito devagar, e eu ofego.

Há um terremoto acontecendo nos meus ossos, placas tectônicas mudando do pânico para o prazer conforme os dedos dele não se apressam em passar ao redor das minhas coxas, subir pelas minhas costas, passear pelos meus ombros e descer pelos meus braços. Ele hesita nos meus pulsos. É aí que o tecido acaba, que a minha pele começa.

Mas ele respira.

E pega minhas mãos.

Por um momento, fico paralisada, procurando no rosto dele algum sinal de dor ou perigo, mas, então, nós exalamos o ar e vejo que ele tenta sorrir com novas esperanças, um novo otimismo de que, talvez, tudo vá dar certo.

Porém, ele pisca e seus olhos mudam.

Seu olhar está mais profundo agora. Desesperado. Faminto. Ele está me examinando como se tentasse ler as palavras gravadas dentro de mim e já posso sentir o calor no corpo dele, o poder em seus braços e suas pernas, a força em seu peito, e não tenho tempo de impedi-lo antes que me beije.

A mão esquerda dele está envolvendo a parte de trás de minha cabeça, a direita aperta-se ao redor de minha cintura, pressionando-

me com força contra ele e destruindo qualquer pensamento racional que já tive. É profundo. Tão forte. É uma apresentação de um lado dele que eu nunca tinha visto antes, e estou ofegando ofegando ofegando para respirar.

É chuva quente e dias úmidos e termostatos quebrados. São chaleiras barulhentas e motores a vapor ferozes e o desejo de tirar as roupas só para sentir uma brisa.

É o beijo dos beijos que nos faz perceber que o oxigênio não é tão importante quanto dizem.

E sei que não devia estar fazendo isso. Sei que, provavelmente, é idiota e irresponsável depois de tudo que acabamos de descobrir, mas alguém teria de atirar em mim para que eu quisesse parar.

Estou puxando a camisa dele, brigando por algo em que me agarrar, desesperada por uma jangada ou uma boia ou alguma coisa, qualquer coisa que me ancore à realidade, mas ele se afasta para recuperar o fôlego e rasga a camisa, joga-a no chão, puxa-me para seus braços e nós dois caímos em minha cama.

De alguma forma, termino em cima dele.

Ele estende os braços apenas para me puxar para baixo e está me beijando, meu pescoço, minhas bochechas, e minhas mãos estão vasculhando seu corpo, explorando as linhas, as planícies, os músculos, e ele recua, sua testa está apertada contra a minha e seus olhos estão fechados e contraídos quando ele fala:

— Como isso é possível — ele diz —, eu estar tão perto assim de você e estar morrendo por você ainda estar tão distante?

E eu lembro que prometi a ele, duas semanas antes, que, depois de ele melhorar, depois de ele ser curado, eu iria memorizar cada centímetro do corpo dele com meus lábios.

Penso que agora deve ser um bom momento para cumprir essa promessa.

Começo em sua boca, passo para sua bochecha, sob o queixo, desço pelo pescoço até os ombros e os braços, que estão presos em volta de mim. As mãos dele estão deslizando sobre este traje que está preso em mim como uma segunda pele e ele está tão quente, tão tenso com o esforço de permanecer parado, mas posso ouvir seu coração batendo rápido, rápido demais contra seu peito.

Contra o meu.

Eu sigo o pássaro branco que sobe pela pele dele, uma tatuagem da única coisa impossível que espero ver em minha vida. Um pássaro. Branco com listras de ouro iguais a uma coroa sobre sua cabeça.

Ele vai voar.

Pássaros não voam, é o que os cientistas dizem, mas a História diz que eles costumavam voar. E, um dia, eu quero vê-lo. Quero tocar nele. Quero vê-lo voar como deve, como não tem conseguido nos meus sonhos.

Eu me abaixo para beijar a coroa amarela na cabeça dele, tatuada profundamente no peito de Adam. Ouço sua respiração parar.

— Amo esta tatuagem — digo, levantando o olhar para encontrar os olhos dele. — Não a via desde que chegamos aqui. Não o vi sem camisa desde que chegamos aqui — sussurro. — Ainda dorme sem camisa?

Porém, Adam responde com um sorriso estranho, como se estivesse rindo de uma piada interna sua.

Ele tira minha mão do seu peito e me puxa para baixo, até ficarmos cara a cara. Ele solta o rabo de cavalo do meu cabelo e

liberta as ondas castanhas que estão superansiosas para caírem como cascata pela base do meu pescoço, pelos meus ombros, e é estranho, porque não sinto uma brisa desde que chegamos aqui, mas é como se o vento tivesse encontrado abrigo em meu corpo e estivesse descendo pelos meus pulmões, soprando pelo meu sangue, misturando-se à minha respiração e fazendo com que eu tenha dificuldade de respirar.

— Não consigo dormir nem um pouco — ele conta, a voz tão baixa que tenho de me esforçar para ouvir. — Não parece certo estar longe de você toda noite.

Sua mão esquerda está enroscada em meu cabelo, a direita, envolvendo meu corpo.

— Meu Deus, como senti sua falta — ele declara, as palavras são um sussurro rouco no meu ouvido. — Juliette.

Eu

pego

fogo.

É como nadar em melaço, este beijo, é como ser mergulhada em ouro, este beijo, é como se eu pulasse em um oceano de emoções e estou muito presa na correnteza para perceber que estou me afogando e nada importa mais. Nem minha mão, que não parece mais doer; nem este quarto, que não é só meu; nem essa guerra em que devemos lutar; nem minhas preocupações sobre quem ou o que eu sou e o que posso me tornar.

Apenas isto importa.

Isto.

Este momento. Estes lábios. Este corpo forte apertado contra mim e estas mãos firmes encontrando uma forma de me trazer mais para

perto, e eu sei que quero muito mais dele, quero-o por inteiro, quero sentir a beleza de seu amor com as pontas dos dedos e as palmas das mãos e cada fibra e osso de meu ser.

Quero tudo isso.

Minhas mãos estão no cabelo dele e eu o estou puxando para perto, mais perto, muito mais perto, até ele estar praticamente em cima de mim, e ele se afasta para respirar, mas eu o puxo de volta, beijando seu pescoço, seus ombros, seu peito, descendo as mãos pelas suas costas e a lateral de seu corpo, e é incrível, a energia, o poder inacreditável que sinto em apenas *estar* com ele, tocá-lo, abraçá-lo assim. Estou viva com uma corente elétrica de adrenalina tão potente, tão eufórica que me sinto rejuvenescida, incrível, indestrutível...

Dou um pulo para trás.

Afasto-me tão rápido que cambaleio, caio da cama, bato a cabeça no chão de pedra e estou balançando na tentativa de ficar em pé, esforçando-me para ouvir o som da voz dele, mas tudo que ouço é a respiração ruidosa e paralisada que passei a reconhecer muito bem, e não consigo pensar direito, não consigo ver nada e tudo está embaçado e eu não posso, recuso-me a acreditar que isso está mesmo acontecendo...

— J-Jul... — ele tenta falar. — N-não c-con...

E eu caio de joelhos.

Gritando.

Gritando como nunca gritei na vida toda.

14

Eu conto tudo.

Números pares, números ímpares, múltiplos de dez. Conto os tics do relógio conto os tacs do relógio conto as linhas entre as linhas de uma folha de papel. Conto as batidas desreguladas de meu coração conto minha pulsação e minhas piscadas e o número de tentativas necessárias para inspirar oxigênio suficiente para meus pulmões. Fico assim fico em pé assim conto assim até a sensação sumir. Até as lágrimas pararem de jorrar, até meus punhos pararem de tremer, até meu coração parar de doer.

Nunca há números suficientes.

Adam está na ala médica e pediram-me para não o visitar. Pediram-me para lhe dar espaço, para lhe dar tempo para melhorar, ~~para deixá-lo em paz, droga.~~ Ele vai ficar bem, foi o que Sonya e Sara me disseram. Disseram-me para não me preocupar, que tudo ficaria bem, mas seus sorrisos eram um pouco menos exuberantes do que o habitual e estou começando a imaginar se elas também estão, enfim, começando a me ver pelo que sou de verdade.

Um monstro horrível, egoísta, patético.

Eu peguei o que queria. Sabia que estava errado e peguei mesmo assim. Adam não podia ter sabido, ele nunca podia ter sabido como seria realmente sofrer nas minhas mãos. Ele era inocente quanto ao tamanho disso, quanto à cruel realidade da situação. Ele tinha apenas sentido faíscas de meu poder, de acordo com Castle. Ele tinha apenas sentido pequenas facadas dele e era capaz e estava consciente o bastante para se entregar sem sentir todos os efeitos.

Mas eu sabia mais que ele.

Eu sabia do que eu era capaz. Eu sabia quais eram os riscos e fui em frente mesmo assim. Permiti-me esquecer, ser descuidada, ser

gananciosa e idiota porque queria o que não podia ter. Eu queria acreditar em contos de fadas e finais felizes e oportunidades puras. Eu queria fingir que era uma pessoa melhor do que sou de verdade, mas, em vez disso, consegui me mostrar como o terror que sempre fui acusada de ser.

~~Meus pais estavam certos em se livrar de mim.~~

Castle não está nem falando comigo.

Kenji, no entanto, ainda espera que eu apareça às seis da manhã para o que quer que tenhamos de fazer amanhã, e descubro que, na verdade, estou grata pela distração. Queria apenas que chegasse mais rápido. A vida será solitária para mim daqui para frente, assim como sempre foi, e é melhor eu achar uma maneira de preencher meu tempo.

Esquecer.

Ela continua me atingindo, de novo e de novo e de novo, essa solidão completa e total. Essa falta dele em minha vida, essa compreensão de que nunca mais experimentarei o calor do corpo dele, a ternura de seu toque. A lembrança de quem eu sou e do que fiz e de onde é meu lugar.

Porém, aceitei os termos e as condições de minha nova realidade.

Não posso ficar com ele. Não vou ficar com ele. Não vou arriscar machucá-lo de novo, não vou arriscar me tornar a criatura da qual ele sempre tenha medo, assustado demais para tocar, beijar, abraçar. Não quero impedi-lo de ter uma vida normal com alguém que não vai matá-lo por acidente o tempo todo.

Assim, tenho de sair do mundo dele. Tirá-lo do meu.

É muito mais difícil agora. Muito mais difícil resignar-me a uma existência de gelo e vazio agora que já conheci o calor, a urgência,

a ternura e a paixão; o extraordinário conforto de poder tocar outro ser.

É humilhante.

Eu ter pensado que poderia assumir o papel de uma garota normal com um namorado normal; eu ter pensado que poderia viver as histórias que li em tantos livros quando criança.

Eu.

Juliette com um sonho.

A simples ideia é suficiente para me deixar mortificada por completo. Que constrangedor para mim ter pensado que poderia mudar o que me foi concedido. Ter olhado no espelho e gostado de verdade do rosto pálido que me encarava.

Que triste.

Eu sempre ousei me identificar com a princesa, a que foge e encontra uma fada-madrinha para transformá-la em uma linda garota com um belo futuro. Eu me agarro a algo como uma esperança, uma série de “talvez” e “possivelmente” e “quem sabe”. No entanto, devia ter escutado meus pais quando disseram que coisas como eu não têm permissão para sonhar. ~~É melhor destruir coisas como eu, foi o que minha mãe disse para mim.~~

E estou começando a pensar que estavam certos. Estou começando a me perguntar se devia simplesmente me enterrar no chão antes de lembrar que, tecnicamente, já estou enterrada. Nem precisei de uma pá.

É estranho.

O quanto me sinto oca.

Como se pudesse haver ecos dentro de mim. Como se eu fosse um daqueles coelhos de chocolate que costumavam ser vendidos

na Páscoa, aqueles que não eram nada mais do que uma casca doce envolvendo um mundo de nada. Eu sou assim.

Eu envolvo um mundo de nada.

Todos me odeiam. Os tênues laços de amizade que eu tinha começado a formar foram destruídos agora. Kenji está cansado de mim. Castle está com aversão a mim, decepcionado, nervoso até. Não causei nada além de problemas desde que cheguei e a única pessoa que já tentou ver o bem em mim agora está pagando por isso com a vida.

A única pessoa que já ousou tocar em mim.

Bem. Uma das duas pessoas.

Pego-me pensando muito em Warner.

Lembro-me dos olhos dele e de sua gentileza estranha e de seu comportamento cruel e calculista. Lembro-me da maneira como ele olhou para mim quando pulei da janela para escapar e lembro-me do horror no rosto dele quando apontei sua própria arma para o seu coração e, depois, espanto-me com minha preocupação com essa pessoa que não se parece em nada comigo ~~e, ainda assim, é tão semelhante~~.

Pergunto-me se terei de vê-lo de novo em breve e imagino como ele vai me cumprimentar. Não faço ideia se ele ainda quer me manter viva, em especial depois de eu ter tentado matá-lo, e não faço ideia do que poderia levar ~~um homem um garoto~~ uma pessoa de 19 anos a um estilo de vida tão infeliz e assassino e, nesse momento, percebo que estou mentindo para mim mesma. Porque eu sei. Porque posso ser a única pessoa capaz de entendê-lo.

E foi isto que descobri:

Eu sei que ele é uma alma torturada que, como eu, não cresceu com o calor da amizade ou do amor ou de uma coexistência

pacífica. Sei que seu pai é o líder de O Restabelecimento e aprova os assassinatos cometidos pelo filho, em vez de condená-los, e sei que Warner não faz ideia do que é ser normal.

~~Eu também não.~~

Ele passou a vida esforçando-se para atender às expectativas do pai de domínio global sem questionar o porquê, sem pensar nas repercussões, sem parar por tempo suficiente para mensurar o valor de uma vida humana. Ele tem um poder, uma força, uma posição na sociedade que lhe permitem causar muito estrago e ele tem orgulho disso. Mata sem remorso ou arrependimento e quer que eu me junte a ele. Ele me vê pelo que sou e espera que eu use todo esse potencial.

Garota assustadora e monstruosa com um toque letal. Garota triste e patética com mais nada a oferecer a este mundo. Sem qualquer utilidade além de ser uma arma, uma ferramenta para torturar e assumir o controle. É isso que ele quer de mim.

E, nesses últimos tempos, não tenho tido certeza de que ele está enganado. Nesses últimos tempos, não tenho tido certeza de nada. Nos últimos tempos, não tenho sabido nada sobre nada em que já acreditei, não mais, e não sei nada sobre quem eu sou. Os sussurros de Warner passeiam pela minha mente, dizendo-me que eu poderia ser mais, poderia ser mais forte, poderia ser tudo; eu poderia ser muito mais do que uma menininha assustada.

Ele diz que posso ser poderosa.

Porém, ainda assim, eu hesito.

Ainda assim, não vejo graça na vida que ele me ofereceu. Não sinto prazer com ela. Ainda assim, digo a mim mesma, apesar de tudo, sei que não *quero* machucar as pessoas. Não é algo que eu almeje. E, mesmo que o mundo me odeie, mesmo que nunca deixe de me odiar, nunca me vingarei em uma pessoa inocente. Se eu morrer, se eu for morta, se eu for assassinada enquanto durmo, pelo

menos morrerei com um fragmento de dignidade. Um pedaço de humanidade que ainda é inteiramente meu, está inteiramente sob meu controle. E não permitirei que ninguém tire isso de mim.

Assim, tenho de ficar me lembrando de que Warner e eu somos dois mundos diferentes.

Somos sinônimos, mas não somos iguais.

Sinônimos se conhecem como velhos colegas, como um grupo de amigos que viu o mundo juntos. Eles trocam histórias, lembranças sobre suas origens e esquecem que, embora sejam parecidos, são completamente diferentes e, embora compartilhem certas características, um nunca poderá ser o outro. Porque uma noite tranquila não é igual a uma noite calma, um homem firme não é igual a um homem estável e uma luz brilhante não é igual à luz reluzente, porque a maneira como são usados em uma frase muda tudo.

Eles não são iguais.

Passei a vida toda me esforçando para ser melhor. Esforçando-me para ser mais forte. Porque, diferentemente de Warner, não quero ser um terror nesta Terra. Não quero machucar as pessoas.

Não quero usar meu poder para destroçar ninguém.

Porém, então olho para minhas mãos e lembro-me com exatidão do que sou capaz de fazer. Lembro-me com exatidão do que fiz e estou muito consciente do que poderia fazer. Porque é muito difícil lutar contra o que você não pode controlar e, neste instante, não consigo nem controlar minha imaginação conforme ela agarra meus cabelos e me arrasta para o escuro.

16

A solidão é uma coisa estranha.

Ela chega se arrastando em você, silenciosa e tranquila, senta-se ao seu lado no escuro, acaricia seu cabelo quando você dorme. Ela se enlaça ao redor de seus ossos, apertando tanto que você quase não consegue respirar, quase não consegue ouvir o pulso acelerado em seu sangue conforme ela sobe pela sua pele e toca os cabelos macios de sua nuca com seus lábios suaves. Ela deixa mentiras em seu coração, deita-se ao seu lado à noite, suga a luz de cada canto. É uma companhia constante, enganchando a mão para puxá-lo para baixo enquanto você luta para ficar em pé.

Você acorda pela manhã e pergunta-se quem você é. Não consegue dormir à noite e seu corpo treme. Você duvida você duvida você duvida

será que eu

será que eu não

eu devo

por que eu não

E mesmo quando você está pronto para abrir mão. Quando você está pronto para se libertar. Quando você está pronto para ser novo em folha. A solidão é uma velha amiga que fica ao seu lado no espelho, olhando-o nos olhos, desafiando-o a viver sem ela. Você não consegue encontrar as palavras para lutar contra si mesmo, para lutar contra as palavras que gritam que você não é suficiente nunca suficiente nunca suficiente mesmo.

A solidão é uma companheira amarga, vil.

Às vezes, ela simplesmente não larga.

— Oláááá?

Eu pisco e ofego e me encolho para longe dos dedos que estalam diante de meu rosto conforme as familiares paredes de pedra do Ponto Ômega voltam a ficar em foco, forçando-me a sair de meu devaneio. Consigo me virar.

Kenji está me encarando.

— O que foi?

Lanço um olhar nervoso e em pânico para ele enquanto junto e separo minhas mãos sem luvas, desejando ter algo quente em que enrolar meus dedos. Este traje não tem bolsos e não consegui recuperar as luvas que destruí nos laboratórios de pesquisa. Não recebi substitutas também.

— Você chegou cedo — Kenji me diz, levantando a cabeça, observando-me com olhos surpresos e curiosos.

Eu encolho os ombros e tento esconder o rosto, sem querer admitir que mal dormi durante a noite. Estou acordada desde as três da manhã, completamente vestida e pronta para sair do quarto às quatro. Estava doida por uma desculpa para encher a cabeça com coisas que não têm nada a ver com meus próprios pensamentos.

— Estou animada — eu minto. — O que vamos fazer hoje?

Ele balança um pouco a cabeça. Aperta os olhos para ver algo por cima de meu ombro enquanto fala comigo.

— Você, ahn... — ele limpa a garganta — está bem?

— Sim, é claro.

— Ahn.

— O que foi?

— Nada — ele responde logo. — Apenas, você sabe.

Faz um gesto casual em direção ao meu rosto.

— Você não parece tão bem, princesa. Você está mais ou menos como naquele primeiro dia em que apareceu com Warner na base. Toda assustada e com cara de morta e, sem querer ofender, mas parece que você precisa de um banho.

Eu sorrio e finjo que não consigo sentir meu rosto tremer com o esforço. Tento relaxar os ombros, tento parecer normal, calma, serena quando digo:

— Estou bem. De verdade.

Eu baixo os olhos.

— Apenas... Está um pouco frio aqui, é só isso. Não estou acostumada a ficar sem as luvas.

Kenji está concordando com a cabeça, ainda sem olhar para mim.

— Certo. Bem, ele vai ficar bom, você sabe.

— O quê?

Respirar. Sou tão ruim em respirar.

— Kent.

Ele se vira para mim.

— Seu namorado. *Adam*. Ele vai ficar bem.

Uma palavra, uma lembrança simples e idiota dele assusta as borboletas que dormiam em meu estômago antes de eu lembrar que Adam não é mais meu namorado. Não é mais nada meu. Não pode ser.

E as borboletas caem mortas.

~~Isto.~~

~~Não posso fazer isto.~~

— Então — eu digo, alto demais, animada demais. — Não devíamos ir? Devíamos ir, certo?

Kenji lança um olhar estranho para mim, mas não comenta.

— Sim — ele diz. — Sim, claro. Siga-me.

17

Kenji leva-me até uma porta que nunca vi antes. Uma porta pertencente a um quarto que nunca vi antes.

Ouço vozes lá dentro.

Kenji bate na porta duas vezes antes de virar a maçaneta e, de repente, a cacofonia me deixa desnorteada. Estamos entrando em uma sala lotada de pessoas, rostos que vi apenas de longe até agora, pessoas compartilhando sorrisos e risadas. Há mesas individuais com cadeiras individuais arrumadas no amplo espaço que lembra uma sala de aula. Há um quadro branco instalado em uma parede perto de um monitor que pisca com informações. Vejo Castle. Parado no canto, olhando para uma prancheta com tanta atenção que nem repara em nossa entrada até Kenji gritar para cumprimentá-lo.

O rosto todo de Castle se acende.

Eu já tinha reparado nisso antes, na ligação entre eles, mas, agora, está ficando cada vez mais aparente para mim que Castle tem um tipo especial de afeição por Kenji. Um tipo doce e orgulhoso de afeição que costuma ser guardado apenas para os pais. Faz com que eu pense sobre a natureza do relacionamento deles. Onde começou, como começou, o que deve ter acontecido para uni-los. Faz com que eu pense em como sei pouco a respeito das pessoas do Ponto Ômega.

Olho ao redor, para os rostos ansiosos deles, homens e mulheres, jovens e de meia-idade, todas as etnias, os formatos e os tamanhos diferentes. Estão interagindo uns com os outros como se fizessem parte de uma família e sinto uma dor estranha esfaqueando-me na lateral do corpo, fazendo furos até eu desinflar.

É como se meu rosto estivesse pressionado contra o vidro, observando a cena de muito, muito longe, desejando e querendo

fazer parte de alguma coisa da qual sei que nunca farei parte de verdade. Eu esqueço, às vezes, que há pessoas por aí que ainda conseguem sorrir todo dia, apesar de tudo.

Elas ainda não perderam a esperança.

De repente, sinto-me encabulada, constrangida, envergonhada até. A luz do dia faz meus pensamentos parecerem escuros e tristes, e quero fingir que ainda estou otimista, quero acreditar que vou encontrar uma maneira de viver. Que, talvez, de alguma forma, ainda exista uma chance para mim em algum lugar.

Alguém assobia.

— Certo, pessoal — Kenji diz em voz alta, as mãos juntas ao redor da boca. — Sentem-se, OK? Vamos orientar aqueles que nunca fizeram isso antes e preciso que fiquem em silêncio por um tempo.

Ele observa a multidão.

— Certo. Sim. Sentem-se todos. Em qualquer lugar. Lily... Você não precisa... Certo, tudo bem, tudo bem. Apenas sentem-se. Vamos começar em cinco minutos, certo?

Ele ergue a mão aberta, dedos levantados.

— Cinco minutos.

Eu deslizo para o assento vazio mais próximo sem olhar ao redor. Mantenho a cabeça baixa, os olhos focados nos grãos de madeira da mesa enquanto todo mundo se joga em cadeiras à minha volta. Por fim, eu ouso olhar rapidamente para a direita. Cabelos bem brancos e pele branca como a neve e olhos azul-claros piscam de volta para mim.

Brendan. O garoto da eletricidade.

Ele sorri. Acena para mim com dois dedos.

Eu baixo a cabeça.

— Ah... olá — eu ouço alguém dizer. — O que você está fazendo aqui?

Eu me viro para a esquerda e encontro cabelos loiros como a areia e óculos de plástico pretos em um nariz de gancho. Um sorriso irônico torcido em um rosto pálido. *Winston*. Eu me lembro dele. Ele me entrevistou quando cheguei ao Ponto Ômega. Disse que era uma espécie de psicólogo. Porém, ele também foi um dos que desenvolveram o traje que estou usando. As luvas que destruí.

Acho que ele é um tipo de gênio. Não tenho certeza.

Neste momento, ele está mastigando a tampa da caneta, encarando-me. Ele usa o dedo indicador para empurrar os óculos para cima no nariz. Lembro-me de que ele me fez uma pergunta e faço um esforço para responder.

— Não tenho certeza — digo. — Kenji me trouxe para cá, mas não disse por quê.

Winston não parece surpreso. Ele revira os olhos.

— Ele com os malditos mistérios o tempo todo. Não sei por que ele acha uma ideia tão boa deixar as pessoas em suspense. É como se esse cara pensasse que a vida é um livro ou algo parecido. Sempre tão dramático com tudo. É irritante pra caramba.

Não faço ideia do que devo dizer. ~~Não posso deixar de pensar que Adam concordaria com ele e, assim, não consigo deixar de pensar em Adam e, então, eu~~

— Ah, não preste atenção nele — um sotaque inglês invade a conversa.

Viro-me e vejo que Brendan ainda está sorrindo para mim.

— Winston sempre é um pouco desagradável pela manhã.

— Por Deus! Que horas *são*? — Winston pergunta. — Eu chutaria um soldado nas bolas por uma xícara de café agora.

— É culpa sua, você nunca dorme, colega — Brendan rebate. — Acha que consegue sobreviver dormindo três horas por noite? Você é louco.

Winston larga a caneta mordida na mesa. Passa a mão cansada pelo cabelo. Tira os óculos e esfrega o rosto.

— São as malditas patrulhas. Toda santa noite. Alguma coisa está acontecendo e está ficando intensa lá fora. Tantos soldados simplesmente andando por aí? Que diabos estão fazendo? Não preciso ficar *acordado* de verdade o tempo todo...

— Do que está falando? — pergunto antes de poder me conter.

Meus ouvidos estão aguçados e meu interesse foi provocado. Notícias do mundo exterior são algo que nunca tive a oportunidade de ouvir antes. Castle estava tão focado em me fazer concentrar toda minha energia no treinamento que nunca ouvi muito além de suas constantes lembranças de que *estamos ficando sem tempo* e de que eu devia *aprender antes de ser tarde demais*. Estou começando a me perguntar se a situação está pior do que eu pensava.

— As patrulhas? — Brendan pergunta.

Ele balança a mão como quem sabe das coisas.

— Ah, é apenas... Nós trabalhamos em turnos, certo? Em duplas... Revezamos quem fica de guarda à noite — ele explica. — Na maior parte do tempo, não há problema, apenas rotina, nada muito sério.

— Mas tem sido estranho ultimamente — Winston o interrompe. — É como se estivesse procurando *de verdade* por nós agora. Como se não fosse mais uma teoria louca. Eles sabem que somos

uma ameaça real e é como se realmente tivessem uma ideia de onde estamos.

Ele balança a cabeça.

— Mas é impossível.

— Não é impossível, colega.

— Como eles poderiam nos encontrar? Somos como o maldito Triângulo das Bermudas.

— Parece que não.

— Bem, o que quer que seja, está começando a me assustar — Winston diz. — Há soldados por toda parte, perto demais de onde estamos. Nós os vemos pela câmera — ele me diz, reparando que estou confusa. — E a parte mais estranha — ele acrescenta, inclinando-se, baixando a voz — é que Warner está sempre com eles. Todas as noites. Andando por aí, dando ordens que não consigo escutar. E o braço dele ainda está machucado. Ele o mantém em uma tipoia.

— Warner?

Meus olhos ficam arregalados.

— Está com eles? Isso é... isso é... incomum?

— É bem estranho — Brendan responde. — Ele é o CCR, Comandante Chefe e Regente, do Setor 45. Em circunstâncias normais, ele delegaria essa tarefa a um coronel, um tenente até. Suas prioridades deviam estar na base, supervisionando os soldados.

Brendan balança a cabeça.

— Ele é meio maluco, eu acho, correndo um risco assim. Passando um tempo longe do seu próprio campo. Parece estranho

ele poder se afastar por tantas noites.

— Certo — diz Winston, concordando com um aceno de cabeça. — Exatamente.

Ele aponta para nós dois, golpeando o ar.

— E nos faz pensar em quem ele está deixando no comando. O cara não confia em ninguém... Não é conhecido por sua capacidade de delegar para início de conversa... Assim, para ele deixar a base toda noite...

Uma pausa.

— Não faz sentido. Alguma coisa está acontecendo.

— Você acha — pergunto, sentindo-me assustada e sentindo-me corajosa — que, talvez, ele esteja procurando ~~alguém~~ alguma coisa?

— Sim.

Winston suspira. Coça a lateral do nariz.

— É bem o que eu penso. E eu adoraria saber que diabos ele está procurando.

— Nós, é claro — Brendan diz. — Ele está procurando por nós.

Winston não parece convencido.

— Não sei — ele diz. — É diferente. Estão nos procurando há anos, mas nunca fizeram algo assim. Nunca usaram tantos homens nesse tipo de missão. E nunca chegaram tão perto.

— Uau — eu sussurro, sem confiar em mim mesma para supor nenhuma de minhas próprias teorias.

Sem pensar demais sobre ~~quem~~ o que Warner está procurando exatamente. E, o tempo todo, imaginando por que esses dois rapazes estão conversando comigo com tanta liberdade, como se eu fosse confiável, como se eu fosse um deles.

Não ouso mencionar isso.

— É — Winston diz, pegando a caneta mordida de novo. — Loucura. De qualquer maneira, se não tivermos café fresco hoje, com certeza vou perder a cabeça.

Eu olho para a sala ao redor. Não vejo café em nenhum lugar. Nem comida. Pergunto-me o que isso significa para Winston.

— Vamos tomar café da manhã antes de começar?

— Não — ele responde. — Hoje, vamos comer em horários diferentes. Além disso, teremos muitas opções quando voltarmos. Seremos os primeiros a escolher. É a única vantagem.

— Voltarmos de onde?

— Lá de fora — Brendan diz, inclinando-se para trás na cadeira.

Ele aponta para o teto.

— Vamos subir e sair.

— O quê?

Eu reprimo um grito, sentindo-me animada de verdade pela primeira vez.

— Mesmo?

— Sim.

Winston está recolocando os óculos.

— E parece que você vai ganhar sua introdução sobre o que fazemos aqui.

Ele acena com a cabeça para a frente da sala e eu vejo Kenji colocando uma mala enorme sobre a mesa.

— O que você quer dizer? — pergunto. — O que vamos fazer?

— Ah, você sabe — Winston encolhe os ombros; une as mãos atrás da cabeça. — Grandes roubos. Assalto à mão armada. Esse tipo de coisa.

Eu começo a rir quando Brendan me interrompe. Ele chega a pôr a mão sobre meu ombro e, por um momento, fico um pouco assustada. Imagino se ele está perdendo a cabeça.

— Ele não está brincando — Brendan me diz. — E espero que você saiba usar uma arma.

18

Parecemos mendigos.

O que significa que parecemos civis.

Saímos da sala de aula para o corredor e estamos usando roupas parecidas, esfarrapadas e cinzentas e rasgadas. Todos estão arrumando as roupas enquanto saímos; Winston tira os óculos de plástico e enfia-os no seu casaco antes de fechar o zíper. O colarinho chega até seu queixo e ele se aconchega no tecido. Lily, uma das garotas do grupo, envolve a boca com um cachecol grosso e puxa o capuz do casaco para a cabeça. Vejo Kenji colocar um par de luvas e ajeitar as calças cargo para esconder melhor a arma que está dentro delas.

Brendan se mexe atrás de mim.

Ele tira um gorro do bolso e coloca na cabeça, fechando o zíper do casaco até o pescoço. É surpreendente a maneira como a cor escura do gorro destaca o azul dos olhos dele e deixa-os ainda mais brilhantes, mais acentuados do que pareciam antes. Ele me lança um sorriso quando vê que o estou observando. Depois, joga para mim um par de luvas velhas, dois tamanhos acima do meu, antes de se curvar para apertar os cadarços das botas.

Tomo um fôlego curto.

Tento concentrar toda minha energia em onde estou, no que estou fazendo e no que estou prestes a fazer. Digo a mim mesma para não pensar em Adam, não pensar no que ele está fazendo ou em como está se recuperando ou o que deve estar sentindo neste momento. Imploro a mim mesma para não ficar pensando em meus últimos momentos com ele, na maneira como me tocou, como me abraçou, seus lábios e suas mãos e sua respiração rápida demais...

Não consigo.

Não posso deixar de pensar em como ele sempre tentou me proteger, como quase perdeu a vida no processo. Ele estava sempre me defendendo, sempre cuidando de mim, sem nunca perceber que era *eu*, era sempre *eu*, a maior ameaça. A mais perigosa. Ele tem uma opinião boa demais a meu respeito, coloca-me em um pedestal que nunca mereci. Ele provavelmente nunca pensaria que estou muito consciente de minhas habilidades agora. Que sei que poderia machucar qualquer pessoa se quisesse.

Eu sei disso agora.

Sei que poderia quebrar Castle no meio. Poderia esmagar a cabeça de Kenji em uma parede. Sei que poderia destruir a fundação desta Terra. ~~Sei que poderia obrigar as pessoas a fazerem coisas. Coisas ruins. Coisas dolorosas.~~ E isso não faz com que eu me sinta melhor. Não faz com que eu me sinta confiante e poderosa.

Faz com que eu sinta enjoo.

Porém, eu não preciso mesmo de proteção. Não preciso que ninguém se preocupe comigo ou tenha curiosidade a meu respeito ou arrisque-se a se apaixonar por mim. ~~Sou instável. Preciso ser evitada. Está certo as pessoas terem medo de mim.~~

~~Elas devem ter.~~

— Ei.

Kenji para atrás de mim e segura meu cotovelo.

— Está pronta?

Eu concordo com um aceno de cabeça. Ofereço a ele um pequeno sorriso.

As roupas que estou usando são emprestadas. O cartão pendurado em meu pescoço, escondido sob minha roupa, é novo em folha. Hoje, ganhei um cartão RR falso, um cartão de Registro

do Restabelecimento. É uma prova de que trabalho e moro nos aglomerados; prova de que estou registrada como cidadã em território regulado. Todo cidadão legal tem um. Eu nunca tive porque fui jogada em um manicômio; nunca foi necessário para alguém como eu. Na verdade, estou quase certa de que simplesmente esperavam que eu morresse lá. A identificação não era necessária.

Mas este cartão RR é especial.

Nem todo mundo do Ponto Ômega recebe um cartão falsificado. Parece que são extremamente difíceis de replicar. São retângulos finos feitos de um tipo raro de titânio, com gravação a laser de um código de barras e dos dados biográficos do portador contendo um dispositivo de rastreamento que monitora a localização do cidadão.

— Os cartões RR rastreiam tudo — Castle explicou. — São necessários para entrar nos aglomerados e sair deles, para entrar no local de trabalho da pessoa e sair dele. Os cidadãos são pagos em dólares REST, salários com base em um algoritmo complicado que calcula a dificuldade da profissão e o número de horas gastas no trabalho, para determinar quanto valem os esforços das pessoas. Essa moeda eletrônica é concedida em parcelas semanais e carregada automaticamente em um chip inserido nos cartões RR. Dólares REST podem ser trocados, em Centros de Suprimentos, por comida e necessidades básicas. Perder um cartão RR — ele disse — significa perder seu sustento, seus ganhos, seu status legal de cidadão registrado.

“Se você for parada por um soldado e ele pedir provas de identificação — Castle continuou —, você tem de apresentar o cartão RR. Se não o apresentar — ele acrescentou —, teremos... consequências muito desagradáveis. Cidadãos que andam por aí sem seus cartões são considerados uma ameaça para O Restabelecimento. São vistos como pessoas que desafiam a lei intencionalmente, figuras dignas de suspeita. Negar-se a cooperar de qualquer maneira, mesmo que isso signifique que você não quer ter todos os seus movimentos monitorados e rastreados, faz com que pareça solidário aos partidos rebeldes. E isso a torna uma

ameaça. Uma ameaça — ele disse — que O Restabelecimento não tem receio de eliminar.

— Assim — ele falou, respirando fundo —, você não pode, não vai, perder seu cartão RR. Nossos cartões falsificados não têm o dispositivo de rastreamento nem o chip necessário para monitorar dólares REST, pois não temos tecnologia nem necessidade deles. Mas! Isso não significa que eles não sejam valiosos como disfarce — ele avisou. — E, embora os cartões RR sejam parte de uma prisão perpétua para os cidadãos de território regulado, no Ponto Ômega são considerados um privilégio. E você vai tratá-lo como tal.

Um privilégio.

Entre as muitas coisas que fiquei sabendo na nossa reunião desta manhã, descobri que esses cartões são concedidos apenas para aqueles que participam de missões fora do Ponto Ômega. Todas as pessoas que estavam naquela sala hoje foram escolhidas a dedo como as melhores, mais fortes, mais confiáveis. Convidar-me para estar naquela sala foi uma ousadia da parte de Kenji. Percebo agora que foi sua maneira de dizer que confia em mim. Apesar de tudo, ele está dizendo a mim — e a todos — que sou bem-vinda aqui. O que explica por que Winston e Brendan ficaram tão à vontade para se abrirem comigo. Porque confiam no sistema do Ponto Ômega. E confiam em Kenji se ele diz que confia em mim.

Então, agora, sou um deles.

E no que se refere à minha primeira atividade oficial como membro?

Devo ser uma ladra.

19

Estamos subindo.

Castle deve se unir a nós a qualquer momento, para liderar o grupo até o exterior desta cidade subterrânea e ao mundo real. Será minha primeira oportunidade de ver o que aconteceu com nossa sociedade em quase três anos.

Eu tinha 14 anos quando fui arrastada de casa por matar uma criança inocente. Passei dois anos pulando de hospital para escritório de advogados para centro de detenção para ala psiquiátrica até finalmente decidirem me isolar para sempre. Enfiarem-me em um manicômio foi pior do que me mandarem para a prisão~~; mais inteligente, de acordo com meus pais~~. Se tivesse sido mandada para a prisão, os guardas teriam me tratado como um ser humano; em vez disso, passei o último ano de minha vida tratada como um animal raivoso, presa em um buraco escuro sem nenhuma ligação com o mundo exterior. A maioria das coisas que testemunhei em nosso planeta até agora foi através de uma janela ou correndo para salvar minha vida. E não sei bem o que esperar.

Mas quero ver.

Preciso ver.

Estou cansada de ser cega e estou cansada de confiar em minhas memórias do passado e pedaços do que consegui reunir sobre nosso presente.

Tudo o que sei de verdade é que O Restabelecimento é bastante conhecido há dez anos.

Sei disso porque eles começaram a campanha quando eu tinha sete anos. Nunca esquecerei o começo da nossa queda. Lembro-me dos dias em que a vida era ainda bastante normal, quando as pessoas estavam apenas meio que morrendo o tempo todo, quando

havia comida suficiente para aqueles com dinheiro suficiente para comprá-la. Isso foi antes de o câncer se tornar uma doença comum e o clima virar uma criatura turbulenta, nervosa. Lembro-me de como todos ficaram animados com O Restabelecimento. Lembro-me da esperança nos rostos dos meus professores e dos anúncios a que éramos forçados a assistir na metade do dia de aula. Lembro-me dessas coisas.

E, apenas quatro meses antes do meu eu de 14 anos cometer um crime imperdoável, O Restabelecimento foi eleito pelo povo do nosso mundo para nos guiar a um futuro melhor.

Esperança. Eles tinham tanta esperança. Meus pais, meus vizinhos, meus professores e colegas. Todos esperavam pelo melhor quando aplaudiram O Restabelecimento e prometeram apoio incansável.

A esperança pode levar as pessoas a fazerem coisas terríveis.

Lembro-me de ver protestos logo antes de eu ser levada. Lembro-me de ver as ruas lotadas de mobilizações nervosas que queriam “seu dinheiro de volta”. Lembro-me de como O Restabelecimento deixou os protestantes vermelhos de raiva da cabeça aos pés e disse a eles que deviam ter lido as letras miúdas antes de saírem de casa naquela manhã.

Não há devoluções.

Castle e Kenji estão permitindo minha presença nesta expedição porque estão tentando me dar as boas-vindas ao coração do Ponto Ômega. Querem que eu me junte a eles, aceite-os de verdade, entenda por que sua missão é tão importante. Castle quer que eu lute contra O Restabelecimento e o que ele planejou para o mundo. Os livros, os artefatos, o idioma e a história que ele planeja destruir; a vida simples, vazia, monocromática que quer forçar às próximas gerações. Castle quer que eu veja que a nossa Terra ainda não está tão estragada a ponto de ser irreparável; quer provar que nosso

futuro pode ser salvo, que a situação pode melhorar desde que o poder seja colocado nas mãos certas.

Ele quer que eu confie.

Eu *quero* confiar.

Porém, fico assustada às vezes. Na minha experiência muito limitada, já encontrei pessoas em busca de poder que não mereciam confiança. Pessoas com objetivos admiráveis e discursos elaborados e sorrisos fáceis não fizeram nada para acalmar meu coração. Homens com armas nunca me deixaram tranquila, não importa quantas vezes tenham jurado que matavam por uma boa razão.

Não deixei de perceber que as pessoas do Ponto Ômega estão muito bem armadas.

Porém, sou curiosa. Sou intensamente curiosa.

Assim, estou camuflada com roupas velhas e esfarrapadas e um grosso chapéu de lã que quase cobre meus olhos. Estou usando um casaco pesado que deve ter pertencido a um homem e minhas botas de couro estão quase escondidas pelas calças grandes demais, acumulando-se em torno dos meus tornozelos. Pareço uma civil. Uma civil pobre, torturada, lutando para encontrar comida para a família.

Uma porta faz barulho ao ser fechada e todos nos viramos. Castle sorri. Olha ao redor, para o nosso grupo.

Eu. Winston. Kenji. Brendan. A garota chamada Lily. Dez outras pessoas que ainda não conheço de verdade. Somos 16 no total, incluindo Castle. Um número par perfeito.

— Certo, pessoal — Castle diz, juntando as mãos.

Percebo que ele está usando luvas também. Todos estão. Hoje, sou apenas uma garota em um grupo usando roupas normais e luvas normais. Hoje, sou apenas um número. Ninguém importante. Apenas uma pessoa comum. Apenas por hoje.

É tão absurdo que sinto vontade de sorrir.

E, nesse momento, lembro-me de como quase matei Adam ontem e, de repente, não tenho certeza de como mexer meus lábios.

— Estamos prontos?

Castle olha ao redor.

— Não se esqueçam do que discutimos — ele diz.

Uma pausa. Um olhar cuidadoso. Contato visual com cada um de nós. Olhos em mim por um instante a mais.

— Certo, então. Sigam-me.

Ninguém fala enquanto seguimos Castle por estes corredores, e resta-me imaginar por um momento como seria fácil simplesmente desaparecer com estas roupas tão banais. Eu poderia fugir, misturar-me à paisagem e nunca mais ser encontrada.

~~Como uma covarde.~~

Estou buscando algo para dizer e quebrar o silêncio.

— Então, como chegaremos lá? — pergunto a qualquer um.

— Andando — Winston diz.

Nossos pés batem no chão como resposta.

— A maioria dos civis não tem carro — Kenji explica. — E com certeza não podemos ser pegos em um tanque. Se quisermos nos misturar, temos que fazer o que as pessoas fazem. E caminhar.

Não consigo acompanhar quais túneis dividem-se para quais direções conforme Castle nos guia para a saída. Estou cada vez mais consciente de como entendo pouco este lugar, como vi pouco dele. Embora, se eu for totalmente sincera, admita que não fiz muitos esforços para explorar nada.

Preciso fazer algo a respeito.

É apenas quando o terreno sob meus pés muda que eu percebo quão perto estamos chegando do exterior. Estamos andando para cima, por uma série de degraus de pedra empilhados no chão. Posso ver o que parece ser uma pequena porta quadrada de metal daqui. Ela tem um trinco.

Percebo que estou um pouco nervosa.

Ansiosa.

Ávida e com medo.

Hoje, verei o mundo como uma civil, verei tudo de perto pela primeira vez. Verei o que as pessoas dessa nova sociedade precisam suportar agora.

~~Verei o que meus pais devem estar vivendo, onde quer que estejam.~~

Castle para na porta, que parece pequena o bastante para ser uma janela. Vira-se para nos encarar.

— Quem são vocês? — ele pergunta.

Ninguém responde.

Castle endireita-se até assumir sua altura total. Cruza os braços.

— Lily — ele diz. — Nome. Identidade. Idade. Setor e ocupação. *Agora*.

Lily puxa o cachecol da boca. Ela parece um pouco robótica quando diz:

— Meu nome é Erica Fontaine, 1117-52QZ. Tenho 26 anos. Moro no Setor 45.

— Ocupação — Castle repete, um toque de impaciência invadindo sua voz.

— Tecidos. Fábrica 19A-XC2.

— Winston — Castle ordena.

— Meu nome é Keith Hunter, 4556-65DS — Winston diz. — Trinta e quatro anos, Setor 45. Trabalho com metais. Fábrica 15B-XC2.

Kenji não espera uma ordem ao dizer:

— Hiro Yamasaki, 8891-11DX. Vinte anos. Setor 45. Artilharia. 13A-XC2.

Castle balança a cabeça para cima e para baixo conforme todos se revezam para cuspir as informações gravadas nos seus cartões RR falsos. Ele sorri, satisfeito. Depois, foca os olhos em mim até todos me encararem, observarem, esperarem para ver se vou pisar na bola.

— Delia Dupont — digo, as palavras rolando dos meus lábios com mais facilidade do que esperava.

Não estamos planejando sermos parados, mas essa é uma precaução extra no caso de pedirem que nos identifiquemos; temos de saber as informações dos nossos cartões RR como se fossem as nossas. Kenji também disse que, embora os soldados que supervisionam os aglomerados sejam do Setor 45, sempre são diferentes dos guardas que ficam na base. Ele não acha que encontraremos alguém que nos reconheça.

Mas.

Só por garantia.

Limpo a garganta.

— Número de identidade 1223-99SX. Dezessete anos. Setor 45. Trabalho com metais. Fábrica 15A-XC2.

Castle me encara por apenas um segundo além do necessário.

Por fim, balança a cabeça. Olha para todos nós.

— E quais — ele diz, a voz grossa e clara e alta — são as três perguntas que devem fazer a si mesmos antes de falar?

Mais uma vez, nenhuma resposta. Embora não seja porque não sabemos a resposta.

Castle conta nos dedos.

— Primeira! *Isso precisa ser dito*? Segunda! *Isso precisa ser dito por mim*? E terceira! *Isso precisa ser dito por mim agora*?

Ainda assim, ninguém diz nada.

— Não falamos a menos que seja completamente necessário — Castle avisa. — Não rimos, não sorrimos. Não fazemos contato visual uns com os outros se pudermos evitar. Não agiremos como se nos conhecêssemos. Não devemos fazer nada para incentivar olhares extras na nossa direção. Não chamamos atenção para nós.

Uma pausa.

— Vocês entendem isso, certo? Está claro?

Fazemos que sim com a cabeça.

— E se algo der errado?

— Nós nos dispersamos — Kenji limpa a garganta. — Fugimos. Encontramos esconderijo. Pensamos apenas em nós mesmos. E nunca, nunca entregamos a localização do Ponto Ômega.

Parece que todos respiram fundo ao mesmo tempo.

Castle empurra a pequena porta para abri-la. Espia o lado de fora antes de fazer um gesto para que os sigamos, e nós vamos. Arrastamo-nos pela passagem, um a um, tão silenciosos quanto as palavras que não dizemos.

Não saio do subsolo há quase três semanas. Parecem três meses.

No momento em que meu rosto toca o ar, sinto o vento bater contra a pele de maneira familiar, reprovadora. É como se o vento estivesse me dando uma bronca por ficar longe tempo demais.

Estamos no meio de um campo devastado e congelado. O ar está gelado e cortante, folhas mortas dançam ao nosso redor. As poucas árvores ainda em pé balançam ao vento, seus galhos quebrados e solitários implorando por companhia. Olho para a esquerda. Olho para a direita. Olho bem para frente.

Não há nada.

Castle contou que esta área costumava ser coberta de uma vegetação densa e viçosa. Ele disse que quando começou a procurar o esconderijo para o Ponto Ômega esse terreno em particular era ideal. Mas isso foi há tanto tempo — há décadas — que, agora, tudo mudou. A própria natureza mudou. E é tarde demais para deslocar o esconderijo.

Assim, fazemos o que podemos.

Esta parte, ele disse, é a mais difícil. Aqui fora, somos vulneráveis. Fáceis de ver mesmo como civis porque estamos fora do lugar. Os civis não podem ficar fora dos aglomerados; eles não

saem dos terrenos regulamentados e considerados seguros de acordo com O Restabelecimento. Ser pego em qualquer lugar de uma área sem regulamento é considerado violação das leis estabelecidas pelo nosso novo pseudogoverno, e as consequências são severas.

Assim, temos de chegar aos aglomerados o mais rápido possível.

O plano é Kenji — cujo dom permite-lhe camuflar-se em qualquer cenário — andar na frente do grupo, ficando invisível enquanto verifica se os caminhos estão livres. O restante de nós fica para trás, com cuidado, quietos, em completo silêncio. Mantemos alguns metros de distância uns dos outros, prontos para correr, para nos salvar se necessário. É estranho, considerando a natureza unida da comunidade do Ponto Ômega, que Castle não nos incentive a permanecermos juntos. Porém, ele explicou, este é o melhor para a maioria. É um sacrifício. Um de nós tem de estar disposto a ser pego para que os outros escapem.

Sacrificar-se pelo grupo.

Nosso caminho está livre.

Estamos andando há pelo menos meia hora e ninguém parece estar vigiando este pedaço deserto de terra. Logo, os aglomerados ficam à vista. Blocos e blocos e blocos de caixas de metal, montes de cubos em pilhas pelo chão antigo, ofegante. Eu aperto o casaco mais perto do corpo enquanto o vento muda de lado apenas para cortar um filé de nossa carne humana.

Está frio demais para estar vivo hoje.

Estou usando o meu traje — que regula minha temperatura corporal — sob esta roupa e, ainda assim, estou congelando. Não consigo imaginar pelo que os outros devem estar passando agora. Arrisco olhar para Brendan e vejo que ele está fazendo o mesmo. Nossos olhos se encontram por menos de um segundo, mas eu poderia jurar que ele sorriu para mim, suas bochechas golpeadas

até ficarem rosadas e vermelhas por um vento ciumento de seus olhos inquietos.

Azuis. Tão azuis.

Um tom tão diferente, mais claro, quase transparente de azul, mas, ainda assim, muito, muito azul. Olhos azuis sempre me lembrarão de Adam, eu acho. E sinto um golpe de novo. Tão forte, bem no centro de todo o meu ser.

A dor.

— Rápido!

A voz de Kenji chega até nós pelo vento, mas seu corpo não está à vista. Não estamos nem a um metro e meio de colocar os pés no primeiro conjunto de aglomerados, mas, de alguma forma, fico congelada no lugar, sangue e gelo e garfos quebrados descendo pelas minhas costas.

— MEXAM-SE — a voz de Kenji grita de novo. — Aproximem-se dos aglomerados e mantenham os rostos cobertos. Soldados na posição de três horas.

Todos nós pulamos ao mesmo tempo, correndo para frente enquanto tentamos não chamar a atenção e, em pouco tempo, estamos escondidos atrás de uma unidade de moradia de metal; todos se abaixam, fingindo ser das muitas pessoas que pegam pedaços de aço e ferro das pilhas de lixo em todo o chão.

Os aglomerados ficam em um grande campo de resíduos. Lixo e plástico e pedaços de metal destroçado espalham-se como confete no chão de uma criança. Há uma fina camada de neve polvilhando tudo, como se a Terra estivesse fazendo uma fraca tentativa de cobrir suas partes feias um pouco antes de chegarmos. Mas este mundo é uma grande bagunça.

Olho para cima.

Olho por cima do ombro.

Olho ao redor de maneira que não deveria, mas não consigo evitar. Devo manter os olhos no chão como se morasse aqui, como se não houvesse nada de novo para ver, como se não suportasse levantar o rosto para ele ser golpeado pelo frio. Eu devia me enrolar em mim mesma, de ombros curvados como todos os outros estranhos tentando se aquecer. Porém, há muito para ver. Muito para observar. Muito a que nunca fui exposta antes.

Assim, ouso levantar a cabeça.

E o vento me agarra pela garganta.

20

Warner está a menos de seis metros de mim.

Seu terno foi feito especialmente para ele e ajusta-se bem ao seu corpo em um tom de preto tão forte que quase cega. Seus ombros estão envolvidos por um terno caban aberto, da cor de troncos com limo e florestas decíduas, cinco tons mais escuros do que seus olhos verdes, verdes; os botões dourados brilhantes são o complemento perfeito para seu cabelo dourado. Ele está usando uma gravata preta. Luvas de couro pretas. Botas pretas lustrosas.

Parece impecável.

Sem defeitos, em especial parado aqui em meio à sujeira e à destruição, cercado pelas cores mais tristes que esta paisagem tem a oferecer. Ele é uma visão de esmeralda e ônix e pinheiros pingando ouro, sua silhueta formada sob a luz do sol da maneira mais enganadora. Ele poderia estar brilhando. Aquela poderia ser uma auréola em volta da sua cabeça. Este poderia ser o jeito do mundo de dar um exemplo com base em ironia. Porque Warner é bonito de uma forma que nem mesmo Adam é.

Porque Warner não é humano.

Nada nele é normal.

Ele está olhando ao redor, com os olhos meio fechados contra a luz da manhã, e o vento abre seu longo casaco desabotoado para que eu tenha uma visão do seu braço sob ele. Enfaixado. Preso em uma tipoia.

Tão perto.

Eu estava tão perto.

Os soldados andando de lá para cá em volta dele estão esperando por ordens, esperando por alguma coisa, e não consigo desviar o olhar. Não consigo deixar de sentir uma agitação estranha por estar tão perto dele e, mesmo assim, tão distante. Parece quase uma vantagem: poder observá-lo sem ele saber.

Ele é um garoto estranho, estranho, perverso.

Não sei se posso esquecer o que ele fez comigo. O que ele me obrigou a fazer. Que eu cheguei tão perto de matar de novo. Vou odiá-lo para sempre por isso, mesmo tendo certeza de que terei de encará-lo de novo.

Um dia.

Nunca pensei que veria Warner nos aglomerados. Nem fazia ideia de que ele visitava os civis; embora, na verdade, nunca tenha sabido muito sobre como ele passava os dias a menos que os passasse comigo. Não faço ideia do que ele está fazendo aqui.

Ele, enfim, diz algo aos soldados e eles acenam com a cabeça, uma vez, rapidamente. Depois, desaparecem.

Eu finjo estar concentrada em algo bem à direita dele, tomando cuidado para manter a cabeça baixa e tombada um pouco para o lado, para que ele não consiga ver meu rosto mesmo se olhar na minha direção. Minha mão esquerda levanta-se para apertar meu chapéu por cima das minhas orelhas, e minha mão direita finge separar o lixo, finge pegar pedaços de sucata para serem recolhidos hoje.

É assim que algumas pessoas ganham seu sustento. Outra triste ocupação.

Warner passa a mão saudável pelo rosto, cobrindo os olhos por apenas um instante antes de parar sobre sua boca, apertando os lábios como se ele tivesse algo que não aguenta dizer.

Seus olhos parecem quase... preocupados. Embora tenha certeza de que apenas o estou analisando da maneira errada.

Eu o observo enquanto ele observa as pessoas ao seu redor. Presto atenção suficiente para conseguir perceber que seu olhar demora-se em crianças pequenas, na maneira como correm umas atrás das outras com um jeito inocente que diz que elas não têm ideia do tipo de mundo que perderam. Este lugar triste e escuro é tudo que já conheceram.

Tento ler a expressão de Warner enquanto as analisa, mas ele toma cuidado para se manter completamente neutro. Não demonstra nenhum traço de emoção. Ele não faz nada além de piscar enquanto fica perfeitamente parado, uma estátua ao vento.

Um cachorro de rua está andando na direção dele.

De repente, fico petrificada. Fico preocupada com essa criatura esfarrapada, esse animal fraco e congelado que provavelmente está buscando pequenos pedaços de comida, algo que o salve de morrer de fome nas próximas horas. Meu coração acelera no peito, o sangue pulsando muito rápido e muito forte e não sei por que sinto que algo terrível está prestes a acontecer.

O cão aproxima-se depressa bem da parte de trás das pernas de Warner, como se estivesse meio cego e não visse aonde vai. Está muito ofegante, a língua pendurada para o lado como se não soubesse como voltar para dentro. Choraminga e gane um pouco, babando por toda parte sobre as calças muito finas de Warner e eu estou prendendo a respiração enquanto o menino de ouro se vira. Quase espero que ele pegue a arma e atire bem na cabeça do cachorro.

Já o vi fazer o mesmo com um ser humano.

Porém, o rosto de Warner abre-se ao ver o pequeno cão, rachaduras formando-se na perfeição dos seus traços, a surpresa

erguendo suas sobrancelhas e arregalando os olhos por apenas um instante. Tempo suficiente para eu reparar.

Ele olha ao redor, os olhos atentos enquanto examina as redondezas antes de colocar o animal em seus braços e desaparecer depois de uma cerca baixa, uma das cercas baixas e compridas usadas para separar os quadrados de terra de cada aglomerado. De repente, fico desesperada para ver o que ele vai fazer e sinto-me ansiosa, muito ansiosa, ainda sem conseguir respirar.

Já vi o que Warner é capaz de fazer com uma pessoa. Já vi seu coração endurecido e seus olhos sem sentimentos e sua total indiferença, seu comportamento impassível e sereno, inalterado depois de matar um homem a sangue frio. Posso apenas imaginar o que ele planejou para um cão inocente.

Tenho de ver com meus próprios olhos.

Tenho de tirar o rosto dele da minha cabeça e esta situação é perfeita. É a prova de que ele é doente, perturbado, que ele está errado e sempre estará errado.

Eu queria poder levantar, poder vê-lo. Eu veria o que ele está fazendo com aquele pobre animal e, talvez, encontraria uma maneira de impedi-lo antes de ser tarde demais, mas ouço a voz de Castle, um sussurro alto chamando todos nós, dizendo que o caminho está livre para seguirmos em frente agora que Warner está fora de vista.

— Todos nós iremos. E iremos separados — ele diz. — Sigam o plano! Ninguém segue ninguém. Todos nós nos encontraremos no ponto de descarga. Se alguém não chegar, será deixado para trás. Vocês têm 30 minutos.

Kenji está puxando meu braço, dizendo-me para ficar em pé, concentrada, olhando na direção certa. Levanto o olhar tempo suficiente para ver que o restante do grupo já se dispersou; Kenji, no

entanto, recusa-se a sair do lugar. Ele fala um palavrão baixinho até eu finalmente ficar em pé. Digo a ele que entendo o plano e faço um gesto para que ele siga sem mim. Lembro-lhe de que não podemos ser vistos juntos. Não podemos andar em grupos ou duplas. Não podemos chamar a atenção.

Finalmente, finalmente, ele se vira para ir embora.

Vejo Kenji sair. Depois, dou alguns passos para frente, apenas para virar-me e correr de volta para o canto do aglomerado, deslizando minhas costas contra a parede, escondida.

Meus olhos examinam a área até que acho o lugar na cerca onde vi Warner pela última vez; fico nas pontas dos pés para espiar.

E tenho de cobrir a boca para conter um grito.

Warner está agachado no chão, dando comida ao cachorro com sua mão saudável. O corpo trêmulo e ossudo do animal está aconchegado dentro do casaco aberto de Warner, tremendo enquanto suas pernas eriçadas tentam encontrar calor depois de ficarem congeladas por tanto tempo. O cão balança o rabo com vigor, vai para trás para olhar nos olhos de Warner e, depois, mergulha no calor do casaco de novo. Ouço Warner rir.

Vejo-o sorrir.

É o tipo de sorriso que o transforma em uma pessoa completamente diferente, o tipo de sorriso que coloca estrelas em seus olhos e um brilho intenso em seus lábios, e percebo que nunca o vi assim antes. Nunca tinha visto seus dentes, tão retos, tão brancos, nada menos do que perfeitos. Um exterior perfeito, perfeito para um garoto com um coração preto, preto. É difícil acreditar que há sangue nas mãos da pessoa que estou observando. Ele parece suave e vulnerável... Tão humano. Os olhos estão meio fechados por causa do sorriso e as bochechas estão rosa com o frio.

Ele tem *covinhas*.

Ele é, sem dúvida, a coisa mais bonita que já vi.

E eu queria nunca tê-la visto.

Porque alguma coisa dentro do meu coração está se rasgando e parece medo, fere como o terror e tem gosto de pânico e ansiedade e eu não sei como entender a imagem à minha frente. Não quero ver Warner assim. Não quero pensar nele como nada além de um monstro.

Isso não está certo. Eu saio de lá muito rápido e para uma direção muito errada, de repente idiota demais para encontrar um apoio firme para os pés e odiando-me por gastar um tempo que eu poderia ter usado para escapar. Sei que Castle e Kenji estariam prontos para me matar por ter me arriscado tanto, mas eles não entendem o que passa pela minha cabeça agora, não entendem o que eu...

— Ei! — ele grita, bravo. — Você aí...

Levanto a cabeça sem querer, sem perceber que respondi à voz de Warner até já ser tarde demais. Ele está em pé, congelado no lugar, olhando diretamente para os meus olhos, com a mão saudável parada na metade de um movimento até que cai sem energia, seu queixo frouxo; pasmo, temporariamente entorpecido.

Vejo as palavras morrerem em sua garganta.

Estou paralisada, presa no olhar dele enquanto ele permanece ali, o peito arfando com força e os lábios prontos para formar as palavras que, com certeza, me sentenciarão à morte, tudo por causa da minha estúpida, idiota e sem noção...

— O que quer que você faça, não grite.

Alguém fecha a mão sobre minha boca.

20

Não me mexo.

— Vou soltá-la, combinado? Quero que pegue a minha mão.

Estendo a mão sem olhar para baixo e sinto nossas mãos com luvas se encaixarem. Kenji solta meu rosto.

— Você é tão *idiota* — ele me diz, mas ainda estou encarando Warner.

Warner agora está olhando ao redor como se tivesse acabado de ver um fantasma, piscando e esfregando os olhos como se estivesse confuso, olhando para o cachorro como se, talvez, o animal tivesse conseguido enfeitiçá-lo. Ele agarra firme seu cabelo loiro, desarranjando o estado perfeito dele e sai a passos largos tão rápidos que meus olhos não sabem como o seguir.

— Que diabos há de errado com você? — Kenji está me perguntando. — Está me ouvindo? Você é *louca*?

— O que você acabou de fazer? Por que ele... Ó, meu Deus — eu ofego, olhando para meu próprio corpo.

Estou completamente invisível.

— De nada — Kenji responde, bravo, arrastando-me para longe do aglomerado. — E baixe a voz. Estar invisível não significa que o mundo não pode ouvi-la.

— Você pode *fazer* isso?

Tento encontrar o rosto dele, mas poderia estar falando com o ar.

— É... Chama-se projeção, lembra? Castle ainda não explicou isso para você? — ele pergunta, ansioso para passar depressa pela

explicação e poder voltar a gritar comigo. — Nem todo mundo consegue fazer... Nem todas as habilidades são iguais... Mas, talvez, se você parar de ser *estúpida* por tempo suficiente para não *morrer*, possa ensinar a você um dia.

— Você voltou por mim — digo a ele, esforçando-me para acompanhar seu passo ágil e nem um pouco ofendida com a raiva dele. — Por que voltou por mim?

— Porque você é *estúpida* — ele diz de novo.

— Eu sei. Desculpe. Não pude evitar.

— Bem, evite — ele diz, com a voz rude enquanto me puxa pelo braço. — Teremos de correr para recuperar todo o tempo que você acabou de desperdiçar.

— Por que você voltou, Kenji? — pergunto de novo, sem desistir. — Como sabia que eu ainda estava ali?

— Eu a estava observando — ele explica.

— O quê? O que você...

— Eu observo você — ele diz, as palavras cuspidas de novo, impacientes. — É parte do meu trabalho. É o que tenho feito desde o primeiro dia. Eu entrei no exército de Warner por sua causa, só sua. Foi por isso que Castle me mandou para lá. Você era a minha tarefa — a voz dele está fragmentada, rápida, sem sentimentos. — Eu já lhe disse isso.

— Espere. O que você quer dizer com “me observar”?

Eu hesito, puxando o braço invisível dele para diminuir um pouco sua velocidade.

— Você me segue por toda parte? Até mesmo agora? Até mesmo no Ponto Ômega?

Ele não responde logo em seguida. Quando responde, suas palavras são relutantes.

— Mais ou menos.

— Mas por quê? Estou aqui. Seu trabalho está feito, não está?

— Já tivemos essa conversa — ele diz. — Lembra? Castle queria que eu garantisse que você estava bem. Ele me disse para ficar de olho em você... Nada sério... Apenas, você sabe, garantir que você não está tendo surtos psicóticos e tal.

Eu o ouço suspirar.

— Você passou por muita coisa. Ele está um pouco preocupado com você. Principalmente agora... Depois do que acabou de acontecer. Você não parece bem. Você parece querer se jogar na frente de um tanque.

— Eu nunca faria algo assim — eu afirmo~~, e penso se estou dizendo a verdade~~.

— É — ele diz. — Tudo bem. Que seja. Estou apenas apontando o óbvio. Você só funciona em dois cenários: ou está de cara feia ou está se agarrando com o Adam... E, devo dizer, eu meio que prefiro a cara feia...

— Kenji!

Eu quase puxo a mão da mão dele. Ele aperta mais em volta dos meus dedos.

— Não largue de mim — ele briga comigo de novo. — Não pode largar ou a conexão será quebrada.

Kenji está me arrastando pelo meio de uma clareira. Estamos bastante longe dos aglomerados agora e não seremos ouvidos, mas ainda estamos muito longe do ponto de descarga para nos

considerarmos a salvo já. Por sorte, a neve não está pegajosa o suficiente para deixarmos rastros.

— Não acredito que você nos espionou!

— Eu não os estava *espionando*, certo? Maldição. Acalme-se. Que inferno, vocês dois precisam se acalmar. Adam já estava me atormentando por causa disso...

— O quê?

Senti que as peças desse quebra-cabeça estavam enfim começando a se encaixar.

— Foi por isso que ele foi grosseiro com você no café da manhã na semana passada?

Kenji diminui um pouco o ritmo. Ele respira fundo e demoradamente.

— Ele pensou que eu estivesse, tipo, tirando *vantagem* da situação.

Ele diz *vantagem* como se fosse uma palavra estranha e suja.

— Ele acha que eu fico invisível apenas para vê-los nus ou algo assim. Olhe... Eu nem sei, certo? Ele foi um idiota com isso. Estou apenas fazendo meu trabalho.

— Mas... Você não estava fazendo isso, estava? Você não estava tentando me ver nua ou algo assim?

Kenji bufa, engole a risada.

— Olhe, Juliette — ele diz, com outra risada. — Eu não sou cego, ok? Em um nível puramente físico? Sim, você é bem sexy... E esse traje que tem de usar o tempo todo não é nada mau. Porém, mesmo se você não tivesse a história do “vou matá-lo se tocar em você”, você não é *mesmo* meu tipo. E, o que é mais importante, não sou

um canalha pervertido — ele declara. — Levo meu trabalho a sério. Faço coisas de verdade neste mundo e gosto de pensar que as pessoas me respeitam por isso. Mas o seu garoto, Adam, está muito cego de desejo para pensar direito. Talvez você deva fazer algo a respeito.

Eu baixo os olhos. Não digo nada por um instante. Depois:

— Acho que você não terá mais de se preocupar com isso.

— Ah, merda — Kenji suspira, como se não pudesse acreditar que ficou preso ouvindo problemas sobre minha vida amorosa. — Caí direitinho nessa, né?

— Podemos ir, Kenji. Não precisamos falar sobre isso.

Uma respiração irritada.

— Não é que não me importe com o que você está vivendo — ele diz. — Não é que quisesse vê-la deprimida e tal. É apenas que esta vida já é bagunçada o bastante — ele continua, com a voz controlada, tensa. — Estou cansado de vê-la presa no seu próprio mundinho o tempo todo. Você age como se tudo isso, tudo o que fazemos, fosse uma piada. Você não leva nada a sério...

— O quê? — eu o interrompo. — Não é verdade... Eu levo a sério...

— *Bobagem*.

Ele solta uma risada curta, aguda e irritada.

— Tudo o que faz é ficar sentada e pensar em seus *sentimentos*. Você tem *problemas*. Ó, coitadinha — ele diz. — Seus pais a odeiam e é muito difícil, e você tem que usar luvas pelo restante da vida porque mata as pessoas ao tocá-las. Quem *se importa*?

Ele está respirando alto o suficiente para que eu escute.

— Até onde eu vejo, você tem comida no estômago e roupas no corpo e um lugar para fazer xixi em paz quando der vontade. Não são problemas. Isso é viver como um rei. E eu gostaria muito se você crescesse e parasse de andar por aí como se o mundo tivesse cagado no seu único rolo de papel higiênico. Porque é idiota — ele completa, mas controlando o humor. — É idiota e ingrato. Você não faz ideia do que todo o restante do mundo está vivendo agora. Você não faz ideia, Juliette. E não parece ligar nem um pouco também.

Eu engulo em seco, com força.

— Agora, estou *tentando* — ele continua — dar a você uma chance de consertar a situação. Estou sempre tentando lhe dar oportunidades de fazer tudo diferente. De ver além da garotinha triste, a garotinha triste à qual fica agarrada, e defender a si mesma. Pare de chorar. Pare de sentar no escuro contando todos os seus sentimentos e sobre sua tristeza e solidão. Acorde — ele fala. — Você não é a única pessoa do mundo que não quer sair da cama pela manhã. Não é a única com problemas com o papai e um DNA gravemente estragado. Você pode ser o que quiser. Não está mais com os cretinos dos seus pais. Não está mais naquela merda de manicômio e não está mais presa com Warner e sua merda de experimento. Assim, faça uma escolha — ele me aconselha. — Faça uma escolha e pare de desperdiçar o tempo de todo mundo. Pare de desperdiçar o seu tempo. Combinado?

A vergonha está se acumulando em cada centímetro do meu corpo.

O calor subiu queimando pelo meu corpo até o centro do meu ser, chamuscando-me de dentro para fora. Estou tão horrorizada, tão apavorada por ouvir a verdade nas palavras dele.

— Vamos — ele me chama, mas sua voz está apenas um pouquinho mais gentil. — Temos de correr.

E eu concordo balançando a cabeça, embora ele não possa me ver.

Balanço e balanço e balanço e estou muito feliz por ninguém conseguir ver meu rosto neste momento.

22

— Pare de jogar caixas em mim, seu babaca. Esse é o meu trabalho.

Winston ri e agarra um pacote bem embrulhado em celofane apenas para atirá-lo na cabeça de outro rapaz. O rapaz está bem perto de mim.

Eu me abaixo.

O outro rapaz resmunga ao pegar o pacote e, depois, ri ao oferecer a Winston uma excelente vista do seu dedo médio.

— Mantenha a classe, Sanchez — Winston diz ao jogar outro pacote para ele.

Sanchez. Seu nome é Ian Sanchez. Fiquei sabendo disso há alguns minutos, quando ele e eu e mais alguns fomos agrupados para formar uma linha de montagem.

Estamos agora em um dos aglomerados de armazenamento oficiais do Restabelecimento.

Kenji e eu conseguimos alcançar os outros bem a tempo. Todos nos reunimos no ponto de descarga (que acabou se revelando pouco mais do que uma vala) e, depois, Kenji me lançou um olhar penetrante, apontou para mim, sorriu e deixou-me com o restante do grupo enquanto ele e Castle conversavam sobre a próxima parte da nossa missão.

Que era entrar no aglomerado de armazenamento.

A ironia, no entanto, é que viajamos pela superfície à busca de suprimentos apenas para termos de voltar ao subsolo para pegá-los. Os aglomerados de armazenamento são, para todos os fins, invisíveis.

São celeiros subterrâneos cheios de todas as coisas imagináveis: alimentos, remédios, armas. Todas as coisas necessárias para sobreviver. Castle explicou tudo na nossa manhã de orientação. Ele disse que, embora manter suprimentos no subsolo seja um método inteligente de escondê-los de civis, isso, na verdade, funcionou a nosso favor. Castle disse que ele pode sentir — e movimentar — objetos a uma grande distância, mesmo se essa distância for de sete metros abaixo da terra. Ele disse que, quando se aproxima de um dos armazéns, pode sentir a diferença imediatamente, porque pode reconhecer a energia de cada objeto. Isso, ele explicou, é o que permite que ele mova as coisas com a mente: ele é capaz de tocar na energia inerente a tudo. Castle e Kenji conseguiram rastrear cinco aglomerados a 32 quilômetros do Ponto Ômega apenas andando pela área; Castle sentindo, Kenji projetando para deixá-los invisíveis. Localizaram mais cinco a 80 quilômetros.

Os aglomerados de armazenamento que acessam estão em uma rotação. Nunca pegam as mesmas coisas e nunca na mesma quantidade, e pegam do maior número possível de lugares diferentes. Quanto mais longe o aglomerado, mais complicada a missão. Este aglomerado em especial é o mais próximo e, assim, a missão é, relativamente, a mais fácil. Isso explica por que permitiram que eu viesse.

Todo o trabalho chato já tinha sido feito.

Brendan já sabe como confundir o sistema elétrico para desativar todos os sensores e as câmeras de segurança; Kenji consegue a senha de entrada simplesmente seguindo um soldado que apertou os números certos. Tudo isso nos dá uma janela de 30 minutos para trabalhar o mais rápido possível e levar tudo de que precisamos para o ponto de descarga, onde passaremos a maior parte do dia esperando para colocar os suprimentos roubados em veículos que os carregarão para longe.

O sistema que eles usam é fascinante.

Há seis vans no total, cada uma um pouquinho diferente das outras, e todas programadas para chegar em momentos diferentes. Dessa maneira, há menos chances de todas serem pegas e há uma possibilidade maior de que pelo menos uma das vans volte ao Ponto Ômega sem problemas. Castle traçou, ao que parece, cem planos de segurança em caso de perigo.

Sou a única aqui, no entanto, que parece ao menos um pouco nervosa com o que estamos fazendo. Na verdade, com exceção de mim e mais três pessoas, todos já visitaram este aglomerado em especial várias vezes e, assim, estão andando por aqui como em um território familiar. Todos são cuidadosos e eficientes, mas sentem-se confortáveis o bastante para rir e brincar também. Sabem exatamente o que estão fazendo. Quando entramos, eles se dividiram em dois grupos: uma equipe formou a linha de montagem e a outra recolheu os itens de que precisávamos.

Outras pessoas têm tarefas mais importantes.

Lily tem uma memória fotográfica que deixa as fotografias no chinelo. Ela entrou antes de nós e imediatamente escaneou o local, reunindo e catalogando cada detalhe. Ela vai garantir que não deixemos nada para trás ao sairmos e que, além das coisas que pegamos, nada fique faltando ou esteja fora do lugar. Brendan é o nosso gerador de *backup*. Ele conseguiu desligar a energia do sistema de segurança e ainda iluminar as dimensões escuras deste local. Winston está supervisionando os dois grupos, agindo como mediador entre os entregadores e os receptores, garantindo que estamos pegando os itens certos e nas quantidades certas. Suas pernas e seus braços têm a habilidade de se esticarem como ele quiser, o que lhe permite alcançar os dois lados do salão com rapidez e facilidade.

Castle é quem leva nossos suprimentos para fora. Ele fica no final da linha de montagem, em constante contato com Kenji por um rádio. Desde que a área esteja segura, Castle precisa apenas usar uma mão para direcionar as centenas de quilos de suprimentos que juntamos até o ponto de descarga.

Kenji, é claro, está de guarda.

Se não fosse por Kenji, o restante da missão não seria nem possível. Ele é nossos olhos e ouvidos invisíveis. Sem ele, não teríamos como ficar tão seguros, tão certos de que estamos a salvo em uma missão tão perigosa.

Não pela primeira vez hoje, começo a perceber por que ele é tão importante.

— Ei, Winston, pode pedir para alguém ver se tem chocolate aqui? — Emory, outro rapaz da minha linha de montagem, está sorrindo para Winston como se esperasse boas notícias.

Mas Emory está sempre sorrindo. Só o conheço há algumas horas, mas ele está sorrindo desde as seis da manhã, quando todos nós nos encontramos na sala de orientação. Ele é superalto, super-robusto e tem um penteado afro supergigante que, de alguma maneira, consegue cair nos olhos dele muitas vezes. Ele está levando caixas pela linha de montagem como se estivessem cheias de algodão.

Winston está balançando a cabeça, tentando não rir enquanto passa o pedido adiante.

— Sério?

Ele lança um olhar para Emory, ao mesmo tempo que empurra os óculos de plástico para cima no nariz.

— De todas as coisas que temos aqui, você quer *chocolate*?

O sorriso de Emory desaparece.

— Cala a boca, cara, você sabe que minha mãe ama essa coisa.

— Você diz isso toda vez.

— Porque é verdade toda vez.

Winston diz alguma coisa a alguém sobre pegar mais uma caixa de sabonete antes de se virar de novo para Emory.

— Não sei, mas acho que nunca vi sua mãe comer um pedaço de chocolate antes.

Emory diz a Winston para fazer algo muito inadequado com seus braços e pernas de flexibilidade sobrenatural, e eu olho para baixo, para uma caixa que Ian acabou de me passar, parando e examinando o pacote com atenção antes de passá-lo adiante.

— Ei, você sabe por que todos estes estão carimbados com as letras *N R M*?

Ian se vira. Pasmo. Olha para mim como se eu tivesse acabado de pedir a ele que tirasse as roupas.

— Ora, que surpresa — ele diz. — Ela fala.

— É claro que eu falo — respondo, sem interesse em dizer mais nada.

Ian passa outra caixa para mim. Encolhe os ombros.

— Bem, agora eu sei.

— Agora você sabe.

— O mistério foi resolvido.

— Você achava mesmo que eu não falava? — pergunto, depois de um instante. — Tipo, você achou que eu fosse muda?

Pergunto-me que outras coisas estão falando de mim por aqui.

Ian olha para mim por cima do ombro, sorri como se tentasse não rir. Balança a cabeça e não responde.

— O carimbo — ele diz — é apenas controle. Eles carimbam tudo para poderem rastrear. Não é nada de importante.

— Mas o que significa NRM? Quem está carimbando?

— NRM — ele diz, repetindo as três letras como se eu tivesse de reconhecê-las. — Nações Restabelecidas do Mundo. Tudo é global agora, você sabe. Todos comercializam mercadorias. E isso — ele continua — é algo que ninguém sabe de verdade. É outro motivo pelo qual O Restabelecimento todo é uma montanha de merda. Ele monopolizou os recursos do planeta todo e está pegando tudo para si.

Lembro-me de algo assim. Lembro-me de falar com Adam sobre isso quando ele e eu estávamos presos no manicômio. ~~Na época em que eu sabia como era tocá-lo. Estar com ele. Machucá-lo.~~ O Restabelecimento sempre foi um movimento global. Eu apenas não percebi que tinha um nome.

— Certo — digo a Ian, de repente distraída com todos os pensamentos na minha cabeça nos quais não quero pensar. — É claro.

Ian para ao me passar outro pacote.

— Então, é verdade? — ele pergunta, examinando meu rosto. — Que você realmente não faz ideia do que aconteceu com o mundo?

— Sei algumas coisas — eu respondo, ofendida. — Só não sei os detalhes.

— Bem — Ian começa —, se ainda se lembrar de como se fala quando voltarmos ao Ponto Ômega, talvez possa almoçar conosco um dia. Podemos contar tudo.

— Mesmo?

Eu me viro para olhá-lo.

— É, menina.

Ele ri e joga outra caixa para mim.

— É sério. Nós não mordemos.

23

Às vezes, fico pensando na cola.

Ninguém nunca para e pergunta à cola como ela está aguentando. Se está cansada de manter as coisas juntas ou com medo de ficar aos pedaços ou como vai pagar as contas do próximo mês.

Kenji é meio assim.

Ele é como a cola. Ele trabalha nos bastidores para manter tudo junto e nunca parei para pensar qual deve ser sua história. Por que ele se esconde atrás das piadas e do cinismo e dos comentários sarcásticos.

Porém, ele estava certo. Tudo o que disse para mim estava certo.

O dia de ontem foi uma boa ideia. Eu precisava me afastar, sair, ser produtiva. E, agora, preciso seguir o conselho de Kenji e parar de pensar em mim mesma. Preciso organizar meus pensamentos. Preciso focar minhas prioridades. Preciso descobrir o que estou fazendo aqui e como posso ajudar. E, se eu me importo de verdade com Adam, tentarei ficar fora da vida dele.

Parte de mim deseja poder vê-lo; quero me certificar de que ele vai mesmo ficar bem, de que está se recuperando bem e comendo o suficiente e conseguindo dormir à noite. Porém, outra parte de mim tem medo de vê-lo agora. Porque ver Adam significa dizer adeus. Significa reconhecer de verdade que não posso mais ficar com ele e saber que preciso encontrar uma nova vida para mim. Sozinha.

No entanto, pelo menos no Ponto Ômega terei opções. E, talvez, se eu encontrar uma maneira de deixar de ter medo, possa descobrir como fazer amigos. Como ser forte. Como parar de ficar me afundando nos meus problemas.

Tudo tem de ser diferente agora.

Pego minha comida e consigo erguer a cabeça; faço um aceno para os rostos que reconheço de ontem. Nem todo mundo sabe que eu participei da saída — os convites para missões fora do Ponto Ômega são exclusivos —, mas as pessoas, em geral, parecem estar um pouco menos tensas perto de mim. Eu acho.

Posso estar imaginando.

Tento encontrar um lugar para me sentar, mas vejo Kenji acenando para mim. Brendan, Winston e Emory e estão sentados à mesa dele. Sinto um sorriso puxar meus lábios conforme me aproximo deles.

Brendan desliza no banco para abrir espaço para mim. Winston e Emory acenam com a cabeça enquanto jogam comida na boca. Kenji me lança um meio sorriso, os olhos rindo da minha surpresa por ser bem-vinda nesta mesa.

Estou me sentindo bem. Como se, talvez, tudo fosse ficar bem.

— Juliette?

E, de repente, vou tombar.

Viro-me bem, bem devagar, meio convencida de que a voz que estou ouvindo pertence a um fantasma, porque não há chance de Adam ter sido liberado da ala médica tão cedo. Eu não estava esperando ter de vê-lo tão cedo. Não pensei que teríamos de ter esta conversa tão cedo. Não aqui. Não no meio da sala de jantar.

Não estou preparada. Não estou *preparada*.

A aparência de Adam está terrível. Ele está pálido. Sem equilíbrio. As mãos estão enfiadas nos bolsos e os lábios estão contraídos e os olhos estão cansados, torturados, poços profundos e sem-fim. O

cabelo está bagunçado. A camiseta está esticada pelo peito, seus antebraços estão tatuados mais destacados do que nunca.

Não quero nada mais do que mergulhar em seus braços.

Em vez disso, estou sentada aqui, lembrando a mim mesma de respirar.

— Posso conversar com você? — ele pergunta, parecendo estar com um pouco de medo de ouvir minha resposta. — A sós?

Faço que sim com a cabeça, ainda incapaz de falar. Abandono minha comida sem olhar para Kenji ou Winston ou Brendan ou Emory e, assim, não faço ideia do que devem estar pensando agora. Nem me importa.

Adam.

Adam está aqui e está na minha frente e quer falar comigo e tenho de lhe dizer coisas que, com certeza, serão a minha morte.

Porém, eu o sigo porta afora de qualquer maneira. Para o hall. Descendo um corredor escuro.

Por fim, paramos.

Adam olha para mim como se soubesse o que vou dizer e, assim, nem me preocupo em falar. Não quero dizer nada a menos que seja totalmente necessário. Prefiro ficar parada aqui apenas e olhá-lo, beber sem vergonha a visão dele uma última vez sem ter de dizer uma palavra. Sem ter de dizer nada.

Ele engole em seco, com dificuldade. Olha para cima. Desvia o olhar. Sopra o ar e esfrega a nuca, une as mãos atrás da cabeça e vira para o outro lado, e eu não consigo ver seu rosto. Mas o esforço faz a camiseta dele subir pelo seu torso e eu tenho mesmo de fechar os dedos para não tocar o pedacinho de pele exposta na parte baixa do seu abdômen, na parte baixa das costas.

Ele ainda está olhando para o outro lado quando diz:

— Eu preciso muito, muito que você diga alguma coisa.

E o som da sua voz — tão infeliz, tão agonizante — faz com que eu queira cair de joelhos.

Ainda assim, eu não falo.

E ele se vira.

Olha para mim.

— Tem de haver alguma coisa — ele diz, com as mãos no cabelo agora, agarrando a cabeça. — Algum tipo de meio-termo... Algo que eu possa dizer para convencê-la a fazer isto dar certo. Diga-me que há *alguma coisa*.

E eu estou muito assustada. Tão assustada que vou começar a soluçar na frente dele.

— Por favor — ele pede e parece pronto a desmontar, como se estivesse acabado, como se estivesse prestes a cair aos pedaços e diz: — Diga alguma coisa, eu imploro...

Eu mordo meu lábio trêmulo.

Ele congela no lugar, observando-me, esperando.

— Adam.

Eu respiro, tentando manter a voz estável.

— Eu sempre, s-sempre vou amá-lo...

— Não — ele diz —, não, não diga isso... Não diga isso.

E estou balançando a cabeça, balançando rápido e com força, tanta força que estou ficando tonta, mas não consigo parar. Não

consigo dizer outra palavra a menos que queira começar a gritar e não consigo olhar para o rosto dele, não aguento ver o que estou fazendo com ele.

— Não, Juliette... *Juliette*...

Estou andando para trás, cambaleando, tropeçando em meus próprios pés conforme estendo a mão procurando cegamente pela parede quando sinto os braços dele em volta de mim. Tento me afastar, mas ele é muito forte, está me segurando muito perto de si e sua voz está engasgada quando diz:

— Foi culpa minha... Isto é culpa minha... Eu não devia tê-la beijado... Você tentou me dizer, mas eu não ouvi e eu sinto... Eu sinto muito — ele diz, ofegando com as palavras. — Eu devia tê-la escutado. Eu não estava forte o suficiente. Mas será diferente desta vez, eu juro — ele garante, enterrando o rosto no meu ombro. — Nunca me perdoarei por isso. Você estava disposta a tentar e eu estraguei tudo e sinto muito, sinto muito mesmo...

Desmoronei por dentro, total e oficialmente.

Eu me odeio pelo que aconteceu, eu me odeio pelo que tenho de fazer, odeio não poder eliminar esta dor, não poder dizer a ele que podemos tentar, que será difícil, mas daremos um jeito mesmo assim. Porque não é um relacionamento normal. Porque nossos problemas não podem ser solucionados.

Porque minha pele nunca mudará.

Todo o treinamento do mundo não removerá a possibilidade muito real de que eu poderia machucá-lo. Matá-lo, se nos empolgássemos. Eu sempre serei uma ameaça para ele. Em especial durante os momentos mais ternos, os momentos mais importantes e vulneráveis. Os momentos que mais quero. São essas coisas que nunca poderei ter com ele, e ele merece muito mais do que eu, do que esta pessoa torturada com tão pouco a oferecer.

No entanto, prefiro ficar aqui e sentir seus braços em volta do meu corpo a dizer uma única frase. Porque sou fraca, sou muito fraca e o desejo tanto que isso está me matando. Não consigo parar de tremer, não consigo enxergar com clareza, não consigo enxergar através da cortina de lágrimas que obscurecem minha visão.

E ele não vai me soltar.

Fica sussurrando “por favor” e eu quero morrer.

Porém, acho que, se eu ficar aqui mais um pouco, vou mesmo ficar louca.

Assim, levanto uma mão trêmula até o peito dele e sinto-o ficar duro, afastar-se, e não ouso olhar em seus olhos, não aguento ver sua expressão esperançosa, mesmo que apenas por um segundo.

Tiro vantagem de sua surpresa momentânea e braços relaxados para escapar, sair do abrigo do calor dele, para longe dos batimentos do seu coração. E ergo a mão para impedi-lo de me pegar de novo.

— Adam — eu sussurro. — Por favor, não. Não posso... Não p-posso...

— Nunca houve outra pessoa — ele diz, sem se preocupar mais em manter a voz baixa, sem se importar se suas palavras ecoam por estes túneis.

Sua mão está tremendo quando ele cobre a boca, quando a arrasta pelo rosto e pelo cabelo.

— Nunca haverá outra pessoa... Nunca vou querer outra pessoa...

— Pare... Você precisa parar...

Não consigo respirar não consigo respirar não consigo *respirar.*

— Você não quer isto... Você não quer ficar com alguém como eu... Alguém que vai apenas acabar por machucá-lo...

— *Maldição*, Juliette.

E ele se vira para bater a palma da mão contra a parede, o peito arfando, a cabeça baixa, a voz falha, aparecendo sílaba sim, sílaba não.

— Você está me machucando *agora* — ele diz. — Está me *matando...*

— Adam...

— Não fuja — ele pede, com a voz tensa, os olhos fechados e contraídos como se já soubesse que vou fugir; como se não aguentasse ver isso acontecer. — Por favor — ele sussurra, atormentado. — Não fuja disto.

— E-eu queria — eu falo, tremendo com violência agora —, eu queria não precisar fugir. Eu queria conseguir amá-lo menos.

E eu o ouço me chamar conforme eu corro pelo corredor. Ouço-o gritar meu nome, mas estou correndo, fugindo, passando pela multidão reunida do lado de fora da sala de jantar, observando, ouvindo tudo. Estou correndo para me esconder, mesmo sabendo que será impossível.

Terei de vê-lo todo santo dia.

Querendo-o a milhões de quilômetros de distância.

E lembro-me das palavras de Kenji, sua exigência de que eu acordasse e parasse de chorar e mudasse, e percebo que cumprir minhas novas promessas pode demorar um pouco mais do que eu esperava.

Porque não consigo pensar em nada que eu prefira fazer agora do que encontrar um canto escuro e chorar.

24

Kenji me encontra primeiro.

Ele está parado no meio da sala de treinamento. Olhando ao redor como se nunca tivesse visto este lugar antes, embora eu tenha certeza de que não possa ser. Ainda não sei exatamente o que ele faz, mas pelo menos ficou claro para mim que Kenji é uma das pessoas mais importantes do Ponto Ômega. Ele está sempre fazendo coisas. Sempre ocupado. Ninguém — exceto eu, e apenas recentemente — o vê mais de alguns instantes por vez.

É quase como se ele passasse a maioria dos dias... invisível.

— Então — ele diz, balançando a cabeça lentamente para cima e para baixo, demorando-se para andar pela sala com as mãos unidas atrás das costas. — Aquele foi um baita de um show. É o tipo de entretenimento que nunca temos no subsolo.

Mortificação.

Estou enrolada nela. Pintada nela. Enterrada nela.

— Quero dizer, tenho de comentar... a última frase? “Eu queria conseguir amá-lo menos”? Foi genial. Muito, muito bom. Acho que Winston chegou a derramar uma lágrima...

— CALE A BOCA, KENJI.

— Falo sério! — ele me diz, ofendido. — Aquilo foi, não sei. Foi meio bonito. Eu não fazia ideia de que o relacionamento de vocês era tão intenso.

Eu puxo os joelhos até o peito, entoco-me ainda mais no canto da sala, enterro o rosto nos braços.

— Sem querer ofender, mas realmente não quero c-conversar com você agora, tudo bem?

— Não. Não está tudo bem — ele responde. — Você e eu, nós temos trabalho a fazer.

— Não.

— Ora, vamos — ele diz. — Fique. Em. *Pé*.

Ele agarra meu cotovelo, fazendo-me levantar enquanto tento bater nele.

Limpo nervosa minhas bochechas, esfrego as manchas que minhas lágrimas vão deixando.

— Não estou com humor para as suas piadas, Kenji. Por favor, apenas vá embora. Deixe-me em paz.

— Ninguém — ele diz — está brincando.

Kenji pega um dos tijolos empilhados contra a parede.

— E o mundo não vai parar de travar uma guerra contra si mesmo só porque você terminou o namoro.

Eu o encaro, com os punhos tremendo, querendo gritar.

Ele não parece preocupado.

— Então, o que você faz aqui? — ele pergunta. — Fica sentada tentando... o quê?

Ele pesa o tijolo na mão.

— Quebrar estas coisas?

Eu desisto, derrotada. Dobro-me sobre o chão.

— Não sei — eu respondo.

Com uma fungada, engulo as últimas lágrimas. Tento limpar o nariz.

— Castle fica dizendo para eu me “concentrar” e “controlar minha Energia”.

Eu uso “aspas flutuantes” para ilustrar o que digo.

— Mas tudo o que sei sobre mim mesma é que *consigo* quebrar coisas... Não sei por que isso acontece. Por isso, não sei como ele espera que eu repita o que já fiz. Eu não tinha noção do que estava fazendo naquele momento e não sei o que estou fazendo agora também. Nada mudou.

— Espere — Kenji diz, devolvendo o tijolo à pilha antes de cair sobre as esteiras à minha frente.

Ele se esparrama no chão, com o corpo esticado, os braços dobrados atrás da cabeça enquanto encara o teto.

— Do que estamos falando mesmo? Que eventos você deveria repetir?

Eu deito nas esteiras também; imito a posição de Kenji. Nossas cabeças estão apenas a alguns centímetros de distância.

— Lembra? O concreto que quebrei na sala psicótica de Warner. A porta de metal que ataquei quando estava procurando por A-Adam — minha voz falha e tenho de fechar os olhos, contraídos, para acalmar a dor.

~~Não consigo nem dizer o nome dele agora.~~

Kenji resmunga. Sinto que ele está concordando e balançando a cabeça sobre as esteiras.

— Certo. Bem, o que Castle me disse é que ele acha que você tem mais habilidades além do toque. Que, talvez, você também tenha uma estranha força sobre-humana ou algo assim.

Uma pausa.

— Parece possível para você?

— Acho que sim.

— E o que aconteceu? — ele pergunta, tombando a cabeça para trás, para me olhar bem. — Quando você virou o monstro psicopata? Lembra-se do que disparou sua reação?

Eu balanço a cabeça.

— Não sei bem. Quando acontece, é como se... É como se eu estivesse completamente fora de mim — eu conto a ele. — Algo muda na minha cabeça e me deixa... E me deixa louca, tipo, louca de verdade.

Dou uma olhada para ele, mas seu rosto não mostra nenhuma emoção. Ele apenas pisca, esperando que eu termine. Assim, respiro fundo e continuo.

— É como se eu não conseguisse pensar direito. Fico tão paralisada pela adrenalina que não consigo conter, não consigo controlar. Depois que o sentimento louco assume o controle, ele *precisa* de um escape. Tenho de tocar em alguma coisa. Tenho de liberar o sentimento.

Kenji apoia-se em um cotovelo. Olha para mim.

— Mas o que a deixa tão louca? — ele quer saber. — O que você estava sentindo? Acontece apenas quando você está muito brava?

Levo um segundo para pensar antes de dizer:

— Não. Nem sempre.

Eu hesito.

— Na primeira vez — conto, minha voz um pouco trêmula —, quis matar Warner pelo que ele me obrigou a fazer com aquela criancinha. Fiquei muito devastada. Eu estava brava... Estava *muito* brava... Mas eu também estava... muito triste.

Minha voz vai sumindo.

— E, depois, quando eu estava procurando Adam?

Respiro fundo.

— Eu estava desesperada. Bastante desesperada. Tinha de salvá-lo.

— E quando você deu uma de Super-Homem comigo, jogando-me contra a parede daquele jeito?

— Eu estava assustada.

— E depois? Nos laboratórios de pesquisa?

— Brava — eu sussurro, com os olhos desfocados enquanto encaro o teto, lembrando-me da raiva fervilhante daquele dia. — Fiquei mais brava do que já fiquei a vida toda. Nem sabia que podia me sentir assim. Ficar *tão* furiosa. E senti-me culpada — acrescentei, em voz baixa. — Culpada por ser o motivo de Adam estar ali para início de conversa.

Kenji respira fundo e demoradamente. Levanta o corpo para sentar e encosta na parede. Não diz nada.

— No que está pensando...? — pergunto, mexendo-me para me sentar como ele.

— Não sei — Kenji responde, enfim. — Mas é bastante óbvio que todos esses incidentes foram resultado de emoções muito intensas. Faz-me pensar que o sistema todo deve ser bem direto.

— O que quer dizer?

— Como se tivesse de ter algum gatilho envolvido — ele diz. — Como se, quando você perde o controle, seu corpo entrasse em um modo de autoproteção automático, sabe?

— Não?

Kenji se vira para me olhar. Cruza as pernas sob o corpo. Apoia-se nas mãos.

— É como... Ouça. Sabe quando descobri que conseguia ficar invisível? Quero dizer, foi um acidente. Eu tinha nove anos. Estava apavorado. Deixando de lado os detalhes entediantes, o que quero dizer é isto: eu precisava de um lugar para me esconder e não achava. Mas estava tão fora de mim que meu corpo, tipo, fez isso por mim automaticamente. Apenas desapareci na parede. Misturei-me a ela ou sei lá.

Ele ri.

— Fiquei doido, porque não percebi o que tinha acontecido por uns bons dez minutos. E, depois, não sabia como voltar ao normal. Foi uma loucura. Cheguei a pensar que estava morto por alguns dias.

— Nem brinca — eu ofego.

— É.

— Isso é *loucura*.

— Foi o que eu disse.

— Então... Então, o que acha? Acha que meu corpo entra no modo de defesa quando me desespero?

— Basicamente.

— Certo.

Eu penso.

— Bem, como devo voltar ao meu modo normal? Como descobriu o seu?

Ele encolhe os ombros.

— Quando percebi que não era um tipo de fantasma nem estava alucinando, foi meio divertido, na verdade. Eu era criança, sabe? Fiquei animado, como se pudesse vestir uma capa e matar bandidos e tal. Eu gostei. E tornou-se parte de mim, podia ativar quando quisesse. Mas — ele acrescenta —, foi apenas quando comecei a treinar mesmo que aprendi a controlar e manter a invisibilidade por longos períodos. Deu muito trabalho. Precisei de muita concentração.

— Muito trabalho.

— É... Quero dizer, aprender tudo isso dá muito trabalho. Porém, como aceitei a habilidade como parte de mim, ficou mais fácil controlá-la.

— Bem — digo, inclinando-me para trás de novo, bufando nervosa —, já aceitei. Mas isso definitivamente não deixou as coisas mais fáceis.

Kenji ri alto.

— Mentira que você aceitou. Você não aceitou nada.

— Fui assim a *vida* inteira, Kenji... Tenho certeza de que já aceitei...

— Não — ele me interrompe. — Sem *chance*. Você odeia ser quem é. Não suporta. Isso não é aceitação. Isso é... Sei lá... O oposto de aceitação. Você — ele diz, apontando um dedo para mim —, você é o *oposto* da aceitação.

— O que está tentando dizer? — eu devolvo. — Que devo *gostar* de ser assim?

Não lhe dou uma chance de responder antes de dizer:

— Você não faz *ideia* do que é estar presa em mim mesma... Estar presa no meu corpo, com medo de respirar muito perto de qualquer coisa com um coração. Se soubesse, nunca pediria que eu ficasse *feliz* de viver assim.

— Ora, vamos, Juliette... Estou apenas dizendo...

— Não. Deixe-me esclarecer a situação para você, Kenji. Eu *mato* pessoas. Eu as *mato*. Esse é o meu "poder" especial. Não me misturo com o cenário nem mexo objetos com a mente nem tenho braços que se alongam. Toque em mim por muito tempo e você *morre*. Tente viver assim por 17 anos e, depois, diga-me o quão fácil é me aceitar.

Sinto o gosto de muita amargura em minha língua.

É novo para mim.

— Olhe — ele começa, com a voz perceptivelmente mais suave —, não estou tentando te julgar, certo? Estou apenas tentando mostrar que, porque você não *quer* esse poder, pode, inconscientemente, estar sabotando seus esforços para entendê-lo.

Ele ergue as mãos, rendendo-se, debochado.

— É só a minha opinião. Quero dizer, você tem mesmo poderes malucos. Toca nas pessoas e, bam, acabou. Mas você pode quebrar paredes e outras coisas também. Quero dizer, por Deus, queria aprender como fazer *isso*. Está brincando? Seria demais.

— É — digo, encostada na parede. — Acho que essa parte não seria tão ruim.

— Certo?

Kenji endireita-se.

— Seria incrível. E... Sabe, se você usar as luvas... pode triturar coisas aleatórias sem matar ninguém. E, então, não se sentiria tão mal, não é?

— Acho que não.

— Então, ótimo. Você precisa apenas relaxar.

Ele fica em pé. Pega o tijolo com o qual estava brincando antes.

— Venha — ele diz. — Fique de pé. Venha até aqui.

Eu caminho até o lado dele da sala e olho o tijolo que está segurando. Ele me entrega o objeto como se estivesse mexendo em uma herança de família.

— Agora — ele diz. — Tem de se deixar ficar confortável, combinado? Permita que seu corpo converse com o seu interior. Pare de bloquear sua própria Energia. Você provavelmente tem um milhão de bloqueios mentais na cabeça. Não pode mais se segurar.

— Não tenho *bloqueios mentais*...

— Tem sim.

Ele bufa.

— Definitivamente, tem. Você tem uma grave prisão de ventre mental.

— *O que* mental...?

— Direcione sua raiva para o tijolo. Para o *tijolo* — ele me diz. — Lembre-se. Mente aberta. Você *quer* esmagar o tijolo. Lembre a si mesma que é isso que você quer. A escolha é *sua*. Você não está fazendo isso para o Castle, não está fazendo isso para mim, não está fazendo isso para lutar contra ninguém. É apenas algo que

você está com vontade de fazer. Por diversão. Porque deu vontade. Deixe sua mente e seu corpo assumirem. Certo?

Respiro fundo. Balanço a cabeça para cima e para baixo algumas vezes.

— Certo. Acho que eu...

— Ca-ram-ba.

Ele assobia baixinho.

— O quê?

Eu me viro.

— O que aconteceu...

— Como assim você não sentiu isso?

— Senti o quê...?

— Olhe para a sua mão!

Eu sufoco um grito. Cambaleio para trás. Minha mão está cheia do que parece ser areia vermelha e argila marrom pulverizadas em partículas minúsculas. Os pedaços maiores de tijolo caem no chão e eu deixo os restos escorrerem pelos vãos entre meus dedos apenas para levantar a mão culpada até meu rosto.

Olho para cima.

Kenji está tremendo a cabeça, tremendo de rir.

— Estou com muita inveja agora, você não faz ideia.

— Ah, meu Deus.

— Eu sei. EU SEI. Muito durona. Agora, pense só: se você pode fazer isso com um *tijolo*, imagine o que poderia fazer com um *corpo* humano...

Não era a coisa certa a dizer.

Não agora. Não depois de Adam. Não depois de eu tentar recolher os pedaços das minhas esperanças e dos meus sonhos e, desajeitadamente, colá-los de novo. Porque não resta nada. Porque agora percebo que, em algum lugar, bem no fundo, eu estava cultivando uma pequena esperança de que Adam e eu encontraríamos uma maneira de resolver a situação.

Em algum lugar, bem no fundo, ainda estava me agarrando à possibilidade.

E, agora, isso acabou.

Porque agora não é apenas da minha pele que Adam deve ter medo. Não é apenas meu toque, mas meu aperto, meus abraços, minhas mãos, um beijo... Tudo que faço poderia machucá-lo. Eu teria de ter cuidado ao simplesmente segurar a *mão* dele. E esse novo entendimento, essa nova informação sobre o quão mortal eu sou exatamente...

Não me deixa alternativa.

Ficarei sozinha para todo o sempre porque ninguém está seguro comigo.

Eu caio no chão, minha cabeça zumbindo, meu próprio cérebro já não é mais um lugar seguro para habitar porque não consigo parar de pensar, não consigo parar de imaginar, não consigo parar nada e é como se fosse pega no que poderia ser uma colisão de frente e não sou uma espectadora inocente.

Sou o trem.

Sou eu que estou perdendo o controle.

Porque, às vezes, você se vê... você se vê do jeito que *poderia* ser... do jeito que *poderia* ser se a situação fosse diferente. E, se prestar bastante atenção, o que verá vai assustá-lo, vai fazê-lo se perguntar o que faria se tivesse oportunidade. Você sabe que há um lado diferente de você mesmo que não quer reconhecer, um lado que você não quer ver à luz do dia. Você passa a vida toda fazendo tudo para contê-lo e afastá-lo, o que os olhos não veem o coração não sente. Você finge que esse pedaço seu não existe.

Você vive assim por muito tempo.

Por muito tempo, você está seguro.

E, então, não está mais.

25

Outra manhã.

Outra refeição.

Estou indo para o café da manhã encontrar Kenji antes da nossa próxima sessão de treinamento.

Ele chegou a uma conclusão sobre minhas habilidades ontem: ele acha que o poder inumano do meu toque é apenas uma forma evoluída da minha energia. E o contato pele a pele é simplesmente a forma mais crua da minha habilidade... Que meu verdadeiro dom é, na verdade, um tipo de força avassaladora que se manifesta em todas as partes do meu corpo.

Meus ossos, meu sangue, minha pele.

Eu disse a ele que era uma teoria interessante. Disse a ele que sempre me vi como um tipo de versão doentia de uma planta carnívora, e ele falou:

— Ah, MEU DEUS. Sim. SIM. Você é exatamente assim. Caramba, sim.

Bonita o bastante para atrair a presa, ele disse.

Forte o bastante para apertar e destruir, ele disse.

Venenosa o suficiente para digerir as vítimas quando a carne entra em contato.

— Você *digere* sua presa — ele me disse, rindo como se fosse divertido, como se fosse engraçado, como se fosse perfeitamente aceitável comparar uma garota com uma planta carnívora. Elogioso, até. — Certo? Você disse que, quando toca nas pessoas, é como se

estivesse pegando a energia delas, não é? Faz com que você se sinta mais forte?

Eu não respondi.

— Então, você é *igual* a uma planta carnívora. Você as puxa. Aperta. Devora.

Eu não respondi

— Hum — ele diz. — Você é como uma planta sexy e superassustadora.

Fechei os olhos. Cobri a boca, horrorizada.

— Por que isso é tão errado? — ele perguntou.

Curvou-se para encontrar meu olhar. Puxou uma mecha do meu cabelo para que eu olhasse para cima.

— Por que isso tem de ser tão horrível? Por que você não consegue ver o quanto isso é *incrível*?

Ele balança a cabeça.

— Você está perdendo bastante, sabia? Esse poder poderia ser muito legal se você o *dominasse*.

Dominá-lo.

Sim.

Como seria fácil simplesmente apertar o mundo ao meu redor. Sugar sua força de vida e deixá-lo morto na rua apenas porque alguém me diz que eu deveria. Porque alguém aponta o dedo e diz: “Aqueles são os bandidos. Aqueles homens ali”. Mate, eles dizem. Mate porque você confia em nós. Mate porque você está lutando no time certo. Mate porque eles são maus e nós somos bons. Mate porque estamos dizendo. Porque algumas pessoas são tão idiotas

que pensam mesmo que há grossas linhas em neon separando o bem do mal. Que é fácil fazer esse tipo de distinção e dormir à noite de consciência tranquila. Porque está tudo bem.

Tudo bem matar um homem se alguém julgá-lo inadequado para viver.

O que eu quero mesmo dizer é quem diabos é você e quem é você para decidir quem deve morrer. Quem é você para decidir quem deve ser morto. Quem é você para me dizer qual pai devo destruir e qual criança devo deixar órfã e qual mãe deve ficar sem seu filho, qual irmão deve ficar sem uma irmã, qual avó deve passar o restante da vida chorando durante as primeiras horas da manhã porque o corpo de seu neto foi enterrado antes do dela.

O que quero mesmo dizer é quem diabos você acha que é para me dizer que é incrível poder matar algo vivo, que é interessante ser capaz de fazer uma armadilha para outra alma, que é justo escolher uma vítima simplesmente porque sou capaz de matar sem uma arma. Que quero dizer palavras más e palavras irritadas e palavras que machuquem e quero jogar exclamações ao ar e correr para muito, muito longe; quero desaparecer no horizonte e quero me largar à beira da estrada desejando que isso ao menos me leve na direção de algo parecido com a liberdade, mas não sei aonde ir. Não tenho outro lugar para onde ir.

E sinto-me responsável.

Porque há momentos em que a raiva sangra e some até não ser nada além de uma dor simples na boca do meu estômago e eu vejo o mundo e penso sobre suas pessoas e no que ele se tornou e penso na esperança e talvez e possivelmente e possibilidade e potencial. Penso em copos meio cheios e óculos para ver o mundo com clareza. Penso em sacrifício. E compromisso. Penso no que acontecerá se ninguém lutar contra. Penso em um mundo onde ninguém se opõe à injustiça.

E pergunto-me se, de repente, todos aqui estão certos.

Se, talvez, está na hora de lutar.

Eu me pergunto se, em alguma situação, é realmente possível justificar assassinatos como meio para atingir um fim e, então, penso em Kenji. Penso no que ele disse. E me pergunto se ainda acharia meu poder incrível se eu decidisse fazer *dele* uma presa.

Acho que não.

26

Kenji já está esperando por mim.

Ele, Winston e Brendan estão sentados à mesma mesa de novo, e eu deslizo para o meu lugar com um aceno distraído e olhos que se recusam a se focar na minha frente.

— Ele não está aqui — Kenji diz, enfiando uma colher cheia de café da manhã na boca.

— O quê?

Ah, que fascinante! Veja este garfo e esta colher e esta mesa.

— O que v...

— Não está aqui — ele repete, com a boca ainda meio cheia de comida.

Winston limpa a garganta, coça a parte de trás da cabeça. Brendan mexe-se no seu lugar, ao meu lado.

— Ah. E-eu, hum...

Ah calor sobe pelo pescoço enquanto olho para os três rapazes sentados à mesa. Quero perguntar a Kenji onde Adam está, por que ele não está aqui, como ele está, se ele está bem, se ele está comendo com regularidade. Quero fazer um milhão de perguntas que não deveria, mas está perfeitamente claro que nenhum deles quer falar sobre os detalhes constrangedores da minha vida pessoal. E eu não quero ser a garota triste e patética. Não quero pena. Não quero ver a desconfortável compaixão nos olhos deles.

Assim, sento-me ereta. Limpo a garganta.

— O que está acontecendo com as patrulhas? — pergunto a Winston. — A situação está piorando?

Winston levanta o olhar enquanto mastiga, surpreso. Ele engole a comida rápido demais e tosse uma, duas vezes. Toma um gole de café — preto feito piche — e inclina-se para frente, parecendo ansioso.

— Está ficando mais estranha — ele responde.

— Mesmo?

— É, então, lembram-se de que contei a vocês que Warner está aparecendo toda noite?

~~Warner. Não consigo tirar a imagem dele, sorrindo, rindo, da minha cabeça.~~

Nós concordamos, balançando a cabeça.

— Bem.

Ele se encosta de novo na cadeira. Levanta as mãos.

— Noite passada? Nada.

— Nada?

As sobrancelhas de Brendan estão altas na sua testa.

— O que quer dizer com nada?

— Quero dizer que ninguém estava lá.

Ele encolhe os ombros. Pega o garfo. Enfia-o em um pedaço de comida.

— Nem Warner, nem um único soldado. Na noite anterior?

Ele olha para nós.

— Cinquenta, talvez 75 soldados. Na noite passada, nada.

— Você contou isso para Castle?

Kenji não está mais comendo. Ele está olhando para Winston com uma expressão concentrada, séria demais. Está me preocupando.

— É — Winston concorda balançando a cabeça enquanto toma outro gole de café. — Entreguei meu relatório há mais ou menos uma hora.

— Quer dizer que você ainda não foi dormir? — pergunto, de olhos arregalados.

— Eu dormi ontem — ele responde, balançando uma mão casual para mim. — Ou anteontem. Não me lembro. Meu Deus, este café é nojento — ele diz, engolindo-o.

— Certo. Talvez deva beber menos café, hein?

Brendan tenta pegar a xícara de Winston.

Winston bate na mão dele, lança-lhe um olhar sombrio.

— Nem todos nós temos eletricidade correndo nas veias — ele diz. — Não sou uma maldita casa de força como você.

— Eu só fiz isso uma vez...

— Duas!

— E era uma emergência — ele completa, parecendo um pouco encabulado.

— Do que vocês estão falando? — pergunto.

— Este rapaz — Kenji balança um polegar para Brendan — pode, tipo, *literalmente* recarregar seu próprio corpo. Ele não precisa dormir. É loucura.

— Não é justo — Winston murmura, rasgando um pedaço de pão ao meio.

Viro-me para Brendan, com a boca aberta.

— Sem chance.

Ele balança a cabeça para cima e para baixo. Encolhe os ombros.

— Eu só fiz isso uma vez.

— Duas! — Winston repete. — E ele é um nenê — diz para mim. — Já tem energia demais... Merda, todos vocês, crianças, têm... E, ainda assim, é ele que vem com uma bateria recarregável.

— Não sou um *nenê* — Brendan diz, olhando para mim enquanto o calor pinta suas bochechas. — Ele é... Isso não é... Você está *louco* — ele diz, olhando para Winston.

— É — Winston concorda, balançando a cabeça, com a boca cheia de comida de novo. — Estou louco. Estou louco de raiva.

Ele engole.

— E estou com um baita mau humor porque estou cansado. E estou com fome. E preciso de mais café.

Ele se afasta da mesa. Fica em pé.

— Vou pegar mais café.

— Pensei que tivesse dito que está nojento.

Ele dirige um olhar para mim.

— Sim, mas sou um homem muito, muito triste com padrões bastante baixos.

— É verdade — Brendan afirma.

— Cala a boca, nenê.

— Cada um só pode pegar uma xícara — Kenji avisa, levantando os olhos para encontrar o olhar de Winston.

— Não se preocupe, eu sempre digo que estou pegando o seu — ele diz e sai a passos largos.

Kenji está rindo, com os ombros tremendo.

Brendan está murmurando “Não sou um *nenê*” bem baixinho, fincando o garfo na comida com um vigor renovado.

— Quantos anos você *tem*? — pergunto, curiosa.

Ele é tão branco-loiro e de olhos azul-pálidos que não parece real. Parece o tipo de pessoa que poderia nunca envelhecer, que permaneceria para sempre preservada nessa forma etérea.

— Vinte e quatro — ele responde, parecendo agradecido por uma chance de provar o que disse. — Acabei de fazer 24, na verdade. Meu aniversário foi semana passada.

— Ah, uau.

Estou surpresa. Ele não parece ter muito mais que 18 anos. Imagino como deve ser comemorar o aniversário no Ponto Ômega.

— Bem, feliz aniversário — digo, sorrindo para ele. — Eu espero... Eu espero que você tenha um ótimo ano. E — tento encontrar algo gentil para dizer — e muitos dias felizes.

Ele está me encarando agora, divertido, olhando bem nos meus olhos. Sorrindo. Ele diz:

— Obrigado.

Abre um sorriso um pouco maior.

— Muito obrigado.

E não desvia o olhar.

Meu rosto está quente.

Estou me esforçando para entender por que ele ainda está sorrindo para mim, por que não para de sorrir mesmo quando, enfim, desvia o olhar, por que Kenji continua a me olhar como se estivesse tentando segurar uma gargalhada e eu estou agitada, sentindo-me estranhamente constrangida e buscando algo para dizer.

— Então, o que vamos fazer hoje? — pergunto a Kenji, esperando que minha voz soe neutra, normal.

Kenji termina de beber sua água. Limpa a boca.

— Hoje — ele diz —, vou ensiná-la a atirar.

— Com uma arma?

— Sim.

Ele pega sua bandeja. Pega a minha também.

— Espere aí, vou devolvê-las.

Ele se mexe para sair. Antes, ele para, vira-se, olha para Brendan e diz:

— Tire isso da cabeça, cara.

Brendan levanta a cabeça, confuso.

— O quê?

— Não vai acontecer.

— O q...

Kenji o encara, com as sobrancelhas levantadas.

A boca de Brendan se fecha. Suas bochechas ficam vermelhas de novo.

— Eu sei disso.

— Ahã.

Kenji balança a cabeça e sai andando.

Brendan, de repente, fica com pressa para tocar suas tarefas do dia.

27

— Juliette? Juliette!

— Por favor, acorde...

Eu sufoco um grito e sento-me na cama, com o coração batendo forte, os olhos piscando rápido demais enquanto tentam encontrar foco. Eu pisco pisco pisco.

— O que foi? O que está acontecendo?

— Kenji está lá fora — Sonya diz.

— Ele disse que precisa de você — Sara acrescenta —, que aconteceu alguma coisa...

Estou tropeçando para fora da cama tão rápido que levo as cobertas comigo. Tateio no escuro, tentando encontrar meu traje — durmo com um pijama que Sara me emprestou — e esforçando-me para não entrar em pânico.

— Vocês sabem o que está acontecendo? — pergunto. — Vocês sabem... Ele contou alguma coisa...

Sonya está colocando meu traje pelos meus braços, dizendo:

— Não, ele só disse que era urgente, que algo aconteceu, que tínhamos de acordá-la imediatamente.

— Certo. Tenho certeza de que tudo ficará bem — falo para elas, embora não saiba o porquê, ou como eu poderia tranquilizá-las. Queria poder acender uma luz, mas todas as luzes daqui embaixo são controladas pelo mesmo interruptor. É uma das maneiras como a energia é conservada — e uma das maneiras como conseguem manter aparência de dia e noite aqui embaixo —, usando-a apenas durante horas específicas.

Por fim, consigo vestir meu traje e estou fechando o zíper, indo para a porta quando ouço Sara chamar meu nome. Ela está segurando minhas botas.

— Obrigada... Vocês duas, obrigada — digo.

Elas balançam a cabeça para cima e para baixo várias vezes.

Estou colocando as botas e correndo porta afora.

Bato de cara com algo sólido.

Algo humano. Masculino.

Ouço sua inspiração nítida, sinto suas mãos firmes em meu corpo, sinto o sangue do meu corpo vazar por baixo de mim.

— Adam — eu ofego.

Ele não me soltou. Posso ouvir seu coração bater rápido e forte e alto no silêncio entre nós e ele parece tão imóvel, tão tenso, como se estivesse tentando manter algum tipo de controle sobre seu corpo.

— Oi — ele sussurra, mas parece que não consegue respirar direito.

Meu coração está desligando.

— Adam, eu...

— Não consigo soltar — ele diz, e sinto suas mãos tremerem, apenas um pouco, como se o esforço para mantê-las no lugar fosse demais para ele. — Não consigo soltá-la. Estou tentando, mas eu...

— Bem, ainda bem que estou aqui, não é?

Kenji me puxa para longe dos braços de Adam e respira profunda e desequilibradamente.

— Por Deus. Já acabaram? Temos de ir.

— O que... o que está acontecendo?

Eu gaguejo, tentando disfarçar meu constrangimento. Eu realmente queria que Kenji parasse de me pegar no meio de momentos tão vulneráveis. Queria que ele me visse sendo forte e confiante. E, depois, pergunto-me quando comecei a me importar com a opinião de Kenji a meu respeito.

— Está tudo bem?

— Não tenho ideia — Kenji responde enquanto caminha a passos largos pelos corredores escuros.

Ele deve ter memorizado estes túneis, eu penso, porque não consigo ver nada. Tenho praticamente que correr para acompanhá-lo.

— Porém — ele continua —, suponho que tenham jogado merda no ventilador oficialmente. Castle me mandou uma mensagem há cerca de 15 minutos... Dizia para que eu fosse ao escritório dele e levasse você e Kent o mais rápido possível. Assim — ele diz —, é isso que estou fazendo.

— Mas... agora? No meio da noite?

— A merda no ventilador não trabalha de acordo com a sua agenda, princesa.

Decido parar de falar.

Seguimos Kenji até uma porta solitária no final de um túnel estreito.

Ele bate duas vezes. Para. Bate três vezes, para. Bate uma vez.

Pergunto-me se preciso decorar isso.

A porta faz um rangido, abre sozinha e Castle acena para que entremos.

— Fechem a porta, por favor — ele pede, de trás da sua escrivaninha.

Tenho de piscar várias vezes para acostumar-me à luz daqui. Há uma luminária de leitura tradicional na escrivaninha de Castle com uma voltagem suficiente para iluminar este pequeno espaço. Tiro um instante para olhar ao redor.

O escritório de Castle não é nada além de uma sala com algumas escrivaninhas e uma mesa simples que também serve como lugar para trabalhar. Tudo é feito de metal reciclado. A escrivaninha parece ter sido uma *pick-up* antes.

Há pilhas de livros e papéis por todo o chão; diagramas, maquinário e peças de computador enfiadas nas estantes, milhares de fios e unidades elétricas espreitando para fora de seus corpos metálicos; devem estar danificadas ou quebradas ou talvez façam parte de um projeto no qual Castle esteja trabalhando.

Em outras palavras: o escritório dele é uma bagunça.

Não era o que eu esperava de alguém tão incrivelmente centrado.

— Sentem-se — ele nos diz.

Procuro cadeiras, mas encontro apenas duas latas de lixo de ponta-cabeça e um banco.

— Já falo com vocês. Esperem um momento.

Concordamos com um aceno de cabeça. Sentamos. Esperamos. Olhamos ao redor.

Apenas então entendo por que Castle não se importa com a natureza desorganizada do seu escritório.

Ele parece estar no meio de alguma coisa, mas não consigo ver o que é e não importa, na verdade. Estou muito concentrada observando-o trabalhar. Suas mãos vão para cima e para baixo, sacodem de um lado para o outro e tudo de que precisa ou que quer levita até ele. Um pedaço de papel em particular? Um bloco de anotações? O relógio enterrado sob a pilha de livros mais distante da escrivaninha? Ele procura um lápis e levanta a mão para pegá-lo. Está procurando suas notações e levanta os dedos para encontrá-las.

Ele não precisa ser organizado. Tem um sistema próprio.

Incrível.

Por fim, ele ergue o olhar. Larga o lápis. Balança a cabeça. Balança de novo.

— Bom. Bom; vocês estão todos aqui.

— Sim, senhor — Kenji diz. — Você disse que precisava falar conosco.

— Preciso mesmo.

Castle cruza as mãos sobre a mesa.

— Preciso mesmo.

Respira com cuidado.

— O comandante supremo — ele começa — chegou ao quartel-general do Setor 45.

Kenji solta um palavrão.

Adam está paralisado.

Estou confusa.

— Quem é o comandante supremo?

O olhar de Castle para sobre mim.

— O pai de Warner.

Seus olhos contraem-se, examinando-me.

— Você não sabia que o pai de Warner é o comandante supremo do Restabelecimento?

— Ah — eu ofego, incapaz de imaginar o monstro que o pai de Warner deve ser. — Eu... Sim... Eu sabia disso — afirmo. — Apenas não sabia qual era o título dele.

— Sim — Castle diz. — Há seis comandantes supremos pelo mundo, um para cada divisão: América do Norte, América do Sul, Europa, Ásia, África e Oceania. Cada seção é dividida em 555 setores, com um total de 3.330 pelo planeta. O pai de Warner não é apenas o encarregado por este continente, mas também é um dos fundadores do Restabelecimento e, atualmente, nossa maior ameaça.

— Mas pensei que existissem 3.333 setores — digo a Castle —, não 3.330. Minha memória está errada?

— Os outros três são Capitólios — Kenji explica. — Temos quase certeza de que um deles fica em algum lugar da América do Norte, mas ninguém sabe exatamente onde estão. Então, sim — ele acrescenta —, sua memória está boa. O Restabelecimento tem um fascínio louco por números exatos. Os 3.333 setores no total e 555 em cada divisão. Todos recebem a mesma coisa, independentemente do tamanho. Eles acham que isso mostra como estão dividindo tudo com igualdade, mas é apenas um monte de bobagem.

— Uau.

Todo santo dia fico admirada com o quanto ainda preciso aprender. Olho para Castle.

— Então, essa é a emergência? O pai de Warner estar aqui e não em um dos Capitólios?

Castle concorda balançando a cabeça.

— Sim, ele...

Ele hesita. Limpa a garganta.

— Bem. Deixe-me começar pelo começo. É imperativo que vocês conheçam todos os detalhes.

— Estamos ouvindo — Kenji diz, com as costas eretas, os olhos alertas, os músculos tensionados para agir. — Vá em frente.

— Parece que — Castle continua — ele está na cidade há algum tempo... Ele chegou sem chamar atenção, discreto, há algumas semanas. Parece que ele soube o que o filho tem feito ultimamente e não ficou animado. Ele...

Castle respira profunda e equilibradamente.

— Ele está... especialmente bravo com o que aconteceu a você, senhora Ferrars.

— Eu?

Coração batendo rápido. Coração batendo rápido. Coração batendo rápido.

— Sim — Castle confirma. — Nossas fontes dizem que ele está bravo por Warner tê-la deixado escapar. E, é claro, por ter perdido dois soldados no processo.

Ele faz um aceno com a cabeça na direção de Adam e Kenji.

— Ainda pior, estão circulando rumores entre os cidadãos sobre a garota fugitiva e sua estranha habilidade, e as pessoas estão começando a juntar as peças; estão começando a perceber que há outro movimento, *o nosso movimento*, preparando-se para lutar. Isso está criando agitação e resistência entre os civis, que estão muito ansiosos para se envolverem.

— Assim — Castle continua e bate as mãos —, o pai de Warner, sem dúvida, chegou para liderar essa guerra e eliminar todas as dúvidas sobre o poder do Restabelecimento.

Ele para e olha cada um de nós.

— Em outras palavras, ele chegou para nos punir e punir o filho ao mesmo tempo.

— Mas isso não muda nossos planos, muda? — Kenji pergunta.

— Não exatamente. Eu sempre soube que uma luta seria inevitável, mas isso... muda tudo. Agora que o pai de Warner está na cidade, essa guerra vai acontecer bem mais cedo do que esperávamos — Castle explica. — E será muito maior do que previíamos.

Ele lança um olhar para mim, parecendo sério.

— Senhora Ferrars, temo que iremos precisar da sua ajuda.

Eu o estou encarando, perplexa.

— Eu?

— Sim.

— Você não está... Você não está mais bravo comigo?

— Você não é uma criança, senhora Ferrars. Eu não a culparia por uma reação exagerada. Kenji diz acreditar que seu comportamento nos últimos tempos foi resultado de ignorância e

não más intenções, e confio no julgamento dele. Confio na palavra dele. Porém, quero que entenda que somos uma equipe — ele diz — e precisamos da sua força. O que a senhora consegue fazer... seu poder... não há nada igual. Principalmente agora que está trabalhando com Kenji e tem pelo menos algum conhecimento do que é capaz, vamos precisar da senhora. Faremos o que pudermos para apoiá-la... Reforçaremos seu traje, daremos armas e armaduras. E Winston...

Ele faz uma pausa. Segura a respiração.

— Winston — ele retoma, com a voz mais baixa agora — acabou de terminar um novo par de luvas para a senhora.

Ele olha para meu rosto.

— Queremos tê-la em nossa equipe — ele afirma. — E, se cooperar comigo, prometo que verá resultados.

— É claro — eu sussurro.

Devolvo-lhe um olhar também firme e solene.

— É claro que vou ajudar.

— Ótimo — Castle diz. — Isso é muito bom.

Ele parece distraído e inclina-se para trás, na cadeira, passando uma mão cansada pelo rosto.

— Obrigado.

— Senhor — Kenji diz —, detesto ser tão direto, mas poderia me dizer, por favor, que diabos está acontecendo?

Castle concorda, balançando a cabeça.

— Sim — ele responde. — Sim, sim, é claro. Eu... desculpe. Foi uma noite difícil.

A voz de Kenji está tensa.

— O que aconteceu?

— Ele... mandou um recado.

— O pai de Warner? — pergunto. — O pai de Warner mandou um recado? Para nós?

Olho para Adam e Kenji. Adam está piscando rapidamente, com os lábios um pouco separados, em choque. Kenji parece que vai ficar enjoado.

Estou começando a entrar em pânico.

— Sim — Castle diz para mim. — O pai de Warner. Ele quer se encontrar conosco. Ele quer... conversar.

Kenji pula da cadeira e fica em pé. Toda a cor do seu rosto sumiu.

— Não... senhor... é uma armadilha... Ele não quer *conversar*, o senhor deve saber que ele está mentindo...

— Ele fez quatro dos nossos homens reféns, Kenji. Temo que não tenha escolha.

28

— O quê?

O corpo de Kenji ficou mole. Sua voz é um ruído rouco e horrorizado.

— Quem? *Como*...

— Winston e Brendan estavam de patrulha na parte de cima esta noite.

Castle balança a cabeça.

— Não sei o que aconteceu. Deve ter sido uma emboscada. Estavam muito longe do alcance e as câmeras de segurança nos mostram apenas que Emory e Ian perceberam uma agitação e tentaram investigar. Não vemos nada nas fitas depois disso. Emory e Ian — ele completa — também não voltaram.

Kenji retorna para seu assento, com o rosto escondido nas mãos. Ele levanta o olhar com uma repentina explosão de esperança.

— Mas Winston e Brendan... Talvez eles possam encontrar uma saída... certo? Poderiam fazer alguma coisa... Juntos, eles têm poder suficiente para pensar em algo?

Castle oferece a Kenji um sorriso de compaixão.

— Não sei para onde ele os levou ou como estão sendo tratados. Se bateu neles ou se já... — ele hesita — se já os torturou, atirou neles... Se eles estiverem sangrando até a morte... com certeza não conseguirão lutar. E, mesmo se conseguissem se salvar — ele diz, após um momento —, não deixariam os outros para trás.

Kenji aperta os punhos contra as coxas.

— Então. Ele quer conversar.

É a primeira vez que Adam diz uma palavra.

Castle concorda balançando a cabeça.

— Lily encontrou este pacote no lugar onde eles desapareceram.

Ele joga para nós uma pequena mochila e nós nos revezamos para mexer dentro dela. Tem apenas os óculos quebrados de Winston e o rádio de Brendan. Sujos de sangue.

Tenho de segurar minhas mãos para impedi-las de tremer.

Eu estava começando a conhecer esses rapazes. Tinha acabado de conhecer Emory e Ian. Tinha acabado de aprender como fazer amizades, como me sentir confortável com as pessoas do Ponto Ômega. Tinha acabado de tomar *café da manhã* com Brendan e Winston. Olho para o relógio na parede de Castle; são 3h31 da manhã. Eu os vi há cerca de 20 horas.

O aniversário de Brendan foi na semana passada.

— Winston sabia — eu me ouço falar em voz alta. — Ele sabia que algo estava errado. Ele sabia que havia algo estranho com aqueles soldados por toda parte...

— Eu sei — Castle diz, balançando a cabeça. — Estive lendo e relendo todos os relatórios dele.

Ele belisca a parte de cima do nariz com o polegar e o indicador. Fecha os olhos.

— Eu tinha acabado de começar a juntar as peças. Mas era tarde demais. Era tarde demais.

— O que o senhor acha que eles estavam planejando? — Kenji pergunta. — Tem uma teoria?

Castle suspira. Tira a mão do rosto.

— Bem, agora sabemos por que Warner estava saindo com seus soldados toda noite... Como ele podia deixar a base por tanto tempo, como fez durante vários dias...

— O pai dele — Kenji diz.

Castle concorda, balançando a cabeça.

— Sim. Acho que o próprio supremo mandou Warner nessas saídas. Que ele queria que Warner começasse a nos caçar mais agressivamente. Ele sempre soube de nós — Castle conta para mim. — Ele nunca foi idiota, o supremo. Sempre acreditou nos rumores a nosso respeito, sempre soube que estávamos por aí. Porém, nunca fomos uma ameaça para ele antes. Não até agora — ele completa. — Porque, agora que os civis estão falando sobre nós, o equilíbrio do poder está tombando. As pessoas estão recuperando a energia... Procurando esperança na nossa resistência. E não é um risco que o Restabelecimento possa correr neste momento.

— De qualquer forma — ele continua —, acho que ficou claro que eles não conseguiram encontrar a entrada para o Ponto Ômega e se conformaram em pegar reféns, esperando nos provocar para sairmos por conta própria.

Castle tira um pedaço de papel da sua pilha. Levanta-o. É um bilhete.

— Mas há condições — ele avisa. — O supremo nos deu instruções bem específicas sobre como agir a partir daqui.

— *E*?

Kenji está intensamente rígido.

— Vocês três irão. Sozinhos.

Caramba.

— O quê?

Adam olha para Castle de boca aberta, abismado.

— Por que nós?

— Ele não pediu para me ver — Castle explica. — Não é em mim que ele está interessado.

— E você vai simplesmente concordar com isso? — Adam pergunta. — Vai nos jogar para ele?

Castle inclina-se para frente.

— É claro que não.

— Tem um plano? — eu questiono.

— O supremo quer se encontrar com vocês exatamente ao meio-dia de amanhã... Bem, hoje, tecnicamente... Em um lugar específico de um campo não regulamentado. Os detalhes estão no bilhete.

Ele respira fundo.

— E, embora saiba que é exatamente isso que ele quer, acho que todos nós devemos ficar prontos para ir. Devemos nos deslocar juntos. É para isso, no final das contas, que estamos treinando. Não tenho dúvida de que ele tem más intenções e duvido *muito* de que ele os esteja convidando para conversar e tomar um chá. Assim, acho que devemos nos preparar para nos defendermos de um ataque. Imagino que os homens dele estarão armados e prontos para lutar e estou preparado para levar os meus à batalha.

— Então, nós somos a *isca*? — Kenji pergunta, com as sobrancelhas juntas. — Nem vamos lutar... Somos apenas a distração?

— Kenji...

— Isso é besteira — Adam diz, e estou surpresa por ver tanta emoção nele. — *Tem* de haver outra maneira. Não devíamos seguir as regras dele. Devíamos usar esta oportunidade para fazer uma emboscada ou... não sei... criar uma distração para que *nós* possamos atacar! Quero dizer, maldição, ninguém aqui consegue pegar fogo ou algo assim? Não temos ninguém que possa fazer algo louco o suficiente para bagunçar tudo? Para nos dar uma vantagem?

Castle vira-se para me encarar.

Adam parece que poderia lhe dar um soco na cara.

— Você está *maluco*...

— Então, não — Castle responde. — Não, não temos mais ninguém que consiga realizar algo tão... capaz de fazer a terra tremer.

— Você acha isso *engraçado*? — Adam fala, nervoso.

— Temo que eu não esteja tentando ser engraçado, senhor Kent. E sua raiva não está ajudando. Pode optar por sair da ação se quiser, mas eu *vou*, respeitosamente, pedir o auxílio da senhora Ferrars neste assunto. Ela é a única que o supremo quer mesmo ver. Mandar vocês dois com ela foi ideia minha.

— *O quê*?

Nós três estamos pasmos.

— Por que eu?

— Eu queria poder responder — Castle me diz. — Eu queria saber mais. No momento, posso apenas me esforçar para criar hipóteses com as informações que tenho e tudo que concluí até

agora é que Warner cometeu um erro grave que precisa ser corrigido. De alguma forma, a senhora ficou presa no meio disso.

Uma pausa.

— O pai de Warner — ele diz — pediu muito especificamente que *a senhora* fosse trocada pelos reféns. Disse que, se a senhora não chegar na hora combinada, matarão nossos homens. E não tenho por que duvidar da palavra dele. Matar inocentes é algo muito natural para ele.

— E você ia deixá-la cair na armadilha!

Adam derruba a lata de lixo em que sentava ao pular de pé.

— Não ia nem dizer nada? Ia nos deixar presumir que ela não era o *alvo*? Está louco?

Castle esfrega a testa. Respira algumas vezes para se acalmar.

— Não — ele afirma, com a voz cuidadosamente controlada. — Eu não ia deixá-la cair na armadilha. O que estou dizendo é que *todos* nós vamos lutar juntos, mas vocês dois irão com a senhora Ferrars. Vocês três já trabalharam juntos antes e você e Kenji têm treinamento militar. Estão mais familiarizados com as regras, técnicas e estratégias que eles podem empregar. Ajudariam a mantê-la em segurança e seriam o elemento-surpresa... Sua presença pode ser o que nos dará uma vantagem nessa situação. Se ele a quiser muito, terá de encontrar uma forma de lidar com vocês três...

— *Ou*... sabe, eu não sei — Kenji diz, fingindo não se importar —, talvez ele apenas atire nas nossas cabeças e arraste Juliette para longe enquanto estivermos ocupados demais com nossa morte para impedi-lo.

— Tudo bem — digo. — Eu faço isso. Eu vou.

— O quê?

Adam está olhando para mim, com o pânico arregalando seus olhos.

— Juliette... não...

— Sim, é melhor pensar um pouco nisso — Kenji interrompe, parecendo um pouco nervoso.

— Vocês não precisam ir se não quiserem — falo para eles. — Mas eu irei.

Castle sorri, com o alívio estampado no rosto.

— É para isso que estamos aqui, certo? — eu digo e olho ao redor. — Devemos lutar contra eles. Essa é a nossa chance.

Castle está sorrindo, com os olhos brilhando com algo que pode ser orgulho.

— Estaremos com você em todos os instantes, senhora Ferrars. Pode contar com isso.

Eu faço que sim com a cabeça.

E percebo que isso é, provavelmente, o que devo fazer. Talvez seja por isso que estou aqui.

Talvez eu esteja apenas destinada a morrer.

29

A manhã é um borrão.

Há tanto a fazer, tanto para se preparar e há tantas pessoas se preparando. Porém, sei que, no final das contas, essa batalha é *minha*; tenho assuntos não resolvidos com os quais lidar. Sei que essa reunião não tem nada a ver com o comandante supremo. Ele não tem motivo para se preocupar tanto comigo. Nem o conheço; não devia ser nada além de descartável para ele.

É uma jogada do Warner.

Com certeza foi Warner que pediu por mim. Isso tem algo e tudo a ver com ele; é um sinal de fumaça dizendo-me que ele ainda me quer e ainda não desistiu. E tenho de enfrentá-lo.

Posso apenas imaginar como ele conseguiu fazer seu pai mexer esses pauzinhos por ele.

Acho que descobrirei logo.

Alguém está chamando meu nome.

Paro no lugar.

Viro-me.

James.

Ele corre até mim do lado de fora da sala de jantar. Seu cabelo, tão loiro; seus olhos, tão azuis, iguais aos do irmão mais velho. Mas senti saudades do rosto dele de uma maneira que não tem nada a ver com o quanto ele me lembra o Adam.

James é uma criança especial. Uma criança esperta. O tipo de garoto de dez anos que é sempre subestimado. E está me

perguntando se podemos conversar. Ele aponta para um dos muito corredores.

Eu concordo balançando a cabeça. Sigo-o por um túnel vazio.

Ele para de andar e vira-se para o outro lado por um instante. Fica ali, parecendo desconfortável. Estou admirada por ele querer falar comigo; não troquei uma única palavra com ele em três semanas. Ele começou a passar o tempo com as outras crianças do Ponto Ômega logo depois de chegarmos e, depois, as coisas de alguma forma ficaram esquisitas entre nós. Ele parou de sorrir quando me via, parou de acenar para me cumprimentar do outro lado da sala de jantar. Sempre imaginei que ele ouvira rumores a meu respeito com as outras crianças e decidira que era melhor manter distância. E, agora, depois de tudo o que aconteceu a Adam — depois do nosso show no túnel —, fico chocada por ele querer dizer qualquer coisa para mim.

A sua cabeça ainda está baixa quando ele sussurra:

— Eu estava muito, muito bravo com você.

E as costuras do meu coração começam a estourar. Uma por uma.

E ele levanta o olhar. Olha para mim como se tentasse avaliar se suas primeiras palavras me chatearam ou não, se vou gritar com ele ou não por ser sincero comigo. E não sei o que ele vê em meu rosto, mas parece desarmá-lo. Ele enfia as mãos nos bolsos. Esfrega o tênis formando círculos no chão. Diz:

— Você não me disse que já matou alguém.

Eu respiro, trêmula, e me pergunto se, algum dia, haverá uma maneira adequada de reagir a uma afirmação como essa. Pergunto-me se alguém, além de James, um dia dirá algo assim para mim. Acho que não. Assim, apenas balanço a cabeça. E digo:

— Sinto muito. Eu devia ter contado a v...

— E por que não contou? — ele grita, deixando-me chocada. — Por que não me contou? Por que todo mundo sabia, menos eu?

Fico surpresa por um instante, surpresa com a dor na voz dele, a raiva em seus olhos. Eu nunca soube que ele me considerava uma amiga e percebo que devia ter imaginado. James não conheceu muitas pessoas na vida; Adam é o seu mundo. Kenji e eu éramos duas das únicas pessoas que ele conheceu antes de chegarmos ao Ponto Ômega. E, para uma criança órfã nestas circunstâncias, deve ter sido muito importante ter novos amigos. Porém, estive tão preocupada com os meus próprios problemas que nunca pensei que James se importaria tanto. Nunca percebi que minha ausência pareceria uma traição para ele. Que os rumores que ouviu de outras crianças devem tê-lo machucado tanto quanto me machucaram.

Assim, resolvo me sentar, bem ali no túnel. Deixo um espaço para ele se sentar ao meu lado. E lhe digo a verdade.

— Não queria que você me odiasse.

Ele olha para o chão. Diz:

— Eu não a odeio.

— Não?

Ele mexe nos cadarços do tênis. Suspira. Balança a cabeça.

— E não gostei do que estavam falando sobre você — ele conta, com a voz mais baixa agora. — As outras crianças. Elas diziam que você era má e cruel e eu falava que você não era. Eu dizia a elas que você era calma e gentil. E que você tem um cabelo bonito. E elas diziam que eu estava mentindo.

Eu engulo em seco, com dificuldade, atingida no coração.

— Você acha que tenho um cabelo bonito?

— Por que você o matou? — James pergunta, com os olhos muito abertos, muito preparados para entender. — Ele estava tentando machucá-la? Você estava assustada?

Eu respiro algumas vezes antes de responder.

— Você se lembra — digo a ele, sentindo-me nervosa agora — do que Adam lhe contou sobre mim? Sobre eu não poder tocar em nenhuma pessoa sem machucá-la.

James concorda, balançando a cabeça.

— Bem, foi isso que aconteceu — eu conto. — Toquei nele e ele morreu.

— Mas por quê? — ele questiona. — Por que você tocou nele? Queria que ele morresse?

Meu rosto parece porcelana quebrada.

— Não — digo a ele, balançando a cabeça. — Eu era nova... Apenas alguns anos mais velha que você, na verdade. Não sabia o que estava fazendo. Não sabia que podia matar as pessoas ao tocar nelas. Ele tinha caído na mercearia e eu estava apenas tentando ajudá-lo a se levantar.

Uma longa pausa.

— Foi um acidente.

James fica em silêncio por alguns instantes.

Ele reveza entre olhar para mim, olhar para os seus tênis, para os joelhos que encolheu até o peito. Ele está olhando para o chão quando, enfim, sussurra:

— Desculpe-me por ter ficado bravo com você.

— Desculpe-me por não ter contado a verdade — eu sussurro de volta.

Ele balança a cabeça para cima e para baixo. Coça um ponto no nariz. Olha para mim.

— Então podemos ser amigos de novo?

— Você quer ser meu amigo?

Pisco com força contra a ardência em meus olhos.

— Você não tem medo de mim?

— Você vai ser má comigo?

— Nunca.

— Então, por que teria medo de você?

E eu rio, principalmente porque não quero chorar. Balanço a cabeça muitas vezes.

— Sim — digo a ele. — Vamos ser amigos de novo.

— Ótimo — ele diz e fica em pé. — Porque não tomo mais o café da manhã com as outras crianças.

Eu fico em pé. Tiro a poeira da parte de trás do meu traje.

— Tome conosco — eu o convido. — Você sempre pode se sentar à nossa mesa.

— Certo.

Ele concorda, balançando a cabeça. Desvia o olhar de novo. Puxa um pouco a orelha.

— Você sabia que Adam fica muito triste o tempo todo?

Ele vira os olhos azuis para mim.

Não consigo falar. Não consigo falar nada.

— Adam disse que está triste por sua causa.

James me olha como se quisesse que eu negasse.

— Você o machucou por acidente também? Ele ficou na ala médica, você sabia? Estava doente.

E acho que vou desmoronar, bem aqui, mas, de alguma forma, isso não acontece. Não posso mentir para ele.

— Sim — eu confirmo. — Eu o machuquei por acidente, mas, agora... a-agora eu fico longe dele. Assim, não posso mais machucá-lo.

— E por que ele ainda está tão triste? Se você não o está mais machucando?

Estou balançando a cabeça, apertando os lábios porque não quero chorar e não sei o que dizer. E James parece entender.

Ele joga os braços em volta de mim.

Bem em volta da minha cintura. Abraça-me e me diz para não chorar porque ele acredita em mim. Acredita que só machuquei Adam por acidente. E o menininho também. E, depois, ele diz:

— Tenha cuidado hoje, certo? E dê uma porrada neles também.

Fico tão admirada que levo um instante para perceber que ele não apenas usou uma palavra feia, como acabou de tocar em mim pela primeira vez. Tento segurá-lo pelo máximo de tempo que posso sem deixar a situação estranha, mas acho que meu coração ainda está em uma poça no chão.

E é quando percebo: todo mundo sabe.

James e eu caminhamos para a sala de jantar juntos e posso dizer que os olhares são diferentes agora. Os rostos estão cheios de orgulho, força e reconhecimento quando me veem. Sem medo. Sem desconfiança. Oficialmente, tornei-me uma deles. Vou lutar com eles, por eles, contra o mesmo inimigo.

Posso ver o que está nos olhos deles porque estou começando a me lembrar dessa sensação.

Esperança.

É como uma gota de mel, um campo de tulipas florescendo na primavera. É chuva fresca, uma promessa sussurrada, um céu sem nuvens, a pontuação perfeita no final de uma frase.

E é a única coisa no mundo que me mantém em pé.

30

— Não era assim que eu queria que as coisas acontecessem — Castle diz para mim —, mas esse tipo de coisa nunca sai de acordo com o plano.

Adam, Kenji e eu estamos sendo preparados para a batalha. Estamos acampados em uma das maiores salas de treinamento com mais cinco pessoas que nunca vi antes. Elas cuidam das armas e armaduras. É incrível como cada pessoa do Ponto Ômega tem um trabalho. Todos contribuem. Todos têm uma tarefa.

Todos trabalham juntos.

— Agora, ainda não sabemos *exatamente* por que ou como você pode fazer o que faz, senhora Ferrars, mas espero que, quando chegar a hora, sua Energia apareça. Esse tipo de situações com muito estresse é perfeito para provocar suas habilidades... Na verdade, 78% dos membros do Ponto Ômega dizem que a descoberta inicial de suas habilidades se deu em circunstâncias críticas, de alto risco.

Sim, eu não digo a ele. Parece ser assim mesmo.

Castle pega algo com uma das mulheres na sala; acho que seu nome é Alia.

— A senhora não deve se preocupar com nada — ele garante. — Estaremos lá caso algo aconteça.

Eu não observo que nunca disse que estava preocupada. Não em voz alta, de qualquer maneira.

— Estas são suas novas luvas — Castle diz, entregando-as para mim. — Experimente-as.

Estas luvas novas são menores, mais macias: param bem no meu pulso e são fechadas com um botão de pressão. Parecem mais grossas, um pouco mais pesadas, mas cabem em meus dedos com perfeição. Fecho minha mão em um punho. Sorrio um pouco.

— São incríveis — digo a ele. — Você não disse que Winston as criou?

A expressão de Castle se fecha.

— Sim — ele confirma, em voz baixa. — Ele as terminou ontem.

Winston.

Ele foi o primeiro rosto que vi quando acordei no Ponto Ômega. Seu nariz de gancho, seus óculos de plástico, seu cabelo loiro cor de areia e seu conhecimento de psicologia. Sua necessidade de café nojento.

Lembro-me dos óculos quebrados que encontrei na mochila.

Não faço ideia do que aconteceu a ele.

Alia volta com uma geringonça de couro nas mãos. Parece uma armadura. Ela me pede para levantar os braços e me ajuda a vestir a peça, e reconheço que é um coldre. Há grossas alças de couro nos ombros que se juntam no centro das minhas costas e 50 faixas diferentes de um couro preto muito fino umas em cima das outras em torno da parte mais alta da minha cintura — logo abaixo do meu peito —, como um tipo de bustiê incompleto. É como um sutiã sem bojo. Alia teve de afivelar tudo para mim e ainda não entendo bem o que estou usando. Estou esperando algum tipo de explicação.

E, então, vejo as armas.

— Não há nada no bilhete sobre não levar armas — Castle diz enquanto Alia entrega a ele duas pistolas automáticas com um

formato e um tamanho que passei a reconhecer. Pratiquei tiros com elas ontem mesmo.

E me saí muito mal.

— E não vejo motivo para você não levar uma arma — Castle diz.

Ele me mostra onde estão os coldres de cada lado das minhas costelas. Ensina-me a encaixar as pistolas, como colocar os cabos presos no lugar, aonde vão os cartuchos extras.

Nem me importo em mencionar que não faço ideia de como recarregar uma arma. Kenji e eu nunca chegamos a essa parte das lições. Ele estava muito preocupado tentando me lembrar de não usar a arma para gesticular enquanto faço perguntas.

— Espero que armas de fogo sejam o último recurso — Castle me diz. — A senhora tem armas suficientes no seu arsenal pessoal... Não deve precisar atirar em ninguém. E, no caso de a senhora se ver usando seu dom para destruir alguma coisa, sugiro que use isto.

Ele segura o que parece um conjunto de elaboradas variações de socos-ingleses.

— Alia criou-os para você.

Olho dela para Castle e para os estranhos objetos em sua mão. Ele está sorrindo. Agradeço a Alia ter dedicado seu tempo para criar algo para mim e ela balbucia uma resposta incoerente, corando como se não acreditasse que estou falando com ela.

Estou perplexa.

Pego os objetos de Castle e os examino. A parte de baixo é feita com quatro círculos concêntricos fundidos juntos, grandes o suficiente no diâmetro para caberem como um conjunto de anéis, bem encaixados sobre minhas luvas. Deslizo os dedos pelos buracos e viro a mão para examinar a parte de cima. É como um

miniescudo, um milhão de peças de bronze de canhão que cobrem os nós dos meus dedos, os dedos e toda a parte de cima da minha mão. Posso fechar o punho e o metal move-se com o movimento das minhas articulações. Não tem nem um pouco do peso que parece ter.

Coloco o outro também. Dobro os dedos. Finjo pegar as armas agora presas ao meu corpo.

Fácil.

Posso fazer isso.

— Gostou? — Castle pergunta.

Nunca o vi com um sorriso tão grande.

— Adorei — eu respondo. — Tudo está perfeito. Obrigada.

— Ótimo. Fico muito feliz. Agora — ele continua —, se me der licença, preciso cuidar de mais alguns detalhes antes de sairmos. Voltarei logo.

Ele me dirige um breve aceno com a cabeça antes de sair pela porta. Todos, exceto Kenji, Adam e eu, saem da sala.

Viro-me para ver como os meninos estão e um milhão de palavras não ditas caem da minha boca escancarada.

Kenji está usando um traje.

Um tipo de macacão justo que não se parece em nada com o meu. Ele é preto da cabeça aos pés. Os cabelos e olhos muito pretos de Kenji combinam perfeitamente com a roupa moldada a cada contorno do seu corpo. O traje parece ter um toque sintético, quase como plástico; ele brilha à luz fluorescente da sala e parece muito duro para permitir movimentos. Porém, eu o vejo alongar os braços e subir e descer nas pontas dos pés, e o traje parece, de repente, fluido, como se ele se movimentasse com Kenji. Ele está

usando botas, mas nenhuma luva, e um arnês, como eu. Mas o dele é diferente: tem coldres simples que passam por cima dos seus braços como as alças de uma mochila.

E Adam.

Adam está ~~lindo~~ usando uma camiseta de manga comprida, azul-escura e perigosamente justa em seu peito. Não posso deixar de me demorar sobre os detalhes da roupa dele, não posso deixar de lembrar como era ser abraçada por ele, em seus braços. ~~Ele está parado bem em frente a mim e sinto sua falta como se não o visse há anos.~~ Suas calças cargo pretas estão enfiadas no mesmo par de botas pretas que ele usava quando nos conhecemos no manicômio, na altura da canela e lustrosas, feita com couro macio tão perfeito para seus pés que é uma surpresa elas não terem sido feitas para o seu corpo. Porém, ele não tem nenhuma arma.

E fico curiosa o bastante para perguntar.

— Adam?

Ele levanta a cabeça para olhar e congela. Pisca, com as sobrancelhas erguidas, os lábios separados. Seus olhos percorrem cada centímetro do meu corpo a baixo, parando para examinar o arnês que envolve meu peito, as armas presas perto da minha cintura.

Ele não diz nada. Apenas me encara até, enfim, desviar o olhar, parecendo que não consegue respirar, como se tivesse levado um soco no estômago. Ele passa a mão pelo cabelo, pressiona a parte baixa da palma da mão contra a testa e diz alguma coisa sobre voltar logo. Sai da sala.

Sinto-me enjoada.

Kenji limpa a garganta, fazendo barulho. Balança a cabeça. Diz:

— Uau. Quero dizer, você está tentando matar o cara?

— O quê?

Kenji está me olhando como se eu fosse uma idiota.

— Você não pode simplesmente sair por aí tipo “ó, Adam, olhe para mim, olhe como fico sexy com minha roupa nova” e piscar os olhinhos...

— *Piscar os olhinhos*? — pergunto, sendo grosseira com ele. — Do que está falando? Não estou *piscando* os olhinhos para ele! E esta é a mesma roupa que tenho usado todo dia...

Kenji resmunga. Encolhe os ombros e diz:

— É, bem, parece diferente.

— Você está louco.

— Estou apenas *dizendo* — ele acrescenta, erguendo as mãos em deboche para fingir que se rende — que, se eu fosse ele? E você fosse a minha garota? E andasse por aí assim, e eu não pudesse tocá-la?

Ele desvia o olhar. Encolhe os ombros de novo.

— Estou apenas dizendo que não tenho inveja do pobre coitado.

— Eu não sei o que fazer — eu sussurro. — Não estou tentando machucá-lo...

— Ah, infernos. Esqueça que eu disse algo — ele fala, balançando as mãos. — De verdade. Isso não é *nem um pouco* problema meu.

Ele me lança um olhar.

— E *não* considere isso um convite para você começar a me contar todos os seus sentimentos secretos agora.

Eu contraio os olhos na direção dele.

— Não vou lhe contar nada sobre meus sentimentos.

— Ótimo. Porque não quero saber.

— Você já teve namorada, Kenji?

— O quê?

Ele parece mortalmente ofendido.

— Eu *pareço* o tipo de cara que nunca teve namorada? Você me *conhece*?

Eu reviro os olhos.

— Esqueça que perguntei.

— Não posso acreditar que você acabou de dizer isso.

— É você que sempre sai por aí dizendo que não quer falar sobre seus sentimentos — eu retruco, ríspida.

— Não — ele diz. — Eu disse que não quero falar sobre os *seus* sentimentos.

Aponta para mim.

— Não tenho problema nenhum em falar sobre os meus.

— Então você quer falar sobre os seus sentimentos?

— De jeito nenhum.

— Ma...

— Não.

— Tudo bem.

Eu desvio o olhar. Mexo nas alças que estão me puxando nas costas.

— Então, qual é a do seu traje? — pergunto a ele.

— O que você quer dizer com *qual é a dele*?

Ele franze as sobrancelhas. Passa a mão pelo traje abaixo.

— Este traje é durão.

Eu seguro um sorriso.

— Só quis dizer, por que você está usando um traje assim? Por que você ganhou um e o Adam não?

Ele encolhe os ombros.

— O Adam não precisa de um. Poucas pessoas precisam... Tudo depende do tipo de dom que temos. Para mim, este traje deixa a vida um tanto mais fácil. Não uso sempre, mas, quando preciso levar uma missão a sério, ele ajuda bastante. Por exemplo, quando preciso me misturar ao cenário — ele explica —, é menos complicado se preciso mudar uma cor sólida, no caso, o preto, e, se eu tiver muitas camadas a mais e muitas peças a mais flutuando em volta do meu corpo, tenho de me concentrar muito mais para camuflar todos os detalhes. Se tenho só uma peça e só uma cor, viro um camaleão muito melhor. Além disso — acrescenta, alongando os músculos dos braços —, fico sexy pra burro neste traje.

Preciso de todo o meu autocontrole para não explodir em risadas.

— Mas e o Adam? — eu questiono. — Adam não precisa de um traje nem de *armas*? Não parece certo.

— Eu tenho armas — Adam diz ao voltar à sala.

Seus olhos estão focados nos punhos que está apertando e abrindo em frente do corpo.

— Você apenas não consegue vê-las.

Não consigo parar de olhar para ele, não consigo parar de encarar.

— Armas invisíveis, hein?

Kenji sorri maliciosamente.

— Que fofo. Acho que nunca passei por essa fase.

Adam olha com raiva para Kenji.

— Tenho nove armas diferentes escondidas no meu corpo neste instante. Quer escolher a que vou usar para atirar na sua cara? Ou eu escolho?

— Foi uma *brincadeira*, Kent. Que diabos. Eu estava *brincando*...

— Certo, pessoal.

Viramo-nos ao som da voz de Castle.

Ele nos analisa.

— Estão prontos?

Eu digo:

— Sim.

Adam confirma, balançando a cabeça.

Kenji diz:

— Vamos fazer essa merda.

Castle diz:

— Sigam-me.

31

São 10h32 da manhã.

Temos exatamente uma hora e 28 minutos antes do encontro com o comandante supremo.

O plano é este: Castle e todas as pessoas capacitadas do Ponto Ômega já estão em posição. Partiram há meia hora. Estão escondidos em prédios abandonados ao redor da circunferência do ponto de encontro indicado no bilhete. Estarão prontos para um ataque assim que Castle der o sinal... E Castle dará o sinal apenas se achar que nós estamos em perigo.

Adam, Kenji e eu iremos a pé.

Kenji e Adam conhecem bem a área não regulamentada porque, como soldados, tinham de conhecer quais seções da terra eram estritamente proibidas. Ninguém tem permissão para entrar nos terrenos do nosso antigo mundo. Os estranhos becos, ruas laterais, velhos restaurantes e prédios de escritórios são território proibido.

Kenji diz que nosso ponto de encontro é uma das poucas áreas suburbanas ainda de pé; ele diz que a conhece bem. Parece que, como soldado, foi enviado para várias tarefas nessa área, todas as vezes tendo de deixar pacotes não identificados em uma caixa de correio abandonada. Os pacotes nunca foram explicados, e ele não era idiota o bastante para perguntar.

Ele conta que é estranho que quaisquer dessas velhas casas estejam boas para morar, em especial considerando o quanto o Restabelecimento se esforça para garantir que os civis nunca tentem voltar. Na verdade, a maioria dos bairros residenciais foi demolida logo após a tomada da posse inicial. Assim, é muito, muito raro encontrar seções preservadas. Porém, ali está, escrito no bilhete em letras maiúsculas muito apertadas:

SYCAMORE, NÚMERO 1.542

Vamos encontrar o comandante supremo dentro do que costumava ser a casa de alguém.

— Então, o que acham que devemos fazer? Simplesmente tocar a campainha?

Kenji está nos guiando para a saída do Ponto Ômega. Estou olhando bem para frente na luz fraca deste túnel, tentando não prestar atenção nos 35 pica-paus no meu estômago.

— O que acham? — Kenji pergunta de novo. — Seria demais? Talvez devêssemos apenas bater na porta.

Eu tento rir, mas o esforço é pouco animado, se tanto.

Adam não diz uma palavra.

— Tudo bem, tudo bem — Kenji diz, bastante sério agora. — Depois que sairmos, vocês sabem o esquema. Damos as mãos. Eu projeto para nos camuflar. Cada um de um lado meu. Entenderam?

Estou concordando com a cabeça, tentando não olhar para Adam enquanto isso.

Este será um dos primeiros testes para ele e sua habilidade; ele terá de ser capaz de desativar seu dom enquanto estiver ligado a Kenji. Se não conseguir, a proteção de Kenji não funcionará para Adam, e ele ficará exposto. Em perigo.

— Kent — Kenji fala —, você entende os riscos, certo? Se não conseguir fazer isso?

Adam faz que sim com a cabeça. O rosto sereno. Diz que está treinando todo dia, trabalhando com Castle para ficar sob controle. Garante que vai ficar bem.

Ele olha para mim quando diz isso.

Minhas emoções se lançam de um avião.

Quase nem percebo que estamos nos aproximando da superfície quando Kenji faz um gesto para nós o seguirmos por uma escada de mão. Eu subo e tento pensar ao mesmo tempo, repassando o plano que gastamos as primeiras horas da manhã esquematizando.

Chegar lá é a parte fácil.

Entrar é quando começa a ficar complicado.

Devemos fingir que estamos fazendo uma troca; nossos reféns devem estar com o comandante supremo e eu devo supervisionar a libertação deles. Deve ser uma permuta.

Eu por eles.

Porém, a verdade é que não faço ideia do que vai acontecer. Não sabemos, por exemplo, quem abrirá a porta. Não sabemos se *alguém* abrirá a porta. Não sabemos nem se vamos mesmo nos encontrar dentro da casa ou, simplesmente, do lado de fora dela. Também não sabemos como eles irão reagir ao verem Adam e Kenji e o armamento improvisado que prendemos aos nossos corpos.

Não sabemos se vão começar a atirar imediatamente.

Essa é a parte que me assusta. Não estou preocupada comigo mesma como estou preocupada com Adam e Kenji. Eles são a improvisação do plano. São o elemento-surpresa. Ou são as peças inesperadas que nos darão a única vantagem que podemos arriscar ter agora, ou são as peças inesperadas que acabam mortas assim que forem vistas. E estou começando a achar que essa foi uma ideia muito ruim.

Estou começando a me perguntar se eu estava errada. Se, de repente, não consigo lidar com a situação.

Mas é muito tarde para voltar agora.

32

— Esperem aqui.

Kenji nos diz para ficarmos quietos enquanto ele coloca a cabeça para fora da saída. Já desapareceu de vista, seu corpo misturando-se ao cenário. Ele vai nos avisar se é seguro sairmos para a superfície.

Adam e eu somos a personificação perfeita do silêncio enquanto esperamos.

Estou nervosa demais para falar.

Nervosa demais para pensar.

Eu consigo fazer isso, nós conseguimos fazer isso, não temos escolha a não ser fazer isso, é tudo que fico repetindo para mim mesma.

— Vamos — ouço a voz de Kenji acima de nossas cabeças.

Adam e eu o seguimos pelos últimos degraus da escada. Estamos usando uma das rotas de saída alternativas do Ponto Ômega — uma que apenas sete pessoas conhecem, de acordo com Castle. Estamos tomando todas as precauções necessárias.

Adam e eu conseguimos içar nossos corpos para a superfície e, no mesmo instante, sinto frio e a mão de Kenji deslizar ao redor da minha cintura. Frio, frio, frio. Ele corta pelo ar como mil facas pequenas, talhando nossa pele. Olho para meus pés e não vejo nada além de um brilho fraco e quase imperceptível onde minhas botas deviam estar. Sacudo os dedos em frente ao meu rosto.

Nada.

Olho ao redor.

Nem sinal do Adam e nem sinal do Kenji, exceto por sua mão invisível, agora descansando na parte inferior das minhas costas.

Funcionou. Adam conseguiu fazer funcionar. Estou tão aliviada que quero cantar.

— Vocês conseguem me ouvir? — eu sussurro, feliz por ninguém poder me ver sorrindo.

— Sim.

— Sim, estou bem aqui — Adam diz.

— Bom trabalho, Kent — Kenji diz a ele. — Sei que não deve ter sido fácil para você.

— Está tudo bem — Adam afirma. — Estou bem. Vamos.

— Vamos.

Somos como uma corrente humana.

Kenji está entre Adam e eu e estamos ligados, de mãos dadas conforme Kenji nos guia por esta área deserta. Não faço ideia de onde estamos e estou começando a perceber que raramente sei onde estou. Este mundo ainda é tão estranho para mim, ainda tão novo. Passar tanto tempo isolada enquanto o planeta caía aos pedaços não me ajudou.

Quanto mais avançamos, mais perto ficamos da estrada principal e mais perto ficamos dos aglomerados localizados a menos de dois quilômetros e meio daqui. Posso ver o formato de caixas de suas estruturas de aço de onde estamos.

Kenji para de repente.

Não diz nada.

— Por que não estamos andando? — pergunto.

Kenji faz um barulho para eu ficar quieta.

— Ouviu isso?

— O quê?

Adam puxa o ar.

— Merda. Tem alguém vindo.

— Um tanque — Kenji esclarece.

— Mais de um — Adam acrescenta.

— Então, por que ainda estamos parados aqui...

— Espere, Juliette, aguente um segundo...

E, então, eu vejo. Um desfile de tanques vindo pela estrada principal. Conto seis deles juntos.

Kenji solta uma série de exclamações com a voz baixa.

— O que é isso? — pergunto. — Qual é o problema?

— Havia apenas um motivo para Warner nos ordenar a sair com mais de dois tanques por vez, na mesma rota — Adam me diz.

— O quê...

— Estão se preparando para lutar.

Eu sufoco um grito.

— Ele sabe — Kenji afirma. — Maldição! É claro que sabe. Castle estava certo. Ele sabe que estamos trazendo reforços. *Merda*.

— Que horas são, Kenji?

— Temos cerca de 45 minutos.

— Então, vamos andar — digo a ele. — Não temos tempo para nos preocuparmos com o que vai acontecer depois. Castle está preparado... Ele está prevendo algo assim. Ficará bem. Mas, se não chegarmos àquela casa na hora certa, Winston, Brendan e todos os outros poderão morrer hoje.

— *Nós* podemos morrer hoje — ele observa.

— É — eu falo. — Isso também.

Estamos andando rápido pelas ruas agora. Velozes. Corremos pela clareira na direção de algo parecido com a civilização e é quando eu vejo: os restos de um universo dolorosamente familiar. Pequenas casas quadradas com pequenos quintais quadrados que, agora, não são nada além de ervas daninhas deteriorando-se ao vento. A grama morta faz barulho sob nossos pés, congelada e nada convidativa. Contamos as casas.

Sycamore, número 1.542.

Deve ser essa. É impossível não a ver.

É a única casa de toda a rua que parece habitável. A tinta é nova, limpa, um bonito tom de azul como um ovo de tordo americano. Uns poucos degraus levam à varanda da frente, onde vejo duas cadeiras de balanço brancas de vime e um vaso enorme com flores azuis bem vivas que nunca vi antes. Vejo um tapete de boas-vindas feito de borracha, um mensageiro dos ventos preso em uma viga de madeira, vasos de cerâmica e uma pequena pá guardada em um canto. É tudo, tudo, tudo que nunca mais poderemos ter.

Alguém *mora* aqui.

É impossível isso existir.

Estou puxando Kenji e Adam até a casa, tomada pela emoção, quase esquecendo que não podemos mais viver neste velho e lindo mundo.

Alguém está me puxando para trás.

— Não é aqui — Kenji me diz. — Esta é a rua errada. *Merda*. Esta é a rua errada. Tínhamos de estar duas ruas para baixo...

— Mas essa casa... é... Quero dizer, Kenji, alguém *mora* aí...

— Ninguém mora aí — ele diz. — Alguém provavelmente montou isso para nos despistar... Na verdade, aposto que estava rodeada de C4. Deve ser uma armadilha para pegar pessoas que ficam andando em campos não regulamentados. Agora, vamos lá...

Ele puxa minha mão de novo.

— Temos de nos apressar. Temos sete minutos!

E, embora estejamos correndo para frente, fico olhando para trás, esperando ver algum sinal de vida, esperando ver alguém sair para verificar a caixa de correio, esperando ver um pássaro passar, voando.

E talvez eu esteja imaginando.

Talvez eu seja louca.

Mas poderia jurar que acabei de ver uma cortina balançar na janela do andar de cima.

33

Noventa segundos.

A verdadeira Sycamore, número 1.542, é tão destruída quanto pensei que seria desde o começo. É uma bagunça desintegrando-se, o telhado gemendo sob o peso da negligência de muitos anos. Adam, Kenji e eu estamos parados na esquina, fora do campo de visão, embora tecnicamente ainda estejamos invisíveis. Não há uma só pessoa em nenhuma parte, a casa toda parece abandonada. Estou começando a me perguntar se isso não foi apenas uma piada bem elaborada.

Setenta e cinco segundos.

— Vocês ficam escondidos — digo a Kenji e Adam, atingida por uma inspiração repentina. — Quero que ele pense que estou sozinha. Se alguma coisa der errado, vocês podem avançar, certo? Há um risco muito grande de a presença de vocês estragar tudo rápido demais.

Os dois ficam quietos por um instante.

— *Maldição*. É uma boa ideia — Kenji diz. — Eu devia ter pensado nisso.

Não consigo conter um sorriso, só um sorriso pequeno.

— Vou soltar agora.

— Ei... boa sorte — Kenji deseja, com a voz inesperadamente suave. — Estaremos bem atrás de você.

— Juliette...

Eu hesito ao som da voz de Adam.

Ele quase diz alguma coisa, mas parece mudar de ideia. Limpa a garganta. Sussurra:

— Prometa que tomará cuidado.

— Prometo — eu respondo para o vento, contendo a emoção.

Não agora. Não posso lidar com isso agora. Tenho de me concentrar.

Assim, respiro fundo.

Dou um passo à frente.

Solto.

Dez segundos e estou tentando respirar

Nove

e estou tentando ser corajosa

Oito

mas a verdade é que estou apavorada até os ossos

Sete

e não faço ideia do que me espera atrás daquela porta

Seis

e tenho quase certeza de que terei um infarto

Cinco

mas não posso voltar agora

Quatro

porque lá está

Três

a porta está bem em frente a mim

Dois

tenho apenas de bater nela

Um

mas ela é aberta antes.

— Ó, que bom — ele diz para mim. — Você chegou bem na hora.

34

— É uma boa surpresa — ele me diz. — Ver que os jovens ainda valorizam coisas como a pontualidade. É sempre tão frustrante quando as pessoas desperdiçam meu tempo.

Minha cabeça está cheia de botões faltando e cacos de vidro e pontas de lápis quebradas. Estou balançando a cabeça muito devagar, piscando como uma idiota, incapaz de achar palavras na minha boca, ou porque elas estão perdidas ou porque elas nunca existiram ou porque não faço ideia do que dizer.

Não sei o que estava esperando.

Talvez eu tenha pensado que ele seria velho e corcunda e um pouco cego. Talvez usasse um tampão em um olho e tivesse de andar com uma bengala. Talvez ele tivesse dentes podres e pele macilenta e cabelo desajeitado e com falhas e, talvez, ele fosse um centauro, um unicórnio, uma bruxa velha com chapéu pontudo, qualquer coisa, qualquer coisa, qualquer coisa menos isto. Porque isto não é possível. Não é natural. É tão difícil, para mim, entender e o que quer que eu estivesse esperando estava tão total, incrivel, horrivelmente errado.

Estou olhando para um homem que é completa, impressionantemente lindo.

E ele é um *homem*.

Ele deve ter, pelo menos, 45 anos, alto e forte e envolto por um terno que o veste com tanta perfeição que é quase injusto. Seu cabelo é grosso e macio como creme de avelã; sua linha do queixo é bem definida, as linhas do seu rosto têm simetria perfeita, suas maçãs do rosto foram endurecidas pela vida e a idade. Porém, são seus olhos que fazem toda a diferença. Seus olhos são a coisa mais espetacular que já vi.

São quase como água-marinha.

— Por favor — ele diz, abrindo o sorriso mais incrível. — Entre.

E, então, eu entendo, bem naquele instante; porque tudo faz sentido de repente. Sua aparência; sua estatura; seu comportamento gentil e elegante; a facilidade com que quase esqueci que ele é um vilão... *Este homem*.

Este é o pai de Warner.

Entro no que parece ser uma pequena sala de estar. Há sofás velhos e cheio de caroços arrumados ao redor de uma pequenina mesa de centro. O papel de parede está amarelado e descascando por causa do passar do tempo. A casa está pesada com um cheiro estranho de mofo que indica que as janelas de vidro rachado não são abertas há anos, e o carpete tem cor verde-floresta sob meus pés, as paredes enfeitadas com painéis de madeira falsos que não fazem nenhum sentido para mim. Esta casa é, em uma única palavra, feia. Parece ridículo que um homem tão estonteante encontre-se dentro de uma casa tão horrivelmente inferior.

— Ó, espere — ele diz —, só uma coisinha.

— O qu...

Ele me prendeu contra a parede pelo pescoço, as mãos protegidas com cuidado por um par de luvas de couro, já preparadas para tocar minha pele e cortar minha respiração, fazer-me sufocar até a morte e eu tenho total certeza de que estou morrendo, estou certa de que esta é a sensação de morrer, estar completamente imobilizada, mole do pescoço para baixo. Tento arranhá-lo, batendo em seu corpo com o restante da minha energia até desistir, rendendo-me à minha própria estupidez, meus últimos pensamentos condenando-me por ser tão idiota, por pensar que poderia mesmo vir até aqui e conseguir alguma coisa, até perceber que ele abre meus coldres, rouba minhas armas e as coloca nos seus bolsos.

Ele me solta.

Eu caio no chão.

Ele diz para eu me sentar.

Eu sacudo a cabeça, tossindo para enfrentar a tortura em meus pulmões, ofegando no ar sujo e mofado, arfando em arquejos horríveis e estranhos, todo o meu corpo sofrendo espasmos com a dor. Estou aqui dentro há menos de dois minutos e ele já me dominou. Tenho de descobrir como fazer algo, como passar por isso e sobreviver. Agora não é o momento de me conter.

Fecho e contraio os olhos por um instante. Tento limpar minhas vias aéreas, tento encontrar meus pensamentos. Quando, por fim, levanto o olhar, vejo que ele já se sentou em uma das cadeiras, olhando para mim como se estivesse muito entretido.

Mal consigo falar.

— Onde estão os reféns.

— Eles estão bem.

Este homem, cujo nome eu não sei, balança uma mão indiferente no ar.

— Eles ficarão bem. Tem certeza de que não quer se sentar?

— O quê...

Tento limpar a garganta e arrependo-me na mesma hora, forçando-me a piscar para conter as lágrimas traidoras que queimam meus olhos.

— O que você quer de mim?

Ele inclina-se para frente na cadeira. Junta as mãos.

— Sabe, já não tenho muita certeza.

— O quê?

— Bem, você com certeza já entendeu que tudo isto — ele faz um aceno de cabeça para mim, para a sala — é apenas uma distração, certo?

Ele sorri o mesmo sorriso incrível.

— Com certeza já percebeu que meu objetivo final era atrair seu pessoal para o meu território? Meus homens estão esperando apenas uma palavra. Uma palavra minha e vão procurar e destruir todos os seus amiguinhos que esperam pacientemente no raio de um quilômetro.

O terror vem me cumprimentar.

Ele ri um pouco.

— Se acha que não sei exatamente o que está acontecendo nas minhas próprias *terras*, mocinha, está muito enganada.

Ele balança a cabeça.

— Deixei essas aberrações viverem com muita liberdade entre nós, foi um erro meu. Estão causando muitos problemas e, agora, é a hora de expulsá-las.

— Eu sou uma dessas aberrações — digo a ele, tentando controlar o tremor na minha voz. — Por que me trouxe aqui se tudo o que quer é acabar com a vida de todos nós? Por que eu? Você não precisava me escolher.

— Você está certa.

Ele balança a cabeça para cima e para baixo. Fica em pé. Enfia as mãos nos bolsos.

— Vim até aqui com uma meta: arrumar a bagunça feita pelo meu filho e, enfim, colocar um fim nos esforços inocentes de um grupo de aberrações estúpidas. Para apagá-las deste mundo triste. Mas, então — ele diz, rindo um pouco —, assim que comecei a traçar meus planos, meu filho veio até mim e implorou-me para não a matar. Apenas você.

Ele para. Olha para cima.

— Ele chegou a *implorar* para eu não a matar.

Ri de novo.

— Foi tão patético quanto surpreendente.

— É claro que, nesse momento, soube que precisava conhecê-la — ele afirma, sorrindo, olhando para mim como se pudesse estar encantado. — “Tenho de conhecer a garota que conseguiu enfeitiçar meu garoto!”, eu disse para mim mesmo. Essa garota que conseguiu fazê-lo se esquecer de seu orgulho... sua dignidade... tempo o bastante para me implorar um favor.

Uma pausa.

— Você sabe — ele pergunta para mim — quando meu filho já me pediu um favor?

Ele levanta a cabeça. Espera a minha resposta.

Eu balanço a cabeça.

— Nunca.

Ele para e respira.

— Nunca, nem uma vez em 19 anos ele me pediu alguma coisa. Difícil de acreditar, não é?

Seu sorriso é grande, brilhante.

— Eu tenho todo o crédito por isso, é claro. Eu o criei bem. Ensinei-o a ser totalmente independente, centrado, livre das necessidades e dos desejos que destroem a maioria dos outros homens. Assim, ouvir essas palavras vergonhosas de súplica saírem da boca dele?

Ele balança a cabeça.

— Bem, naturalmente, fiquei intrigado. Tinha de ver por mim mesmo. Precisava entender o que ele tinha visto, o que havia de tão especial em você que pudesse causar um lapso tão colossal no bom senso dele. Embora, para ser bem sincero — ele continua —, eu não achasse que você fosse aparecer.

Ele tira uma das mãos do bolso, gesticula com ela enquanto fala.

— Quero dizer, eu com certeza esperava que você viesse, mas pensei que, se aparecesse, pelo menos viria com apoio... Algum tipo de reforço. Mas aqui está você, usando essa monstruosidade de elastano — ele ri alto — e está sozinha.

Ele me analisa.

— Muito idiota — diz. — Mas corajosa. Gosto disso. Sei admirar a coragem. De qualquer forma, eu a trouxe aqui para ensinar uma lição ao meu filho. Eu tinha a intenção de matá-la — ele acrescenta, começando a andar devagar e com regularidade pela sala. — E eu preferia fazê-lo onde ele pudesse, com certeza, ver. A guerra é uma bagunça — diz, balançando a mão. — É fácil perder a noção de quem está morrendo e como morreu e quem matou quem etc., etc. Eu queria que essa morte em especial fosse tão limpa e simples quanto a mensagem que ela poderia levar. Não é bom, para ele, criar esse tipo de apego no final das contas. É meu dever como pai colocar um ponto final nesse tipo de besteira.

Há uma pedra do tamanho do meu punho alojada sob minha língua e não consigo cuspi-la. Sinto-me enjoada, tão enjoada, tão

tremendamente enjoada. Este homem é muito, muito pior do que eu poderia ter imaginado.

Minha voz é uma respiração pesada, um sussurro alto quando eu falo:

— Então, por que não me mata simplesmente?

Ele hesita. Diz:

— Não sei. Eu não fazia ideia de que você era tão adorável. Temo que meu filho nunca tenha mencionado o quanto você é bonita. E é sempre muito difícil matar uma coisa bela.

Ele suspira.

— Além disso. Você me surpreendeu. Chegou na hora certa. Sozinha. Estava mesmo disposta a se sacrificar para salvar criaturas idiotas o bastante para serem capturadas.

Toma um fôlego cortante.

— Talvez possamos ficar com você. Se você não provar ser útil, pode provar ser um entretenimento no mínimo.

Tomba a cabeça, pensativo.

— Porém, se ficarmos com você, suponho que terá de voltar ao Capitólio comigo, pois não posso mais confiar em meu filho para fazer nada certo. Já lhe dei chances demais.

— Obrigada pela oferta — eu respondo, lutando para ignorar as cobras que nadam pelo meu sangue, o xarope de cereja que pinga pelo meu pescoço. — Mas eu preferiria até pular de um penhasco.

A risada dele é como uma centena de pequenos sinos, feliz e saudável e contagiante.

— Ó, minha nossa.

Ele sorri, um sorriso vivo e carinhoso e devastadoramente sincero. Balança a cabeça. Grita, por cima do ombro, para o que parece ser outro aposento — talvez a cozinha, não tenho certeza — e diz:

— Filho, pode vir até aqui, por favor?

Tudo o que consigo pensar é que, às vezes, você morre; às vezes, está prestes a explodir; às vezes, está dois metros abaixo do solo, procurando por uma janela, quando alguém despeja fluido de isqueiro no seu cabelo e acende um fósforo no seu rosto.

Sinto meus ossos se incendiarem.

Warner está aqui.

35

Ele aparece na porta diretamente oposta ao lugar onde estou agora e está bem como eu me lembro dele. O cabelo dourado e a pele perfeita e os olhos brilhantes demais para seu tom desbotado de esmeralda. O rosto dele é primorosamente belo, herdado, agora percebi, do pai. É o tipo de rosto em que ninguém mais acredita; linhas e ângulos e simetria fácil que são quase ofensivos em sua perfeição. Ninguém devia querer um rosto como esse. É um rosto destinado a problemas, a perigos, a uma válvula de escape para compensar, e muito, pelo excesso que roubou de um inocente desavisado.

É exagerado.

É demais.

~~Fico com medo.~~

Preto e verde e dourado parecem ser as cores dele. Seu terno muito preto foi feito sob medida para o seu corpo, magro, mas musculoso, contrabalanceado pelo branco vivo da camisa por baixo e adornado pela gravata preta e simples amarrada no pescoço. Ele está ereto, alto, impassível. Para qualquer outra pessoa, ele pareceria impressionante, mesmo com o braço direito ainda em uma tipoia. Ele é o tipo de garoto que só foi ensinado a ser um homem, que foi orientado a apagar o conceito de infância das suas expectativas de vida. Seus lábios não ousam sorrir, sua testa não se franze com preocupações. Ele foi ensinado a esconder as emoções, esconder os pensamentos do mundo e não confiar em nada nem ninguém. A pegar o que quiser independentemente dos meios necessários. Posso ver tudo isso com clareza.

Porém, ele parece diferente para mim.

Está olhando para mim e isso me desarma; é alarmante. Seu olhar é muito pesado e seus olhos, muito profundos. Sua expressão

está muito cheia de algo que não reconheço. Ele está me olhando como se eu tivesse conseguido, como se eu tivesse atirado no coração dele e estilhaçado-o, como se eu o tivesse abandonado para morrer depois de ele ter dito que me amava, e eu me recusava a pensar que isso sequer fosse possível. A pausa, pausa, pausa na minha respiração enquanto eu absorvo a expressão de agonia dele ~~não é algo não é nada~~ não é o que eu estava esperando.

E eu vejo a diferença nele agora. Vejo o que mudou.

Ele não está se esforçando para esconder suas emoções de mim.

Meus pulmões são mentirosos, fingindo que não conseguem se expandir só para poderem rir de mim, e meus dedos estão flutuando, lutando para escapar da prisão de meus ossos como se tivessem esperado 17 anos para fugirem.

Fuja, é o que meus dedos me dizem.

Respire, é o que fico dizendo a mim mesma.

Warner é uma criança. Warner é um filho. Warner é um garoto que tem apenas um entendimento limitado sobre a própria vida. Warner com um pai que lhe ensinaria uma lição matando a única coisa pela qual ele já se dispôs a implorar.

Warner como um ser humano me apavora mais do que qualquer coisa.

O comandante supremo está impaciente agora.

— Sente-se — diz para o filho, fazendo um gesto para o sofá onde ele estava sentado.

Warner não diz uma palavra para mim.

Seus olhos estão colados ao meu rosto, meu corpo, ao arnês amarrado em meu peito; seu olhar demora-se em meu pescoço, nas marcas que seu pai provavelmente deixou e eu vejo o movimento na

sua garganta, vejo a dificuldade que ele tem para engolir a visão à sua frente antes de, enfim, desgarrar-se e entrar na sala de estar. Ele é muito parecido com o pai, estou começando a perceber. A maneira como anda, sua aparência ao usar um terno, a forma como é meticuloso com sua higiene. E, ainda assim, não tenho dúvida de que ele detesta o homem que ele tenta, desastrosamente sem sucesso, não imitar.

— Eu gostaria de saber — o supremo diz — como, exatamente, você conseguiu escapar.

Ele olha para mim.

— De repente, fiquei curioso, e foi muito difícil tirar detalhes do meu filho.

Eu pisco, olhando para ele.

— Diga-me — ele pede —, como você escapou?

Fico confusa.

— Da primeira ou da segunda vez?

— Duas vezes! Você conseguiu escapar duas vezes!

Ele está rindo com gosto agora; bate no joelho.

— Incrível! Duas vezes, então. Como conseguiu fugir duas vezes?

Pergunto-me por que ele está enrolando para ganhar tempo. Não entendo por que ele quer conversar quando tantas pessoas estão esperando por uma guerra e não posso deixar de esperar que Adam, Kenji, Castle e todos os outros não tenham congelado até a morte do lado de fora. E, embora não tenha um plano, tenho um palpite. Sinto que nossos reféns podem estar escondidos na cozinha. Assim, decido divertir o comandante por um tempo.

Conto a ele que pulei da janela na primeira vez. Atirei em Warner na segunda.

O supremo não está mais sorrindo.

— Você *atirou* nele?

Dou uma olhada em Warner e vejo que seus olhos ainda estão fixos no meu rosto, sua boca ainda não corre o risco de se mexer. Não faço ideia do que ele está pensando e, de repente, estou tão curiosa que quero provocá-lo.

— Sim — eu respondo, encontrando o olhar de Warner. — Eu atirei nele. Com sua própria arma.

E a repentina tensão no seu maxilar, os olhos que baixaram para as mãos que ele apertava com força sobre o colo... Parece que ele arrancou a bala do corpo com os cinco dedos.

O supremo passa a mão pelo cabelo, coça o queixo. Percebo que ele parece perturbado pela primeira vez desde a minha chegada e pergunto-me se é possível que ele não tivesse nenhuma ideia de como escapei.

Imagino o que Warner deve ter dito sobre o ferimento à bala em seu braço.

— Qual é o seu nome? — pergunto antes de conseguir me conter, percebendo as palavras um instante tarde demais.

Eu não devia fazer perguntas idiotas, mas detesto ficar me referindo a ele como “o supremo”, como se fosse uma entidade intocável.

O pai de Warner olha para mim, com as sobrancelhas posicionadas dois centímetros acima do normal no seu rosto.

— Meu *nome*?

Eu confirmo, balançando a cabeça.

— Pode me, chamar de Comandante Supremo Anderson — ele informa, ainda confuso. — Qual é a importância disso?

— *Anderson*? Mas pensei que seu sobrenome fosse Warner.

Pensei que ele tivesse um primeiro nome que eu pudesse usar para distingui-lo do Warner que passei a conhecer muito bem.

Anderson respira com dificuldade, lança um olhar desgostoso para o filho.

— Definitivamente *não* — ele me diz. — Meu filho achou que seria uma boa ideia usar o sobrenome da mãe, porque é o tipo exato de atitude estúpida que ele tem. O erro — ele continua, quase anunciando a informação agora — que ele sempre comete, vez após outra... Permitir que suas emoções fiquem no caminho do seu *dever*... É patético — conclui, cuspindo na direção de Warner. — E é por isso que, por mais que eu queria deixá-la viver, minha querida, temo que seja uma distração grande demais na vida dele. Não posso permitir que ele proteja uma pessoa que tentou *matá-lo*.

Ele balança a cabeça.

— Nem acredito que tive essa conversa. Ela provou ser um grande constrangimento.

Anderson coloca a mão no bolso, tira uma arma, mira na minha testa.

Muda de ideia.

— Estou cansado de sempre arrumar a sua bagunça — ele briga com Warner, segurando o braço dele, puxando-o do sofá.

Ele empurra o filho bem para a minha frente, aperta a arma na mão saudável dele.

— Atire nela — diz. — Atire nela agora.

36

O olhar de Warner está preso ao meu.

Ele está olhando para mim, com os olhos inflamados de emoção e nem estou mais certa de que o conheço. Não estou certa se o entendo, não estou certa se sei o que ele vai fazer quando levanta a arma com uma mão forte e firme e aponta-a diretamente para o meu rosto.

— Rápido — Anderson diz. — Quanto mais cedo fizer isso, mais cedo vai poder seguir em frente. Agora, *acabe com isso*...

Mas Warner levanta a cabeça. Vira-se.

Aponta a arma para o pai.

Eu chego a sufocar um grito.

Anderson parece entediado, irritado, incomodado. Ele passa a mão impaciente pelo rosto antes de tirar outra arma, a minha arma, do bolso. É inacreditável.

Pai e filho, ambos ameaçando matar um o outro.

— Aponte a arma na direção certa, Aaron. Isto é ridículo.

Aaron.

Eu quase dou risada em meio a esta insanidade.

O primeiro nome de Warner é *Aaron*.

— Eu não tenho nenhum interesse em matá-la — ~~Warner~~ ~~Aaron~~ ele diz ao pai.

— Tudo bem.

Anderson aponta a arma para a minha cabeça de novo.

— Eu faço então.

— Atire nela — Warner fala — e eu atravesso uma bala pelo seu crânio.

É um triângulo de morte. Warner apontando uma arma para o pai, o pai apontando uma arma para mim. Sou a única sem arma e não sei o que fazer.

Se eu me mexer, vou morrer. Se não me mexer, vou morrer.

Anderson está sorrindo.

— Que encantador — diz.

Ele está com um sorriso fácil e preguiçoso, segurando a arma de maneira tão enganadoramente casual.

— O que é isso? Ela faz com que você se sinta corajoso, garoto?

Uma pausa.

— Ela faz com que você se sinta forte?

Warner não diz nada.

— Ela o faz querer poder ser um homem melhor?

Uma risadinha.

— Ela encheu seu coração com sonhos para o futuro.

Uma risada mais forte.

— Você perdeu a cabeça — continua — por causa de uma *criança* idiota que é covarde demais para se defender mesmo quando o cano de uma arma está apontado bem para o seu rosto.

Esta — ele diz, apontando a arma com mais decisão para mim — é a menina tola pela qual se apaixonou.

Ele solta um suspiro curto e forte.

— Não sei por que estou surpreso.

Uma nova tensão na sua respiração. Uma nova tensão ao apertar a arma. Esses são os únicos sinais de que Warner está remotamente afetado pelas palavras do pai.

— Quantas vezes — Anderson pergunta — você já ameaçou me matar? Quantas vezes eu acordei no meio da noite e encontrei-o, mesmo quando garoto, tentando atirar em mim enquanto eu dormia?

Ele levanta a cabeça.

— Dez vezes? Talvez quinze? Tenho de admitir que perdi a conta.

Ele encara Warner. Sorri de novo.

— E quantas vezes — fala, a voz muito mais alta agora — você conseguiu ir até o fim? Quantas vezes teve sucesso? Quantas vezes — diz — você caiu no choro, pedindo desculpas, agarrando-se a mim como um maluco...

— Cale a boca — Warner diz, com a voz muito baixa, muito equilibrada, o corpo tão imóvel que é assustador.

— Você é fraco — Anderson fala, nervoso, desgostoso. — Tão pateticamente sentimental. Não quer matar o próprio pai? Tem medo demais que isso parta o seu triste coração?

O maxilar de Warner fica tenso.

— Atire em mim — Anderson diz, com os olhos dançando, brilhando de divertimento. — Eu disse “atire em mim”! — ele grita, dessa vez pegando o braço machucado de Warner, agarrando-o até

seus dedos estarem apertados em torno da ferida, girando o braço para trás até Warner ofegar de dor, piscando rápido demais, tentando desesperadamente conter o grito que cresce dentro dele.

Seu aperto na arma com a mão saudável vacila apenas um pouco.

Anderson solta o filho. Empurra-o com tanta força que Warner cambaleia enquanto tenta manter o equilíbrio. Seu rosto está branco como giz. A tipoia amarrada ao redor do braço está vazando sangue.

— Tanta conversa — Anderson começa, balançando a cabeça. — Tanta conversa e nunca vai até o fim. Você me *envergonha* — diz a Warner, com o rosto contraído de repulsa. — Você me deixa *enjoado*.

Um barulho alto.

Anderson bate no rosto de Warner com o dorso da mão tão forte que Warner chega a balançar por um instante, já sem equilíbrio por conta de todo o sangue que está perdendo. Mas ele não diz uma palavra.

Não faz um som.

Fica parado ali, aguentando a dor, piscando com rapidez, o maxilar muito tenso, encarando o pai sem nenhuma emoção no rosto; não há sinal de que ele acabou de levar um tapa além da marca em vermelho vivo em sua bochecha, sua têmpora e parte da sua testa. Porém, a tipoia no braço é mais sangue do que algodão agora, e ele parece debilitado demais para ficar em pé.

Ainda assim, ele não diz nada.

— Quer me ameaçar de novo?

Anderson está respirando alto enquanto fala.

— Ainda acha que pode defender sua namoradinha? Acha que vou deixar sua paixão idiota ficar no caminho de tudo que construí? Tudo pelo que trabalhei?

A arma de Anderson não está mais apontada para mim. Ele se esquece de mim por tempo suficiente para colocar o cano da arma na testa de Warner, girando-o, apertando-o contra a pele dele enquanto fala.

— Eu não ensinei *nada* a você? — grita. — Você não aprendeu *nada* comigo...

Não sei como explicar o que aconteceu em seguida.

Tudo o que sei é que minha mão está em volta da garganta dele e eu o prendi contra a parede, tão tomada por uma raiva cega, inflamada, avassaladora, que acho que meu cérebro já pegou fogo e dissolveu-se em cinzas.

Aperto um pouco mais.

Ele está chiando. Está ofegando. Está tentando pegar meus braços, enterrando mãos molengas no meu corpo e ficando vermelho e azul e roxo e eu estou gostando disso. Estou gostando muito, muito disso.

Acho que estou sorrindo.

Levo meu rosto a menos de dois centímetros da orelha dele e sussurro:

— Largue a arma.

Ele larga.

Eu o solto e pego a arma ao mesmo tempo.

Anderson está respirando ruidosamente, tossindo no chão, tentando respirar, tentando falar, tentando alcançar algo com que se

defender e estou me divertindo com a dor dele. Estou flutuando em uma nuvem de ódio absoluto e puro por este homem e tudo o que ele fez e quero me sentar e rir até as lágrimas me fazerem engasgar e cair em um silêncio contente. Eu entendo tanto agora. Tanto.

— Juliette...

— Warner — digo, com muita suavidade, ainda encarando o corpo de Anderson caído no chão à minha frente —, vou precisar que você me deixe sozinha agora.

Eu peso a arma nas minhas mãos. Testo meu dedo no gatilho. Tento me lembrar do que Kenji me ensinou sobre fazer a mira. Sobre deixar as mãos e os braços firmes. Preparando-me para o tranco — o coice — do tiro.

Tombo a cabeça. Faço inventário das partes do corpo dele.

— Você — Anderson enfim consegue ofegar —, você...

Eu atiro na perna dele.

Ele está gritando. Eu acho que ele está gritando. Não consigo ouvir mais nada na verdade. Minhas orelhas parecem cheias de algodão, como se alguém estivesse tentando falar comigo ou, talvez, alguém estivesse gritando comigo, mas tudo está ensurdecido e tenho muito em que me concentrar agora para prestar atenção em qualquer coisa irritante que esteja acontecendo ao fundo. Tudo o que sei é a reverberação desta arma na minha mão. Tudo o que escuto é o tiro ecoando pela minha cabeça. E eu decido que gostaria de fazer de novo.

Atiro na outra perna dele.

Há tantos gritos.

Estou entretida com o horror nos olhos dele. O sangue correndo pelo tecido caro de suas roupas. Quero dizer a ele que ele não fica

muito bonito com a boca aberta desse jeito, mas, então, penso que ele provavelmente não se importaria com a minha opinião de qualquer forma. Sou apenas uma menina tola para ele. Apenas uma menininha tola, uma criança idiota com um rosto bonito que é covarde demais, ele disse, covarde demais para se defender. E, ó, como ele gostaria de *ficar* comigo. Como ele gostaria de me *ter* como seu bichinho de estimação. E eu percebo que não. Não devo me dar ao trabalho de compartilhar meus pensamentos com ele. Não há por que gastar palavras com alguém que está prestes a morrer.

Miro em seu peito. Tento me lembrar de onde fica o coração.

Não bem à esquerda. Não bem no meio.

Apenas... *ali*.

Perfeito.

37

Sou uma ladra.

Roubei este caderno e esta caneta de um dos médicos, de um de seus jalecos de laboratório quando ele não estava olhando e enfiei os dois nas minhas calças. Isso foi logo antes de ele ordenar que aqueles homens viessem me pegar. Aqueles em trajes estranhos com luvas grossas e máscaras contra gás com janelas de plástico embaçadas escondendo seus olhos. Eles eram alienígenas, lembro-me de ter pensado. Lembro-me de ter pensado que deviam ser alienígenas porque não podiam ser humanos, eles que prenderam as minhas mãos com algemas atrás das minhas costas, eles que me amarraram à cadeira. Eles enfiaram armas de eletrochoque em minha pele várias vezes sem nenhum motivo além de me ouvir gritar, mas eu não gritava. Choraminguei, mas nunca disse uma palavra. Senti as lágrimas escorrerem pelo meu rosto, mas eu não estava chorando.

Acho que isso os deixou bravos.

Eles me estapearam para me acordar embora meus olhos estivessem abertos quando cheguei. Alguém me desamarrou sem tirar as algemas e chutou meus dois joelhos antes de me mandar ficar em pé. E eu tentei. Eu tentei, mas não consegui e, por fim, seis mãos empurraram-me porta afora e meu rosto ficou sangrando no concreto por um tempo. Não consigo me lembrar da parte em que me arrastaram para dentro.

Sinto frio o tempo todo.

Sinto-me vazia, como se não houvesse nada dentro de mim além deste coração partido, o único órgão que resta nesta concha. Sinto as lamúrias ecoarem dentro de mim, sinto as pancadas reverberarem pelo meu esqueleto. Tenho um coração, diz a ciência,

mas sou um monstro, diz a sociedade. E eu sei, é claro sei. Eu sei o que fiz. Não estou pedindo compaixão.

Porém, às vezes, eu penso — às vezes, eu me pergunto — se eu fosse um monstro... Com certeza eu ainda sentiria isso a esta altura?

Eu me sentiria brava e cruel e vingativa. Eu conheceria raiva cega e sede de sangue e uma necessidade de me vingar.

Em vez disso, sinto um abismo em mim que é tão profundo, tão escuro que não consigo enxergar lá dentro; não consigo ver o que há nele. Não sei o que eu sou ou o que pode acontecer comigo.

Não sei o que posso fazer de novo.

38

Uma explosão.

O som de vidro estilhaçado.

Alguém me puxa por trás assim que eu aperto o gatilho e a bala atinge a janela atrás da cabeça de Anderson.

Sou virada.

Kenji está me chacoalhando com tanta força, que sinto minha cabeça ser jogada para frente e para trás, e ele está gritando comigo, dizendo-me que temos de ir, que preciso largar a arma, ele está respirando rápido e dizendo:

— Preciso que você se afaste, certo? Juliette? Você consegue me entender? Preciso que você recue agora. Você vai ficar bem... Você vai ficar muito bem... Você vai ficar ótima, precisa apenas...

— Não, Kenji...

Estou tentando fazê-lo parar de me puxar para longe, tentando manter meus pés plantados onde estão porque ele não entende. Ele precisa entender.

— Tenho de matá-lo. Tenho de garantir que ele morra — estou dizendo. — Você só precisa me dar mais um segundo...

— Não — ele diz —, ainda não, agora não.

E ele está me olhando como se estivesse prestes a perder a determinação, como se tivesse visto algo em meu rosto que desejaria nunca ter visto, e diz:

— Não podemos. Não podemos matá-lo ainda. É muito cedo, tudo bem?

Mas não está tudo bem e eu não entendo o que está acontecendo, porém Kenji está pegando minha mão, arrancando a arma dos meus dedos, que não percebi estarem tão apertados em volta dela. E estou piscando. Sinto-me confusa e decepcionada. Olho para minhas mãos. Para meu traje. E não consigo entender, por um instante, de onde veio todo o sangue.

Olho para Anderson.

Seus olhos estão virados para cima. Kenji está verificando seu pulso. Olha para mim e diz:

— Acho que ele desmaiou.

E meu corpo começou a tremer com tanta violência que mal consigo ficar em pé.

O que eu fiz?

Eu recuo, precisando encontrar uma parede à qual me agarrar, algo sólido em que segurar e Kenji me pega, ele está me abraçando muito apertado com um braço e envolvendo minha cabeça com a outra mão e sinto que posso querer chorar, mas, por algum motivo, não consigo. Não consigo fazer nada além de suportar esses tremores que chacoalham meu corpo todo.

— Temos de ir embora — Kenji diz para mim, acariciando meu cabelo em uma demonstração de ternura que sei ser rara para ele.

Fecho os olhos contra os ombros dele, querendo sugar força do seu calor.

— Você vai ficar bem? — ele pergunta. — Preciso que fale comigo, tudo bem? Também teremos que correr.

— Warner — eu ofego, fugindo do abraço de Kenji, com os olhos enlouquecidos. — Onde está...

Ele está desmaiado.

Uma pilha no chão. Braços amarrados atrás da cabeça, uma seringa vazia jogada no tapete ao lado dele.

— Eu cuidei de Warner — Kenji explica.

De repente, tudo está me atingindo ao mesmo tempo. Todos os motivos de estarmos aqui, o que estávamos tentando fazer em primeiro lugar, a realidade do que eu fiz e qual a razão de tudo isto.

— Kenji — eu ofego. — Kenji, onde está o Adam? O que aconteceu? Onde estão os reféns? Todo mundo está bem?

— Adam está bem — ele me tranquiliza. — Nós entramos pela porta dos fundos e encontramos Ian e Emory.

Ele olha na direção da cozinha.

— Eles estavam bem ruins, mas Adam os está levando para fora, tentando fazê-los acordar.

— E os outros? Brendan? E... Winston?

Kenji balança a cabeça.

— Não faço ideia, mas tenho a sensação de que conseguiremos trazê-los de volta.

— Como?

Kenji acena com a cabeça para Warner.

— Vamos levar esse garoto como refém.

— *O quê*?

— É a nossa melhor aposta — ele me diz. — Outra troca. Uma de verdade, dessa vez. Além disso, ele vai ficar bem. Sem as armas, o garoto de ouro é inofensivo.

Ele caminha até a figura imóvel de Warner. Cutuca-o com o dedo do pé antes de levantá-lo, jogando o corpo dele sobre o ombro. Não posso deixar de reparar que o braço ferido de Warner está agora completamente ensopado de sangue.

— Vamos — Kenji diz para mim, com gentileza, os olhos avaliando meu corpo como se não tivesse certeza se já estou estável. — Vamos sair daqui... Está uma loucura lá fora e não temos muito tempo até eles chegarem a esta rua...

— O quê?

Estou piscando rápido demais.

— O que você quer dizer...

Kenji olha para mim, seu rosto mostra que ele não consegue acreditar.

— A *guerra*, princesa. Estão todos lutando até a morte lá fora...

— Mas Anderson não fez nenhuma ligação... Ele disse que os outros esperavam uma ordem dele...

— Não — Kenji diz. — Anderson não fez a ligação. Castle fez.

Ó

meu Deus.

— Juliette!

Adam entra correndo na casa, virando-se para encontrar meu rosto até eu correr e ele me abraçar sem pensar, sem lembrar que não fazemos mais isso, que não estamos mais juntos, que ele não devia nem tocar em mim.

— Você está bem... Você está *bem*...

— VAMOS — Kenji diz, nervoso, pela última vez. — Sei que este é um momento emocionante ou sei lá, mas temos que dar o fora daqui. Eu juro, Kent...

Porém, Kenji para.

Seus olhos baixam.

Adam está de joelhos, um olhar de medo e dor e horror e raiva desenhado em cada linha do seu rosto e estou tentando sacudi-lo, estou tentando fazê-lo dizer o que há de errado, e ele não consegue se mexer, ele está paralisado no chão, com os olhos colados ao corpo de Anderson, as mãos esticando-se para tocar no cabelo que estava arrumado com tanta perfeição quase um instante atrás, e estou implorando para ele falar comigo, implorando que me diga o que aconteceu, e é como se o mundo mudasse em seus olhos, como se tudo que ele pensava ser verde tivesse virado marrom, como se tudo que ele pensava estar para cima estivesse para baixo na verdade, como se nada fosse ficar certo neste mundo e nada pudesse ser bom de novo, e ele separa os lábios.

Tenta falar.

— Meu pai — ele diz. — Este homem é meu pai.

39

— *Merda*.

Kenji fecha e aperta os olhos, como se não acreditasse no que está acontecendo.

— Merda, merda, *merda*.

Ele coloca Warner contra seus ombros, oscila entre ser sensível e ser um soldado e diz:

— Adam, cara, sinto muito, mas temos mesmo que sair daqui.

Adam se levanta, piscando para conter o que posso apenas imaginar que sejam mil pensamentos, memórias, preocupações, hipóteses, e eu chamo seu nome, mas é como se ele nem ouvisse. Ele está confuso, desorientado, e eu estou me perguntando como esse homem pode ser seu pai se Adam me disse que seu pai estava morto.

Agora não é o momento para esse tipo de conversa.

Algo explode a distância e o impacto faz tremer o chão, as janelas, as portas desta casa e Adam parece acordar para a realidade. Ele pula para frente, agarra meu braço e estamos fugindo pela porta.

Kenji é o guia, conseguindo, de alguma forma, correr, apesar do peso do corpo de Warner, mole, pendurado em seu ombro; e ele está gritando para nós o seguirmos de perto. Estou girando, analisando o caos ao nosso redor. O som de tiros está perto demais, perto demais, perto demais.

— Onde estão Ian e Emory? — pergunto a Adam. — Você os tirou de lá?

— Alguns dos nossos homens estavam lutando perto daqui e eu consegui recrutar um dos tanques... Consegui que ele levasse os dois de volta ao Ponto Ômega — ele me conta, gritando para eu poder escutá-lo. — Era o transporte mais seguro possível.

Faço que sim com a cabeça, ofegando para conseguir ar conforme corremos pelas ruas e estou tentando me concentrar nos sons à nossa volta, tentando descobrir quem está ganhando, tentando descobrir se nosso grupo foi dizimado. Viramos a esquina.

Seria de se esperar que fosse um massacre.

Cinquenta dos nossos estão lutando contra 500 dos soldados de Anderson, que estão descarregando bala após bala, atirando em qualquer coisa que possa ser um alvo. Castle e os outros estão resistindo, sangrando e feridos, mas revidando da melhor forma possível. Nossos homens e mulheres estão armados e avançando para revidarem os tiros da oposição na mesma medida; outros estão lutando da única maneira que sabem: um homem está com as mãos no chão, congelando a terra sob os pés dos soldados, fazendo-os perder o equilíbrio; outro homem está correndo entre os soldados com tanta velocidade que ele não passa de um borrão, confundindo-os e derrubando-os e roubando suas armas. Eu levanto o olhar e vejo uma mulher escondida em uma árvore, jogando o que devem ser facas ou flechas em uma sucessão tão rápida que os soldados não têm um instante para reagir antes de serem atingidos de cima.

E lá está Castle no meio de tudo, as mãos esticadas para cima da cabeça, reunindo um redemoinho de partículas, entulhos, tiras de aço espalhadas e galhos quebrados com nada além da coerção das pontas dos seus dedos. Outros formaram uma parede humana ao redor dele, protegendo-o enquanto ele forma um ciclone de tamanha magnitude que até eu posso ver que ele está se esforçando para manter o controle.

E, então,

ele o libera.

Os soldados estão gritando, berrando, fugindo depressa e abaixando-se em busca de abrigo, mas a maioria é lenta demais para escapar do alcance de tanta destruição e eles estão caídos, espetados por pedaços de vidro e pedra e madeira e metal quebrado, mas sei que essa defesa não durará muito.

Alguém tem de dizer a Castle.

Alguém tem de dizer a ele para ir embora, sair dali, que Anderson caiu e que temos dois dos nossos reféns e Warner sob controle. Ele tem de levar nossos homens e mulheres de volta ao Ponto Ômega antes que os soldados fiquem espertos e alguém jogue uma bomba grande o bastante para destruir tudo. Nosso pessoal não vai aguentar muito mais tempo e esta é a oportunidade perfeita para se protegerem.

Digo a Adam e Kenji o que estou pensando.

— Mas como? — Kenji grita por cima do caos. — Como vamos chegar até ele? Se corrermos por ali, vamos morrer. Precisamos de algum tipo de distração...

— O quê? — eu grito de volta.

— Uma *distração*! — ele berra. — Precisamos de algo para confundir os soldados por tempo suficiente para um de nós pegar Castle e dar a ele o sinal verde... Não temos muito tempo...

Adam já está tentando me agarrar, ele já está tentando me fazer parar, ele já está implorando que eu não faça o que ele acha que vou fazer e digo a ele que está tudo bem. Falo para não se preocupar. Falo para levar os outros a um lugar seguro e prometo que ficarei bem, mas ele me alcança, está suplicando com os olhos e eu fico muito tentada a permanecer aqui, bem ao lado dele, mas me liberto. Enfim sei o que preciso fazer; enfim estou pronta para ajudar; enfim tenho mais ou menos um pouco de certeza de que, talvez, desta vez eu possa controlar o poder e tenho de tentar.

Assim, cambaleio para trás.

Fecho os olhos.

Deixo acontecer.

Caio de joelhos e aperto as palmas das mãos contra o chão e sinto o poder caminhando por mim, sinto-o coagular pelo meu sangue e misturar-se à raiva, à paixão, ao fogo dentro de mim e penso em todas as vezes em que meus pais me chamaram de monstro, um erro horrível, terrível, e penso em todas as noites em que chorei até dormir e vejo todos os rostos que me queriam morta e, depois, é como uma apresentação de slides com imagens desenrolando-se pela minha mente, homens e mulheres e crianças, protestantes inocentes atropelados nas ruas; vejo armas e bombas, fogo e devastação, tanto sofrimento, sofrimento, sofrimento e quero gritar, quero gritar nos braços da atmosfera e eu me preparo. Flexiono o punho. Puxo meu braço para trás e

eu

estilhaço

o que resta desta terra.

40

Ainda estou aqui.

Abro os olhos e, por um momento, estou atônita, confusa, meio esperando encontrar-me morta ou com o cérebro danificado ou, no mínimo, destroçada no chão, mas esta realidade recusa-se a desaparecer.

O mundo sob meus pés está retumbando, chacoalhando, tremendo, ressoando e ganhando vida, e meu punho ainda está pressionado contra o chão e tenho medo de afastá-lo. Estou de joelhos, levantando o olhar para os dois lados desta batalha e vejo os soldados diminuírem a velocidade. Vejo seus olhos virarem rapidamente de um lado ao outro. Vejo seus pés escorregarem sem conseguirem manter-se em pé e os estalos, os gemidos, os inconfundíveis estrépitos que agora estão chiando pelo meio do pavimento não podem ser ignorados e é como se as maxilas da vida estivessem alongando suas articulações, rangendo os dentes, bocejando para acordarem e serem testemunhas da desgraça da raça humana.

O chão olha ao redor, sua boca abrindo-se para a injustiça, a violência, as manobras calculadas pelo poder que não param por ninguém e por nada e se satisfazem apenas com o sangue dos fracos, os gritos dos opositores. É como se a terra pensasse em dar uma espiada no que temos feito durante todo esse tempo e é assustador o quanto ela parece decepcionada.

Adam está correndo.

Ele está voando em meio à multidão que ainda ofega em busca de ar e de uma explicação para o terremoto sob seus pés e pega Castle, faz com que ele se abaixe, grita com os homens e as mulheres e se agacha, escapando de uma bala perdida, puxa Castle para ficar em pé e nosso pessoal começa a correr.

Os soldados do outro lado estão tropeçando um nos outros e escorregando em um emaranhado de pernas e braços enquanto tentam correr mais do que os companheiros, e fico me perguntando por quanto tempo devo aguentar, por quanto tempo mais isto deve continuar até ser suficiente, e Kenji grita:

— Juliette!

E eu me viro a tempo de ouvi-lo me mandar parar.

É o que eu faço.

O vento, as árvores, as folhas caídas, tudo escorrega e desliza de volta ao lugar com uma inspiração gigante e tudo para e, por um instante, não consigo me lembrar de como é viver em um mundo que não está desmoronando.

Kenji me puxa pelo braço para eu ficar em pé e estamos correndo, somos os últimos do nosso grupo a ir embora e ele está perguntando se estou bem e eu me pergunto como ele ainda está carregando Warner, estou pensando que Kenji deve ser muito mais forte do que parece e estou pensando que sou muito dura com ele às vezes, estou pensando que não lhe dou crédito suficiente. Estou começando a perceber que ele é uma das pessoas de que mais gosto neste planeta e estou muito feliz por ele estar bem.

Estou muito feliz por ele ser meu amigo.

Eu agarro a mão dele e deixo-o me guiar até um tanque abandonado do nosso lado do terreno e, de repente, percebo que não estou vendo Adam, que não sei para onde ele foi e fico fora de mim, estou gritando seu nome até que sinto os braços dele em volta da minha cintura, suas palavras em meu ouvido e ainda estamos buscando abrigo conforme os últimos disparos ressoam a distância.

Subimos para dentro do tanque.

Fechamos as portas.

Desaparecemos.

41

A cabeça de Warner está no meu colo.

Seu rosto está suave e calmo e tranquilo de uma maneira que nunca o vi e quase estendo a mão para acariciar seu cabelo antes de me lembrar do quanto isto é, na verdade, estranho.

~~Assassino no meu colo~~

~~Assassino no meu colo~~

~~Assassino no meu colo~~

Olho para a direita.

As pernas de Warner estão apoiadas nos joelhos de Adam e ele parece tão desconfortável quanto eu.

— Aguentem firme, colegas — Kenji diz, ainda dirigindo o tanque para o Ponto Ômega. — Sei que isto é estranho de um milhão de maneiras diferentes, mas não tive exatamente muito tempo para pensar em um plano melhor.

Ele olha para nós três, mas ninguém diz uma palavra até:

— Estou tão feliz por vocês estarem bem — digo isso como se essas 12 sílabas estivessem dentro de mim há tempo demais, como se tivessem sido expulsas, despejadas da minha boca, e é apenas então que percebo o quanto eu estava preocupada, achando que nós três não voltaríamos com vida. — Estou muito, muito feliz por vocês estarem bem.

Respirações profundas, solenes, regulares por toda a parte.

— Como você está se sentindo? — Adam pergunta para mim. — Seu braço... Você está bem?

— Sim.

Eu flexiono meu pulso e tento não fazer careta.

— Talvez tenha de amarrá-lo em alguma coisa, só por um tempo, mas, sim, estou bem. Estas luvas e esta coisa de metal ajudaram de verdade, eu acho.

Eu sacudo os dedos. Examino as luvas.

— Nada está quebrado.

— Aquilo foi ultrafantástico — Kenji diz para mim. — Você nos salvou mesmo lá.

Eu balanço a cabeça.

— Kenji... Sobre o que aconteceu... Na casa... Eu sinto muito, eu...

— Ei, que tal não falarmos sobre isso agora, hein?

— O que está acontecendo? — Adam pergunta, alerta. — O que houve?

— Nada — Kenji responde logo.

Adam ignora-o. Olha para mim.

— O que aconteceu? Você está bem?

— Eu apenas... Eu a-apenas... — eu me esforço para falar. — O que aconteceu... com o pai de Warn...

Kenji fala um palavrão bem alto.

Minha boca congela no meio do movimento.

Meu rosto queima e eu percebo o que disse. Conforme lembro o que Adam revelou logo antes de sairmos correndo daquela casa. De repente, ele está pálido, comprimindo um lábio contra o outro e desviando o olhar para fora da pequenina janela deste tanque.

— Ouça... — Kenji limpa a garganta. — Não precisamos falar sobre isso agora, certo? Na verdade, acho até que prefiro *não* falar sobre isso. Porque essa merda é estranha demais para que eu...

— Não sei nem como é possível — Adam sussurra.

Ele está piscando, olhando bem para frente agora, piscando e piscando e piscando e...

— Continuo achando que devo estar sonhando — ele diz —, que estou apenas tendo uma alucinação com tudo isto. Mas, então...

Ele apoia a cabeça nas mãos, solta uma risada rouca.

— Aquele é um rosto que nunca esquecerei.

— Você... Você não conhecia o comandante supremo? — ouso perguntar. — Nem tinha visto uma foto dele...? Não é algo que você veria no exército?

Adam balança a cabeça.

Kenji explica:

— O negócio dele sempre foi ser, tipo, invisível. Ele tem uma paixão louca por ser o poder não visto.

— Medo do desconhecido?

— Algo assim. Ouvi dizer que ele não queria sua foto em lugar nenhum... Não fazia discursos públicos também... Porque pensava que, se as pessoas conhecessem seu rosto, ficaria vulnerável. Humano. E ele sempre teve paixão por meter medo em todo mundo.

Ser o poder máximo. A ameaça máxima. Tipo... Como você pode enfrentar algo se não pode nem o ver? Se não pode nem o achar?

— Por isso era tão importante o fato de ele estar aqui — eu entendo, em voz alta. — Mas você achava que seu pai estava morto — digo para Adam. — Pensei que você tivesse dito que ele estava morto.

— Apenas para que vocês saibam — Kenji interrompe —, ainda estou votando pela opção *não vamos falar sobre isso*. Vocês sabem. Apenas para vocês saberem. Apenas deixando claro.

— Eu pensei que estivesse — Adam conta, ainda sem olhar para mim. — Foi o que me disseram.

— Quem disse? — Kenji questiona.

Ele percebe seu erro. Estremece.

— Merda. Certo. Tudo bem. *Tudo bem*. Estou curioso.

Adam encolhe os ombros.

— Está tudo começando a fazer sentido agora. Tudo que eu não entendia. O quão bagunçada era minha vida com James. Depois de minha mãe morrer, meu pai nunca estava por perto a menos que quisesse ficar bêbado e bater em alguém até cansar. Acho que ele estava vivendo uma vida totalmente diferente. Por isso costumava nos deixar sozinhos, James e eu.

— Mas isso não faz sentido — Kenji comenta. — Quero dizer, não a parte de o seu pai ser um babaca, mas apenas, tipo, a história inteira. Porque, se você e Warner são irmãos, e você tem 18 anos e Warner tem 19 e Anderson sempre foi casado com a mãe de Warner...

— Meus pais nunca se casaram — Adam explica, com os olhos ficando arregalados conforme diz a última palavra, como se todas as

peças que faltam estivessem encaixando-se no lugar certo.

— Você nasceu de um caso de amantes? — Kenji diz, enojado. — Quero dizer... Sabe, sem ofendê-lo... É apenas que eu não quero pensar em Anderson tendo algum tipo de caso de amor. É doentio.

Adam parece ter congelado.

— Mas que merda — ele sussurra.

— Mas, quero dizer, por que ter um caso? — Kenji pergunta. — Nunca entendi esse tipo de besteira. Se você não estiver feliz, vá embora. Não traia. Estou certo?

Uma risadinha.

— É claro que estou certo. Não é preciso ser um gênio para entender essa merda. Quero dizer... — ele hesita — Estou *supondo* que tenha sido um caso de amantes — Kenji completa, ainda dirigindo e olhando pelo para-brisa, incapaz de ver a expressão de Adam. — Talvez não fosse um caso de *amor*. Talvez fosse apenas mais um caso do cara sendo um cretin...

Ele pensa no que disse, encolhe-se.

— Merda. Viram? Por isso eu *não* converso com as pessoas sobre seus problemas pessoais...

— Foi — Adam diz, mal respirando agora. — Não faço ideia de por que ele nunca casou com ela, mas sei que ele amava minha mãe. Nunca ligou a mínima para o restante de nós — continua. — Apenas ela. Sempre foi ela. Tudo era por ela. As poucas vezes por mês em que ele estava em casa, eu sempre devia ficar no meu quarto. Eu tinha de ficar muito quieto. Eu tinha de bater na minha própria porta e receber permissão antes de poder sair, mesmo apenas para usar o banheiro. E ele costumava ficar furioso sempre que minha mãe me deixava sair. Ele não queria me ver a menos que precisasse. Minha mãe tinha de levar meu jantar escondida só para

ele não ficar bravo porque ela estava me dando muita comida e não guardava nada para si mesma — ele conta.

Balança a cabeça.

— E ele ficou ainda pior quando James nasceu.

Adam pisca como se estivesse ficando cego.

— E, então, quando ela morreu — fala, respirando fundo —, quando ela morreu, tudo o que ele fazia era me culpar pela morte dela. Sempre dizia que era culpa minha ela ter ficado doente, que era culpa minha ela ter morrido. Que eu precisava de muita coisa, que ela não comia o bastante, que ela ficou fraca porque estava muito ocupada cuidando de nós, dando-nos comida, dando-nos... tudo. Para mim e para James.

Suas sobrancelhas estão unidas.

— E eu acreditei nele por muito tempo. Eu achava que esse era o motivo de ele ficar distante o tempo todo. Pensava que fosse um tipo de punição. Pensava que eu merecia isso.

Estou horrorizada demais para falar.

— E, depois, ele apenas... Quero dizer, ele não estava por perto enquanto eu crescia — Adam diz — e ele era sempre um imbecil. Porém, depois de ela morrer, ele simplesmente... perdeu a cabeça. Costumava vir apenas para ficar bêbado feito um gambá. Costumava me forçar a ficar em pé em frente a ele para ele poder jogar as garrafas vazias em mim. E, se eu me encolhesse... Se eu me *encolhesse*...

Ele engole em seco, com dificuldade.

— Isso era tudo o que ele fazia — Adam fala, com a voz mais baixa agora. — Vinha. Ficava bêbado. Batia em mim até cansar. Eu tinha 14 anos quando ele parou de vir.

Adam olha para as mãos, com as palmas para cima.

— Ele mandava um pouco de dinheiro todo mês para nós sobrevivermos e depois...

Uma pausa.

— Dois anos depois, eu recebi uma carta do nosso novo governo dizendo-me que meu pai estava morto. Imaginei que ele tivesse ficado bêbado de novo e feito alguma coisa idiota. Tivesse sido atropelado por um carro. Tivesse caído no mar. Qualquer coisa. Não importava. Eu estava feliz por ele ter morrido, mas tive que sair da escola. Alistei-me no exército porque o dinheiro tinha acabado e eu tinha de cuidar de James. Sabia que não encontraria outro emprego.

Adam balança a cabeça.

— Ele não nos deixou nada, nem um centavo, nem um pedaço de carne para vivermos e, agora, estou sentado aqui, neste tanque, fugindo de uma guerra global que meu próprio *pai* ajudou a orquestrar.

Ele solta uma risada dura e fingida.

— E a outra pessoa imprestável deste planeta está deitada e inconsciente no meu colo.

Adam está rindo de verdade agora, rindo muito, sem acreditar, com a mão presa ao cabelo, puxando as raízes, agarrando a cabeça.

— E ele é meu *irmão*. Sangue do meu sangue. Meu pai tinha uma vida totalmente à parte que eu não conhecia e, em vez de estar morto como devia, ele me deu um *irmão* que quase me torturou até a morte em um *matadouro*...

Ele passa a mão trêmula pelo rosto, de repente enlouquecendo, de repente escorregando, de repente perdendo controle, e suas

mãos estão tremendo e ele tem de fechar os dedos e aperta-os contra a testa e diz:

— Ele tem de morrer.

E eu não estou respirando, nem um pouquinho, nada, quando ele fala:

— Meu pai — diz —, tenho de matá-lo.

42

Vou contar um segredo para você.

Eu não me arrependo do que fiz. Não me arrependo nem um pouco.

Na verdade, se tivesse a chance de fazer de novo, sei que faria certo desta vez. Eu atiraria bem no coração de Anderson.

E iria gostar.

43

Eu nem sei por onde começar.

A dor de Adam é como uma mão cheia de bolinhas de gude jogadas no meu rosto, uma mão cheia de palha enfiada pela minha garganta abaixo. Ele não tem pais, apenas um pai que batia nele, maltratava-o e abandonou-o para arruinar o restante do mundo e deixar de herança para ele um irmão que é seu exato oposto de todas as formas possíveis.

Warner, cujo primeiro nome não é mais um mistério. Adam, cujo sobrenome não é Kent de verdade.

Kent é seu nome do meio, Adam disse para mim. Ele não queria ter nada a ver com seu pai e nunca dissera às pessoas seu sobrenome verdadeiro. Ele tem isso, pelo menos, em comum com o irmão.

Isso e o fato de os dois terem algum tipo de imunidade ao meu toque.

Adam e Aaron Anderson.

Irmãos.

Estou sentada em meu quarto, sentada no escuro, esforçando-me para conciliar Adam com seu novo irmão que, na verdade, não passa de um menino, uma criança que odeia o pai e, como resultado, uma criança que tomou uma série de decisões desastradas na vida. Dois irmãos. Dois conjuntos de decisões muito diferentes.

Duas vidas muito diferentes.

Castle veio me ver pela manhã — agora que todos os feridos foram instalados na ala médica e a loucura acabou —, ele veio me

ver e disse:

— Senhora Ferrars, você foi muito corajosa ontem. Eu queria mostrar minha gratidão a você e agradecer pelo que fez, por mostrar seu apoio. Não sei se teríamos saído de lá sem a senhora.

Eu sorri, lutei para engolir o elogio e presumi que ele tivesse acabado, mas ele disse:

— Na verdade, estou tão impressionado que gostaria de lhe oferecer sua primeira tarefa oficial no Ponto Ômega.

Minha primeira tarefa oficial.

— Está interessada? — perguntou.

Eu disse sim, sim, sim, é claro que eu estava interessada, estava definitivamente interessada, estava muito, muito interessada por, enfim, ter algo para fazer, algo a realizar, e ele sorriu e disse:

— Fico muito feliz em ouvir isso. Porque não consigo pensar em ninguém mais adequado para essa posição em especial do que a senhora.

Eu sorri.

O sol e a lua e as estrelas me chamaram e disseram “feche o sorriso, por favor, está ficando difícil, para nós, ver”, e eu não ouvi, apenas fiquei sorrindo. E, depois, pedi a Castle detalhes sobre minha tarefa oficial. Aquela perfeita para mim.

E ele contou.

— Eu gostaria que a senhora ficasse encarregada de cuidar do nosso novo visitante e interrogá-lo.

E eu parei de sorrir.

Encarei Castle.

— É claro que eu vou supervisionar todo o processo — ele continuou —, assim, sinta-se à vontade para me fazer perguntas e falar de suas preocupações. Mas precisaremos tirar vantagem da presença dele aqui, e isso significa tentar fazê-lo falar.

Castle ficou quieto por um instante.

— Ele... parece ter um estranho tipo de apego a você, senhora Ferrars, e, desculpe-me, mas acho que seria conveniente explorarmos isso. Acho que não podemos nos dar ao luxo de ignorar qualquer vantagem possível que apareça. Qualquer coisa que ele possa nos contar sobre os planos do pai ou onde podem estar os reféns terá valor incalculável para nossas missões. E não temos muito tempo — ele disse. — Temo que a senhora precise comecar já.

E eu pedi ao mundo para se abrir, eu disse, mundo, por favor, abra, porque eu adoraria cair em um rio de magma e morrer, só um pouquinho, mas o mundo não podia me escutar porque Castle ainda estava falando e disse:

— Talvez você possa convencê-lo a ter bom senso? Dizer a ele que não queremos machucá-lo? Convencê-lo a nos ajudar a recuperar os reféns que faltam.

Eu disse “ó”, eu disse é claro, “ele está em algum tipo de cela? Atrás das grades ou algo assim?”.

No entanto, Castle riu, achando graça em minha repentina e inesperada hilaridade e disse “não seja tola, senhora Ferrars, não temos nada assim aqui. Nunca pensei que teríamos de manter alguém preso no Ponto Ômega. Mas, sim, ele está em seu próprio quarto, e, sim, a porta está trancada”.

— Então, você quer que eu entre no quarto dele? — pergunto. — Com ele? Sozinha?

Calma! É claro que eu estava calma. Eu estava definitiva e completamente tudo que é o oposto de calma.

Porém, nesse momento, a testa de Castle ficou tensa, preocupada.

— Isso é um problema? — ele questionou. — Eu pensei que... como ele não pode tocá-la... Eu realmente pensei que a senhora poderia não se sentir tão ameaçada por ele quanto os outros se sentem. Ele sabe das suas habilidades, não sabe? Acredito que será esperto o bastante para ficar longe da senhora para o seu próprio bem.

E foi engraçado, porque lá estava: um balde de gelo, por toda a minha cabeça, pingando, vazando, entrando em meus ossos e, na verdade, não, não era nem um pouco engraçado, porque tive de dizer: “Sim. Certo. Sim, é claro. Eu quase esqueci. É claro que ele não seria capaz de tocar em mim”, você está certo, senhor Castle, chefe, em que diabos eu estava pensando.

Castle ficou aliviado, tão aliviado, como se tivesse mergulhado em uma piscina quente que ele tinha certeza de que estaria congelada.

E, agora, aqui estou, sentada na exata mesma posição de duas horas atrás, e estou começando a me perguntar

por quanto tempo mais

posso guardar este segredo.

44

Esta é a porta.

Esta, bem em frente a mim, é aqui que Warner está. Não há janelas nem como ver o interior do quarto e estou começando a pensar que esta situação é o exato antônimo de excelente.

Sim.

Vou entrar nesse quarto, totalmente desarmada, porque as armas são enterradas bem fundo no depósito e porque sou letal, e, assim, por que precisaria de uma arma? Ninguém em sã consciência colocaria as mãos em mim, ninguém exceto Warner, é claro, cuja tentativa meio louca de me impedir de escapar pela janela resultou nessa descoberta, na descoberta de que ele pode tocar em mim sem se machucar.

E eu contei isso para exatamente ninguém.

Eu pensei, de verdade, que talvez tivesse imaginado tudo, até Warner me beijar e dizer que me amava e tal, foi quando eu soube que não podia mais fingir que isso não estava acontecendo. Porém, faz apenas cerca de quatro semanas desde aquele dia e eu não sabia como tocar no assunto. Pensei que, talvez, não precisasse falar sobre isso.

Verdadeira e desesperadamente, não *queria* tocar no assunto.

E, agora, a ideia de contar a alguém, de deixar Adam (entre todas as pessoas) saber que o ser humano que ele mais odeia no mundo — perdendo apenas para o pai — é a única outra pessoa que pode tocar em mim? Que Warner já tocou em mim, que suas mãos conheceram as formas do meu corpo e seus lábios conheceram o gosto da minha boca — independentemente de ser algo que eu não queria —, não posso fazer isso.

Não agora. Não depois de tudo.

Assim, esta situação é culpa minha por inteiro. E tenho de lidar com isso.

Preparo-me e dou um passo à frente.

Há dois homens que nunca vi antes de guarda do lado de fora da porta de Warner. Isso não quer dizer muito, mas me dá uma gota de calma. Aceno com a cabeça para cumprimentar os guardas e eles me cumprimentam com tanto entusiasmo que chego a pensar se me confundiram com outra pessoa.

— Muito obrigado por ter vindo — um deles diz para mim, com os cabelos loiros, longos e desarrumados caindo nos olhos. — Ele está totalmente louco desde que acordou... Jogando coisas pelo quarto e tentando destruir as paredes... Está ameaçando nos matar, todos nós. Diz que você é a única com quem ele quer falar e se acalmou apenas porque dissemos que você estava vindo.

— Tivemos de tirar todos os móveis — o outro guarda acrescenta, com os olhos castanhos arregalados, incrédulos. — Ele estava quebrando *tudo*. Não queria comer a refeição que lhe demos.

O antônimo de excelente.

O antônimo de excelente.

O antônimo de excelente.

Eu consigo abrir um sorriso fraco e digo que verei o que posso fazer para sedá-lo. Eles acenam com a cabeça, ansiosos para acreditarem que sou capaz de algo que sei que não sou, e destrancam a porta.

— Bata na porta para nos avisar quando estiver pronta para sair — eles me dizem. — Chame por nós e abriremos a porta.

Estou balançando a cabeça, sim e é claro e com certeza, e tentando ignorar o fato de que estou mais nervosa agora do que quando fui conhecer o pai dele. Ficar sozinha em um quarto com Warner... Ficar sozinha com ele e não saber o que ele pode fazer ou do que ele é capaz e estou muito confusa, porque nem sei mais quem ele é.

Ele é 100 pessoas diferentes.

Ele é a pessoa que me forçou a torturar um bebê contra minha vontade. Ele é a criança tão aterrorizada, tão psicologicamente atormentada que tentou matar o próprio pai enquanto ele dormia. Ele é o garoto que atirou na cabeça de um soldado desertor; o garoto treinado para ser um assassino frio e sem coração pelo homem em quem achava que podia confiar. Vejo Warner como uma criança que busca desesperadamente a aprovação do pai. Eu o vejo como o líder de um setor inteiro, ansioso para me conquistar, para me usar contra minha vontade. Eu o vejo alimentar um cão de rua. Eu o vejo torturar Adam quase até a morte. E, depois, eu o ouço dizer que me ama, sinto-o me *beijar* com tanta paixão inesperada e desespero que não sei, não sei, não sei no que estou me metendo.

Não sei quem diabos ele será desta vez. Que lado seu me mostrará hoje.

Mas, depois, penso que agora deve ser diferente. Porque ele está no meu território agora, e sempre posso pedir ajuda se algo der errado.

Ele não vai me machucar.

Espero.

45

Eu entro.

A porta fecha fazendo barulho, mas o Warner que encontro dentro deste quarto não é um que eu consiga reconhecer. Ele está sentado no chão, com as costas contra a parede, as pernas esticadas à frente, os pés cruzados na altura dos tornozelos. Não está usando nada além de meias, uma camiseta branca simples e um par de calças pretas. Seu casaco, seus sapatos e sua camisa chique estão jogados no chão. Seu corpo é tonificado e musculoso e mal fica contido sob sua camiseta de baixo; os cabelos são uma bagunça loira, desgrenhados provavelmente pela primeira vez na vida.

No entanto, ele não está olhando para mim. Ele nem levanta o olhar quando dou um passo à frente. Não se retrai.

Esqueci, de novo, como se respira.

E, então...

— Você faz ideia — ele diz, com a voz muito baixa — de quantas vezes eu li isto?

Ele levanta a mão, mas não a cabeça, e segura um retângulo pequeno e desbotado entre dois dedos.

Estou me perguntando como é possível ser golpeada no estômago por tantos punhos ao mesmo tempo.

Meu caderno.

Ele está segurando meu caderno.

É claro que está.

Não acredito que eu tinha esquecido. Ele foi a última pessoa a tocar no meu caderno; a última pessoa a vê-lo. Pegou-o de mim quando o encontrou escondido no bolso do meu vestido, lá na base. Foi logo antes de eu escapar, logo antes de Adam e eu pularmos da janela e fugirmos. Logo antes de Warner perceber que podia tocar em mim.

E, agora, saber que ele leu meus pensamentos mais dolorosos, minhas confissões mais angustiadas... As palavras que escrevi no isolamento total e completo, certa de que morreria naquela cela, tão certa de que ninguém jamais leria o que escrevi... Saber que ele leu esses sussurros desesperados dos meus pensamentos privados.

Sinto-me completa e insuportavelmente nua.

Petrificada.

Muito vulnerável.

Ele abre o caderno ao acaso. Examina a página até parar. Enfim, ergue o olhar, os olhos com um tom de verde mais acentuado, brilhante e bonito do que jamais tiveram, e meu coração bate tão rápido que nem o sinto mais.

E ele começa a ler.

— Não... — eu ofego, mas é tarde demais.

— *Fico sentada aqui todo dia* — ele diz —, *já estou sentada aqui há 175 dias. Em alguns dias, eu me levanto e me alongo e sinto estes ossos duros, estas articulações barulhentas, este espírito maltratado apertado dentro do meu ser. Mexo os ombros, pisco os olhos, conto os segundos que se arrastam pelas paredes, os minutos que se arrepiam sob a minha pele, a respiração que tenho de me lembrar de manter. Às vezes, permito que minha boca fique aberta, apenas um pouco; toco com a língua a parte de trás dos dentes e a junção dos lábios e passeio por este pequeno espaço, corro os dedos pelas rachaduras no concreto e pergunto-me,*

pergunto-me como seria falar em voz alta e ser ouvida. Seguro a respiração, escuto com atenção procurando qualquer coisa, qualquer som de vida e fico maravilhada com a beleza, a impossibilidade de possivelmente ouvir outra pessoa respirando ao meu lado.

Ele pressiona a parte de trás do seu punho contra a boca só por um instante, antes de continuar:

— Eu paro. Fico em pé, imóvel. Fecho os olhos e tento me lembrar de um mundo além destas paredes. Pergunto-me como seria saber que não estou sonhando, que esta existência isolada não está enjaulada dentro da minha própria mente.

E eu — ele diz, recitando as palavras de memória desta vez, com a cabeça apoiada na parede, os olhos fechados e apertados enquanto ele sussurra —, *eu imagino, penso nisso o tempo todo. Como seria me matar. Porque eu nunca sei de verdade, ainda não sei ver a diferença, nunca tenho certeza se estou ou não viva. Assim, fico sentada aqui. Fico sentada aqui todo santo dia.*

Estou plantada no chão, congelada dentro do meu próprio corpo, incapaz de andar para frente ou para trás por medo de acordar e perceber que isto está acontecendo mesmo. Sinto que posso morrer de constrangimento, dessa invasão de privacidade, e quero correr e correr e correr e correr e correr

— *Corra, eu disse a mim mesma*.

Warner pegou meu caderno de novo.

— Por favor — estou implorando a ele. — Por favor, p-pare...

Ele levanta o olhar, olha para mim como se pudesse me ver de verdade, ver dentro de mim, como se quisesse que *eu* visse dentro *dele* e, depois, baixa os olhos, limpa a garganta, recomeça, lê o meu diário.

— Corra, eu disse a mim mesma. Corra até seus pulmões falharem, até o vento chicotear e estalar nas suas roupas esfarrapadas, até você ser um borrão que se mistura ao cenário.

— Corra, Juliette, corra mais rápido, corra até seus ossos quebrarem e suas canelas se partirem e seus músculos atrofiarem e seu coração morrer porque sempre foi grande demais para o seu peito e bateu rápido demais por tempo demais e corra.

— Corra, corra, corra até não conseguir ouvir os passos deles atrás de você. Corra até eles largarem seus tacos e seus berros se dissolverem no ar. Corra com os olhos abertos e a boca fechada e barre o rio que avança atrás de seus olhos. Corra, Juliette.

— Corra até cair morta.

— Garanta que seu coração pare antes de eles a alcançarem. Antes de chegarem a tocar em você.

— Corra, eu disse.

Tenho de cerrar meus punhos até sentir a dor, apertar os dentes até sentir a tensão, qualquer coisa para afastar essas memórias. Não quero lembrar. Não quero mais pensar nessas coisas. Não quero pensar no que mais escrevi nessas páginas, no que mais Warner sabe sobre mim agora, o que ele deve pensar de mim. Posso apenas imaginar o quão patética e solitária e desesperada devo parecer para ele. ~~Não sei por que me importo.~~

— Sabe? — ele diz, fechando a capa do diário apenas para apoiar a mão sobre ele. Protegendo-o. Olhando para ele. — Não consegui dormir por dias depois de ler essa passagem. Fiquei querendo saber que pessoas a estavam perseguindo pela rua, de quem você estava fugindo. Eu queria encontrá-las — ele continua, em um tom muito suave — e queria arrancar os braços e as pernas delas, um por um. Eu queria matá-las de maneiras que você ficaria horrorizada em ouvir.

Estou tremendo agora, sussurrando:

— Por favor, por favor, devolva-me isso.

Ele toca os lábios com as pontas dos dedos. Joga a cabeça para trás, apenas um pouco. Abre um sorriso estranho, infeliz. Diz:

— Você precisa saber que eu sinto muito. Por — ele engole em seco — tê-la beijado daquele jeito. Confesso que não fazia ideia de que você me daria um tiro por isso.

E eu percebo algo.

— Seu braço — eu suspiro, atônita.

Ele não está usando uma tipoia. Movimenta-se sem dificuldade. Não há ferimento nem inchaço nem cicatrizes à vista.

Seu sorriso não é feliz.

— Sim — ele fala. — Estava curado quando acordei e me encontrei neste quarto.

Sonya e Sara. Elas o ajudaram. Pergunto-me por que alguém daqui faria tal gentileza por ele. Forço-me a dar um passo para trás.

— Por favor — peço a ele. — Meu caderno, eu...

— Eu juro — ele começa — que nunca a teria beijado se não achasse que você queria o beijo.

Estou tão chocada, tão surpresa que, por um instante, esqueço meu caderno por completo. Encontro o olhar pesado dele. Consigo estabilizar minha voz.

— Eu disse que o *odiava*.

— Sim — ele concorda e balança a cabeça. — Bem, você ficaria surpresa com a quantidade de pessoas que me dizem isso.

— Acho que não ficaria.

Ele torce os lábios.

— Você tentou me matar.

— Isso o diverte.

— Ó, sim — responde, com o sorriso aumentando. — Acho fascinante.

Uma pausa.

— Gostaria de saber por quê?

Eu o encaro.

— Porque tudo o que você sempre disse para mim — ele explica — era que não queria machucar ninguém. Você não queria *matar pessoas.*

— Não quero.

— Exceto eu?

Estou sem letras. Esgotada de palavras. Alguém roubou meu vocabulário todo.

Varetas e pedras continuam quebrando meus ossos, mas essas palavras, essas palavras vão me matar.

— Aquela foi uma decisão tão fácil de tomar, para você — ele diz. — Tão simples. Você tinha uma arma. Queria fugir. Puxou o gatilho. Foi isso.

Sou uma hipócrita. Ele está certo.

Fico dizendo a mim mesma que não tenho interesse em matar pessoas, mas, de alguma forma, acho uma maneira de justificar

isso, de racionalizar quando quero.

Warner. Castle. Anderson.

Eu quis matar cada um deles. E teria matado.

O que está acontecendo comigo?

Cometi um grande erro vindo aqui. Aceitando esta tarefa. Porque não posso ficar sozinha com Warner. Não assim. Ficar sozinha com ele está me doendo por dentro de um jeito que não quero entender.

Tenho de ir embora.

— Não vá — ele sussurra, com os olhos no meu caderno de novo. — Por favor — diz. — Fique comigo. Quero apenas vê-la. Você nem precisa falar nada.

Alguma parte louca e confusa do meu cérebro na verdade quer que eu me sente ao lado dele, quer que eu ouça o que ele tem a dizer antes de eu me lembrar de Adam e do que ele pensaria se soubesse, o que diria se estivesse aqui e pudesse ver que estou interessada em passar meu tempo com a mesma pessoa que atirou na perna dele, quebrou suas costelas e prendeu-o na esteia de um matadouro abandonado, deixando-o sangrar até a morte um minuto por vez.

Devo estar maluca.

Ainda assim, não me mexo.

Warner relaxa contra a parede.

— Quer que eu leia para você?

Estou balançando a cabeça de novo e de novo e de novo, sussurrando:

— Por que está fazendo isso comigo?

E ele parece prestes a responder antes de mudar de ideia. Desvia o olhar. Levanta os olhos para o teto e sorri, bem pouquinho.

— Sabe — ele diz —, eu já sabia, desde o dia em que a conheci. Havia algo em você que parecia diferente para mim. Algo em seus olhos que era muito terno. Natural. Como se você ainda não tivesse aprendido como esconder seu coração do mundo.

Ele balança a cabeça para cima e para baixo agora, concordando com si mesmo em alguma coisa que não imagino o que seja.

— Encontrar isto — ele fala, com a voz suave enquanto ele bate na capa do meu caderno — foi tão — suas sobrancelhas estão unidas, como se ele estivesse confuso, perturbado —, foi tão extraordinariamente doloroso.

Ele enfim me olha e parece uma pessoa inteiramente diferente. Como se estivesse lutando para engolir algo amargo, como se estivesse tentando resolver uma equação de dificuldade tremenda.

— Foi como encontrar uma amiga pela primeira vez.

~~Por que minhas mãos estão tremendo?~~

Ele respira fundo. Olha para baixo. Sussurra:

— Estou tão cansado, amor. Tão, tão cansado.

~~Por que meu coração não desacelera?~~

— Quanto tempo mais — ele pergunta, depois de um instante — eu tenho antes de me matarem?

— Matarem?

Ele me encara.

Estou tão assustada que começo a falar:

— Não vamos matá-lo — digo a ele. — Não temos nenhuma intenção de machucá-lo. Queremos apenas usá-lo para recuperar nossos homens. Você é nosso refém.

Os olhos de Warner se arregalam, seus ombros ficam duros.

— O quê?

— Não temos motivo para matá-lo — eu explico. — Precisamos apenas trocar a sua vida...

Warner solta uma risada alta que envolve seu corpo todo. Balança a cabeça. Sorri para mim daquela maneira que vi apenas uma vez, olhando para mim como se eu fosse a coisa mais doce que ele já decidiu comer.

~~Aquelas covinhas.~~

— Querida, doce e linda menina — ele diz. — Sua equipe superestimou demais o afeto de meu pai por mim. Sinto muito por ter de lhe dizer isso, mas manter-me aqui não lhes dará a vantagem que estão esperando. Duvido que meu pai sequer tenha notado que sumi. Assim, gostaria de pedir, por favor, que me matem ou me deixem ir. Mas imploro que não desperdicem meu tempo confinando-me aqui.

Procuro palavras e frases extras em meus bolsos, mas não encontro nenhuma, nem um advérbio, nem uma preposição, nem mesmo um particípio oscilante porque não há uma única resposta para um pedido tão bizarro.

Warner ainda está sorrindo para mim, com os ombros balançando em uma diversão silenciosa.

— Mas esse não é nem um argumento viável — digo a ele. — Ninguém *gosta* de virar refém...

Ele respira, tenso. Passa a mão pelos cabelos. Encolhe os ombros.

— Seus homens estão perdendo tempo — diz. — Raptar-me nunca lhes dará vantagem. Isso — acrescenta — eu posso garantir.

46

Hora do almoço.

Kenji e eu estamos sentados de um lado da mesa, Adam e James, do outro.

Estamos aqui há meia hora já, discutindo sobre minha conversa com Warner. Convenientemente, deixei de fora as partes sobre meu diário, embora esteja começando a me perguntar se deveria tê-las mencionado. Também estou começando a me perguntar se deveria simplesmente falar a verdade sobre Warner poder me tocar. Porém, todas as vezes que olho para Adam, não consigo me forçar a fazer isso. Nem sei *por que* Warner pode me tocar. Talvez ele seja a feliz casualidade que achei que Adam fosse. Talvez tudo isso seja um tipo de piada cósmica contada à minha custa.

Ainda não sei o que fazer.

Porém, de alguma forma, os detalhes da minha conversa com Warner parecem pessoais demais, constrangedores demais para compartilhar. Não quero que ninguém saiba, por exemplo, que Warner disse que me amava. Não quero que ninguém saiba que ele está com meu diário, ou que o leu. Adam é a única outra pessoa que sabe que ele existe e ele, pelo menos, foi gentil o bastante para respeitar minha privacidade. Foi ele que salvou meu diário do manicômio, que me devolveu o caderno para início de conversa. Mas disse que nunca leu o que escrevi. Disse que sabia que deviam ser pensamentos muito íntimos e não quis se intrometer.

Warner, por outro lado, revistou minha mente.

Sinto-me muito mais apreensiva na presença dele agora. A simples ideia de ficar perto dele me deixa ansiosa, nervosa, muito vulnerável. Odeio o fato de ele saber meus segredos. Meus pensamentos secretos.

Não devia ser ele, de jeito nenhum, quem sabe algo sobre mim.

Devia ser *ele*. Ele que está sentado em frente a mim. Ele com os olhos azul-escuros e os cabelos castanho-escuros e as mãos que tocaram meu coração, meu corpo. ~~Eu o desejo. Sempre o desejarei.~~

E ele não parece bem agora.

A cabeça de Adam está baixa; as sobrancelhas, franzidas; as mãos, unidas sobre a mesa. Ele não tocou na comida e não disse uma palavra desde que resumi meu encontro com Warner. Kenji está tão quieto quanto ele. Todos estão com um comportamento mais solene desde a nossa recente batalha; perdemos muitos membros do Ponto Ômega.

Respiro fundo e tento de novo.

— Então, o que vocês acham? — pergunto a eles. — Sobre o que ele disse a respeito de Anderson?

Tenho cuidado para não usar mais a palavra *pai*, em especial na presença de James. Não sei o que Adam disse a James sobre o assunto, se é que disse alguma coisa, e não tenho que me intrometer.

Ainda pior, Adam não disse uma só palavra desde que voltamos, e já faz dois dias.

— Acham que Warner tem razão e Anderson não vai se importar com a condição dele como refém?

James se contorce no banco, com os olhos comprimidos enquanto mastiga a comida que tem na boca, olhando para nós como se quisesse memorizar tudo o que dizemos.

Adam esfrega a testa.

— Isso — ele enfim diz — pode, na verdade, ter algum mérito.

Kenji franze as sobrancelhas, cruza os braços, inclina-se para frente.

— Sim. É um pouco estranho. Não recebemos nenhum recado do lado deles, e já se passaram mais de 48 horas.

— O que Castle pensa? — pergunto.

Kenji encolhe os ombros.

— Ele está estressado. Ian e Emory estavam muito mal quando os encontramos. Acho que ainda não acordaram, embora Sonya e Sara estejam trabalhando sem parar para ajudá-los. Acho que ele está com medo de não recuperar Winston e Brendan.

— Talvez — Adam começa — o silêncio deles tenha a ver com o fato de você ter atirado nas duas pernas de Anderson. Talvez ele esteja apenas se recuperando.

Quase engasgo com a água que estava tentando tomar. Arrisco um olhar para Kenji, para ver se ele vai corrigir a suposição de Adam, mas ele nem vacila. Assim, não falo nada.

Kenji está balançando a cabeça, concordando. Diz:

— Certo. É. Quase me esqueci disso.

Uma pausa.

— Faz sentido.

— Você atirou nas pernas dele? — James pergunta, com os olhos arregalados na direção de Kenji.

Kenji limpa a garganta, mas toma o cuidado de não olhar para mim. Pergunto-me por que ele está me protegendo disso. Por que ele acha melhor não contar a verdade sobre o que aconteceu.

— Sim — ele responde e come um pouco do seu almoço.

Adam respira fundo. Sobe as mangas da camisa, examina uma série de círculos concêntricos marcados à tinta em seus antebraços, lembranças militares de sua antiga vida.

— Mas por quê? — James pergunta a Kenji.

— Por que o quê, menino?

— Por que você não o matou? Por que apenas atirar nas pernas? Você não disse que ele é o pior? O motivo de termos todos os problemas que temos agora?

Kenji fica quieto por um instante. Está segurando a colher, cutucando a comida. Por fim, larga o talher. Faz um gesto para James ir com ele até o outro lado da mesa. Eu deslizo para abrir espaço.

— Vem aqui — ele diz a James, apertando-o com força contra o lado direito do seu corpo.

James envolve a cintura de Kenji com os braços e Kenji baixa a mão até a cabeça de James, bagunçando seu cabelo.

Não fazia ideia de que eles eram tão amigos.

Sempre me esqueço de que os três dividem um quarto.

— Então, certo. Está pronto para uma pequena lição? — ele diz a James.

James concorda, balançando a cabeça.

— É assim: Castle sempre nos ensina que não podemos simplesmente cortar a cabeça, sabe?

Ele hesita, reorganiza os pensamentos.

— Por exemplo, se apenas matarmos o líder inimigo, e daí? O que aconteceria?

— Paz mundial — James responde.

— Errado. Seria um enorme caos.

Kenji balança a cabeça. Esfrega a ponta do nariz.

— E o caos é muito mais difícil de combater.

— Então, como a gente ganha?

— Certo — Kenji diz. — Bem, essa é a questão. Só podemos pegar o líder da oposição quando tivermos assumido o controle... Apenas quando há um novo líder pronto para assumir o lugar do antigo. As pessoas precisam de alguém em torno de quem se reunir, não é? E ainda não estamos prontos.

Ele encolhe os ombros.

— Era para ser uma luta contra Warner... Apagar *o Warner* não teria sido um problema. Mas apagar o Anderson seria como pedir a anarquia absoluta em todo o país. E anarquia significa a chance de outra pessoa, possivelmente alguém ainda pior, assumir o controle antes de nós.

James diz alguma coisa em resposta, mas não ouço.

Adam está me encarando.

Ele está me encarando e não está disfarçando. Não desvia o olhar. Não diz uma palavra. Seu olhar alterna dos meus olhos para a minha boca, focando meus lábios por um instante longo demais. Por fim, ele se vira, apenas por um breve segundo antes de seus olhos estarem fixos nos meus de novo. Mais profundos. Mais famintos.

Meu coração está começando a doer.

Observo o movimento difícil na garganta dele. O subir e descer de seu peito. A linha tensa do seu maxilar e a maneira como está sentado perfeitamente imóvel. Ele não diz nada, nada mesmo.

~~Estou tão desesperada para tocá-lo.~~

— Espertinho.

Kenji está rindo, balançando a cabeça em resposta a algo que James acabou de dizer.

— Sabe que não foi isso que eu quis dizer. De qualquer maneira — ele suspira —, não estamos prontos para lidar com esse tipo de insanidade ainda. Derrubaremos o Anderson quando estivermos prontos para assumir o comando. É a única forma correta de fazer isso.

Adam levanta-se de repente. Empurra a tigela de comida intocada e limpa a garganta. Olha para Kenji.

— Então foi por isso que você não o matou quando ele estava bem na sua frente?

Kenji coça a parte de trás da cabeça, desconfortável.

— Olhe, cara, se eu fizesse ideia...

— Esqueça — Adam o interrompe. — Você me fez um favor.

— O que quer dizer? — Kenji questiona. — Ei, cara... Aonde você vai...

Mas Adam já está se afastando.

47

Vou atrás dele.

Estou seguindo Adam por um corredor vazio depois que ele sai da sala de jantar, embora saiba que não devia. Sei que não devia falar com ele assim, não devia incentivar o que sinto por ele, mas estou preocupada. Não consigo evitar. Ele está desaparecendo dentro de si mesmo, retraindo-se para um mundo que não consigo adentrar e nem posso culpá-lo por isso. Posso apenas imaginar o que ele deve estar passando agora. Essas revelações recentes seriam suficientes para deixar uma pessoa mais fraca completamente louca. E, embora nós tenhamos conseguido trabalhar juntos recentemente, sempre foi em situações de tanto estresse que quase não nos sobrou tempo para lidarmos com nossos problemas pessoais.

E preciso saber que ele está bem.

Não posso simplesmente parar de me importar com ele.

— Adam?

Ele para ao som da minha voz. Sua coluna fica rígida de surpresa. Ele se vira e vejo que sua expressão muda da esperança, para a confusão, para a preocupação em questão de segundos.

— O que foi? — pergunto. — Está tudo bem?

De repente, ele está em frente a mim, todo o 1,82 m dele, e estou me afogando em memórias e sentimentos que não me esforcei para esquecer. Estou tentando lembrar por que queria falar com ele. Até mesmo por que disse que não poderíamos ficar juntos. Por que eu me privaria da chance de, até mesmo, cinco segundos nos braços dele, e ele está dizendo meu nome, dizendo:

— Juliette... O que foi? Aconteceu alguma coisa?

Quero, desesperadamente, dizer sim, sim, aconteceram coisas horríveis, e estou cansada, estou muito cansada e tudo o que quero de verdade é cair em seus braços e esquecer o restante do mundo. Em vez disso, consigo levantar o olhar, consigo encontrar os olhos dele. Estão com um tom muito escuro e inquietante.

— Estou preocupada com você — respondo.

E os olhos dele ficam diferentes no mesmo instante, desconfortáveis, distantes. Ele consegue fazer uma imitação fraca de risada e diz:

— Você está preocupada comigo.

Solta um suspiro forte. Passa a mão pelo cabelo.

— Eu só queria ter certeza de que você está bem...

Ele está balançando a cabeça, sem acreditar.

— O que você está fazendo? — pergunta. — Está tirando sarro da minha cara?

— O quê?

Ele está batendo o punho bem fechado contra os lábios. Olhando para cima. Parece não ter certeza do que dizer e, quando fala, sua voz está tensa e ferida e confusa e ele diz:

— Você terminou o namoro. Você desistiu de nós... De todo o nosso futuro juntos. Basicamente, estendeu a mão e arrancou meu coração e, agora, está perguntando se estou bem? Como diabos eu poderia estar bem, Juliette? Que tipo de pergunta é essa?

Estou balançando no mesmo lugar.

— Eu não quis...

Engulo em seco, com dificuldade.

— Eu estava falando do seu... seu pai... Pensei que, talvez... Ó, meu Deus, sinto muito... Você está certo, sou tão idiota... Eu não devia ter vindo, não d-devia...

— Juliette — ele diz, desesperado, segurando-me pela cintura enquanto eu recuo.

Seus olhos estão fechados e contraídos.

— Por favor — ele pede —, diga-me o que devo fazer. Como devo me sentir? É uma merda atrás da outra e estou tentando ficar bem... Meu Deus, estou tentando tanto, mas é horrivelmente *difícil* e eu sinto falta — a voz dele falha —, sinto falta de você — ele completa, como se as palavras estivessem enfiando facas nele. — Sinto tanta falta de você que está me matando.

Meus dedos estão agarrando a camisa dele.

Meu coração está martelando no silêncio, derramando todos os meus segredos.

Vejo a dificuldade dele em olhar nos meus olhos, a dificuldade dele para dizer qualquer palavra quando ele sussurra:

— Você ainda me ama?

E estou retesando cada músculo do meu corpo apenas para me conter e não o tocar, beijá-lo, abraçá-lo.

— Adam... É claro que eu ainda o amo...

— Sabe? — ele diz, com a voz rouca de emoção. — Nunca tive nada como isto antes. Mal consigo me lembrar da minha mãe e, além dela, éramos apenas eu, James e meu pai imprestável. E James sempre me amou do jeito dele, mas você... Com *você*...

Ele hesita. Olha para baixo.

— Como vou conseguir voltar? — ele pergunta, com a voz muito baixa. — Como vou conseguir esquecer como é estar com você? Ser amado por você?

Não percebo que estou chorando até sentir o gosto de minhas lágrimas.

— Você diz que me ama — ele começa. — E sei que eu a amo.

Ele levanta o olhar, encontra meus olhos.

— Então, por que diabos não podemos ficar juntos?

E eu não sei como dizer nada além de:

— Sinto muito, sinto tanto, você não faz ideia do quanto eu sinto...

— Por que não podemos apenas tentar?

Ele está segurando meus ombros agora, suas palavras são desesperadas, angustiadas; nossos rostos estão perigosamente próximos.

— Estou disposto a aceitar o que puder ter, juro, apenas quero saber que a tenho na minha vida...

— Não podemos — digo a ele, esfregando meu rosto, tentando impedir as lágrimas de me humilharem. — Não será suficiente, Adam, e você sabe disso. Um dia, correremos um risco idiota ou aproveitaremos uma chance que não devíamos aproveitar. Um dia, acharemos que vai ficar tudo bem e não vai ficar. E não vai acabar bem.

— Mas olhe para nós agora — ele diz. — Podemos fazer dar certo... Posso ficar perto de você sem beijá-la... Preciso apenas passar mais alguns meses treinando...

— Seu treinamento não vai ajudar — eu o interrompo, sabendo que tenho de lhe dizer tudo agora. Sabendo que ele tem o direito de

saber as mesmas coisas que eu. — Porque, quanto mais treino, mas aprendo exatamente o quão perigosa eu sou. E você não p-pode ficar perto de mim. Não é mais apenas a minha pele. Eu poderia machucá-lo só de segurar sua mão.

— O quê?

Ele pisca várias vezes.

— Do que você está falando?

Respiro fundo. Aperto a palma da mão contra a parede do túnel antes de enterrar meus dedos nela e empurrá-los para dentro da pedra. Dou um soco na parede e pego uma mão cheia de rocha dura, esmago-a, deixo-a cair como areia entre meus dedos até o chão.

Adam está me encarando. Abismado.

— Fui eu que atirei no seu pai — conto a ele. — Não sei por que Kenji estava me dando cobertura. Não sei por que ele não contou a verdade. Mas eu estava tão cega com uma... uma *raiva* avassaladora... Eu simplesmente queria matá-lo. E eu o estava torturando — sussurro. — Atirei nas pernas dele porque não estava com pressa. Porque eu queria aproveitar aquele último momento. Eu estava prestes a atirar a bala seguinte no coração dele. E estava muito perto. Estava muito perto e Kenji — eu descrevo —, Kenji teve de me puxar. Porque viu que eu tinha ficado louca.

— Estou descontrolada — minha voz é uma súplica rouca e enfraquecida. — Não sei o que há de errado comigo ou o que está acontecendo comigo e ainda nem sei do que sou capaz. Não sei o quanto a situação vai piorar. Todos os dias, aprendo algo novo sobre mim mesma e, todos os dias, isso me apavora. Fiz coisas terríveis a algumas pessoas — murmuro.

Engulo o choro que está se formando em minha garganta.

— E não estou bem — digo a ele. — Não estou bem, Adam. Não estou bem e não é seguro você ficar perto de mim.

Ele está me encarando, tão surpreso que esqueceu como falar.

— Agora você sabe que os rumores são verdadeiros — eu sussurro. — Sou louca. Sou um monstro.

— Não — ele suspira. — Não...

— Sim.

— Não — ele diz, agora desesperado. — Isso não é verdade... Você é mais forte do que isso... Sei que é... Eu a conheço — ele afirma. — Conheço seu coração há dez anos — afirma — e vi pelo que você teve de passar durante a vida e não estou desistindo de você, não por causa disso, não por causa de algo assim...

— Como pode dizer isso? Como pode ainda acreditar que, depois de tudo... Depois de tudo isso...

— Você — ele diz para mim, com as mãos me segurando com mais força agora — é uma das pessoas mais fortes e corajosas que já conheci. Você tem o melhor coração, as melhores intenções...

Ele para. Respira tenso, trêmulo.

— Você é a melhor pessoa que já conheci — ele me diz. — Você passou pelas piores experiências possíveis e sobreviveu com sua humanidade intacta. Como diabos — ele pergunta, a voz falhando agora — devo me separar de você? Como posso me afastar de você?

— Adam...

— Não — ele diz, balançando a cabeça. — Recuso-me a acreditar que seja o fim para nós. Não se você ainda me ama. Porque você vai superar isso — ele continua — e estarei esperando por você quando estiver pronta. Não haverá outra pessoa para mim.

Você é a única que eu já quis na vida e isso nunca — completa —, isso *nunca* vai mudar.

— Que emocionante.

Adam e eu congelamos. Viramo-nos devagar para encarar a voz indesejada.

Ele está bem ali.

Warner está parado bem à nossa frente, com as mãos amarradas atrás das costas, os olhos faiscando de raiva e dor e desgosto. Castle aparece atrás dele para levá-lo sei lá aonde e vê que Warner está plantado, parado, encarando-nos, e Adam é como um bloco de mármore, sem se mexer, sem fazer qualquer esforço para respirar ou falar ou desviar os olhos. Tenho quase certeza de que estou queimando com tanta força que já virei cinzas.

— Você fica adorável quando está de rosto corado — Warner diz para mim. — Mas eu realmente gostaria que não desperdiçasse seu afeto com alguém que tem de implorar pelo seu amor.

Ele levanta a cabeça para Adam.

— Que triste para você — diz. — Deve ser terrivelmente constrangedor.

— Seu cretino doente — Adam o xinga, com a voz parecendo aço.

— Pelo menos ainda tenho minha dignidade.

Castle balança a cabeça, exasperado. Empurra Warner para frente.

— Por favor, voltem ao trabalho, os dois — ele grita para nós enquanto passa com Warner. — Estão desperdiçando um tempo valioso parados aqui.

— Você pode ir para o inferno — Adam berra para Warner.

— Só porque eu vou para o inferno — Warner retruca — não significa que você um dia vai merecê-la.

E Adam não responde.

Ele apenas observa, com olhos focados, Warner e Castle desaparecerem em uma curva.

48

James encontra-nos durante nossa sessão de treinamento antes do jantar.

Ele tem passado muito tempo conosco desde que voltamos, e todos nós parecemos mais felizes quando ele está por perto. Há algo na presença dele que é muito tranquilizador, muito bem-vindo. É tão bom tê-lo de volta.

Tenho mostrado a ele como consigo quebrar as coisas com facilidade agora.

Tijolos não são nada. É como esmagar um pedaço de bolo. Os canos de metal curvam-se nas minhas mãos como canudos de plástico. A madeira é um pouco complicada porque, se eu a quebrar do jeito errado, posso me ferir com uma ou duas lascas, mas quase nada é difícil mais. Kenji tem pensado em novas maneiras de testar minhas habilidades; ultimamente, ele está tentando descobrir se eu consigo projetar, se consigo concentrar meu poder a partir de uma distância.

Nem todas as habilidades funcionam com projeção, é o que parece. Lily, por exemplo, tem uma incrível memória fotográfica, mas nunca conseguiu projetar essa habilidade em mais ninguém.

A projeção é, de longe, a coisa mais difícil que já tentei fazer. É extremamente complicada e requer atenção mental e física. Tenho de ter controle completo da minha mente e tenho de saber com exatidão como meu cérebro se comunica com qualquer que seja o osso invisível do meu sistema responsável pelo meu dom. O que significa que tenho de saber localizar a fonte da minha habilidade... E como focá-la em um ponto concentrado de poder que eu possa usar de qualquer lugar.

Meu cérebro está doendo.

— Posso tentar quebrar alguma coisa também? — James pergunta.

Ele pega um dos tijolos da pilha e pesa-o nas mãos.

— Talvez eu seja superforte como você.

— Você já se sentiu superforte? — Kenji pergunta a ele. — Tipo, sabe, anormalmente forte?

— Não — James responde —, mas também nunca tentei quebrar nada.

Ele olha para Kenji e pisca os dois olhos.

— Você acha que, de repente, eu posso ser como vocês? Que, talvez, eu também tenha algum tipo de poder?

Kenji o analisa. Parece estar organizando os pensamentos na cabeça. Diz:

— Definitivamente, é possível. Seu irmão tem algo no DNA dele, é óbvio, o que significa que você pode ter também.

— Sério?

James está praticamente pulando.

Kenji ri.

— Não faço ideia. Estou apenas dizendo que pode ser *possí*... Não — ele grita. — James...

— Opa.

James está encolhido, deixou cair o tijolo no chão e está apertando o punho contra o corte que sangra na palma da sua mão.

— Acho que apertei com muita força e ele escorregou — ele diz, esforçando-se para não chorar.

— Você *acha*?

Kenji balança a cabeça, com a respiração rápida.

— Droga, garoto, você não pode sair por aí machucando a mão assim. Vai me dar um maldito ataque do coração. Vem aqui — ele diz, com mais delicadeza agora. — Deixe-me ver.

— Está bem — James garante, com as bochechas coradas, escondendo a mão atrás das costas. — Não é nada. Vai sumir logo.

— Esse tipo de corte não vai simplesmente sumir — Kenji afirma. — Agora, deixe-me ver isso...

— Espere.

Eu o interrompo, atraída pelo olhar intenso no rosto de James, a maneira como ele parece muito concentrado no punho cerrado que está escondendo.

— James... O que quer dizer com “vai sumir”? Quer dizer que vai melhorar? Sozinho?

James olha para mim e pisca os dois olhos.

— Bem, é — ele responde. — Sempre melhora bem rápido.

— O que melhora? O que melhora bem rápido?

Kenji está encarando agora também, já entendendo minha teoria e lançando olhares para mim, formando a palavra *caramba* com a boca sem fazer som.

— Quando eu me machuco — James explica, olhando para nós dois como se tivéssemos ficado loucos. — Por exemplo, se você se cortar — ele diz para Kenji —, o corte não melhora, simplesmente?

— Depende do tamanho do corte — Kenji responde. — Mas um corte como o da sua mão?

Ele balança a cabeça.

— Eu teria de limpá-lo para não infeccionar. Depois, teria de envolver com gaze e algum tipo de unguento para não deixar cicatriz. E, depois — ele continua —, seriam necessários pelo menos alguns dias para formar uma crosta. E, depois, ele começaria a melhorar.

James está piscando, como se nunca tivesse escutado algo tão absurdo na vida.

— Deixe-me ver sua mão — Kenji pede a ele.

James hesita.

— Está tudo bem — digo a ele. — De verdade. Só estamos curiosos.

Devagar, muito devagar, James mostra seu punho cerrado. Ainda mais devagar, ele abre os dedos, observando nossa reação o tempo todo. E bem onde, um instante atrás, havia um corte enorme, agora não há nada além de uma pele rosa perfeita e uma pequena poça de sangue.

— Filho da mãe — Kenji suspira, admirado. — Desculpe — ele diz para mim, pulando para frente e agarrando o braço de James, quase incapaz de controlar seus sorrisos —, mas preciso levar este rapaz para a ala médica. Tudo bem? Podemos continuar amanhã...

— Mas não estou machucado mais — James protesta. — Estou bem...

— Eu sei, garoto, mas você vai querer vir comigo.

— Mas por quê?

— O que você acharia — ele começa, levando James porta a fora — de começar a passar um tempo com duas garotas muito bonitas...

E eles foram embora.

E estou rindo.

Sentada no meio da sala de treinamento totalmente sozinha, ouço duas batidas familiares na minha porta.

Já sei quem é.

— Senhora Ferrars.

Eu me viro de repente, não porque estou surpresa por ouvir a voz de Castle, mas porque estou surpresa com a entonação. Os olhos dele estão contraídos, os lábios, tensos, o olhar, penetrante e brilhante sob esta luz.

Ele está muito, muito bravo.

Merda.

— Sinto muito pela cena no corredor — digo a ele. — Eu não...

— Podemos discutir suas demonstrações de afeto públicas e altamente inadequadas em outro momento, senhora Ferrars, mas, agora, eu tenho uma pergunta mais importante a fazer e aconselho-a a ser sincera, o mais sincera que for fisicamente possível.

— O quê — mal consigo respirar —, o que foi?

Castle comprime os olhos.

— Acabei de ter uma conversa com o senhor Aaron Warner, que diz ser capaz de tocar na senhora sem sofrer consequências, e diz que a senhora sabe bem disso.

E eu penso, uau, consegui. Eu realmente consegui morrer de um derrame aos 17 anos de idade.

— Preciso saber — Castle apressa-se — se essa informação é ou não correta e preciso saber agora.

Há cola por toda a minha língua, grudada em meus dentes, meus lábios, o céu da minha boca, e não consigo falar, não consigo me mexer, tenho quase certeza de que tive uma convulsão ou um aneurisma ou uma parada cardíaca ou algo tão horrível quanto, mas não posso explicar nada disso a Castle porque não consigo mexer minha mandíbula nem um centímetro.

— Senhora *Ferrars*.

A boca dele está tão tensa que tenho medo de que se quebre.

— Acho que não entende o quanto essa questão é importante. Preciso de uma resposta sua e preciso dela trinta segundo atrás.

— Eu... Eu...

— Hoje, preciso de uma resposta *hoje, agora, neste instante*...

— Sim — eu solto, meio engasgada, o rosto todo corado, terrivelmente envergonhada, constrangida, horrorizada de todas as maneiras possíveis e meu único pensamento é Adam Adam Adam como Adam reagirá a essa informação *agora*, por que isso tem de acontecer *agora*, por que Warner abriu a boca e quero matá-lo por compartilhar um segredo que era escolha minha contar, escolha minha esconder, escolha minha guardar.

Castle parece uma bexiga que se apaixonou por uma tachinha que se aproximou demais e arruinou-o para sempre.

— Então, é verdade?

Eu baixo os olhos.

— Sim, é verdade.

Ele cai no chão bem em frente a mim, atônito.

— Como isso é possível? O que você acha?

Porque Warner é irmão de Adam, eu não digo a ele.

E não digo porque é decisão do *Adam* contar seu segredo e não falarei disso até ele falar, embora queira desesperadamente dizer a Castle que a ligação deve estar no sangue deles, que os dois devem compartilhar um tipo parecido de dom ou Energia, ou ó ó ó

Ó, meu Deus.

Ó, não.

Warner é um de nós.

— Isso muda tudo.

Castle nem está olhando para mim.

— Isso... Quero dizer... Isso significa tantas coisas — ele diz. — Teremos de contar tudo a ele e teremos de testá-lo para termos certeza, mas estou bem certo de que seja a única explicação. E ele seria bem-vindo para se refugiar aqui se quisesse... Eu lhe daria um quarto normal, permitiria que vivesse entre nós como um igual. No mínimo, não posso mantê-lo aqui como prisioneiro...

— *O quê*... Mas, Castle... Por quê? Foi ele que quase matou Adam! E Kenji.

— A senhora tem de entender... Essa notícia pode mudar toda a visão dele sobre a vida.

Castle está balançando a cabeça, uma mão quase cobrindo sua boca, os olhos arregalados.

— Ele pode não aceitar bem... Ele pode ficar muito contente... Ele pode perder a cabeça por completo... Pode acordar como um novo homem. A senhora ficaria surpresa com o que esse tipo de revelação faz com as pessoas.

— O Ponto Ômega sempre será um local de refúgio para a nossa gente — ele continua. — Foi um juramento que fiz a mim mesmo há muitos anos. Não poderia negar comida e abrigo a ele se, por exemplo, o pai o banisse totalmente.

Isto não pode estar acontecendo.

— Mas eu não entendo — Castle diz, de repente, levantando o olhar para mim. — Por que a senhora não disse nada? Por que não

relatou essa informação? É importante sabermos disso e não a condeno de forma alguma...

— Eu não queria que Adam soubesse — eu admito em voz alta pela primeira vez. Minha voz são seis pedaços quebrados de vergonha amarrados juntos. — Eu apenas...

Balanço a cabeça.

— Eu não queria que ele soubesse.

Castle parece mesmo triste por mim. Ele diz:

— Eu gostaria de poder ajudá-la a guardar seu segredo, senhora Ferrars, mas, mesmo que quisesse, não tenho certeza de que Warner fará o mesmo.

Concentro-me nos tapetes espalhados no chão. Minha voz soa baixinho quando pergunto:

— Por que ele chegou a contar para você? Como isso surgiu na conversa?

Castle coça o queixo, pensativo.

— Ele contou por vontade própria. Ofereci-me para levá-lo às suas rondas diárias... Acompanhá-lo ao banheiro etc... Porque queria segui-lo e fazer perguntas sobre seu pai e ver o que ele sabia sobre o estado dos nossos reféns. Ele parecia muito bem. Na verdade, parecia muito melhor do que quando chegou aqui. Estava dócil, quase educado. Mas seu comportamento mudou drasticamente depois de cruzarmos com a senhora e o Adam no corredor...

A voz dele some, os olhos pulam para o teto, a mente trabalha para encaixar as peças e ele está reprimindo um grito de espanto, encarando-me de uma maneira totalmente estranha a ele, de uma maneira que diz que ele está completa e totalmente perplexo.

Não sei ao certo se deveria ficar ofendida.

— Ele está apaixonado pela senhora — Castle sussurra, com um entendimento revelador em sua voz.

Ele ri, uma vez, alto, rápido. Balança a cabeça.

— Ele a manteve presa e conseguiu se apaixonar no processo.

Estou encarando as esteiras como se fossem a coisa mais fascinante que vi na vida.

— Ó, senhora Ferrars — Castle diz para mim —, não invejo sua difícil situação. Agora vejo por que isso é desconfortável para a senhora.

Quero dizer a ele você não faz ideia, Castle. Você não faz ideia porque nem sabe a história toda. Não sabe que eles são *irmãos*, irmãos que se *odeiam*, irmãos que parecem concordar apenas em uma coisa, e acontece que essa uma coisa é matar o pai deles.

Porém, não digo nenhuma dessas palavras. Não digo nada, na verdade.

Sento-me nestas esteiras com a cabeça apoiada nas mãos e estou tentando imaginar o que mais pode dar errado. Pergunto-me quantos erros mais terei de cometer antes de as coisas se acertarem.

Se é que um dia se acertarão.

50

Estou tão humilhada.

Fiquei pensando nisso a noite toda e cheguei a uma conclusão esta manhã. Warner deve ter contado a Castle de propósito. Porque ele está fazendo joguinhos comigo, porque ele não mudou, porque ainda está tentando me levar a fazer o que ele quer. Ainda está tentando fazer de mim o seu projeto e está tentando me machucar.

Não permitirei.

Não permitirei que Warner minta para mim, manipule minhas emoções para conseguir o que quer. Não acredito que senti pena dele... Que senti um afeto, uma ternura por ele quando o vi com seu pai... Que acreditei nele quando contou o que pensava sobre meu diário. Sou uma idiota impressionável.

Fui estúpida até de pensar que ele fosse capaz de ter emoções humanas.

Eu disse a Castle que talvez ele devesse escalar outra pessoa para essa tarefa, agora que sabe que Warner pode tocar em mim; disse a ele que pode ser perigoso agora. Porém, ele riu e riu e riu e disse:

— Ó, senhora Ferrars, tenho bastante, bastante certeza de que a senhora será capaz de se defender. Na verdade, é provavelmente a pessoa mais bem equipada contra ele entre nós. Além disso — acrescentou — é uma situação ideal. Se ele estiver mesmo apaixonado pela senhora, a senhora deverá ser capaz de tirar vantagem disso, de alguma maneira. Precisamos da sua ajuda — ele disse para mim, novamente sério. — Precisamos de toda a ajuda que pudermos encontrar e, agora, a senhora é a pessoa que pode conseguir as respostas de que precisamos. Por favor — ele pediu. — Tente descobrir o que puder. Qualquer coisa. As vidas de Winston e Brenda estão em risco.

E ele está certo.

Assim, estou empurrando minhas preocupações para o lado porque Winston e Brendan estão lá fora, sofrendo em algum lugar, e temos de encontrá-los. E farei o que puder para ajudar.

O que significa que tenho de falar com Warner de novo.

Tenho de tratá-lo como o prisioneiro que ele é. Nada mais de conversas paralelas. Sem cair nos esforços dele para me confundir. Não de novo e de novo e de novo. Serei melhor. Mais esperta.

E quero meu caderno de volta.

Os guardas estão destrancando o quarto dele para mim e estou entrando, estou fechando a porta atrás de mim e preparando-me para fazer o discurso que já montei quando paro no lugar.

Não sei o que eu estava esperando.

Talvez pensasse que fosse pegá-lo tentando fazer um buraco na parede ou, talvez, que ele fosse estar planejando a morte de cada pessoa do Ponto Ômega ou eu não sei eu não sei eu não sei qualquer coisa porque só sei lutar contra um ser nervoso, uma criatura insolente, um monstro arrogante e não sei o que fazer com isto.

Ele está dormindo.

Alguém colocou um colchão aqui, um retângulo simples de qualidade média, fino e gasto, mas melhor do que o chão, pelo menos, e ele está deitado sobre o colchão usando nada além de um par de cuecas *boxer* pretas.

As calças, as camisas, as meias estão um pouco úmidas, amassadas, claramente lavadas à mão e esticadas para secar; o casaco está dobrado com cuidado sobre as botas e as luvas estão uma ao lado da outra sobre o casaco.

Ele não se mexeu nem um centímetro desde que entrei neste quarto.

Está descansando de lado, as costas para a parede, o braço esquerdo sob o rosto, o braço direito contra o torso, o corpo todo ~~perfeito~~ despido, forte, macio e com um cheiro leve de sabonete. Não sei por que não consigo parar de olhar para ele. Não sei o que há no sono que faz nossos rostos parecerem suaves e inocentes, muito em paz e vulneráveis, mas estou tentando desviar o olhar e não consigo. Estou perdendo de vista meu propósito, esquecendo as palavras corajosas que disse a mim mesma antes de entrar aqui. Porque há algo nele... *Sempre* houve algo nele que me intrigou e não entendo. Queria poder ignorar isso, mas não posso.

Porque olho para ele e me pergunto se, talvez, sou apenas eu? Talvez eu seja ingênua?

No entanto, eu vejo camadas, tons de dourado e verde e uma pessoa que nunca recebeu a chance de ser humano e imagino se sou tão cruel quanto meus opressores se decido que a sociedade está certa, que algumas pessoas não têm volta, que você não pode voltar às vezes, que há pessoas neste mundo que não merecem uma segunda chance e não posso não posso não posso...

Não posso deixar de discordar.

Não posso deixar de pensar que 19 anos é jovem demais para desistir de alguém, que 19 anos de idade é apenas o começo, que é muito cedo para dizer a uma pessoa que ela nunca realizará nada além do mal neste mundo.

Não posso deixar de imaginar como teria sido minha vida se alguém tivesse arriscado comigo.

Assim, eu recuo. Viro-me para sair.

Deixo-o dormir.

Paro no lugar.

Tenho um vislumbre do meu caderno sobre o colchão, perto da mão esticada dele, seus dedos parecendo que acabaram de soltar o objeto. É a oportunidade perfeita para roubá-lo de volta se eu puder ser furtiva o bastante.

Vou para frente na ponta dos pés, sempre grata por estas botas que uso terem sido criadas para não fazerem nenhum barulho. Porém, quanto mais me aproximo do corpo dele, mais minha atenção é atraída por algo em suas costas.

Um pequeno borrão retangular de preto.

Aproximo-me lentamente.

Pisco.

Olho de lado.

Inclino-me.

É uma tatuagem.

Nenhum desenho. Apenas uma palavra. Uma palavra, escrita no centro da parte superior das costas dele. Em tinta.

INCENDIAR

E sua pele está rasgada em cicatrizes.

O sangue está correndo tão rápido para a minha cabeça que começo a sentir que vou desmaiar. Como se pudesse, de verdade, revirar o conteúdo do meu estômago neste instante. Quero entrar em pânico, quero chacoalhar alguém, quero saber como entender as emoções que me engasgam, porque não consigo nem imaginar, não consigo nem imaginar, não consigo nem *imaginar* o que ele deve ter suportado para carregar tal sofrimento na pele.

As suas costas inteiras são um mapa de dor.

Grosso e fino e desigual e terrível. Cicatrizes como estradas que levam a lugar nenhum. São cortes e fatias irregulares que não entendo, marcas de tortura que nunca poderia ter esperado. São as únicas imperfeições em todo o seu corpo, imperfeições escondidas e que escondem seus próprios segredos.

E percebo, não pela primeira vez, que não faço ideia de quem Warner é de verdade.

— Juliette?

Eu congelo.

— O que você está fazendo aqui?

Seus olhos estão arregalados, alertas.

— E-eu vim falar com você...

— Jesus — ele ofega, pulando para longe de mim. — Estou honrado, amor, mas não podia ao menos ter me dado a chance de colocar minhas calças?

Ele se colocou de pé contra a parede, mas não faz nenhum esforço para pegar as roupas. Seus olhos ficam pulando de mim para as calças no chão, como se ele não soubesse o que fazer. Parece determinado a não ficar de costas para mim.

— Você se importa? — ele pergunta, fazendo um gesto com a cabeça para as roupas perto de meus pés e fingindo um ar despreocupado que pouco esconde a apreensão em seus olhos. — Faz frio aqui.

Porém, eu o estou encarando, olhando-o por inteiro, impressionada com como ele parece perfeito visto de frente. O corpo forte, esguio, tonificado e muscular sem ser atarracado. Ele é claro sem ser pálido, a pele tingida com apenas o suficiente da luz

do sol para parecer saudável sem esforço. O corpo de um menino perfeito.

Como as aparências podem enganar.

Que engano terrível, terrível.

O olhar dele está fixo em mim, os olhos são chamas verdes que não se extinguirão e o peito está subindo e descendo muito rápido, muito rápido, muito rápido.

— O que aconteceu com as suas costas? — eu me escuto sussurrar.

Vejo a cor sumir do rosto dele. Ele desvia o olhar, passa a mão pela boca, pelo queixo, descendo pela nuca.

— Quem o machucou? — pergunto, com a voz muito baixa.

Estou começando a reconhecer o estranho sentimento que tenho logo antes de fazer algo terrível. Como agora. Agora sinto que poderia matar alguém por causa disso.

— Juliette, por favor, minhas roupas...

— Foi o seu pai? — pergunto, com a voz um pouco mais audível. — Ele fez isso com você...

— Não importa — Warner me interrompe, frustrado agora.

— É claro que importa!

Ele não diz nada.

— Essa tatuagem — digo a ele —, essa palavra...

— Sim — ele fala, embora a voz esteja baixa. Limpa a garganta.

— Eu não...

Eu pisco.

— O que significa?

Warner balança a cabeça, passa a mão pelo cabelo.

— É de um livro?

— Por que você se importa? — ele pergunta, desviando o olhar de novo. — Por que está de repente tão interessada na minha vida?

Não sei, quero dizer a ele. Quero dizer a ele que não sei, mas não é verdade.

Porque eu sinto. Sinto os cliques e as voltas e os rangidos de um milhão de chaves destrancando um milhão de portas na minha cabeça. É como se, enfim, eu estivesse me permitindo ver o que realmente penso, como realmente me sinto, como se eu estivesse descobrindo meus próprios segredos pela primeira vez. E, então, procuro nos olhos dele, nos traços dele algo que nem sei nomear. E percebo que não quero mais ser inimiga dele.

— Acabou — digo. — Não estou na base com você desta vez. Não serei sua arma e você nunca poderá mudar minha opinião sobre essa ideia. Acho que você sabe disso.

Eu examino o chão.

— Então, por que ainda estamos lutando um contra o outro? Por que você ainda está tentando me manipular? Por que ainda tenta me fazer cair nos seus truques?

— Não faço ideia — ele começa, olhando para mim como se não tivesse nem certeza se sou real —, não faço ideia do que você está falando.

— Por que contou a Castle que pode tocar em mim? Não era segredo seu, não podia contar.

— Certo.

Ele solta um suspiro profundo.

— É claro.

Parece voltar a si.

— Olha, amor, você poderia pelo menos me jogar meu casaco se vai ficar aqui e me fazer todas essas perguntas?

Jogo o casaco para ele. Ele pega. Escorrega para o chão. E, em vez de vestir o casaco, ele o dobra sobre o colo. Por fim, diz:

— Sim, eu contei a Castle que posso tocar em você. Ele tinha o direito de saber.

— Não era da conta dele.

— É claro que é da conta dele — Warner retruca. — Ele devia saber.

— Ele não precisa saber.

— Por que é um problema tão grande? — ele pergunta, examinando meus olhos com muito cuidado. — Por que você se incomoda tanto de alguém saber que posso tocá-la? Por que tem que ser um segredo?

Eu luto para encontrar as palavras que não vêm.

— Está preocupada com Kent? Pensa que ele acharia ruim saber que posso tocá-la?

— Eu não queria que ele descobrisse assim...

— Mas por que isso importa? — ele insiste. — Você parece ligar muito para algo que não faz diferença na sua vida pessoal. Não faria — ele continua — nenhuma diferença na sua vida pessoal. Não sei,

você ainda alega não sentir nada por mim além de ódio. Porque foi o que disse, não foi? Que me odeia?

Encolho-me no chão em frente a Warner. Puxo os joelhos até o peito. Concentro-me na pedra sob meus pés.

— Eu não o odeio.

Warner parece parar de respirar.

— Acho que eu o entendo às vezes — digo a ele. — De verdade. Mas bem quando eu penso que, enfim, consegui entendê-lo, você me surpreende. E nunca sei realmente quem você é ou quem vai ser.

Levanto os olhos.

— Mas sei que não o odeio mais. Eu tentei — eu conto —, tentei bastante. Porque você fez tantas coisas terríveis. A pessoas inocentes. A *mim*. Mas, agora, sei muito sobre você, vi muita coisa. Você é humano demais.

O cabelo dele é dourado. Os olhos, muito verdes. Sua voz está sofrida quando ele fala:

— Está dizendo — ele começa — que quer ser minha amiga?

— E-eu não sei.

Estou muito petrificada, muito, muito petrificada com essa possibilidade.

— Não pensei nisso. Estou apenas dizendo que não sei...

Eu hesito, respiro.

— Não sei mais como odiá-lo. Embora eu queira. Quero mesmo e sei que deveria, mas simplesmente não consigo.

Ele desvia o olhar.

E sorri.

É o tipo de sorriso que me faz esquecer como fazer qualquer coisa além de piscar e piscar e não entendo o que está acontecendo comigo. Não sei por que não consigo convencer meus olhos a encontrarem outra imagem na qual se concentrarem.

Não sei por que meu coração está perdendo a cabeça.

Ele toca no meu caderno como se nem reparasse no que está fazendo. Seus dedos percorrem toda a capa uma, duas vezes antes de ele perceber para onde meu olhar foi e parar.

— Você escreveu estas palavras?

Ele toca no meu caderno de novo.

— Todas elas?

Eu faço que sim com a cabeça.

Ele diz:

— Juliette.

Eu paro de respirar.

Ele diz:

— Eu gostaria muito disso. De ser seu amigo — afirma. — Eu gostaria.

E eu não sei mesmo o que acontece com o meu cérebro.

Talvez seja porque Warner está destroçado e seja tola o bastante para achar que posso consertá-lo. Talvez seja porque eu me vejo, eu vejo a Juliette de 3, 4, 5, 6, 17 anos abandonada, negligenciada,

maltratada, insultada por algo fora do seu controle e penso nele como alguém igual a mim, alguém que nunca ganhou uma chance na vida. Penso em como todo mundo já o odeia, como odiá-lo é um fato universalmente aceito.

Warner é horrível.

Sem discussões, sem dúvidas, sem fazer perguntas. Já foi decidido que ele é um ser humano desprezível que se alegra com assassinatos e poder e tortura de outros.

Mas eu quero saber. Preciso saber. Tenho de saber.

Se é mesmo tão simples assim.

Porque, e se um dia eu escorregar? E se um dia eu cair pelas rachaduras e ninguém estiver disposto a puxar-me de volta? O que acontecerá a mim então?

Assim, olho-o nos olhos. Respiro fundo.

E fujo.

Saio correndo pela porta.

Apenas um instante.

Apenas um segundo, apenas mais um minuto, dê-me apenas mais uma hora ou, talvez, o fim de semana para pensar nisso não é muito, não é tão difícil, é tudo o que pedirei, é um pedido simples.

Porém, os instantes os segundos os minutos as horas os dias e anos viram um grande erro, uma oportunidade extraordinária que escapou entre nossos dedos porque não conseguimos decidir, não conseguimos entender, precisávamos de mais tempo, não sabíamos o que fazer.

Nem sabemos o que fizemos.

Não temos ideia nem de como chegamos aqui, e tudo o que queríamos era acordar de manhã e ir dormir à noite e, talvez, parar para tomar sorvete no caminho para casa e aquela decisão, aquela escolha, aquela oportunidade acidental destroçou tudo que sempre soubemos e em que sempre acreditamos e o que faremos?

O que faremos

a partir de agora?

52

A situação está piorando.

A tensão entre os cidadãos do Ponto Ômega está aumentando a cada hora que passa. Tentamos conseguir contato com os homens de Anderson sem sucesso; não tivemos notícia da equipe deles ou de seus soldados e não temos novidades sobre nossos reféns. Porém, os civis do Setor 45 — o setor que costumava estar sob o comando de Warner, o setor que ele costumava supervisionar — estão ficando cada vez mais inquietos. Rumores sobre nós e nossa resistência estão se espalhando rápido demais.

O Restabelecimento tentou encobrir as notícias de nossa batalha recente chamando-a de um ataque padrão de membros do partido rebelde, mas o povo está ficando mais esperto. Protestos estão explodindo e algumas pessoas estão se recusando a trabalhar, enfrentando as autoridades, tentando escapar dos aglomerados e fugindo de volta para o território não regulamentado.

Isso nunca acaba bem.

As perdas foram muitas e Castle está ansioso para fazer algo. Todos nós estamos sentindo que sairemos de novo, e em breve. Não recebemos nenhum relatório de que Anderson está morto, o que significa que ele, provavelmente, está apenas esperando o momento certo... Ou talvez Adam esteja certo e ele esteja apenas se recuperando. Porém, qualquer que seja o motivo, o silêncio de Anderson não pode ser bom.

— O que a senhora está fazendo aqui? — Castle pergunta para mim.

Acabei de pegar meu jantar. Acabei de me sentar à mesa de sempre com Adam, Kenji e James. Olho para Castle e pisco, confusa.

Kenji diz:

— O que está acontecendo?

Adam diz:

— Está tudo bem?

Castle diz:

— Peço desculpas, senhora Ferrars, não quis interromper. Confesso que estou um pouco surpreso em vê-la aqui. Pensei que estivesse cuidando de uma tarefa agora.

— Ó — eu me surpreendo.

Olho para minha comida e volto a olhar para Castle.

— Eu... Bem, sim, eu estava... Mas já falei duas vezes com Warner... Na verdade, eu o vi ontem...

— Ó, é uma notícia excelente, senhora Ferrars. Excelente.

Castle junta as mãos; seu rosto é a expressão do alívio.

— E o que conseguiu descobrir?

Ele parece ter tanta esperança que eu começo mesmo a sentir vergonha de mim mesma.

Todos estão me encarando e não sei o que fazer. Não sei o que dizer.

Balanço a cabeça.

— Ah.

Castle baixa as mãos. Olha para o chão. Balança a cabeça para si mesmo.

— Então, a senhora decidiu que suas duas visitas foram mais do que suficientes?

Ele não olha para mim.

— Qual é sua opinião profissional, senhora Ferrars? Acha melhor ir com calma nesta situação em especial? Que Winston e Brendan ficarão descansando em conforto até a senhora achar uma oportunidade em sua agenda lotada para interrogar a única pessoa que pode ser capaz de nos ajudar a encontrá-los? A senhora acha que...

— Irei agora mesmo.

Pego minha bandeja e pulo para fora da mesa, quase tropeçando em mim mesma no processo.

— Sinto muito... Eu apenas... Irei agora mesmo. Até o café da manhã, rapazes — eu sussurro e saio correndo pela porta.

Brendan e Winston

Brendan e Winston

Brendan e Winston, fico dizendo a mim mesma.

Ouço Kenji rir enquanto eu saio.

Parece que não sou muito boa em interrogatórios.

Tenho tantas perguntas para Warner, mas nenhuma delas tem a ver com nossos reféns. Todas as vezes que digo a mim mesma que farei as perguntas certas, Warner consegue me distrair de alguma maneira. É quase como se ele soubesse o que vou perguntar e já estivesse preparado para redirecionar a conversa.

Isso me confunde.

— Você tem alguma tatuagem? — ele me pergunta, sorrindo enquanto se inclina contra a parede às suas costas, usando a camisa de baixo; com as calças, as meias, sem sapatos. — Todo mundo parece ter tatuagem hoje em dia.

Esta não é uma conversa que eu pensei que teria com Warner.

— Não — eu respondo. — Nunca tive a oportunidade de fazer uma. Além disso, acho que ninguém um dia vai querer chegar assim tão perto da minha pele.

Ele examina as próprias mãos. Sorri. Diz:

— Talvez um dia.

— Talvez — concordo.

Uma pausa.

— E então, e a sua tatuagem? — pergunto. — Por que *INCENDIAR*?

O sorriso dele está maior agora. Covinhas de novo. Ele balança a cabeça e diz:

— Por que não?

— Não entendo.

Tombo a cabeça na direção dele, confusa.

— Quer lembrar a si mesmo de pegar fogo?

Ele sorri, contém uma risada.

— Uma porção de letras nem sempre forma uma palavra, amor.

— Eu... Eu não faço ideia do que você está falando.

Ele respira fundo. Senta-se mais ereto.

— Então — diz —, você constumava ler muito?

Sou pega de surpresa. É uma pergunta estranha e não posso deixar de imaginar, por um instante, se é um truque. Se admitir tal coisa me criaria problemas. E, depois, lembro que Warner é o *meu* refém, não o contrário.

— Sim — digo a ele. — Costumava.

O sorriso dele diminui e torna-se um pouco mais sério, calculado. Seus traços estão cuidadosamente desprovidos de emoção.

— E quando teve a chance de ler?

— O que quer dizer?

Ele encolhe os ombros lentamente, olha para o nada do outro lado do quarto.

— Apenas parece estranho que uma garota que foi isolada por completo a vida toda tenha grande acesso à literatura. Em especial neste mundo.

Eu não digo nada.

Ele não diz nada.

Eu respiro algumas vezes antes de responder.

— Eu... Eu nunca pude escolher meus livros — conto a ele e não sei por que me sinto tão nervosa por dizer isso, por que tenho de me lembrar de não sussurrar. — Eu lia o que estivesse à mão. Minhas escolas sempre tiveram bibliotecas pequenas e meus pais tinham algumas coisas em casa. E, depois...

Eu hesito.

— Depois, passei alguns anos em ~~hospitais e alas psiquiátricas e~~ um centro de detenção juvenil.

Meu rosto pega fogo como se estivesse preparado, sempre pronto para sentir vergonha do meu passado, de quem fui e continuo sendo.

Mas é estranho.

Enquanto uma parte de mim esforça-se para ser tão natural, outra parte, na verdade, sente-se confortável em conversar com Warner. Segura. Familiar.

Porque ele já sabe tudo sobre mim.

Ele sabe cada detalhe dos meus 17 anos. Tem todos os meus registros médicos, sabe tudo sobre meus incidentes com a polícia e o doloroso relacionamento que tive com meus pais. E, agora, ele leu meu caderno também.

Não há nada que eu possa revelar sobre minha história que vá surpreendê-lo; nada sobre o que fiz que vá chocá-lo ou horrorizá-lo. Não me preocupo que ele vá me julgar ou fugir de mim.

E essa conclusão, talvez mais do que qualquer outra coisa, faz meus ossos chacoalharem.

~~E me dá certa sensação de alívio.~~

— Sempre havia livros por ali — eu continuo, de alguma forma incapaz de parar agora, com os olhos colados no chão. — No centro de detenção. Muitos deles eram velhos e gastos e não tinham capa, assim nem sempre sabia o título ou o autor. Apenas lia tudo que podia encontrar. Contos de fadas e mistérios e história e poesia. Não importava o que fosse. Eu lia de novo e de novo e de novo. Os livros... Eles me ajudaram a não perder completamente a cabeça.

Minha voz vai sumindo, contenho-me antes de dizer muito mais. Horrorizada quando percebo o quanto quero fazer confidências a ele. A Warner.

O terrível, terrível Warner que tentou matar Adam e Kenji. Que fez de mim seu brinquedo.

Eu odeio sentir-me segura o bastante para falar com tanta liberdade na presença dele. Odeio que, entre todas as pessoas, Warner seja a única com quem eu consigo ser sincera por inteiro. Sempre sinto que tenho de proteger Adam de mim, da história de terror que é minha vida. Nunca quero assustá-lo ou contar-lhe muito por medo de que ele mude de ideia e perceba o erro que cometeu ao confiar em mim; ao demonstrar afeto por mim.

No entanto, com Warner não há nada a esconder.

Quero ver sua expressão; quero saber o que ele está pensando agora que me abri, ofereci a ele uma visão pessoal do meu passado, mas não consigo me forçar a encará-lo. Assim, fico sentada aqui, congelada, a humilhação empoleirada sobre meus ombros, e ele não diz uma palavra, não se mexe um centímetro, não faz um único som. Segundos passam voando, um enxame pelo quarto de uma única vez, e eu quero afugentá-los com as mãos; quero pegá-los e enfiá-los nos meus bolsos por um período longo o bastante para parar o tempo.

Por fim, ele interrompe o silêncio.

— Eu gosto de ler também — conta.

Levanto a cabeça, surpresa.

Ele se encosta na parede de novo, com a mão presa no cabelo. Passa os dedos pelas camadas douradas apenas uma vez. Baixa a mão. Encontra meu olhar. Os olhos dele são muito, muito verdes.

— Você gosta de ler? — pergunto.

— Você está surpresa.

— Pensei que o Restabelecimento fosse destruir todas essas coisas. Pensei que fosse ilegal.

— Vão destruir e será ilegal — ele diz, mexendo-se um pouco. — Em breve, de qualquer forma. Já destruíram um pouco, na verdade.

Ele parece desconfortável pela primeira vez.

— É uma ironia — continua — eu apenas ter começado a ler de verdade quando o plano de destruir tudo estava em vigor. Fui escolhido para examinar algumas listas; dar minha opinião sobre o que deveríamos guardar, do que deveríamos nos livrar, o que reciclaríamos para usar nas campanhas, no currículo futuro etc.

— E acha que isso é certo? — pergunto a ele. — Destruir o que resta da cultura, todos os idiomas, todos aqueles textos? Concorda com isso?

Ele está brincando com meu caderno de novo.

— Há... muitas coisas que eu faria de maneira diferente — ele responde — se estivesse no comando.

Uma respiração profunda.

— Mas um soldado nem sempre tem de concordar para obedecer.

— O que faria diferente? — questiono. — Se estivesse no comando.

Ele ri. Suspira. Olha para mim, sorri com os cantos dos olhos.

— Você faz muitas perguntas.

— Não consigo evitar — digo a ele. — É só que você parece muito diferente agora. Tudo o que diz me surpreende.

— Como?

— Não sei — eu falo. — Você apenas está... tão calmo. Um pouco menos louco.

Ele solta uma dessas risadas silenciosas, o tipo que chacoalha seu peito sem fazer barulho, e diz:

— Minha vida não foi nada além de batalha e destruição. Estar aqui?

Ele olha ao redor.

— Longe de deveres, responsabilidades. Morte — diz, com os olhos fixos na parede. — É como estar de férias. Não preciso pensar o tempo todo. Não preciso fazer nada nem conversar com ninguém nem estar em nenhum lugar. Nunca tive tantas horas para simplesmente *dormir* — ele continua, sorrindo. — Na verdade, é meio luxuoso. Acho que gostaria de virar refém com mais frequência — acrescenta, principalmente para si mesmo.

E não posso deixar de examiná-lo.

Estudo seu rosto de uma forma que nunca ousei antes e percebo que não tenho a menor ideia do que é viver a vida dele. Ele me disse certa vez que eu não tinha noção, que eu não podia entender as leis estranhas deste mundo, e estou apenas começando a ver que ele estava certo. Porque não sei nada sobre esse tipo de existência sangrenta e cheia de regras. Porém, de repente, quero saber.

De repente, quero entender.

Observo os movimentos cuidadosos dele, o esforço que ele faz para parecer despreocupado, relaxado. No entanto, vejo o quanto isso é calculado. Como há um motivo por trás de cada movimento, cada reajuste do seu corpo. Ele está sempre ouvindo, sempre encostando uma mão no chão, na parede, olhando para a porta,

examinando seu contorno, suas dobradiças, a maçaneta. Vejo a maneira como ele fica tenso, apenas um pouco, ao som dos menores barulhos, metal raspando, vozes abafadas do lado de fora do quarto. É óbvio que ele está sempre alerta, sempre no limite, pronto para lutar, reagir. Fico me perguntando se ele já conheceu a tranquilidade. A segurança. Se já foi capaz de dormir a noite toda. Se já foi capaz de ir a algum lugar sem olhar constantemente por cima do ombro.

Suas mãos estão unidas.

Ele está brincando com um anel na mão esquerda, girando e girando e girando ao redor do dedo mindinho. Não acredito que levei tanto tempo para reparar que ele o está usando; é um anel sólido de jade, um tom de verde pálido o bastante para combinar perfeitamente com seus olhos. E, então, lembro-me de repente de já tê-lo visto antes.

Apenas uma vez.

Na manhã depois de eu ter machucado Jenkins. Quando Warner veio me buscar em seu quarto. Ele me pegou olhando para esse anel e logo colocou as luvas.

É um déjà-vu.

Ele me vê olhando para suas mãos e rapidamente cerra o punho esquerdo, cobre-o com o direito.

— O qu...

— É apenas um anel — diz. — Não é nada.

— Por que está escondendo se não é nada?

Já estou muito mais curiosa do que estava um instante atrás, muito ansiosa por uma oportunidade de fazê-lo se abrir, de descobrir que diabos passa na cabeça dele.

Ele suspira.

Flexiona e relaxa os dedos. Olha para as mãos, as palmas para baixo, os dedos separados. Tira o anel do mindinho e segura-o contra a luz fluorescente; olha para ele. É um pequeno “o” de verde. Por fim, olha nos meus olhos. Deixa o anel cair na palma da mão e fecha o punho.

— Não vai me contar? — pergunto.

Ele balança a cabeça.

— Por que não?

Ele esfrega a lateral do pescoço, massageia para aliviar a tensão da parte mais baixa, a parte que toca suas costas. Não posso deixar de observar. Não posso deixar de imaginar como seria ter alguém massageando meu corpo desse jeito para livrá-lo da dor. As mãos dele parecem tão fortes.

Já quase esqueci sobre o que estamos falando quando ele diz:

— Tenho este anel há quase dez anos. Costumava caber no meu dedo indicador.

Ele dá uma olhada para mim antes de desviar o olhar de novo.

— E não quero falar sobre isso.

— Nunca?

— Não.

— Ó.

Mordo o lábio inferior. Decepcionada.

— Gosta de Shakespeare? — ele pergunta.

Uma estranha mudança de assunto.

Eu balanço a cabeça.

— Tudo o que sei sobre ele é que roubou meu nome e escreveu-o do jeito errado.

Warner fica me encarando por um segundo inteiro antes de cair na risada — rajadas de risada fortes e sem restrições —, tentando controlá-la e sem conseguir.

De repente, sinto-me desconfortável, nervosa diante deste garoto estranho que ri e usa anéis secretos e faz perguntas sobre livros e poesia.

— Eu não estava tentando ser engraçada — consigo dizer.

Porém, os olhos dele ainda estão cheios de sorrisos quando ele diz:

— Não se preocupe. Eu não sabia muito sobre ele até, mais ou menos, um ano atrás. Ainda não entendo metade das coisas que ele diz, assim, acho que vamos nos livrar da maioria delas, mas ele escreveu uma fala de que gostei muito.

— Qual era?

— Gostaria de ver?

— *Ver*?

Mas Warner já está em pé, desabotoando as calças e estou imaginando o que poderia estar acontecendo, preocupada de ter sido enganada para participar de algum jogo novo e doentio quando ele para. Percebe o olhar horrorizado em meu rosto. Diz:

— Não se preocupe, amor. Não vou ficar nu, prometo. É apenas outra tatuagem.

— Onde? — pergunto, paralisada no lugar, querendo e não querendo desviar o olhar.

Ele não responde.

Suas calças estão abertas, mas penduradas abaixo da cintura dele. Suas cuecas *boxer* estão visíveis por baixo. Ele puxa e puxa o elástico da cueca até ele ficar logo abaixo do seu osso do quadril.

Estou corando até o topo da testa.

Nunca vi uma área tão íntima do corpo de ninguém antes, e não consigo me forçar a desviar os olhos. Meus momentos com Adam sempre foram no escuro e sempre foram interrompidos; nunca vi tanto assim dele não porque não quisesse, mas porque nunca tive a chance. E, agora, as luzes estão acesas e Warner está parado em frente a mim e estou tão atraída, tão intrigada pelo corte do seu corpo. Não posso deixar de observar a maneira como sua cintura afina até os quadris e desaparece sob um pedaço de tecido. Quero saber como seria entender outra pessoa sem essas barreiras.

Conhecer uma pessoa tão completa, tão intimamente.

Quero estudar os segredos guardados entre seus cotovelos e os sussurros presos entre seus joelhos. Quero seguir as linhas da sua silhueta com meus olhos e as pontas dos meus dedos. Quero rastrear os rios e os vales pelos músculos ondulados do seu corpo.

Meus pensamentos me chocam.

Há um calor desesperado na boca do meu estômago que queria poder ignorar. Há borboletas em meu peito que eu queria poder explicar e resolver. Há uma dor no centro do meu ser que não estou disposta a nomear.

~~Lindo.~~

~~Ele é tão~~ *lindo*.

Devo estar louca.

— É interessante — ele diz. — Parece muito... relevante, eu acho. Mesmo tendo sido escrita há tanto tempo.

— O quê?

Arranco os olhos da parte de baixo do corpo dele, tentando desesperadamente evitar que minha imaginação complete os detalhes. Olho para as palavras tatuadas em sua pele e presto atenção desta vez.

— Ó — eu exclamo. — Sim.

São duas linhas. A fonte como de máquina de escrever gravada bem na parte baixa do seu torso.

o i n f e r n o e s t á v a z i o .

e t o d o s o s d e m ô n i o s e s t ã o a q u i .

Sim. Interessante. Sim. Claro.

Acho que preciso me deitar.

— Livros — ele está dizendo, puxando a cueca para cima e fechando as calças — são fáceis de destruir. Mas as palavras viverão enquanto as pessoas puderam se lembrar delas. Tatuagens, por exemplo, são muito difíceis de esquecer.

Ele fecha o botão.

— Acho que há algo na efemeridade da vida hoje em dia que torna necessário gravarmos tinta na nossa pele — ele continua. — Lembra-nos de que fomos marcados pelo mundo, que ainda estamos vivos. Isso nunca esqueceremos.

— Quem é você?

Não conheço este Warner. Nunca seria capaz de reconhecer este Warner.

Ele sorri para si mesmo. Senta-se de novo. Diz:

— Ninguém mais precisará saber.

— O que quer dizer?

— Sei quem eu sou — ele responde. — É o suficiente para mim.

Fico em silêncio por um instante. Franzo as sobrancelhas, olhando para o chão.

— Deve ser ótimo passar a vida com tanta confiança.

— Você é confiante — ele diz para mim. — É teimosa e durona. Tão corajosa. Tão forte. Tão sobrenaturalmente bonita. Você poderia conquistar o mundo.

Eu chego a dar risada, levanto o rosto para encontrar o olhar dele.

— Eu choro demais. E não estou interessada em conquistar o mundo.

— Isso — ele diz — é algo que nunca entenderei.

Ele balança a cabeça.

— Você está apenas com medo. Está com medo do que não conhece. Está muito preocupada em não decepcionar as pessoas. Você sufoca seu próprio potencial — acrescenta — por causa do que acha que os outros esperam de você... Porque ainda segue as regras que lhe dão.

Ele olha para mim, com atenção.

— Eu gostaria que você não fizesse isso.

— Eu gostaria que você deixasse de esperar que eu use meu poder para matar pessoas.

Ele encolhe os ombros.

— Eu nunca disse que você tem de fazer isso. Mas acontecerá ao longo do caminho; é inevitável em uma guerra. É estatisticamente impossível evitar matar alguém.

— Está brincando, não é?

— Definitivamente não.

— Sempre podemos evitar matar pessoas, Warner. Isso é possível ao *não* irmos para a guerra.

Porém, ele sorri, um sorriso tão brilhante, sem nem prestar atenção.

— Adoro quando você diz meu nome — ele afirma. — Nem sei por quê.

— Warner não é seu nome — eu observo. — Seu nome é Aaron.

O sorriso dele está grande, muito grande.

— Meu Deus, eu amo isso.

— Seu nome?

— Apenas quando você diz.

— Aaron? Ou Warner?

Ele fecha os olhos. Inclina a cabeça para trás contra a parede. Covinhas.

De repente, sou atingida pela realidade do que estou fazendo aqui. Sentada aqui, passando o tempo com Warner como se

tivéssemos muitas horas para gastar. Como se não houvesse um mundo terrível do lado de fora destas paredes. Não sei como consegui ficar me distraindo e prometo a mim mesma que, desta vez, não deixarei a conversa sair do controle. Mas, quando abro a boca, ele diz:

— Não vou devolver seu caderno.

Minha boca se fecha.

— Sei que o quer de volta — ele continua —, mas temo que eu vá ficar com ele para sempre.

Ele levanta o caderno, mostra-o para mim. Sorri. E, depois, coloca-o no bolso. O único lugar em que eu nunca ousaria mexer.

— Por quê? — não posso deixar de perguntar. — Por que você o quer tanto?

Ele gasta tempo demais apenas olhando para mim. Sem responder a minha pergunta. E, depois, diz:

— *Nos dias mais escuros, você tem de procurar um ponto de luz; nos dias mais frios, você tem de procurar um ponto de calor; nos dias mais desoladores, você tem de manter os olhos para frente e para cima e, nos dias mais tristes, você tem de deixá-los abertos para permitir que chorem. Para, então, permitir que sequem. Para dar a eles uma chance de lavar a dor, para verem com frescor e clareza mais uma vez.*

— Não acredito que decorou isso — eu sussurro.

Ele se inclina para trás de novo. Fecha os olhos de novo. Diz:

— *Nada nesta vida jamais fará sentido para mim, mas não posso deixar de tentar juntar o troco e esperar que seja suficiente para pagar por meus erros.*

— Eu escrevi isso também? — pergunto a ele, incapaz de acreditar ser possível ele estar recitando as mesmas palavras que caíram dos meus lábios para as pontas dos meus dedos e sangraram na página. Ainda incapaz de acreditar que ele agora conhece meus pensamentos íntimos, sentimentos que captei com uma mente torturada e martelei em frases que enfiei em parágrafos, ideias que eu prendi juntas com pontuações que não têm função além de determinar onde um pensamento acaba e o outro começa.

Este garoto loiro tem meus segredos na boca.

— Você escreveu muitas coisas — ele diz, sem olhar para mim. — Sobre seus pais, sua infância, suas experiências com outras pessoas. Você falou de esperança e redenção e de como seria ver um pássaro passar voando. Você escreveu sobre dor. E como é pensar que você é um monstro. Como era ser julgada por todos mesmo antes de trocar duas palavras com eles.

Uma inspiração profunda.

— Muito disso era como me ver no papel — ele sussurra. — Como ler todas as coisas que nunca soube dizer.

E eu queria que meu coração simplesmente se calasse, se calasse, se calasse, se calasse.

— Todo santo dia eu me arrependo — ele diz, as palavras quase um sussurro agora. — Arrependo-me de acreditar no que ouvi sobre você. E, depois, machucá-la quando achei que a estivesse ajudando. Não posso me desculpar por quem sou — ele continua. — Essa parte minha já está feita, já está arruinada. Desisti de mim mesmo há muito tempo. Mas sinto muito por não a ter entendido melhor. Tudo que fiz, fiz porque queria ajudá-la a ser mais forte. Queria que você usasse sua raiva como ferramenta, como arma para ajudar a aproveitar a força que há dentro de você; queria que você fosse capaz de enfrentar o mundo. Provoquei-a de propósito — afirma. — Forcei demais, muito, fiz coisas para horrorizá-la e enojá-la e fiz tudo de propósito. Porque foi assim que me ensinaram

a me preparar para o terror deste mundo. Foi assim que me treinaram para revidar. E eu queria ensinar você. Sabia que você tinha o potencial para ser mais, muito mais. Eu podia ver grandeza em você.

Ele olha para mim. Olha para mim de verdade, mesmo.

— Você vai fazer coisas incríveis — diz. — Eu sempre soube disso. Acho que só queria ser parte disso.

E eu tento. Tento mesmo lembrar todos os motivos para dever odiá-lo, tento lembrar todas as coisas horríveis que o vi fazer. Mas sou torturada porque entendo muito bem o que é ser torturado. Fazer as coisas porque você não conhece nada além. Fazer as coisas porque acha que são certas, porque nunca lhe ensinaram o que é errado.

Porque é muito difícil ser gentil com o mundo quando tudo que você já sentiu foi ódio.

Porque é difícil ver bondade no mundo quando tudo que você já conheceu foi terror.

Quero dizer alguma coisa para ele. Algo profundo e completo e memorável, mas ele parece entender. Ele me oferece um sorriso estranho e instável que não chega aos seus olhos, mas diz muito.

Então...

— Diga à sua equipe — ele avisa — para se preparar para a guerra. A menos que seus planos tenham mudado, meu pai ordenará um ataque a civis depois de amanhã e não será nada menos que um massacre. Também será a única oportunidade de vocês salvarem seus homens. Eles estão sendo mantidos em algum lugar dos níveis mais baixos do quartel-general do Setor 45. Temo que seja tudo que eu possa lhe dizer.

— Como você...

— Sei por que você está aqui, amor. Não sou idiota. Sei por que você está sendo forçada a passar um tempo comigo.

— Mas por que oferecer essa informação de tão boa vontade? — pergunto a ele. — Que motivo você tem para nos ajudar?

Há um vislumbre de mudança em seus olhos que não dura o bastante para eu examiná-lo. E, embora sua expressão esteja cuidadosamente neutra, algo no espaço entre nós parece diferente, de repente. Carregado.

— Vá — ele diz, com os olhos fechados. — Você precisa contar a eles agora.

53

Adam, Kenji, Castle e eu estamos acampados no escritório de Castle, tentando discutir uma estratégia.

Na noite anterior, corri direto para Kenji — que, depois, levou-me até Castle — para contar o que Warner me disse. Castle ficou ao mesmo tempo aliviado e horrorizado, e acho que ele ainda não digeriu a informação.

Ele me disse que iria encontrar Warner nesta manhã, apenas para dar continuidade, apenas para ver se Warner estaria disposto a dar mais detalhes (ele não estava), e que Kenji, Adam e eu deveríamos encontrá-lo em seu escritório na hora do almoço.

Assim, agora estamos aglomerados neste pequeno espaço com mais sete pessoas. Os rostos nesta sala são muitos dos que eu vi quando fiz minha viagem ao aglomerado de armazenamento do Restabelecimento; o que significa que são pessoas importantes, fundamentais para este movimento. E isso me fazer pensar quando foi que me tornei parte do grupo principal de Castle no Ponto Ômega.

Não posso deixar de sentir um pouco de orgulho. Um pouco de emoção por ser alguém em quem ele confia. Por estar contribuindo.

E isso me faz pensar em quanto mudei em um período tão curto. Como minha vida ficou diferente, quão mais forte e quão mais fraca me sinto agora. Isso me faz pensar se as coisas teriam sido diferentes se Adam e eu tivéssemos encontrado uma maneira de ficarmos juntos. Se eu teria me arriscado fora da segurança que ele introduziu em minha vida.

Penso sobre muitas coisas.

Porém, quando levanto o olhar e o flagro me encarando, meus pensamentos desaparecem; fico sem nada além das dores que a

falta dele me causa. Fico desejando que ele não desvie o olhar quando ergo o meu.

Foi minha triste escolha. Eu fiz isso a mim mesma.

Castle está sentado à escrivaninha, com os cotovelos apoiados nela, o queixo sobre as mãos unidas. Suas sobrancelhas estão franzidas; os lábios, enrugados; os olhos, focados nos papéis à sua frente.

Ele não diz uma palavra há cinco minutos.

Enfim, levanta o olhar. Olha para Kenji, que está sentado bem em frente a ele, entre Adam e eu.

— O que acha? — ele pergunta. — Ofensiva ou defensiva?

— Ataque de guerrilha — Kenji responde sem hesitar. — Nada além.

Um suspiro profundo.

— Sim — Castle diz. — Eu também pensei nisso.

— Precisamos nos dividir — Kenji fala. — Quer escolher grupos, ou eu faço isso?

— Escolherei os grupos preliminares. Gostaria que os visse e sugerisse mudanças, se quiser.

Kenji concorda, balançando a cabeça.

— Perfeito. E armas...

— Eu cuido disso — Adam oferece. — Posso garantir que todas estejam limpas, carregadas, prontas para a luta. Já conheço bem o arsenal.

Eu não fazia ideia.

— Bom. Excelente. Escolheremos um grupo para tentar chegar à base e encontrar Winston e Brendan; todas as outras pessoas vão se espalhar entre os aglomerados. Nossa missão é simples: salvar o máximo de civis possível. Abater apenas os soldados que forem totalmente necessários. Nossa luta não é contra os homens, mas contra seus líderes... Nunca devemos nos esquecer disso. Kenji — Castle diz —, eu gostaria que você supervisionasse os grupos que vão entrar nos aglomerados. Sente-se confortável para fazer isso?

Kenji concorda, balançando a cabeça.

— Eu liderarei o grupo até a base — Castle explica. — Enquanto você e o senhor Kent serão perfeitos para se infiltrarem no Setor 45. Gostaria que ficassem com a senhora Ferrars; vocês três trabalham bem juntos e vou precisar das suas forças em campo. Agora — ele acrescenta, espalhando os papéis à sua frente —, estive estudando estas plantas a noite to...

Alguém está batendo na janela de vidro da porta de Castle.

É um homem meio jovem que nunca vi antes, com olhos brilhantes e castanho-claros e cabelos cortados tão curtos que não consigo saber a cor. Seus olhos estão unidos, a testa, tensa.

— Senhor! — ele está gritando, ele *já estava* gritando, eu percebo, mas sua voz está abafada e, apenas neste momento, chego à conclusão de que esta sala deve ser à prova de som, mesmo que apenas um pouco.

Kenji pula do assento, e abre a porta com um puxão.

— Senhor!

O homem está sem fôlego. Fica claro que ele correu até aqui.

— Senhor, por favor...

— Samuel?

Castle está em pé, contornou a mesa e está avançando para agarrar os ombros do rapaz, tentando focar em seus olhos.

— O que foi... O que há de errado?

— Senhor — Samuel repete, desta vez com mais normalidade, a respiração quase sob controle. — Temos uma... uma situação.

— Conte tudo. Agora não é o momento de esconder nada, se aconteceu alguma coisa...

— Não tem nada a ver com o mundo de cima, senhor, é apenas...

Seus olhos lançam-se na minha direção por um milésimo de segundo.

— Nosso... visitante... Ele... Ele não está colaborando, senhor, ele está... está causando muito problema para os guardas...

— Que tipo de problema?

Os olhos de Castle são duas fendas.

Samuel baixa a voz.

— Ele conseguiu amassar um pouco da porta, senhor. Ele conseguiu amassar a *porta de aço*, senhor, e está ameaçando os guardas e eles estão começando a ficar preocupados...

— *Juliette*.

Não.

— Preciso da sua ajuda — Castle diz sem olhar para mim. — Sei que você não quer isso, mas é a única que ele ouve e não podemos nos dar ao luxo dessa distração, não agora.

Sua voz está tão fina, tão no limite, que parece que vai mesmo quebrar.

— Por favor, faça o que puder para contê-lo e, quando achar que é seguro para uma das garotas entrar, talvez possamos encontrar uma maneira de sedá-lo sem colocá-las em perigo no processo.

Meus olhos pulam para Adam quase por acidente. Ele não parece feliz.

— Juliette — o maxilar de Castle fica mais tenso. — Por favor. Vá agora.

Eu balanço a cabeça, concordando. Viro-me para sair.

— Preparem-se — Castle acrescenta enquanto eu passo pela porta, a voz suave demais para as palavras que diz em seguida. — A menos que tenhamos sido enganados, o supremo vai massacrar civis desarmados amanhã, e não podemos nos dar ao luxo de supor que Warner nos deu informações falsas. Partimos ao amanhecer.

54

Os guardas me deixam entrar no quarto de Warner sem dizer uma única palavra.

Meus olhos correm pelo espaço agora parcialmente mobiliado, com o coração batendo forte, os punhos cerrados, o sangue correndo, correndo, correndo. Algo está errado. Algo aconteceu. Warner estava ótimo quando o deixei na noite anterior e não posso imaginar o que o inspirou a perder a cabeça assim, mas estou assustada.

Alguém lhe deu uma cadeira. Percebo agora como ele conseguiu amassar a porta de aço. Ninguém devia ter lhe dado uma cadeira.

Warner está sentado nela, com as costas voltadas para mim. Apenas sua cabeça está visível de onde estou.

— Você voltou — ele diz.

— É claro que voltei — respondo, aproximando-me devagar. — O que há de errado? Tem alguma coisa errada?

Ele ri. Passa a mão pelo cabelo. Olha para o teto.

— O que aconteceu?

Estou muito preocupada agora.

— Você está... Aconteceu alguma coisa com você? Você está bem?

— Preciso sair daqui — ele diz. — Preciso sair. Não posso mais ficar aqui.

— Warner...

— Você sabe o que ele disse para mim? Ele contou a você o que disse para mim?

Silêncio.

— Ele simplesmente entrou no meu quarto hoje pela manhã. Entrou direto aqui e disse que queria ter uma conversa comigo.

Warner ri de novo, alto, alto demais. Balança a cabeça.

— Ele me disse que posso mudar. Ele disse que posso ter um *dom* como todos os outros daqui... Que, talvez, eu tenha uma *habilidade.* Ele disse que posso ser diferente, amor. Ele disse que *acredita que posso ser diferente, se eu quiser.*

Castle contou a ele.

Warner levanta-se, mas não se vira por completo, e vejo que ele não está usando camisa. Ele nem parece se importar de que eu possa ver as cicatrizes nas suas costas, a palavra *INCENDIAR* tatuada em seu corpo. Seu cabelo está bagunçado, desgrenhado, caindo no rosto, e as calças estão com o zíper fechado, mas o botão aberto, e eu nunca o vi tão desarrumado antes. Ele aperta as palmas das mãos contra a parede de pedra, os braços esticados; seu corpo está curvado, sua cabeça está baixa como se ele rezasse. O seu corpo todo está tenso, retesado, os músculos estão se contraindo contra a pele. Suas roupas estão em uma pilha no chão e o colchão está no meio do quarto e a cadeira em que estava sentado está virada para a parede, olhando para o nada, e percebo que ele começou a perder a cabeça aqui.

— Pode acreditar nisso? — ele pergunta, ainda sem olhar na minha direção. — Pode acreditar que ele acha que posso simplesmente acordar certa manhã e ser *diferente*? Cantar músicas alegres e dar dinheiro aos pobres e implorar ao mundo que me perdoe pelo que fiz? Acha isso possível? Acha que posso mudar?

Por fim, ele se vira para me encarar e seus olhos estão rindo, seus olhos são como esmeraldas brilhando no pôr do sol, e sua boca está se torcendo, contendo um sorriso.

— Acha que eu poderia ser *diferente*?

Ele dá alguns passos na minha direção e não sei por que isso afeta minha respiração. Por que não consigo encontrar minha boca.

— É apenas uma pergunta — ele fala e está bem em frente a mim e nem sei como chegou até aqui.

Ele ainda está olhando para mim, com os olhos tão focados e tão simultaneamente amedrontadores, brilhantes, resplandecendo com algo que nunca identifico.

Meu coração não fica quieto, ele se recusa a parar de palpitar, palpitar, palpitar.

— Diga-me, Juliette. Eu adoraria saber o que você realmente pensa de mim.

— Por quê? — quase um sussurro na tentativa de ganhar algum tempo.

Os lábios de Warner dobram-se para cima em um sorriso antes de se abrirem, apenas um pouco, apenas o suficiente para se contraírem em uma expressão estranha e curiosa que se demora em seus olhos. Ele não responde. Não diz uma palavra. Apenas se aproxima de mim, analisando-me, e estou paralisada no lugar, minha boca cheia dos segundos em que ele não fala, e estou lutando contra cada átomo do meu corpo, cada célula idiota do meu sistema por me sentir tão atraída por ele.

Ó.

Meu Deus.

~~Estou tão terrivelmente atraída por ele.~~

A culpa está crescendo rapidamente dentro de mim, acomodando-se em meus ossos, quebrando-me ao meio. É um cabo torcido em volta do meu pescoço, uma lagarta rastejando pelo meu estômago. É a noite e a meia-noite e o crepúsculo da indecisão. São muitos segredos que não consigo mais conter.

~~Não entendo por que quero isso.~~

Sou uma pessoa horrível.

E é como se ele *visse* o que estou pensando, como se pudesse sentir a mudança que está acontecendo na minha cabeça, porque, de repente, ele fica diferente. Sua energia desacelera, seus olhos estão profundos, perturbados, ternos; seus lábios estão suaves, ainda um pouco separados e, agora, o ar no quarto está tão tenso, tão cheio de algodão, e sinto o sangue correr pela cabeça, colidindo com cada região racional do meu cérebro.

Gostaria que alguém me lembrasse de como se respira.

— Por que não pode responder a minha pergunta?

Ele está olhando com tanta intensidade para os meus olhos, que fico surpresa de não ter me curvado sob ele, e percebo então, bem neste momento, percebo que tudo nele é intenso. Nada nele é administrável ou fácil ou compartimentado. Ele é muito. Tudo nele é muito. Suas emoções, suas ações, sua raiva, sua agressividade.

~~Seu amor.~~

Ele é perigoso, elétrico, impossível de conter. Seu corpo está se agitando com uma energia tão extraordinária que, mesmo quando ele já se acalmou, ela é quase palpável. Tem uma presença.

Porém, desenvolvi uma fé estranha e assustadora em quem Warner realmente é e quem ele tem a capacidade de se tornar. Quero encontrar o garoto de 19 anos que alimenta um cão de rua.

Quero acreditar no garoto com uma infância torturada e um pai abusivo. Quero entendê-lo. Quero desvendá-lo.

Quero acreditar que ele é mais do que o molde em que foi forçado a entrar.

— Acho que você pode mudar — escuto-me dizer. — Acho que todo mundo pode mudar.

E ele sorri.

É um sorriso lento e contente. O tipo de sorriso que vira uma risada e ilumina os traços dele e o faz suspirar. Ele fechou os olhos. Seu rosto está tão alegre, tão divertido.

— É simplesmente tão doce — ele diz. — Tão insuportavelmente doce. Porque você acredita mesmo nisso.

— É claro que sim.

Ele enfim me olha quando sussurra:

— Mas está enganada.

— O quê?

— Sou insensível — ele me diz, suas palavras frias, vazias, voltadas para dentro. — Sou um babaca insensível e um ser cruel e vil. Não me importo com os sentimentos das pessoas. Não me importo com seus medos ou seus futuros. Não me importo com o que elas querem ou se têm ou não uma família, e não me arrependo — afirma. — Nunca me arrependi de nada que fiz.

Eu realmente demoro alguns instantes para me recuperar.

— Mas você pediu desculpas para mim — digo a ele. — Você pediu desculpa para mim ontem à noite...

— Você é diferente — ele fala, interrompendo-me. — Você não conta.

— Não sou diferente — digo. — Sou apenas mais uma pessoa, como qualquer outra. E você provou que tem a capacidade de sentir remorso. Compaixão. Sei que você pode ser gentil...

— Não sou assim — sua voz está repentinamente dura, repentinamente forte demais. — E não vou mudar. Não posso apagar 19 anos desgraçados da minha vida. Não posso perder as memórias do que fiz. Não posso acordar certa manhã e decidir viver com esperanças e sonhos emprestados. As promessas de outra pessoa de um futuro melhor.

— E não vou mentir para você — ele continua. — Nunca me importei nem um pouco com outras pessoas e não faço sacrifícios nem concessões. Não sou bom, ou justo, ou decente, e nunca serei. Não posso ser. Porque tentar ser alguma dessas coisas seria *constrangedor*.

— Como pode pensar assim?

Quero chacoalhá-lo.

— Como pode ter vergonha da tentativa de ser melhor?

Mas ele não está ouvindo. Está rindo. Está dizendo:

— Pode me imaginar assim? Sorrindo para criancinhas e entregando presentes em festas de aniversário? Pode me imaginar ajudando um estranho? Brincando com o cachorro do vizinho?

— Sim — digo a ele. — Sim, posso.

Já vi isso, não digo a ele.

— Não.

— Por que não? — insisto. — Por que é tão difícil acreditar?

— Esse tipo de vida — afirma — é impossível para mim.

— Mas por quê?

Warner fecha e abre cinco dedos antes de passá-los pelo cabelo.

— Porque sinto — ele responde, com a voz mais baixa agora. — Sempre pude sentir.

— Sentir o quê? — sussurro.

— O que as pessoas pensam a meu respeito.

— O quê...?

— Seus sentimentos... Sua energia... É... Não sei o que é — ele diz, frustrado, cambaleando para trás, balançando a cabeça. — Eu sempre soube. Sei que todos me odeiam. Sei o quão pouco meu pai se importa comigo. Sei a agonia do coração da minha mãe. Sei que você não é como os outros.

Sua voz se recupera.

— Sei que você está dizendo a verdade ao falar que não me odeia. Que quer e não consegue. Porque não há maldade no seu coração, não comigo, e, se houvesse, eu saberia. Assim como sei — ele acrescenta, sua voz rouca contida — que você sentiu alguma coisa quando nos beijamos. Sentiu o mesmo que eu senti e tem vergonha disso.

Estou escorrendo de pânico por toda parte.

— Como pode saber isso? — pergunto. — C-como... Não pode simplesmente saber coisas assim...

— Ninguém nunca olhou para mim como você olha — ele murmura. — Ninguém nunca fala comigo como você fala, Juliette. Você é diferente — diz. — Você é muito diferente. Você me entenderia. Mas o restante do mundo não quer minha solidariedade.

Não quer meus sorrisos. Castle é o único homem na Terra que foi uma exceção a essa regra, e sua ansiedade para confiar em mim e me aceitar apenas me mostra como esta resistência é fraca. Ninguém aqui sabe o que está fazendo e todos vão ser massacrados...

— Isso não é *verdade*... Não pode ser verdade...

— Ouça — Warner diz para mim, com urgência agora. — Você precisa entender... As únicas pessoas que importam neste mundo ordinário são as que têm poder verdadeiro. E você — ele completa —, *você* tem poder. Você tem o tipo de força que poderia abalar este planeta... Que poderia conquistá-lo. E, talvez, ainda seja cedo demais, talvez você precise de mais tempo para reconhecer seu próprio potencial, mas sempre estarei esperando. Sempre vou querê-la ao meu lado. Porque nós dois... Nós dois — ele diz, ele para.

Parece sem fôlego.

— Pode imaginar?

Seus olhos estão atentos aos meus, as sobrancelhas unidas. Analisando-me.

— É claro que pode — ele sussurra. — Você pensa nisso o tempo todo.

Eu sufoco um grito.

— Seu lugar não é este — ele argumenta. — Seu lugar não é ao lado destas pessoas. Vão arrastá-la com elas e fazê-la *morrer*...

— Não tenho escolha!

Estou brava agora, indignada.

— Eu preferiria ficar aqui com aqueles que estão tentando ajudar... Tentando fazer a diferença! Pelo menos, não estão

assassinando pessoas inocentes...

— Acha que seus novos amigos nunca mataram antes? — Warner grita, apontando para a porta. — Acha que Kent nunca matou ninguém? Que Kenji nunca atravessou uma bala pelo corpo de um estranho? Eles eram *meus* soldados! — ele diz. — Eu os vi fazer isso com meus próprios olhos!

— Eles estavam tentando sobreviver — eu falo, tremendo, lutando para ignorar o terror da minha própria imaginação. — A lealdade deles nunca esteve com o Restabelecimento.

— Minha lealdade — ele começa — não está com o Restabelecimento. Minha lealdade está com aqueles que sabem viver. Tenho apenas duas opções neste jogo, amor.

Ele está respirando com dificuldade.

— Matar. Ou ser morto.

— Não — digo a ele, recuando, sentindo-me enjoada. — Não precisa ser assim. Você não precisa viver assim. Você poderia se afastar do seu pai, dessa vida. Você não tem de ser o que ele quer que você seja...

— O estrago — ele fala — já está feito. É tarde demais para mim. Já aceitei meu destino.

— Não... Warner...

— Não estou pedindo para se preocupar comigo — ele diz. — Sei exatamente como será meu futuro e tudo bem. Fico feliz em viver na solidão. Não tenho medo de passar o restante da vida na companhia da minha pessoa. Não tenho medo da solidão.

— Você não precisa ter essa vida — digo. — Você não precisa ser sozinho.

— Não ficarei aqui — ele responde. — Apenas queria que você soubesse disso. Vou encontrar uma maneira de sair e vou partir assim que tiver uma chance. Minhas férias — ele continua — chegaram oficialmente ao fim.

55

Tic tac.

Castle convocou uma reunião repentina para informar a todos os detalhes da luta de amanhã; temos menos de 12 horas até sairmos. Nós nos reunimos na sala de jantar porque é o melhor lugar para acomodar todos ao mesmo tempo.

Tivemos uma última refeição, uma porção de conversas forçadas, duas horas tensas recheadas com momentos breves e espasmódicos de risadas que mais pareciam pessoas engasgando. Sara e Sonya foram as últimas a chegarem à sala; as duas me viram e acenaram para me cumprimentar antes de se sentarem do outro lado do aposento. Depois, Castle começou a falar.

Todos terão de lutar.

Todos os homens e mulheres em condições. Os idosos, incapazes de entrar na batalha, ficarão com os mais novos, e os mais novos incluem James e seu antigo grupo de amigos.

James está apertando a mão de Adam com força agora.

Anderson vai atrás da população, Castle diz. As pessoas têm provocado tumultos, mais enfurecidas com o Restabelecimento do que nunca. Nossa batalha lhes deu esperança, Castle nos contou. Elas tinham apenas escutado rumores sobre uma resistência, mas a batalha concretizou essas especulações. Estão esperando que nós as apoiemos, fiquemos ao lado delas, e, agora, pela primeira vez, lutaremos com nossos dons sem escondê-los.

Nos aglomerados.

Onde os civis verão como somos.

Castle está dizendo para nos prepararmos para agressões vindas dos dois lados. Ele diz que, às vezes, principalmente quando estão assustadas, as pessoas não têm uma reação positiva ao ver gente como nós. Elas preferem o terror familiar ao desconhecido ou inexplicável, e nossa presença, nossa exibição pública pode criar novos inimigos.

Temos de estar preparados para isso.

— Então, por que vamos nos importar com eles? — uma garota grita do fundo da sala.

Ela fica em pé e eu reparo em seu cabelo preto liso, uma folha pesada de tinta que para na sua cintura. Seus olhos brilham sob a luz fluorescente.

— Se vão apenas nos odiar — ela continua —, por que devemos defendê-los? É ridículo!

Castle respira fundo.

— Não podemos culpar todos pela tolice de um.

— Mas não é apenas um, é? — uma nova voz soa. — Quantos deles vão se voltar contra nós?

— Não temos como saber — Castle responde. — Poderia ser um. Poderia não ser nenhum. Estou apenas aconselhando-os a terem cuidado. Nunca devem esquecer que esses civis são inocentes e estão desarmados. Estão sendo mortos por sua desobediência... Simplesmente por se posicionarem e pedirem um tratamento justo. Estão passando fome e perderam seus lares, suas famílias. Com certeza, vocês devem saber como é. Muitos de vocês ainda têm membros perdidos na família, espalhados pelo país, não?

Há um murmúrio geral na multidão.

— Vocês precisam imaginar que é sua mãe. Seu pai. Seus irmãos e irmãs entre eles. Estão sofrendo e estão sendo desmoralizados. Temos de fazer o pouco que pudermos para ajudá-los. É a única maneira. Somos a única esperança deles.

— E os nossos homens?

Outra pessoa fica em pé. Ele deve ter 40 e tantos anos, é gordo e robusto, muito mais alto que os demais.

— Qual é a garantia de que traremos Winston e Brendan de volta?

O olhar de Castle baixa por apenas um segundo. Pergunto-me se sou a única que repara na dor que entra e sai de seus olhos.

— Não há garantia, amigo. Nunca há. Mas faremos o melhor que pudermos. Não desistiremos.

— Então, de que adiantou fazer o menino de refém? — ele protesta. — Por que não o matar, simplesmente? Por que o estamos mantendo vivo? Ele não nos serviu para nada e está comendo nossa comida e usando nossos recursos, que deveriam ir para o restante de nós.

A multidão rompe-se em um frenesi exacerbado, nervoso, louco de emoções. Todos estão gritando ao mesmo tempo, berrando palavras como “matem-no!” e “o supremo vai ver só!” e “temos de mostrar do que somos capazes” e “ele merece morrer!”.

Há um repentino aperto no meu coração. Quasei comecei a hiperventilar e percebo, pela primeira vez, que a ideia da morte de Warner não é nada atraente para mim.

Ela me aterroriza.

Olho para Adam à procura de um tipo diferente de reação, mas não sei o que estava esperando. Sou idiota por ficar surpresa com a

tensão em seus olhos, sua testa, seus lábios rígidos. Sou idiota por ter esperado qualquer coisa além de ódio de Adam. É claro, Adam odeia Warner. É claro que sim.

Warner tentou *matá-lo*.

É claro que ele, também, quer que Warner morra.

Acho que vou ficar enjoada.

— Por favor! — Castle grita. — Sei que vocês estão chateados! Amanhã será um momento difícil a enfrentar, mas não podemos canalizar nossa agressividade em uma única pessoa. Temos de usá-la como combustível para nossa luta e temos de nos manter unidos. Não podemos deixar nada nos dividir. Não agora!

Seis segundos de silêncio.

— Não lutarei até ele estar morto!

— Vamos matá-lo esta noite!

— Vamos pegá-lo agora!

A multidão é um rugido de corpos nervosos, determinados, caras feias muito assustadas, muito selvagens, muito contorcidas em uma raiva inumana. Eu não havia percebido que as pessoas do Ponto Ômega estavam acumulando tanto ressentimento.

— PAREM!

As mãos de Castle estão no ar, seus olhos pegam fogo. Todas as cadeiras e mesas do salão começam a chacoalhar. As pessoas estão olhando ao redor, assustadas e dispersando-se, acovardadas.

Ainda não estão dispostas a derrubar a autoridade de Castle. Pelo menos por ora.

— Nosso refém — Castle começa — não é mais um refém.

Impossível.

Isso é *impossível*.

Isso não é *possível*.

— Ele me procurou esta noite — Castle conta — e pediu abrigo no Ponto Ômega.

Meu cérebro está gritando, enfurecido com as 11 palavras que Castle acabou de pronunciar.

Não pode ser verdade. Warner disse que ia embora. Disse que ia encontrar uma forma de *sair*.

Porém, o Ponto Ômega está ainda mais chocado do que eu. Até Adam está tremendo de raiva ao meu lado. Tenho medo de olhá-lo no rosto.

— SILÊNCIO! POR FAVOR!

Castle levanta a outra mão para reprimir a explosão de protestos.

Ele diz:

— Descobrimos recentemente que ele também tem um dom. E ele disse que quer se juntar a nós. Disse que lutará conosco amanhã. Disse que lutará contra o pai e nos ajudará a encontrar Brendan e Winston.

Caos

Caos

Caos

explode em todos os cantos do salão.

— Ele é um mentiroso!

— Prove isso!

— Como pode acreditar nele?

— Ele é um traidor do seu próprio povo! Vai nos trair também!

— Nunca lutarei ao lado dele!

— Vou matá-lo antes!

Os olhos de Castle contraem-se, brilhando sob as luzes fluorescentes, e suas mãos mexem-se pelo ar como espanadores, reunindo todos os pratos, todas as colheres, todos os copos de vidro do salão, e ele os segura ali, bem no ar, desafiando qualquer um a falar, a gritar, a discordar.

— Vocês não vão tocar nele — ele diz, em voz baixa. — Fiz o juramento de ajudar pessoas como nós e não vou quebrá-lo agora. Pensem em si mesmos! — grita. — Pensem no dia em que descobriram! Pensem na solidão, no isolamento, no terror que os dominou! Pensem em como foram excluídos por suas famílias e seus amigos! Não acham que ele pode ter mudado? Como *vocês* mudaram, amigos? Vocês o julgam agora! Vocês julgam um dos seus que pedem anistia!

Castle parece estar muito bravo.

— Se ele fizer qualquer coisa que comprometa qualquer um de nós, se ele fizer uma única coisa para desmentir sua lealdade... Apenas nessa situação vocês estarão livres para julgá-lo. Mas, primeiro, damos a ele uma chance, não damos?

Ele não está mais se importando em esconder sua ira.

— Ele disse que nos ajudará a encontrar nossos homens! Ele disse que lutará contra o pai! Ele tem informações valiosas que podemos usar! Por que não estaríamos dispostos a arriscar? Ele

não passa de uma criança de 19 anos! Ele é apenas um e nós somos muitos!

As pessoas estão calmas agora, sussurrando entre si, e eu ouço fragmentos de conversas e palavras como “ingênuo” e “ridículo” e “ele vai causar a morte de todos nós!”, mas ninguém levanta a voz e fico aliviada. Não posso acreditar no que estou sentindo agora e queria não me importar nem um pouco com o que acontece a Warner.

Queria poder desejar sua morte. Queria não sentir nada por ele.

Mas não consigo. Não consigo. Não consigo.

— Como você sabe? — alguém pergunta.

Uma voz nova, calma; uma voz que luta para ser racional.

A voz está sentada bem ao meu lado.

Adam levanta-se. Engole em seco, com dificuldade. Diz:

— Como você sabe que ele tem um dom? Você o testou?

E ele olha para mim, Castle olha para mim, ele me encara como se quisesse me incentivar a falar, e sinto como se tivesse aspirado todo o ar para fora desta sala, como se tivesse sido jogada em um tanque de água fervente, como se nunca mais fosse encontrar as batidas do meu coração e estou implorando, rezando, esperando e desejando que ele não diga as palavras que ele pronuncia em seguida, mas ele as diz.

É claro que diz.

— Sim — Castle responde. — Sabemos que ele, como você, pode tocar em Juliette.

56

É como passar seis meses apenas tentando aspirar o ar.

É como esquecer como movimentar seus músculos e reviver cada momento nauseante da sua vida e lutar para tirar todas as lascas debaixo da sua pele. É como aquela vez em que você acordou e tropeçou e caiu em um buraco de coelho e uma menina loira com vestido azul ficou lhe pedindo orientações de caminhos, mas você não podia ajudá-la, não fazia ideia, ficava tentando falar, mas sua garganta estava cheia de nuvens de chuva e é como se alguém tivesse pegado o oceano e enchido-o de silêncio e derramado-o por toda esta sala.

É assim.

Ninguém está falando. Ninguém está se mexendo. Todos estão olhando.

Para Adam.

Para Adam olhando para mim.

Os olhos dele estão arregalados, piscando rápido demais, seus traços passando de confusão a raiva, a dor e a confusão, muita confusão, e um toque de traição, de suspeita, de muito mais confusão e uma dose extra de dor e estou ofegando como um peixe instantes antes de morrer.

Queria que ele dissesse alguma coisa. Queria que ele pelo menos perguntasse ou acusasse ou exigisse *alguma coisa*, mas ele não diz nada, ele apenas me examina, encara, e vejo a luz sumir de seus olhos conforme a raiva dá lugar à dor e à extraordinária impossibilidade que ele deve estar vivendo agora, e ele se senta.

Não olha na minha direção.

— Adam...

Ele está em pé. Ele está em pé. Ele está em pé e está saindo correndo da sala e eu tropeço em meus pés, persigo-o porta a fora e ouço o caos irromper atrás de mim, a multidão dissolvendo-se em raiva de novo e quase trombo com ele, estou ofegando e ele se vira e diz.

— Não entendo.

Seus olhos estão tão machucados, tão profundos, tão azuis.

— Adam, eu...

— Ele tocou em você.

Não é uma pergunta. Ele mal consegue olhar em meus olhos e parece quase envergonhado com as palavras que diz em seguida:

— Ele tocou na sua pele.

Seria bom se fosse apenas isso. Seria bom se fosse simples assim. Seria bom se eu pudesse tirar essas correntes do meu sangue e Warner da minha cabeça e *por que estou tão confusa...*

— Juliette.

— Sim — digo a ele, mal mexo os lábios.

A resposta para a sua não pergunta é sim.

Adam toca a boca com os dedos, levanta o olhar, desvia o olhar, solta um som estranho de descrédito.

— Quando?

Conto a ele.

Conto a ele quando aconteceu, como tudo começou, conto a ele que eu estava usando um dos vestidos que Warner sempre me fazia usar, que ele estava lutando para me conter antes de um pular pela janela, que sua mão roçou em minha perna e ele me tocou e nada aconteceu.

Conto a ele que tentei fingir que era tudo apenas invenção da minha imaginação até que Warner nos pegou de novo.

Não conto a ele que Warner disse que sentiu minha falta, que disse que me amava e que me beijou, que me beijou com uma intensidade selvagem e descuidada. Não digo a ele que fingi corresponder aos sentimentos de Warner apenas para poder deslizar as mãos para baixo do seu casaco e pegar a arma dentro de seu bolso. Não digo a ele que fiquei surpresa, até chocada, com a maneira como me senti em seus braços e que expulsei esses sentimentos estranhos porque odiava Warner, porque estava tão horrorizada por ele ter atirado em Adam que queria matá-lo.

Tudo o que Adam sabe é que quase fiz isso. Quase matei Warner.

E, agora, Adam está piscando, digerindo as palavras que eu lhe disse, inocente quanto aos eventos que guardei para mim mesma.

~~Sou mesmo um monstro.~~

— Eu não queria que você soubesse — consigo dizer. — Achei que complicaria nosso relacionamento... Depois de tudo com o que tivemos de lidar... Apenas achei que seria melhor ignorar isso e não sei.

Eu me atrapalho, fico sem palavras.

— Foi idiota. Foi muito idiota. Eu devia ter contado. Sinto muito. Sinto muito mesmo. Não queria que você descobrisse assim.

Adam está com a respiração pesada, esfregando a parte de trás da cabeça antes de passar a mão pelo cabelo, e diz:

— Eu não... Não entendo... Quero dizer... Sabemos por que ele pode tocar em você? É como eu? Ele pode fazer o que eu faço? Eu não... *Meu Deus*, Juliette, e você tem passado todo esse tempo sozinha com ele...

— Não aconteceu nada — eu afirmo. — Tudo o que fiz foi falar com ele e ele nunca tentou tocar em mim. E não faço ideia de por que ele pode tocar em mim... Acho que ninguém entende. Ele não começou os testes com Castle ainda.

Adam suspira e arrasta a mão pelo rosto e diz tão baixinho, que apenas posso ouvi-lo:

— Nem sei por que estou surpreso. Temos o mesmo maldito DNA.

Ele sussurra um palavrão. E de novo.

— Será que um dia vou ter um descanso? — pergunta, levantando a voz, falando com o ar. — Vai existir um momento em que não me joguem merda na cara? Jesus. É como se esta loucura nunca fosse acabar.

Quero dizer a ele que não acho que ela vá acabar.

— Juliette.

Eu congelo com o som da voz dele.

Fecho e comprimo os olhos, comprimo muito, recusando-me a acreditar em meus ouvidos. Warner não pode estar aqui. É claro que ele não está aqui. Não é nem *possível* ele estar aqui fora, mas, então, eu me lembro. Castle disse que ele não é mais um refém.

Castle deve tê-lo deixado sair do quarto.

Ó.

Ó, não.

Isto não pode estar acontecendo. Warner não está tão perto de Adam e de mim agora, não de novo, não assim, não depois de tudo, isto *não pode* estar acontecendo... mas Adam olha por cima do meu ombro, olha atrás de mim para a pessoa que estou tentando tanto ignorar e não posso levantar os olhos. Não quero ver o que está prestes a acontecer.

A voz de Adam parece ácido quando ele fala:

— Que diabos você está fazendo aqui?

— É bom vê-lo de novo, Kent.

Posso mesmo ouvir Warner sorrir.

— Devíamos colocar a conversa em dia, sabe? Especialmente à luz dessa nova descoberta. Eu não fazia ideia de que tínhamos tanto em comum.

Você não tem mesmo a menor ideia, quero dizer em voz alta.

— Seu doente de merda — Adam diz para ele, com a voz baixa e controlada.

— Que linguajar infeliz.

Warner balança a cabeça.

— Apenas aqueles que não sabem se expressar de maneira inteligente recorrem a substituições tão grosseiras no vocabulário.

Uma pausa.

— É porque eu o intimido, Kent? Estou deixando-o nervoso?

Ele ri.

— Você parece estar se esforçando para não perder o controle.

— Eu vou *matá-lo*...

Adam lança-se para frente, para pegar Warner pelo pescoço no momento em que Kenji bate contra ele, contra os dois, separando-os com um olhar de puro desgosto.

— Que *diabos* vocês dois acham que estão fazendo?

Seus olhos estão em chamas.

— Não sei se notaram, mas estão bem em frente à porta e estão deixando as criancinhas apavoradas, Kent. Então, vou ter de pedir que vocês se acalmem.

Adam tenta falar, mas Kenji o interrompe.

— Olhem, não faço ideia do que Warner está fazendo fora do quarto, mas não é decisão minha. Castle está no comando aqui e temos de respeitar isso. Você não pode sair por aí matando pessoas só porque deu vontade.

— Este é o mesmo cara que tentou me torturar até a morte! — Adam grita. — Você foi espancado sem dó pelos homens dele! E tenho de viver com ele? Lutar ao lado dele? Fingir que está tudo bem? Castle *perdeu a cabeça*...

— Castle sabe o que está fazendo — Kenji estoura. — Você não precisa ter opinião a respeito disso. Você vai se submeter ao julgamento dele.

Adam joga as mãos para o alto, furioso.

— Não acredito. Isso é uma *piada*! Quem faz isso? Quem trata reféns como se estivesse em um tipo de retiro? — ele grita de novo, sem se esforçar para manter a voz baixa. — Ele pode voltar e fornecer todos os detalhes sobre este lugar... Ele pode revelar nossa localização exata!

— Isso é impossível — Warner diz. — Não faço ideia de onde estamos.

Adam vira-se para Warner com tanta rapidez que eu me viro tão rápido quando ele, apenas para acompanhar a ação. Adam está gritando, falando alguma coisa, parecendo que pode atacar Warner bem aqui, neste momento, e Kenji está tentando contê-lo, mas mal posso ouvir o que está acontecendo ao meu redor. O sangue está sendo bombeado com muita força na minha cabeça e meus olhos estão se esquecendo de piscar porque Warner está olhando para mim, apenas para mim, com seus olhos tão focados, tão concentrados, tão dolorosamente profundos que fico completamente imóvel.

O peito de Warner está subindo e descendo, com força o bastante para eu ver de onde estou. Ele não está prestando atenção à comoção ao seu lado, ao caos na sala de jantar ou a Adam tentando esmurrá-lo e derrubá-lo no chão; ele não se deslocou um único centímetro. Ele não desvia o olhar e sei que tenho de fazer isso por ele.

Viro a cabeça.

Kenji está gritando para Adam se acalmar por algum motivo e eu estendo a mão, agarro o braço de Adam, ofereço-lhe um sorriso e ele se acalma.

— Venha — digo a ele. — Vamos voltar lá para dentro. Castle ainda não terminou e precisamos ouvir o que ele está dizendo.

Adam faz um esforço para recuperar o controle sobre si mesmo. Respira fundo. Dirige-me um aceno rápido com a cabeça e permite que eu o conduza para frente. Estou me esforçando para manter a concentração em Adam e, assim, poder fingir que Warner não está aqui.

Warner não gosta muito do meu plano.

Agora, ele está em frente a nós, bloqueando nosso caminho, e eu olho para ele, apesar das minhas melhores intenções para não fazê-lo, apenas para ver algo que nunca vi antes. Não nesse nível, não assim.

Dor.

— Mexa-se — Adam explode com ele, mas Warner não parece notar.

Ele está olhando para mim. Ele está olhando para minha mão agarrada ao redor do braço coberto de Adam, e a agonia em seus olhos está quebrando meus joelhos e não consigo falar, não deveria falar, não saberia o que dizer mesmo se conseguisse falar e, então, ele diz meu nome. Ele fala de novo. Ele diz:

— Juliette...

— Mexa-se! — Adam grita de novo, desta vez perdendo o controle e empurrando Warner com força suficiente para derrubá-lo no chão.

Mas Warner não cai. Ele tropeça para trás, apenas um pouco, mas o movimento de alguma forma dispara algo dentro dele, algum tipo de raiva adormecida que ele fica ansioso demais para libertar e ele está se lançando para frente, pronto para causar danos, e estou tentando descobrir o que fazer para pará-lo, estou tentando pensar em um plano e sou idiota.

Idiota o bastante para entrar no meio da briga.

Adam agarra-me para tentar me afastar, mas já estou pressionando a palma de uma das mãos no peito de Warner e não sei no que estou pensando, mas não estou pensando em nada e esse parece ser o problema. Estou aqui, estou presa nos milissegundos que separam dois irmãos dispostos a destruírem um ao outro e nem sou eu quem consegue fazer alguma coisa.

É Kenji.

Ele segura os dois garotos pelos braços e tenta afastá-los, mas o som repentino que sai rasgando de sua garganta é uma tortura e um terror que eu queria poder arrancar do meu crânio.

Ele está caído.

Ele está no chão.

Ele está engasgando, ofegando, convulsionando no chão até ficar mole, até mal conseguir respirar e, depois, fica imóvel, muito imóvel, e acho que estou gritando, fico tocando em meus lábios para ver de onde está vindo este som e estou de joelhos. Estou tentando chacoalhá-lo para acordá-lo, mas ele não está se mexendo, ele não está reagindo e não faço ideia do que acabou de acontecer.

Não faço ideia de se Kenji está morto.

57

Definitivamente, estou gritando.

Braços estão me levantando do chão e ouço vozes e sons que não me importo em reconhecer porque tudo que sei é que isto não pode acontecer. Não com Kenji, não com meu amigo engraçado e complicado que guarda segredos por trás de seus sorrisos, e estou me livrando das mãos que me seguram e estou cega, estou correndo para a sala de jantar e uma centena de rostos borrados misturam-se ao fundo porque o único que quero ver está usando um paletó azul-marinho e uma cabeça cheia de *dreads* presos em um rabo de cavalo.

— Castle!

Estou gritando. Ainda estou gritando. Posso ter caído no chão, não tenho certeza, mas sei que meus joelhos estão começando a doer e não me importo, não me importo, não me importo.

— Castle! É o Kenji... Ele está... *Por favor*...

Nunca vi Castle correr antes.

Ele corre pela sala em uma velocidade inumana, passa por mim e vai para o corredor. Todos na sala estão em pé, frenéticos, alguns gritando, em pânico, e estou seguindo Castle de volta para o túnel e Kenji ainda está lá. Ainda mole. Imóvel.

Muito imóvel.

— Onde estão as garotas? — Castle está gritando. — Alguém... Busquem as garotas.

Ele está protegendo a cabeça de Kenji como se fosse um bebê, tentando puxar o corpo pesado dele para seus braços e nunca o ouvi falar assim antes, nem quando falava de nossos reféns, nem

quando falava sobre o que Anderson fez com os civis. Olho ao redor e vejo todos os membros do Ponto Ômega em pé em volta de nós, a dor entalhada em seus rostos, e muitos deles já começaram a chorar, agarrando-se uns aos outros, e percebo que nunca dei a Kenji todo o crédito que merecia. Não entendi o alcance da autoridade dele, nunca vi de verdade o quanto ele é importante para as pessoas que estão aqui.

O quanto elas o amam.

Eu pisco e Adam é uma das 50 diferentes pessoas que tentam ajudar a carregar Kenji e, agora, eles estão correndo, esperançosos, apesar da terrível situação, e alguém está dizendo:

— Elas foram para a ala médica! Estão preparando uma cama para ele!

E é como uma debandada, todos correm atrás deles tentando descobrir o que há de errado e ninguém olha para mim, ninguém me olha nos olhos e eu me afasto, saio de vista contornando um canto do corredor e entrando na escuridão. Sinto o gosto das lágrimas conforme caem na minha boca, conto cada gota salgada porque não consigo entender o que aconteceu, como aconteceu, como é possível, pois não estava tocando nele, não poderia estar tocando nele, por favor, por favor, por favor, não poderia ter tocado nele, mas, então, congelo. Estalactites formam-se em meus braços quando percebo:

Não estou usando minhas luvas.

Esqueci minhas luvas. Estava tão apressada para chegar aqui esta noite que pulei do chuveiro e deixei as luvas no quarto e não parece ser real, não parece possível eu ter feito isso, eu ter esquecido, eu ser responsável por mais uma vida perdida e eu apenas, eu apenas, eu apenas...

Eu caio no chão.

— Juliette.

Olho para cima. Pulo para ficar em pé.

Digo:

— Fique longe de mim.

E estou tremendo, estou tentando conter as lágrimas, mas estou encolhendo até virar nada porque acho que deve ser isso. Esta deve ser minha punição máxima. Mereço esta dor, mereço ter matado um dos meus únicos amigos no mundo e quero murchar e desaparecer para sempre.

— Vá embora...

— Juliette, *por favor* — Warner diz, aproximando-se.

Seu rosto está encoberto pela sombra. Este túnel está apenas meio iluminado e não sei aonde leva. Tudo o que sei é que não quero ficar sozinha com Warner.

Não agora. Nunca mais.

— Eu disse para ficar longe de mim — minha voz está tremendo. — Não quero falar com você. Por favor... Apenas me deixe em paz!

— Não posso abandoná-la assim! — ele diz. — Não quando você está chorando!

— Talvez você não entendesse esta emoção — respondo com grosseria. — Talvez não se importasse porque matar pessoas não significa nada para você!

A respiração dele está pesada. Rápida demais.

— Do que você está falando?

— Estou falando de Kenji! — eu estouro. — Eu fiz aquilo! É culpa minha! É culpa minha você e Adam terem brigado e é culpa minha Kenji ter saído para contê-los e é culpa minha...

Minha voz falha uma, duas vezes.

— É culpa minha ele estar morto!

Os olhos de Warner se arregalam.

— Não fale besteira — diz. — Ele não está morto.

Estou em agonia.

Estou chorando por causa do que fiz e por ele com certeza estar morto, você não viu, ele nem estava se mexendo e eu o matei, e Warner continua em completo silêncio. Ele não fala nada enquanto lanço insultos horríveis, terríveis nele e o acuso de ter o coração frio demais para entender o que é sofrer de angústia. Nem percebo que ele me puxou para os seus braços até estar aninhada contra seu peito e não ofereço resistência. Não ofereço nem um pouco de resistência. Agarro-me a ele porque preciso deste calor, sinto falta de ter braços fortes em volta de mim e estou apenas começando a perceber o quão rápido passei a confiar na capacidade de cura de um excelente abraço.

Quão desesperadamente senti falta disto.

E ele apenas me abraça. Ajeita meu cabelo, desce uma mão delicada pelas minhas costas, e eu ouço seu coração em um batimento estranho e louco que parece rápido demais para ser humano.

Seus braços estão totalmente enrolados em mim quando ele diz:

— Você não o matou, amor.

E eu respondo:

— Talvez você não tenha visto o que eu vi.

— Você está entendendo tudo errado nesta situação. Você não fez nada para machucá-lo.

Balanço a cabeça contra o peito dele.

— Do que você está falando?

— Não foi você. Sei que não foi você.

Eu me afasto. Levanto os olhos até os dele.

— Como pode saber algo assim?

— Porque — ele explica — não foi você que machucou Kenji. Fui eu.

58

— *O quê*?

— Ele não está morto — Warner diz —, embora esteja gravemente ferido. Acho que conseguirão acordá-lo.

— O quê...

Estou em pânico, em pânico até os ossos.

— Do que você está falando...?

— Por favor — Warner pede. — Sente-se. Eu vou explicar.

Ele se dobra no chão e dá uma batidinha no lugar ao seu lado. Não sei mais o que fazer e minhas pernas agora estão oficialmente trêmulas demais para ficarem em pé sozinhas.

Meus braços e minhas pernas espalham-se pelo chão; nós dois estamos com as costas contra a parede, o lado direito dele e o meu lado esquerdo divididos apenas por um fino centímetro de ar.

Um

Dois

Três segundos passam.

— Eu não quis acreditar em Castle quando ele disse que posso ter um... um dom — Warner começa.

Sua voz está tão baixa que tenho de me esforçar para ouvi-la, mesmo estando a apenas alguns centímetros de distância.

— Uma parte de mim esperava que ele estivesse tentando me enlouquecer para seu próprio bem.

Um pequeno suspiro.

— Mas não fazia nenhum sentido, se eu pensasse bem a respeito. Castle me contou sobre Kent também — Warner diz. — Que ele pode tocar em você e que eles descobriram o porquê. Por um momento, perguntei-me se, talvez, tinha uma habilidade parecida. Uma tão patética quanto a dele. Tão inútil quanto.

Ele ri.

— Fiquei extremamente relutante em acreditar.

— Não é uma habilidade inútil — eu me ouço dizer.

— É mesmo?

Ele se vira para me olhar. Nossos ombros quase se tocam.

— Diga-me, amor, o que ele pode fazer?

— Ele pode desativar coisas. Habilidades.

— Certo — ele continua —, mas como isso poderá *ajudá-lo*? Como pode ajudá-lo o fato de conseguir desativar os poderes da sua gente? É absurdo. É um *desperdício*. Não ajudará em nada nesta guerra.

Eu me arrepio. Decido ignorar isso.

— O que isso tem a ver com Kenji?

Ele se desvira. Sua voz está mais suave quando diz:

— Você acreditaria se eu dissesse que posso sentir sua energia neste instante? Sentir o tom e o peso dela?

Eu o encaro, examino seus traços e a nota sincera e incerta de sua voz.

— Sim — respondo. — Acho que acreditaria em você.

Warner sorri de uma forma que parece entristecê-lo.

— Eu posso sentir — afirma, respirando fundo — as emoções que você está sentindo com mais força. E, como a conheço, consigo compreender esses sentimentos. Sei que o medo que está sentindo agora, por exemplo, não está direcionado a mim, mas a você mesma e ao que acha que fez com Kenji. Sinto sua hesitação, sua relutância em acreditar que não foi culpa sua. Sinto sua tristeza, sua agonia.

— Pode mesmo sentir isso? — pergunto.

Ele faz que sim com a cabeça, sem olhar para mim.

— Nunca soube que isso era possível — digo a ele.

— Eu também não... Eu não sabia disso — ele afirma. — Não soube por muito tempo. Na verdade, achava que era normal ter uma percepção aguçada das emoções humanas. Achava que, talvez, fosse mais perceptivo que outros. É um importante motivo de meu pai ter permitido que eu assumisse o Setor 45 — ele conta. — Porque tenho uma habilidade bizarra de saber quando alguém está escondendo alguma coisa, ou sentindo-se culpado, ou, o que é mais importante, mentindo.

Uma pausa.

— Por isso — ele diz — e por eu não ter medo de distribuir castigos se a ocasião pedir. Foi apenas quando Castle sugeriu que poderia haver algo mais em mim que comecei a analisar esse fato. Quase fiquei louco.

Ele balança a cabeça.

— Fiquei repassando isso na mente, pensando em maneiras de provar ou destruir as teorias dele. Mesmo com toda a minha

cuidadosa deliberação, negava a possibilidade. E, embora esteja um pouco chateado (por sua causa, não por minha) com o fato de Kenji ter sido idiota o bastante para interferir hoje, acho que foi, na verdade, bastante providencial. Porque agora, enfim, tenho uma prova. Uma prova de que estava errado. De que Castle — ele completa — estava certo.

— O que quer dizer?

— Peguei sua energia — ele me conta — e não sabia que eu conseguia fazer isso. Eu pude senti-la com muita intensidade quando nós quatro nos unimos. Adam era inacessível... O que, a propósito, explica por que nunca suspeitei da deslealdade dele. Suas emoções sempre estiveram escondidas. Sempre bloqueadas. Fui ingênuo e supus que ele fosse simplesmente robotizado, destituído de qualquer personalidade ou interesse. Ele me iludiu e a culpa foi minha. Confiei muito em mim mesmo para ser capaz de prever uma falha no meu sistema.

E eu quero dizer: a habilidade de Adam não é tão inútil afinal, certo?

Mas não digo.

— E Kenji — Warner diz depois de um instante.

Ele esfrega a testa. Ri um pouco.

— Kenji era... muito esperto. Muito mais esperto do que eu lhe dava crédito... O que, no final das contas, era exatamente sua tática. Kenji — ele continua, assoprando o ar — teve o cuidado de ser uma ameaça óbvia em vez de uma discreta. Ele sempre se metia em problemas; exigindo porções extras de comida, brigando com outros soldados, desrespeitando o toque de recolher. Ele quebrava regras simples para chamar atenção. Para me enganar e me fazer vê-lo como um cara irritante e nada mais. Sempre achei que havia algo estranho nele, mas atribuí isso ao seu comportamento barulhento e bagunceiro e a sua incapacidade de seguir regras. Descartei-o

como um soldado ruim. Alguém que nunca seria promovido. Alguém que sempre seria visto como perda de tempo.

Ele balança a cabeça. Ergue as sobrancelhas, olhando para o chão.

— Brilhante — diz, parecendo quase impressionado. — Foi brilhante. Seu único erro — Warner acrescenta, após um momento — foi ter sido abertamente amigável com Kent. E esse erro quase lhe custou a vida.

— E... então? Você estava tentando dar fim nele esta noite?

Ainda estou muito confusa, tentando voltar a me concentrar na conversa.

— Você o machucou de propósito?

— Não de propósito.

Warner balança a cabeça.

— Eu não sabia de verdade o que estava fazendo. Não no início. Sempre apenas *senti* energia; nunca soube que podia *tomá-la*. Mas tomei a sua energia simplesmente tocando em você... Havia tanta adrenalina entre nós três que a sua praticamente se jogou em mim. E, quando Kenji agarrou meu braço — ele conta —, você e eu, nós ainda estávamos ligados. E eu... de alguma forma, consegui redirecionar seu poder na direção dele. Foi bastante acidental, mas senti quando aconteceu. Senti seu poder entrar em mim. Sair de mim.

Ele levanta o olhar. Encontra meus olhos.

— Foi a coisa mais extraordinária que já experimentei.

Acho que eu teria caído se já não estivesse sentada.

— Então, você consegue tomar... Você consegue simplesmente tomar o poder de outras pessoas? — pergunto a ele.

— Parece que sim.

— E tem certeza de que não machucou Kenji de propósito?

Warner ri, olha para mim como se eu tivesse acabado de dizer algo muito divertido.

— Se eu tivesse desejado matá-lo, eu o teria matado. E não teria precisado de um arranjo tão complicado para alcançar isso. Não me interesso por atitudes dramáticas — ele afirma. — Se quero machucar alguém, não preciso de muito além de minhas mãos.

Estou atordoada e perco a voz.

— Na verdade, estou impressionado — diz Warner — com como você consegue conter tanto poder sem achar maneiras de liberar o excesso. Eu mal conseguiria segurar. A transferência do meu corpo para o de Kenji não foi apenas imediata, foi necessária. Eu não conseguiria tolerar a intensidade por muito tempo.

— E eu não posso machucá-lo?

Pisco os olhos para ele, pasma.

— Nem um pouco? Meu poder simplesmente *entra* em você? Você simplesmente o absorve?

Ele concorda, balançando a cabeça. Diz:

— Gostaria de ver?

E estou fazendo que sim com a cabeça e os olhos e os lábios e nunca fiquei mais aterrorizada por estar animada na minha vida.

— O que tenho de fazer? — pergunto a ele.

— Nada — ele responde, muito baixo. — Apenas toque em mim.

Meu coração está batendo, pulando, correndo, acelerando pelo meu corpo e estou tentando me concentrar. Tentando ficar calma. Vai ficar tudo bem, digo a mim mesma. Vai ficar tudo bem. É apenas um experimento. Não há necessidade de ficar tão animada por poder tocar em alguém de novo, fico dizendo a mim mesma.

~~Mas, ó, estou tão, tão animada.~~

Ele estende a mão desprotegida.

Eu a seguro.

Espero sentir alguma coisa, alguma fraqueza, alguma diminuição na minha energia, algum sinal de que uma transferência está acontecendo do meu corpo para o dele, mas não sinto nada. Sinto-me exatamente igual. Mas observo o rosto de Warner conforme seus olhos se fecham e ele faz um esforço para se concentrar. Depois, sinto sua mão apertar em volta da minha e ele ofega.

Seus olhos se abrem de repente e sua mão livre atravessa o chão.

Dou um salto para trás, em pânico. Estou tombando para o lado, minhas mãos me amparando atrás do corpo. Devo estar tendo alucinações. Devo estar tendo alucinações com o buraco no chão a menos de dez centímetros de onde Warner ainda está sentado. Devo ter tido alucinações quando vi sua palma apoiada no piso apertar com muita força e atravessá-lo. Devo estar tendo alucinações com tudo. Tudo isto. Estou sonhando e tenho certeza de que acordarei logo. Deve ser isso.

— Não tenha medo...

— C-como — eu gaguejo —, como você f-fez isso...

— Não fique assustada, amor, está tudo bem, eu juro... Isso é novo para mim também...

— Meu... Meu poder? Ele não... Você não sente dor?

Ele balança a cabeça.

— Pelo contrário. É a descarga de adrenalina mais incrível... É diferente de tudo que conheço. Na verdade, me sinto um pouco zonzo — descreve — da melhor maneira possível.

Ele ri. Sorri para si mesmo. Larga a cabeça sobre as mãos. Olha para cima.

— Podemos fazer de novo?

— Não — eu respondo muito rápido.

Ele está com um sorriso largo.

— Tem certeza?

— Não posso... Eu apenas, ainda não consigo acreditar que você pode tocar em mim. Que você realmente... Quero dizer...

Estou chacoalhando a cabeça.

— Não há truques? Não há condições? Você toca em mim e ninguém se machuca? E não apenas ninguém se machuca, mas você se *diverte*? Você *gosta* de verdade da sensação de tocar em mim?

Ele está piscando os dois olhos para mim agora, encarando-me como se não soubesse bem como responder a minha pergunta.

— E então?

— Sim — ele diz, mas é uma palavra sem fôlego.

— Sim o quê?

Posso ouvir o quanto seu coração bate com força. Posso ouvir de verdade no silêncio entre nós.

— Sim — ele repete. — Eu gosto.

Impossível.

— Você nunca precisa ter medo de tocar em mim — ele garante. — Não vai me machucar. Isso só me dá força.

Quero rir, uma daquelas risadas estranhas, agudas, enlouquecidas que assinalam o fim da sanidade de uma pessoa. Porque este mundo, eu penso, tem um senso de humor terrível. Ele sempre pareceu rir de mim. À minha custa. Deixando minha vida infinitamente mais complicada o tempo todo. Arruinando todos os meus planos mais bem formulados ao tornar toda escolha muito difícil. Ao tornar tudo tão confuso.

Não posso tocar no garoto que amo.

Porém, posso usar meu poder para fortalecer o garoto que tentou matar aquele que amo.

Ninguém, quero dizer ao mundo, está achando graça.

— Warner.

Eu levanto o olhar, atingida por um entendimento repentino.

— Você precisa contar ao Castle.

— Por que eu faria isso?

— Porque ele precisa saber! Explicaria a situação do Kenji e poderia nos ajudar amanhã! Você vai lutar ao nosso lado e isso pode ser útil...

Warner ri.

Ele ri e ri e ri, com os olhos brilhantes, reluzindo mesmo nesta iluminação fraca. Ele ri até virar apenas uma respiração rápida, até virar um suspiro suave, até dissolver-se em um sorriso divertido. E, depois, ele abre um sorriso largo para mim até estar sorrindo para si mesmo, até baixar os olhos e olhar minha mão, a que está descansando mole sobre meu colo. E hesita apenas por um instante antes de seus dedos roçarem a pele macia e fina que cobre os nós dos meus dedos.

Eu não respiro.

Eu não falo.

Eu nem me mexo.

Ele está hesitante, como se estivesse esperando para ver se vou me afastar, e eu deveria, sei que deveria, mas não me afasto. Assim, ele pega minha mão. Examina-a. Passa os dedos pelas linhas da minha palma, as dobras das minhas articulações, o ponto sensível entre meu polegar e o dedo indicador, e seu toque é tão terno, tão delicado e gentil, e é tão bom que dói, dói de verdade. E é demais para meu coração aguentar agora.

Eu tiro minha mão em um movimento estranho, aos trancos, o rosto corando, o pulso descompassado.

Warner não se retrai. Não levanta o olhar. Nem parece surpreso. Apenas encara sua mão agora vazia enquanto fala:

— Sabe? — ele começa, com a voz estranha e suave. — Acho que Castle é pouco mais do que um tolo otimista. Ele se esforça demais para receber bem muitas pessoas e esse tiro vai sair pela culatra, simplesmente porque é impossível agradar todos.

Uma pausa.

— Ele é o exemplo perfeito do tipo de pessoa que não sabe as regras deste jogo. Alguém que pensa muito com o coração e agarra-se com desespero demais a uma noção fantástica de esperança e paz. Nunca vou ajudá-lo.

Ele suspira.

— Na verdade, será o fim dele, tenho quase certeza. Mas há algo a seu respeito — Warner continua —, algo na maneira como *você* tem esperança.

Ele balança a cabeça.

— É tão ingênuo que é estranhamente amável. Você gosta de acreditar nas pessoas quando elas falam — afirma. — Você prefere a gentileza.

Ele sorri, apenas um pouco. Levanta os olhos.

— Isso me diverte.

De repente, sinto-me uma idiota.

— Você não vai lutar conosco amanhã.

Warner está com um sorriso bem aberto agora, os olhos muito carinhosos.

— Vou embora.

— Você vai embora.

Estou entorpecida.

— Meu lugar não é aqui.

Estou balançando a cabeça, dizendo:

— Não entendo... Como você pode ir embora? Você disse a Castle que lutaria conosco amanhã... Ele sabe que você vai embora? Alguém sabe? — pergunto a ele, examinando seu rosto. — O que planejou? O que vai fazer?

Ele não responde.

— O que você vai *fazer*, Warner...

— Juliette — ele sussurra e seus olhos têm urgência, de repente estão sofrendo. — Preciso lhe pedir uma cois...

Alguém está correndo pelos túneis.

Chamando meu nome.

Adam.

59

Fico em pé com um pulo, frenética, e digo a Warner que voltarei logo.

Estou dizendo não vá embora ainda, não vá a lugar algum ainda, voltarei logo, mas não espero a resposta dele porque estou em pé e estou correndo para o corredor iluminado e quase trombo com Adam. Ele me segura e me abraça com força, muito perto, sempre se esquecendo de não tocar em mim deste jeito e está ansioso e diz “você está bem?” e “sinto muito mesmo” e “procurei por você em toda parte” e “achei que você tivesse ido para a ala médica” e “não foi culpa sua, espero que saiba disso...”.

Fico sendo atingida no rosto, na cabeça, na coluna por esse entendimento do quanto me importo com ele. Do quanto ele se importa comigo. Ficar perto dele assim é um lembrete doloroso de tudo que tive de me forçar a abandonar. Eu respiro fundo.

— Adam — pergunto —, Kenji está bem?

— Ele ainda não recuperou a consciência — Adam me conta —, mas Sara e Sonya acham que ficará bem. Elas ficarão acordadas com ele a noite toda, apenas para garantir que ele chegue inteiro ao dia seguinte.

Uma pausa.

— Ninguém sabe o que aconteceu — ele diz. — Mas não foi você.

Os olhos dele prendem os meus no lugar.

— Você sabe disso, não? Você nem tocou nele. Sei que não tocou.

E, embora eu abra a boca um milhão de vezes para falar “foi o Warner. Warner fez isso. Foi ele que fez isso com Kenji, você

precisa pegá-lo e capturá-lo e pará-lo, ele está mentindo para todos vocês! Ele vai escapar amanhã!", não digo nada disso e não sei por quê.

Não sei por que eu o estou protegendo.

Acho que uma parte de mim está com medo de dizer essas palavras em voz alta, medo de torná-las verdade. Ainda não sei se Warner vai embora de verdade ou não e nem como ele vai escapar; nem sei se isso é possível. E não sei se já posso contar a alguém sobre a habilidade de Warner; acho que não quero explicar ao Adam que, enquanto o restante do Ponto Ômega estava cuidando de Kenji, eu estava escondida em um túnel com Warner — nosso inimigo e refém —, segurando a mão dele e testando seu novo poder.

Eu queria não estar tão confusa.

Queria que minhas interações com Warner parassem de me fazer sentir tanta culpa. Todo momento que passo com ele, toda conversa que tenho com ele me faz sentir que, de alguma maneira, traí Adam, embora, tecnicamente, não estejamos mais juntos. Meu coração ainda parece muito unido a Adam; sinto-me ligada a ele, como se precisasse compensá-lo por já o ter magoado tanto. Não quero ser o motivo da dor em seus olhos, não de novo, e, de alguma forma, decidi que guardar segredos é a única maneira de impedir que ele se machuque. Porém, lá no fundo, sei que isso não pode estar certo. Lá no fundo, sei que isso poderia acabar mal.

Porém, não sei mais o que fazer.

— Juliette?

Adam ainda está me abraçando com força, ainda muito próximo e quente e maravilhoso.

— Você está bem?

E não sei o que me leva a perguntar, mas, de repente, preciso saber:

— Algum dia você vai contar a ele?

Adam se afasta, apenas um centímetro.

— O quê?

— Warner. Algum dia você vai contar a ele a verdade? Sobre vocês dois?

Adam está piscando, pasmo, pego de surpresa por minha pergunta.

— Não — ele enfim responde. — Nunca.

— Por que não?

— Porque é necessário muito mais do que sangue para fazer uma família — ele explica. — E não quero ter nada a ver com ele. Gostaria de poder vê-lo morrer e não sentir compaixão, não sentir remorso. Ele é o exemplo perfeito de um monstro — Adam diz para mim. — Assim como meu pai. E eu morro antes de reconhecê-lo como irmão.

De repente, sinto que posso cair.

Adam agarra minha cintura, tenta olhar nos meus olhos.

— Você ainda está em choque — ele afirma. — Precisamos conseguir algo para você comer... Ou talvez um pouco de água...

— Está tudo bem — digo a ele. — Estou bem.

Permito-me aproveitar um último segundo nos braços dele antes de me afastar, precisando respirar. Fico tentando me convencer de que Adam está certo, que Warner fez coisas terríveis, horríveis e eu não devia perdoar-lhe. Não devia sorrir para ele. Não devia nem

falar com ele. E, então, quero gritar, porque acho que meu cérebro não aguenta a personalidade dupla que pareço estar desenvolvendo nos últimos tempos.

Digo a Adam que preciso de um minuto. Digo que preciso passar no banheiro antes de irmos para a ala médica e ele diz tudo bem, diz que vai esperar por mim.

Diz que vai esperar por mim até eu estar pronta.

E eu volto para o túnel escuro nas pontas dos pés para dizer a Warner que tenho de ir, que não vou voltar no final das contas, mas, quando comprimo os olhos na escuridão, não consigo ver nada.

Olho ao redor.

Ele já se foi.

Não precisamos fazer nada, nada para morrer.

Podemos nos esconder em um armário embaixo da escada pela vida toda e ela ainda assim vai nos encontrar. A morte aparecerá usando uma capa invisível e sacudirá uma varinha mágica e nos varrerá para longe quando menos esperarmos. Apagará todos os traços da nossa existência nesta Terra e fará todo o trabalho de graça. Não pedirá nada em troca. Fará uma reverência em nosso funeral e aceitará os louvores por um trabalho bem feito e, depois, desaparecerá.

Viver é mais complexo. Tem uma coisa que sempre precisamos fazer.

Respirar.

Inspirar e expirar, todo santo dia, a toda hora, minuto e momento devemos respirar. Mesmo enquanto planejamos asfixiar nossas esperanças e nossos sonhos, ainda assim respiramos. Mesmo enquanto murchamos e vendemos nossa dignidade para o homem da esquina, nós respiramos. Respiramos quando estamos errados, respiramos quando estamos certos, respiramos mesmo quando escorregamos, cedo demais, para o túmulo. Não podemos não fazer.

Então, respiro.

Conto todos os degraus que subi em direção ao laço da forca pendurado no teto da minha existência e conto quantas vezes fui idiota e fico sem números.

Kenji quase morreu hoje.

Por minha causa.

Ainda é culpa minha Adam e Warner terem brigado. Ainda é culpa minha eu ter me colocado entre eles. Ainda é culpa minha Kenji ter sentido a necessidade de afastá-los e, se não tivesse sido pega no meio da confusão, Kenji nunca teria se machucado.

E estou parada aqui. Olhando para ele.

Ele mal está respirando e estou implorando. Implorando a ele para fazer a única coisa que importa. A única coisa que importa. Preciso que ele se segure, mas ele não está ouvindo. Ele não pode me ouvir e preciso que ele fique bem. Preciso que ele sobreviva. Preciso que ele respire.

Preciso dele.

Castle não tinha muito mais a dizer.

Todos estavam parados em volta dele, alguns apertados dentro da ala médica, outros em pé do outro lado do vidro, observando em silêncio. Castle fez um pequeno discurso sobre como precisamos nos unir, como somos uma família e, se não tivermos uns aos outros, o que teremos então? Ele disse que estamos todos assustados, é claro, mas agora é a hora de apoiarmos uns aos outros. Agora é a hora de nos juntarmos e nos defendermos. Agora é a hora, ele disse, de recuperarmos nosso mundo.

— Agora é a hora de vivermos — ele falou. — Adiaremos a partida amanhã apenas o suficiente para que todos tenham um último café da manhã juntos. Não podemos ir para a batalha divididos — ele comunicou. — Temos de ter fé em nós mesmos e uns nos outros. Tirem um tempo a mais pela manhã para ficarem em paz com vocês mesmos. Depois do café da manhã, partiremos. Como um só.

— E o Kenji? — alguém perguntou, e fiquei assustada ao ouvir uma voz familiar.

James. Ele estava parado ali com os punhos cerrados, marcas de lágrimas em seu rosto, o lábio inferior tremendo enquanto lutava para esconder a dor em sua voz.

Meu coração se parte bem no meio.

— O que quer dizer? — Castle questionou.

— Ele lutará amanhã? — James quis saber, fungando as últimas lágrimas, com os punhos começando a tremer. — Ele quer lutar amanhã. Ele me disse que quer lutar amanhã.

O rosto de Castle ganhou vincos ao se franzir. Ele demorou um pouco para responder.

— Eu... eu temo que Kenji não poderá ir conosco amanhã. Mas, talvez — ele disse —, talvez você possa ficar e fazer companhia a ele?

James não respondeu. Ele apenas encarou Castle. Depois, encarou Kenji. Piscou várias vezes antes de abrir caminho pela multidão e subir na cama de Kenji. Encolheu-se ao lado dele e logo caiu no sono.

Todos viram isso como uma deixa para saírem.

Bem, todos menos eu, Adam, Castle e as meninas. Acho interessante todos se referirem a Sonya e Sara como “as meninas”, como se fossem as únicas meninas do lugar todo. Não são. Nem sei como elas ganharam esse apelido e, embora uma parte de mim queira saber, outra parte está exausta demais para perguntar.

Enrolo-me em meu assento e olho para Kenji, que está lutando para inspirar e expirar. Apoio a cabeça sobre o punho, enfrentando o sono que está se tecendo na minha consciência. Não mereço dormir. Eu deveria ficar aqui a noite inteira e cuidar dele. E eu ficaria, se pudesse tocar nele sem destruir sua vida.

— Vocês dois devem ir para a cama.

Acordo em um solavanco, com um pulo, sem perceber que cheguei a cochilar por um segundo. Castle está me encarando com um olhar suave e estranho no rosto.

— Não estou cansada — minto.

— Vá para a cama — ele diz. — Teremos um dia cheio amanhã. Você precisa dormir.

— Posso acompanhá-la até a saída — Adam oferece.

Ele se mexe para levantar.

— E, depois, voltarei...

— Por favor — Castle o interrompe. — Vá. Ficarei bem com as garotas.

— Mas você precisa dormir mais do que nós — digo a ele.

Castle abre um sorriso triste.

— Temo que não vá dormir esta noite.

Ele se vira para olhar Kenji, os olhos enrugando-se de alegria ou dor, ou algo entre as duas.

— Sabem — Castle começa — que conheço Kenji desde que ele era um garotinho? Encontrei-o pouco depois de ter construído o Ponto Ômega. Ele cresceu aqui. Quando o conheci, ele estava vivendo em um velho carrinho de compras que achou na beira da estrada.

Castle faz uma pausa.

— Ele nunca contou essa história a vocês?

Adam senta-se de novo. De repente, estou bem acordada.

— Não — nós dois respondemos ao mesmo tempo.

— Ah... desculpem-me.

Castle balança a cabeça.

— Eu não devia gastar o tempo de vocês com essas coisas — ele diz. — Acho que há muito nas suas cabeças agora. Estou esquecendo quais histórias guardar para mim mesmo.

— Não... Por favor... Quero saber — peço a ele. — De verdade.

Castle olha para as próprias mãos. Sorri um pouco.

— Não há muito para contar — ele afirma. — Kenji nunca conversou comigo sobre o que aconteceu aos seus pais, e tento não perguntar. Tudo o que ele tem é um nome e uma idade. Cruzei com ele por acidente mesmo. Era apenas um menino sentado em um carrinho de compras. Longe da civilização. Era o pico do inverno e ele não usava nada além de uma camiseta velha e calças de moletom alguns números acima do dele. Parecia estar congelando, como se precisasse de algumas refeições e um lugar para dormir. Eu não podia simplesmente ir embora — Castle conta. — Não podia simplesmente deixá-lo ali. Assim, perguntei se ele estava com fome.

Ele para, recordando.

— Kenji não disse nada por, pelo menos, 30 segundos. Apenas olhava para mim. Eu quase fui embora, pensando tê-lo assustado. Mas, depois, finalmente, ele estendeu o braço, agarrou minha mão, colocou-a em sua palma e balançou-a. Com bastante força. E disse “olá, senhor. Meu nome é Kenji Kishimoto e tenho nove anos. É um prazer conhecê-lo”.

Castle ri alto, com os olhos brilhando com uma emoção que contradiz seus sorrisos.

— Ele devia estar faminto, pobrezinho. Ele sempre — Castle continua, agora piscando enquanto olha para o teto —, ele sempre teve uma personalidade do tipo forte e determinada. Tanto orgulho. Impossível de conter esse rapaz.

Ficamos em silêncio por um tempo.

— Eu não fazia ideia — Adam começa — de que vocês eram tão unidos.

Castle levanta-se. Olha para nós ao seu redor e abre um sorriso radiante demais, tenso demais. Diz:

— Sim. Bem, tenho certeza de que ele ficará bem. Estará bem pela manhã e, assim, vocês dois devem mesmo dormir um pouco.

— Tem cert...

— Sim, por favor, vão para a cama. Ficarei bem aqui com as meninas, prometo.

E, assim, nós nos levantamos. Nós nos levantamos e Adam consegue erguer James da cama de Kenji e pegá-lo no colo sem acordá-lo. E saímos.

Eu olho para trás.

Castle cai na cadeira e apoia a cabeça nas mãos e cai para frente, na direção dos joelhos. Vejo-o estender a mão trêmula para pousá-la na perna de Kenji e me pergunto o quanto ainda não sei sobre essas pessoas com quem vivo. O quão pouco permiti a mim mesma fazer parte do mundo delas.

E sei que quero mudar isso.

61

Adam me acompanha até meu quarto.

As luzes estão apagadas há cerca de uma hora e, com exceção das fracas luzes de emergência que brilham a poucos metros umas das outras, tudo está, literalmente, apagado. É escuridão absoluta e, ainda assim, os guardas em patrulha conseguem nos ver apenas para nos avisar que devemos ir direto para nossos alojamentos separados.

Adam e eu não conversamos muito até chegarmos à entrada da ala das mulheres. Há muita tensão, muitas preocupações não ditas entre nós. Muitos pensamentos sobre hoje e amanhã e as muitas semanas que já passamos juntos. Muito que não sabemos sobre o que já está acontecendo conosco e o que nos acontecerá eventualmente. Simplesmente olhar para ele, estar tão perto e tão longe dele... é doloroso.

Quero, desesperadamente, acabar com a distância entre nossos corpos. Quero contrair meus lábios contra todas as partes dele e quero saborear o aroma da sua pele, a força dos seus braços e das suas pernas, do seu coração. Quero me enrolar no calor e na tranquilidade com os quais passei a contar.

Mas.

Por outro lado, passei a entender que ficar longe dele forçou-me a contar comigo mesma. Permitir-me ficar com medo e encontrar meu próprio caminho para enfrentá-lo. Tive de treinar sem ele, lutar sem ele, enfrentar Warner e Anderson e o caos da minha cabeça sem tê-lo ao meu lado. E sinto-me diferente agora. Sinto-me mais forte desde que coloquei um espaço entre nós.

E não sei o que isso significa.

Tudo que sei é que, para mim, nunca será seguro contar com outra pessoa de novo, *precisar* ser constantemente tranquilizada quanto à pessoa que sou e quem poderei ser um dia. Eu o amo, mas não posso depender dele para ser meu suporte. Não posso ser eu mesma se precisar o tempo todo de alguém para me manter inteira.

Minha cabeça é uma bagunça. Todo santo dia, fico confusa, incerta, preocupada se vou cometer um novo erro, preocupada se vou perder o controle, preocupada se vou me perder. Porém, é algo que tenho de trabalhar. Porque, pelo restante da minha vida, sempre, sempre serei mais forte que todos ao meu redor.

No entanto, pelo menos nunca mais precisarei ter medo.

— Você vai ficar bem? — Adam pergunta, enfim dissipando o silêncio entre nós.

Levanto o olhar para descobrir que seus olhos estão preocupados, tentando me ler.

— Sim — respondo a ele. — Sim. Vou ficar bem.

Ofereço-lhe um sorriso tenso, mas parece errado ficar assim tão perto dele sem poder tocá-lo nem um pouco.

Adam concorda balançando a cabeça. Hesita. Diz:

— Foi uma noite dos infernos.

— E será um dia dos infernos amanhã também — sussurro.

— Sim — ele diz, em voz baixa, ainda olhando para mim como se tentasse encontrar alguma coisa, como se procurasse uma resposta a uma pergunta não dita, e pergunto-me se ele vê algo diferente em meus olhos agora.

Ele abre um sorriso pequeno. Diz:

— Acho melhor eu ir.

E faz um gesto com a cabeça na direção de James, embrulhado em seus braços.

Eu faço que sim com a cabeça, sem saber ao certo o que mais fazer. O que dizer.

Tanta coisa está incerta.

— Vamos sair desta situação — Adam afirma, respondendo aos meus pensamentos silenciosos. — De toda ela. Vamos ficar bem. E Kenji vai ficar bem.

Ele toca no meu ombro, permite que seus dedos desçam para meu braço e para logo antes da minha mão nua.

Fecho os olhos, tento aproveitar o momento.

E, então, os dedos dele roçam minha pele e meus olhos se abrem de repente, meu coração acelerado no peito.

Ele está olhando para mim como se pudesse ter feito muito mais do que tocar minha mão se não estivesse segurando James contra seu peito.

— Adam...

— Vou encontrar uma maneira — ele diz para mim. — Vou encontrar uma maneira de isto dar certo. Prometo. Preciso apenas de um pouco de tempo.

Tenho medo de falar. Medo do que posso dizer, do que posso fazer; medo da esperança que se expande dentro de mim.

— Boa noite — ele sussurra.

— Boa noite — respondo.

Estou começando a achar que a esperança é algo perigoso e aterrorizante.

62

Estou tão cansada quando entro em meu quarto que estou apenas meio consciente enquanto visto a regata e as calças de pijama que uso para dormir. Foram um presente de Sara. Ela recomendou que eu tirasse meu traje enquanto durmo; ela e Sonya acham importante dar à minha pele contato direto com o ar fresco.

Estou prestes a entrar debaixo das cobertas quando ouço uma batida suave na porta.

Adam

é meu primeiro pensamento.

Porém, então abro a porta. E logo a fecho.

Devo estar sonhando.

— Juliette?

Ó. Meu Deus.

— O que você está *fazendo* aqui? — eu grito/sussurro através da porta fechada.

— Preciso falar com você.

— Agora. Você precisa falar comigo agora.

— Sim. É importante — Warner diz. — Ouvi Kent dizer que aquelas meninas gêmeas vão ficar na ala médica esta noite e pensei que seria um bom momento para conversarmos com privacidade.

— Você escutou minha conversa com Adam?

Começo a entrar em pânico, preocupada por ele poder ter escutado demais.

— Tenho zero de interesse na sua conversa com Kent — ele responde, o tom de repente equilibrado, neutro. — Fui embora assim que ouvi que você ficaria sozinha esta noite.

— Ó — eu solto o ar. — Como você conseguiu chegar aqui sem ser parado pelos guardas?

— Talvez você devesse abrir a porta para eu poder explicar.

Não me mexo.

— Por favor, amor, não farei nada para machucá-la. Já devia saber disso.

— Vou lhe dar cinco minutos. Depois, tenho de dormir, combinado? Estou exausta.

— Certo — ele diz. — Cinco minutos.

Respiro fundo. Abro a porta. Espio Warner.

Ele está sorrindo. Não parece sentir nenhum remorso.

Balanço a cabeça.

Ele desliza para dentro e senta-se diretamente na minha cama.

Fecho a porta, atravesso até o lado oposto a ele e sento-me na cama de Sonya, de repente consciente demais do que estou vestindo e do quão incrivelmente exposta me sinto. Cruzo os braços por cima do algodão fino que se agarra ao meu peito — embora tenha certeza de que ele não pode me ver — e faço um esforço para ignorar o frio no ar. Sempre me esqueço do quanto meu traje ajuda a controlar minha temperatura tão abaixo do solo.

Winston foi um gênio ao fazê-lo para mim.

Winston.

Winston e Brendan.

Ó, como espero que estejam bem.

— E então... O que foi? — pergunto a Warner.

Não consigo ver nada nesta escuridão, mal consigo definir a forma da silhueta dele.

— Você simplesmente foi embora mais cedo, no túnel. Embora tenha lhe pedido para ficar.

Algumas batidas de silêncio.

— Sua cama é muito mais confortável que a minha — ele diz com voz baixa. — Você tem um travesseiro. E um cobertor de verdade?

Ele ri.

— Está vivendo como uma rainha neste alojamento. Eles a tratam bem.

— Warner.

Estou me sentindo nervosa agora. Ansiosa. Preocupada. Tremendo um pouco e não por causa do frio.

— O que está acontecendo? Por que você está aqui?

Nada.

Ainda nada.

De repente.

Uma respiração tensa.

— Quero que venha comigo.

O mundo para de girar.

— Quando eu for embora amanhã — ele completa. — Quero que venha comigo. Não pude terminar de conversar com você mais cedo e achei que pela manhã seria um momento péssimo para pedir.

— Quer que eu vá com você.

Não tenho certeza se ainda estou respirando.

— Sim.

— Quer que eu fuja com você.

Isto não pode estar acontecendo.

Uma pausa.

— Sim.

— Não posso acreditar.

Estou balançando a cabeça, de novo e de novo e de novo.

— Você realmente perdeu a cabeça.

Quase posso ouvi-lo sorrir no escuro.

— Onde está seu rosto. Sinto como se estivesse falando com um fantasma.

— Estou bem aqui.

— Onde?

Levanto-me.

— Estou aqui.

— Ainda não consigo vê-la — ele diz, mas sua voz está de repente muito mais perto do que antes. — Você consegue me ver?

— Não — eu minto e estou tentando ignorar a tensão imediata, a eletricidade zumbindo no ar entre nós.

Dou um passo para trás.

Sinto as mãos dele nos meus braços, sinto a pele dele contra a minha pele e estou prendendo a respiração. Não me mexo nem um centímetro. Não digo nem uma palavra conforme as mãos dele baixam para a minha cintura, para o fino material que faz uma fraca tentativa de cobrir meu corpo. Seus dedos roçam a pele macia da parte inferior das minhas costas, bem debaixo da bainha da minha camiseta e estou perdendo a conta de quantas vezes meu coração se esquece de bater.

Estou lutando para levar oxigênio aos pulmões.

~~Estou lutando para manter as minhas mãos longe dele.~~

— É possível — ele sussurra — que você não sinta este fogo entre nós?

As mãos dele estão subindo pelos meus braços de novo, o toque muito leve, os dedos deslizando para debaixo das alças da minha camiseta e isso está me destruindo, está doendo no centro do meu ser, é uma pulsação batendo em cada centímetro do meu corpo e estou tentando me convencer a não perder a cabeça quando sinto as alças caírem e tudo para.

O ar está imóvel.

Minha pele está com medo.

Até meus pensamentos estão sussurrando.

Dois

Quatro

Seis segundos em que me esqueço de respirar.

Depois, sinto os lábios dele contra meu ombro, delicado e flamejante e terno, tão gentil que quase poderia acreditar ser o beijo de uma brisa e não de um garoto.

De novo.

Desta vez, na minha clavícula, e é como se eu estivesse sonhando, revivendo a carícia de uma memória esquecida, e é como uma dor procurando ser aliviada, é uma panela fervente jogada na água gelada, é uma bochecha corada apertada a um travesseiro frio em uma noite quente, quente, quente e estou pensando *isso*, estou pensando *assim*, estou pensando *obrigada, obrigada, obrigada...*

...Até me lembrar de que sua boca está em meu corpo e não estou fazendo nada para impedi-lo.

Ele se afasta.

Meus olhos recusam-se a reabrirem.

Seus dedos t-tocam no meu lábio inferior.

Ele delineia o formato da minha boca, as curvas, o sulco, a depressão e meus lábios se abrem embora eu lhes peça para não abrirem e ele se aproxima. Eu o sinto muito mais perto, enchendo o ar ao meu redor até não sobrar nada além dele e do calor de seu corpo, o aroma de sabonete fresco e algo impossível de identificar, algo doce, mas não doce, algo real e quente, algo que tem o cheiro dele, como se pertencesse a ele, como se ele fosse derramado em uma garrafa e eu estivesse me afogando dentro dela e nem percebo que estou me inclinando para ele, inalando o aroma do seu pescoço

até perceber que seus dedos não estão mais nos meus lábios porque suas mãos estão em volta da minha cintura e ele diz:

— Você — e ele sussurra isso, letra por letra, ele aperta a palavra na minha pele antes de hesitar.

Depois.

Mais suave.

Seu peito arfando com força desta vez. Suas palavras quase ofegando desta vez.

— Você me *destrói*.

Estou caindo aos pedaços nos braços dele.

Meus punhos estão cheios de moedinhas do azar e meu coração é uma *jukebox* que exige algumas moedas e minha cabeça está jogando moedas cara ou coroa, cara ou coroa, cara ou coroa, cara ou coroa...

— Juliette — ele diz, e forma meu nome com a boca, quase sem som, e está derramando lava derretida em minhas mãos e meus pés e eu nunca soube que poderia derreter até a morte.

— Eu a desejo — ele diz.

Ele diz:

— Eu a desejo inteira. Desejo-a por dentro e por fora e respirando com dificuldade e sofrendo por mim como sofro por você.

Ele diz que é como um cigarro aceso alojado em sua garganta, como se quisesse mergulhar-me em mel quente e diz:

— Nunca foi segredo. Nunca tentei esconder isso de você. Nunca fingi querer nada menos.

— Você... Você disse que queria a-amizade...

— Sim — ele responde, ele engole em seco —, eu queria. Eu quero. Quero mesmo que você seja minha amiga.

Ele faz que sim com a cabeça e percebo o mais leve movimento de ar entre nós.

— Quero ser o amigo por quem você se apaixona perdidamente. O que você aceita nos seus braços e na sua cama e no mundo privado que mantém preso em sua cabeça. Quero ser esse tipo de amigo — ele afirma. — O que vai memorizar o que você fala e também o formato dos seus lábios quando você fala. Quero conhecer cada curva, cada sarda, cada pedaço do seu corpo, *Juliette*...

— Não — eu ofego. — Não... Não d-diga isso...

Não sei o que farei se ele continuar falando não sei o que farei e não confio em mim mesma.

— Quero saber onde a tocar — ele continua. — Quero saber como tocá-la. Quero saber como convencê-la a esboçar um sorriso apenas para mim.

Sinto seu peito subir, descer, para cima e para baixo e para cima e para baixo e...

— Sim — ele fala. — Quero mesmo ser seu amigo.

Ele diz:

— Quero ser seu melhor amigo no mundo todo.

Não consigo pensar.

Não consigo *respirar*.

— Quero tantas coisas — ele sussurra. — Quero sua mente. Sua força. Quero ser digno do seu tempo.

Seus dedos roçam a bainha da minha blusa e ele diz:

— Quero que isto suba.

Ele puxa a cintura da minha calça e diz:

— Quero que isto desça.

Ele toca as laterais do meu corpo com as pontas dos dedos e fala:

— Quero sentir sua pele pegar fogo. Quero sentir seu coração acelerado junto ao meu e quero saber que está acelerado por minha causa, porque você me quer. Porque você nunca — ele fala, ele respira — nunca quer que eu pare. Quero cada segundo. Cada centímetro seu. Quero tudo.

E eu caio morta, pelo chão todo.

— Juliette.

Não entendo como ainda posso escutá-lo falar, pois estou morta, morta já, morri de novo e de novo e de novo.

Ele engole em seco, com dificuldade, o peito arfando, suas palavras um murmúrio sem fôlego e trêmulo quando fala:

— Estou tão... Estou tão desesperadamente apaixonado por você...

Estou enraizada no chão, girando em pé, zonza em meu sangue e em meus ossos e estou respirando como se fosse o único humano que já aprendeu a voar, como se estivesse inalando o tipo de oxigênio encontrado apenas nas nuvens e estou tentando, mas não sei como evitar que meu corpo reaja a ele, as suas palavras, à dor em sua voz.

Ele toca em minha bochecha.

Suave, tão suave, como se ele não tivesse certeza se sou real, como se ele estivesse com medo de que, se chegar muito perto, eu vou ó, vejam, ela sumiu, simplesmente desapareceu. Seus quatro dedos roçaram a lateral do meu rosto, devagar, muito devagar antes de escorregarem para a parte de trás da minha cabeça, presos naquele espaço logo acima do meu pescoço. Seu polegar esfrega minha maçã do rosto.

Ele continua olhando para mim, olhando em meus olhos à procura de ajuda, orientação, de algum sinal de protesto, como se estivesse certo de que vou começar a gritar ou chorar ou fugir, mas não vou. Não acho que conseguiria nem se quisesse porque não quero. Quero ficar aqui. Bem aqui. Quero ser paralisada neste momento.

Ele se aproxima, apenas uns centímetros. A mão livre estende-se para aninhar o outro lado de meu rosto.

Está me segurando como se eu fosse feita de penas.

Está segurando meu rosto e olhando para a própria mão como se não pudesse acreditar que pegou este pássaro que está sempre muito desesperado para sair voando. Suas mãos estão tremendo, apenas um pouco, apenas o suficiente para que eu sinta o mais leve estremecimento contra minha pele. Já se foi o garoto com armas e segredos escondidos. Essas mãos que me seguram nunca seguraram uma arma. Essas mãos nunca tocaram na morte. Essas mãos são perfeitas e gentis e carinhosas.

E ele se inclina, com muito cuidado. Respirando e sem respirar e corações batendo entre nós e ele está muito perto, ele está muito perto e não consigo mais sentir minhas pernas. Não consigo sentir meus dedos ou o frio ou o vazio deste quarto porque tudo que sinto é ele, por toda parte, preenchendo tudo, e ele sussurra:

— Por favor.

Ele diz:

— Por favor, não atire em mim por isto.

E me beija.

Seus lábios são mais macios do que qualquer coisa que já conheci, macios como a primeira neve, como morder algodão-doce, como derreter e flutuar e não ter peso na água. É doce, é doce sem fazer esforço.

E, então, muda.

— Ó, *meu Deus*...

Ele me beija de novo, desta vez com mais força, desesperado, como se precisasse me ter, como se estivesse morrendo para memorizar o toque dos meus lábios contra os dele. O gosto dele está me deixando louca; ele todo é calor e desejo e hortelã e quero mais. Acabei de começar a atraí-lo, a puxá-lo para mim quando ele se afasta.

Ele está respirando como se tivesse perdido a cabeça e está olhando para mim como se algo estivesse quebrado dentro dele, como se tivesse acordado e descoberto que seus pesadelos eram apenas pesadelos, que nunca existiram, que eram apenas um sonho ruim que parecia real demais, mas, agora, ele acordou e está seguro, e tudo ficará bem e...

...estou caindo.

Estou ruindo e caindo dentro do coração dele e sou um desastre.

Ele está me analisando, procurando algo em meus olhos, sins ou nãos ou talvez uma deixa para continuar em frente, e tudo que quero é me afogar nele. Quero beijá-lo até desmoronar em seus braços, até ter deixado meus ossos para trás e flutuado em um novo espaço que é inteiramente nosso.

Sem palavras.

Apenas os lábios dele.

De novo.

Profundo e urgente como se ele não pudesse mais se dar ao luxo de ir devagar, como se houvesse muito que quisesse sentir e não houvesse anos suficientes para viver tudo. As mãos dele passeiam pelas minhas costas todas, aprendendo cada curva do meu corpo, e ele está beijando meu pescoço, minha garganta, o declive dos meus ombros e sua respiração está mais pesada, mais rápida, suas mãos de repente emaranhadas em meu cabelo e estou girando, estou zonza, estou me mexendo e alcançando sua nuca e agarrando-me a ele e é um calor gelado, é uma dor que ataca cada célula do meu corpo. É um desejo muito desesperado, um desejo tão primoroso que rivaliza com tudo, com cada momento feliz que pensei que tivesse vivido.

Estou contra a parede.

Ele está me beijando como se o mundo estivesse rolando por um penhasco abaixo, como se ele estivesse tentando se segurar e tivesse decidido se segurar em mim, como se estivesse faminto por vida e amor e nunca tivesse sabido que poderia ser tão bom estar tão perto de alguém. Como se fosse a primeira vez que já sentiu algo além de fome e não soubesse se equilibrar, não soubesse comer em pequenas porções, não soubesse fazer nada, nada, nada com moderação.

Minhas calças caem no chão e as mãos dele são as responsáveis.

Estou nos braços dele usando roupa de baixo e uma regata que pouco consegue me deixar decentemente vestida e ele se afasta só para me olhar, para sorver a visão que tem de mim e está dizendo “você é tão linda” ele está dizendo “você é tão inacreditavelmente linda” e puxa-me para seus braços de novo e me levanta, carrega-

me até minha cama e, de repente, estou apoiada em meus travesseiros e ele está sobre meus quadris e sua camisa não está mais em seu corpo e não faço ideia de para onde foi. Tudo o que sei é que estou olhando para cima e para os olhos dele e estou pensando que não há nada que eu mudaria neste momento.

Ele tem centenas, milhares, milhões de beijos e está dando todos para mim.

Ele beija meu lábio superior.

Ele beija meu lábio inferior.

Ele beija logo abaixo do meu queixo, a ponta do meu nariz, a extensão da minha testa, as duas têmporas, minhas bochechas, por toda a linha do meu queixo. Depois, meu pescoço, atrás das minhas orelhas, descendo minha garganta e

suas mãos

deslizam

para baixo

em meu corpo. O corpo todo dele está descendo pelo meu, desaparecendo enquanto se move para baixo e, de repente, o peito dele está pairando sobre meus quadris; de repente, não consigo mais vê-lo. Posso apenas distinguir o topo da sua cabeça, a curva de seus ombros, o irregular subir e descer das suas costas conforme ele inspira e expira. Ele está descendo as mãos pelas minhas coxas nuas, contornando-as e subindo de novo, passando pelas minhas costelas, ao redor da parte baixa das minhas costas e descendo de novo, passando um pouco do meu osso do quadril. Seus dedos se engancham no elástico da minha calcinha e eu ofego.

Seus lábios tocam minha barriga nua.

É apenas o sussurro de um beijo, mas algo desmorona em minha cabeça. É o roçar leve como pena de sua boca contra minha pele em um lugar que não posso ver bem. Minha mente está falando em mil idiomas diferentes que não entendo.

E percebo que ele está subindo pelo meu corpo.

Está deixando um rastro de fogo pelo meu torso, um beijo após o outro, e realmente acho que não consigo aguentar mais isto; realmente não acho que vá ser capaz de sobreviver a isto. Há um choro crescendo em minha garganta, implorando para se libertar e estou trancando meus dedos no cabelo dele e puxando-o para cima, para mim, em cima de mim.

Preciso beijá-lo.

Levanto as mãos apenas para deslizá-las pelo seu pescoço e pela extensão de seu corpo e percebo que nunca me senti assim, não neste nível, não como se cada momento estivesse prestes a explodir, como se cada respiro pudesse ser nosso último, como se cada toque fosse suficiente para incendiar o mundo. Estou esquecendo tudo, esquecendo o perigo e o horror e o terror de amanhã e nem consigo lembra *por que* estou esquecendo, *o que* estou esquecendo, que há algo que eu pareço já ter esquecido. É difícil demais prestar atenção em algo além dos olhos dele, queimando; a pele dele, nua; o corpo dele, perfeito.

Ele está completamente desarmado pelo meu toque.

Ele tem cuidado para não me comprimir, os cotovelos apoiados em cada lado da minha cabeça, e acho que devo estar sorrindo para ele porque ele está sorrindo para mim, mas ele está sorrindo como se pudesse estar petrificado; ele está respirando como se tivesse esquecido que deve respirar, olhando para mim como se não tivesse certeza de como fazer isso, hesitando como se estivesse incerto sobre como me deixar vê-lo assim. Como se não fizesse ideia de como ser tão vulnerável.

Mas aqui está ele.

E aqui estou eu.

A testa de Warner está prensada contra a minha, sua pele corada com o calor, seu nariz tocando o meu. Ele troca o peso para um braço, usa a mão livre para acariciar minha bochecha com delicadeza, aninhar meu rosto como se fosse feito de vidro e percebo que ainda estou prendendo a respiração e nem consigo me lembrar da última vez em que expirei.

Os olhos dele baixam para meus lábios e sobem de novo. Seu olhar é pesado, faminto, carregado de uma emoção que nunca o achei capaz de sentir. Nunca pensei que ele poderia ser tão completo, tão humano, tão real. Mas aqui está. Está bem aqui. Pura, escrita pelo rosto dele como se tivesse sido arrancada de seu peito.

Ele está me dando seu coração.

E diz uma palavra. Sussurra apenas uma coisa. Com muita urgência.

Ele diz:

— Juliette.

Fecho os olhos.

Ele diz:

— Não quero mais que você me chame de Warner.

Abro os olhos.

— Quero que me conheça — ele diz, sem fôlego, os dedos tirando uma mecha solta de cabelo do meu rosto. — Não quero ser o Warner com você — ele fala. — Quero que seja diferente agora. Quero que me chame de Aaron.

E estou prestes a dizer sim, é claro, eu entendo perfeitamente, mas há algo neste momento de silêncio que me confunde; algo neste momento e na sensação do nome dele na minha língua que destrava outras partes do meu cérebro e há algo ali, algo empurrando e puxando minha pele e tentando me lembrar, tentando me dizer e

levo um tapa na cara

levo um soco no queixo

sou jogada no meio do oceano.

— Adam.

Meus ossos estão cheios de gelo. Todo o meu ser quer vomitar. Estou saindo, cambaleando, de debaixo dele e me afastando e quase caio direto no chão e esta sensação, esta sensação, esta *sensação* esmagadora de absoluto ódio por mim mesma perfura meu estômago como o corte de uma faca afiada demais, grossa demais, letal demais para que eu permaneça em pé e estou me agarrando a mim mesma, tentando não chorar e dizendo não não não isto não pode acontecer isto não pode estar *acontecendo* eu amo Adam, meu coração está com Adam, não posso fazer isto com ele...

...e Warner parece que levou um tiro de mim de novo, como se eu tivesse colocado uma bala em seu coração com minhas próprias mãos, e ele levanta, mas mal consegue ficar em pé. Seu corpo está tremendo e ele está olhando para mim como se quisesse dizer alguma coisa, mas, toda vez que tenta falar, não consegue.

— Sinto m-muito — eu balbucio —, sinto muito... Nunca quis que isso acontecesse... Eu não estava *pensando*...

Mas ele não está ouvindo.

Ele está balançando a cabeça de novo e de novo e de novo e está olhando para as mãos como se estivesse esperando o momento em que alguém lhe diz que isto não é real e sussurra:

— O que está acontecendo comigo? Estou sonhando?

Estou tão enjoada, tão confusa, porque eu o quero, eu o quero e quero Adam também e quero demais e nunca me senti mais como um monstro do que me senti esta noite.

A dor está tão clara no rosto dele que me mata.

Eu a sinto. Eu a sinto me matar.

Estou me esforçando muito para desviar o olhar, para esquecer, para descobrir como apagar o que acabou de acontecer, mas tudo em que consigo pensar é que a vida é como um balanço de pneu quebrado, uma criança na barriga da mãe, um punhado de ossinhos da sorte. É tudo possibilidade e potencial, passos certos e errados na direção de um futuro que nem está garantido para nós, e eu, eu sou tão errada. Todos meus passos são errados, sempre errados. Sou a encarnação do erro.

Porque isso nunca devia ter acontecido.

Foi um erro.

— Você está escolhendo o Kent? — Warner pergunta, quase sem respirar, ainda olhando para mim como se pudesse cair. — Foi isso que acabou de acontecer? Está escolhendo Kent em vez de mim? Porque acho que não entendo o que acabou de acontecer e preciso que você diga alguma coisa, preciso que me diga que diabos está acontecendo comigo agora...

— Não — eu ofego. — Não, não estou escolhendo ninguém... Não estou... Não e-estou...

Mas estou. E nem sei como cheguei a isso.

— Por quê? — ele questiona. — Porque ele é a escolha mais segura para você? Porque você acha que *deve* algo a ele? Você está cometendo um erro — ele fala, com a voz mais alta agora. — Você está com medo. Não quer fazer a difícil escolha e está fugindo de mim.

— Talvez eu apenas n-não queira ficar com você.

— Você sabe que quer ficar comigo! — ele explode.

— Você está errado.

Ó, meu Deus, o que estou dizendo nem sei onde estou encontrando essas palavras, de onde estão vindo ou de qual árvore as arranquei. Elas simplesmente continuam crescendo na minha boca e, às vezes, eu seguro com força demais um advérbio ou pronome e, às vezes, as palavras são amargas, às vezes, são doces, mas, agora, tudo tem gosto de romance e arrependimento e mentira, mentira, sua mentirosa, por toda minha garganta.

Warner ainda está me encarando.

— Mesmo?

Ele luta para controlar seu humor e vem um passo mais para perto, muito mais perto, e posso ver seu rosto com clareza demais, posso ver seus lábios com clareza demais, posso ver a raiva e a dor e a descrença marcadas em seus traços e não tenho tanta certeza se devo continuar em pé. Acho que minhas pernas não podem me suportar por muito mais tempo.

— S-sim.

Arranco outra palavra da árvore que mente em minha boca, mente, mente, mente em meus lábios.

— Então, estou errado — ele diz a frase com a voz baixa, muito, muito baixa. — Estou errado em achar que você me quer. Que quer

ficar comigo.

Seus dedos roçam meus ombros, meus braços; suas mãos descem pelas laterais do meu corpo, traçando cada centímetro meu e estou apertando a boca para evitar que a verdade escape, mas não estou conseguindo, não estou conseguindo, não estou conseguindo porque a única verdade que conheço agora é que estou a poucos instantes de perder a cabeça.

— Diga-me uma coisa, amor — seus lábios estão sussurrando contra o meu maxilar. — Sou cego também?

Eu vou mesmo morrer.

— Você não vai me fazer de palhaço!

Ele se afasta de mim.

— Não permitirei que tire sarro dos meus sentimentos por você! Eu poderia respeitar sua decisão de *atirar em mim*, Juliette, mas fazer isso... Fazer... fazer o que você acabou de fazer...

Ele mal consegue respirar. Passa a mão pelo rosto, as duas mãos pelo cabelo, parecendo querer gritar, quebrar alguma coisa, como se estivesse real, verdadeiramente a ponto de perder a cabeça. Sua voz é um sussurro rouco quando ele por fim fala:

— É a jogada de uma covarde — ele diz. — Pensei que você fosse muito melhor que isso.

— Não sou covarde...

— Então seja honesta consigo mesma! — ele fala. — Seja honesta comigo! Diga-me a verdade!

Minha cabeça está rolando pelo chão, girando como um pião de madeira, dando voltas e voltas e voltas e não consigo pará-la. Não consigo fazer o mundo parar de girar e minha confusão está sangrando até virar culpa, que rapidamente evolui para raiva e, de

repente, está borbulhando, espumando, subindo para a superfície e eu olho para ele. Fecho minhas mãos trêmulas em punhos.

— A verdade — digo a ele — é que nunca sei o que pensar a seu respeito! Suas atitudes, seu comportamento... Você nunca é consistente! Você é horrível comigo e, depois, é gentil comigo e diz que me ama e, depois, machuca as pessoas com quem mais me importo!

— E você é um mentiroso — falo com grosseria, afastando-me dele. — Diz que não se importa com o que faz... Diz que não se importa com outras pessoas e com o que fez a elas, mas não acredito nisso. Acho que você está se escondendo. Acho que o verdadeiro você está se escondendo embaixo de toda a destruição e acho que você é melhor do que essa vida que escolheu para si mesmo. Acho que você pode mudar. Acho que você pode ser diferente. E sinto pena de você!

Essas palavras, essas palavras idiotas, elas não param de escorrer da minha boca.

— Tenho pena da sua infância horrível. Tenho pena de você ter um pai tão desprezível e imprestável e tenho pena de ninguém nunca ter dado uma chance a você. Tenho pena das decisões terríveis que tomou. Tenho pena de você se sentir preso a elas, de se achar um monstro que não pode ser mudado. Mas, acima de tudo — eu completo —, acima de tudo, tenho pena de você não ter misericórdia de si mesmo!

Warner se encolhe como se tivesse lhe dado um tapa na cara.

O silêncio entre nós massacrou mil segundos inocentes e, quando ele enfim fala, sua voz mal é audível, cheia de descrença.

— Você tem pena de mim.

Minha respiração para. Minha determinação se dilui.

— Você acha que sou um tipo de projeto quebrado que você pode consertar.

— Não... Eu não...

— Você não faz *ideia* do que fiz! — suas palavras são furiosas conforme ele caminha para frente. — Você não faz ideia do que vi, do que fui obrigado a fazer parte. Você não faz ideia do que sou capaz ou de quanta misericórdia eu mereço. Eu conheço meu próprio coração — ele fala, ríspido. — Sei quem sou. Não ouse sentir pena de mim!

Ó, minhas pernas definitivamente não estão funcionando.

— Pensei que você poderia me amar por *mim* — ele afirma. — Achei que seria a única pessoa neste mundo maldito a me aceitar como sou! Pensei que você, entre todas as pessoas, entenderia.

Seu rosto está bem em frente ao meu quando ele diz:

— Eu estava enganado. Estava horrivel, horrivelmente enganado.

Ele recua. Pega a camisa e vira-se para sair e eu deveria deixá-lo ir, deveria deixá-lo sair pela porta e da minha vida, mas não consigo, agarro o braço dele, puxo-o de volta e digo:

— Por favor, não foi isso que quis dizer...

Ele se vira e diz:

— Não quero a sua *compaixão*!

— Eu não estava tentando magoá-lo...

— A verdade — ele começa — é um lembrete doloroso do motivo de eu preferir viver entre mentiras.

Não consigo suportar o olhar dele, a dor desgraçada e horrível que ele não está se esforçando para esconder. Não sei o que falar

para consertar a situação. Não sei como retirar o que disse.

Sei que não quero que ele vá embora.

Não assim.

Ele parece que vai falar; muda de ideia. Respira tenso, contrai os lábios como se para impedir que as palavras escapem e estou prestes a dizer algo, estou prestes a tentar de novo quando ele puxa o ar, trêmulo, e diz:

— Tchau, Juliette.

E não sei por que isso está me matando, não entendo minha repentina ansiedade e preciso saber, preciso dizer, preciso fazer a pergunta que não é uma pergunta e falo:

— Não o verei de novo.

Vejo-o lutar para encontrar as palavras, vejo-o virar-se para mim e desvirar-se e, por um milésimo de segundo, vejo o que aconteceu, vejo a diferença em seus olhos, o brilho de emoção que nunca sonhei que ele fosse capaz de ter e sei, entendo por que ele não olha para mim e não consigo acreditar. Quero cair no chão enquanto ele luta contra si mesmo, luta para falar, luta para engolir o tremor em sua voz ao dizer:

— Eu certamente espero que não.

E é isso.

Ele sai.

Sou partida ao meio e ele se vai.

Ele se vai para sempre.

63

O café da manhã é uma provação.

Warner desapareceu e deixou uma trilha de caos atrás dele.

Ninguém sabe como ele escapou, como conseguiu sair de seu quarto e encontrar a saída e todos estão culpando Castle. Todos estão dizendo que ele foi idiota ao confiar em Warner, a lhe dar uma chance, a acreditar que ele podia ter mudado.

Bravas é um insulto para o nível de agressividade das pessoas aqui, agora.

Porém, não serei eu a dizer a todos que Warner já estava fora de seu quarto na noite passada. Não serei eu a dizer que ele provavelmente não precisou fazer muito para encontrar a saída. Não explicarei que ele não é imbecil.

Tenho certeza de que descobriu com muita facilidade. Tenho certeza de que encontrou uma maneira de passar pelos guardas.

Agora, todos estão prontos para lutar, mas pelos motivos errados. Querem matar Warner: em primeiro lugar, por tudo o que ele fez; em segundo lugar, por trair a confiança deles. E o que é ainda mais aterrorizante: todos estão preocupados que ele revele todas as nossas informações secretas. Não faço ideia do que Warner conseguiu descobrir sobre este lugar antes de partir, mas nada do que acontecer agora poderá ser bom.

Ninguém tocou no café da manhã.

Todos estão vestidos, armados, prontos para enfrentar o que poderia ser uma morte quase instantânea, e estou me sentindo um pouco melhor do que completamente entorpecida. Não dormi nada noite passada, meu coração e minha mente entupidos e atormentados, e não consigo sentir as pernas nem os braços, não

consigo sentir o gosto da comida que estou comendo e não consigo ver direito, não consigo me concentrar nas coisas que deveria estar ouvindo. Tudo em que consigo pensar é em todos os infortúnios ~~e os lábios de Warner no meu pescoço, suas mãos no meu corpo, a dor e a paixão em seus olhos~~ e as muitas maneiras possíveis como eu poderia morrer hoje. Consigo apenas pensar em ~~Warner tocando em mim, beijando-me, torturando-me com seu coração e~~ Adam sentado ao meu lado, sem saber o que fiz.

Isso provavelmente nem importará mais depois de hoje.

Talvez eu seja morta e talvez a agonia destes últimos 17 anos terá sido para nada. Talvez eu simplesmente caia da face da Terra, sumida para sempre, toda a minha angústia adolescente terá sido uma ridícula reflexão tardia, uma memória risível.

No entanto, talvez eu sobreviva.

Talvez eu sobreviva e tenha de enfrentar as consequências das minhas ações. Terei de parar de mentir para mim mesma; terei de tomar mesmo uma decisão.

Tenho de encarar o fato de que estou lutando contra sentimentos por alguém que não tem escrúpulos para colocar uma bala na cabeça de outro homem. Tenho de pensar na possibilidade de eu estar mesmo virando um monstro. Uma criatura horrível e egoísta que se importa apenas com si mesma.

Talvez Warner estivesse certo desde o começo.

Talvez ele e eu sejamos mesmo perfeitos um para o outro.

Quase todo mundo saiu da sala de jantar em fila. As pessoas estão trocando as despedidas de última hora com os idosos e os jovens que estão deixando para trás. James e Adam tiveram uma longa despedida esta manhã mesmo. Adam e eu temos de sair em cerca de dez minutos.

— Minha nossa. Quem morreu?

Viro-me ao som da voz dele. Kenji está em pé. Está nesta sala. Está parado ao lado da nossa mesa e parece prestes a cair, mas está *acordado*. Está vivo.

Está respirando.

— Caramba — Adam está ofegando. — *Cacete*.

— É bom vê-lo também, Kent.

Kenji abre um sorriso torto. Acena para mim com a cabeça.

— Pronta para quebrar umas caras hoje?

Eu o agarro.

— UAU... Ei... Obrigado é... Isso é... Ahn...

Ele limpa a garganta. Tenta se desviar de mim e eu me encolho, me afasto. Cobri meu corpo todo, exceto o rosto; estou usando minhas luvas e meus socos-ingleses e meu traje está fechado até o pescoço. Kenji não costuma me evitar.

— Ei, ahn, talvez você deva evitar tocar em mim por um tempinho, certo?

Kenji tenta sorrir, tenta fazer soar como uma piada, mas sinto o peso de suas palavras, a tensão e a pitada de medo que ele está se esforçando para esconder.

— Não estou em perfeitas condições ainda.

Sinto o sangue me abandonar, deixando-me fraca nos joelhos e precisando sentar.

— Não foi ela — Adam conta. — Você sabe que ela nem tocou em você.

— Eu *não* sei disso, na verdade — Kenji diz. — E não a estou culpando... Estou apenas dizendo que, talvez, ela esteja projetando e não saiba, certo? Porque, da última vez que verifiquei, acho que não tínhamos nenhuma outra explicação para o que aconteceu ontem à noite. Com toda a certeza não foi você — ele fala para Adam — e, merda, pelo que sabemos, a capacidade de Warner tocar em Juliette poderia ser apenas um acaso. Não sabemos nada sobre ele ainda.

Uma pausa. Ele olha ao redor.

— Certo? A menos que Warner tenha tirado algum tipo de coelho mágico da bunda enquanto eu estava ocupado com a morte ontem à noite?

Adam faz uma careta. Eu não digo uma palavra.

— Certo — Kenji continua. — Foi o que pensei. Então, acho melhor eu me afastar, a menos que seja totalmente necessário.

Ele se vira para mim.

— Tudo bem? Sem querer ofender. Quero dizer, quase morri. Acho que você pode me dar uma folga.

Mal consigo ouvir minha própria voz quando respondo:

— Sim, é claro.

Tento rir. Tento descobrir porque não estou contando a eles sobre Warner. Por que ainda o estou protegendo. Provavelmente porque sou tão culpada quanto ele.

— Enfim, *de qualquer forma* — Kenji diz —, quando partiremos?

— Você está louco — Adam fala para ele. — Você não vai a lugar algum.

— Pro diabo que não vou.

— Você mal consegue ficar em pé sozinho! — Adam observa.

E ele está certo. Está claro que Kenji está se inclinando na mesa para ganhar apoio.

— Prefiro morrer lá fora a ficar sentado aqui como uma espécie de idiota.

— Kenji...

— Ei — Kenji diz, interrompendo-me. — Eu ouvi a comoção barulhenta porque Warner conseguiu escapar daqui na noite passada. O que aconteceu?

Adam solta um som estranho. Não é bem uma risada.

— É — ele começa. — Quem é que sabe? Nunca achei boa ideia mantê-lo como refém aqui. Foi uma ideia ainda mais idiota confiar nele.

— Então, primeiro você insulta minha ideia e, depois, insulta Castle, hein?

A sobrancelha de Kenji está torta.

— Foram decisões ruins — Adam afirma. — Ideias ruins. Agora, temos de pagar por elas.

— Bem, como eu deveria saber que Anderson estaria tão disposto a deixar o próprio filho apodrecer no inferno?

Adam encolhe-se e Kenji muda de atitude.

— Ó, ei... Desculpe, cara... Não quis falar assim...

— Esquece — Adam o interrompe.

Seu rosto está duro de repente, frio de repente, distante.

— Talvez você deva voltar à ala médica. Vamos partir logo.

— Não vou para lugar algum além de *fora daqui*.

— Kenji, por favor...

— Não.

— Você não está sendo razoável. Isso não é brincadeira — digo a ele. — Pessoas vão morrer hoje.

Porém, ele ri para mim. Olha para mim como se eu tivesse dito algo indiretamente divertido.

— Desculpe, você está tentando *me* ensinar sobre a realidade da guerra?

Ele balança a cabeça.

— Está esquecendo que fui soldado do exército de Warner? Tem ideia de quanta loucura já vimos?

Ele faz um gesto entre ele e Adam.

— Sei exatamente o que esperar de hoje. Warner era *louco*. Se Anderson for, no mínimo, duas vezes tão ruim quanto o filho, estaremos mergulhando em um banho de sangue. Não posso deixá-los na mão assim.

Mas fico presa a uma frase. Uma palavra. Quero apenas perguntar.

— Ele era tão ruim assim...?

— Quem?

Kenji está me encarando.

— Warner. Ele era tão desumano assim?

Kenji ri alto. Ri mais alto. Dobra a altura. Está praticamente ofegando quando diz:

— Desumano? Juliette, o cara é doente. É um animal. Acho que ele nem sabe o que significa ser humano. Se existe inferno, acho que foi criado especialmente para ele.

É muito difícil tirar essa espada da minha barriga.

Passos apressados.

Viro-me.

Todos devem deixar os túneis em uma fila única na tentativa de mantermos a ordem enquanto saímos deste mundo subterrâneo. Kenji, Adam e eu somos os únicos combatentes que ainda não se juntaram ao grupo.

Todos nós nos levantamos.

— Ei... E então, Castle sabe o que você está fazendo?

Adam está olhando para Kenji.

— Acho que ele não concordaria com a sua saída hoje.

— Castle quer que eu seja feliz — Kenji diz, sem demonstrar emoção. — Não ficarei feliz se permanecer aqui. Tenho trabalho a fazer. Pessoas a salvar. Moças a impressionar. Ele respeitaria essa atitude.

— E o restante das pessoas? — pergunto a ele. — Todos estavam tão preocupados com você... Você já viu alguém? Para, pelo menos, avisar que está bem?

— Não — Kenji responde. — Eles provavelmente não dariam a mínima se soubessem que vou subir. Achei que seria mais seguro não alardear. Não quero assustar ninguém. E Sonya e Sara... pobrezinhas... estão desmaiadas. É culpa minha estarem tão

exaustas, e elas ainda estão falando em sair hoje. Querem lutar, embora vão ter muito trabalho depois de acabarmos com o exército do Anderson. Eu estava tentando convencê-las a ficar aqui, mas elas são tão teimosas. Precisam economizar energia — ele diz — e já desperdiçaram muito comigo.

— Não foi um *desperdício*... — digo a ele.

— Enfiiim — Kenji fala. — Podemos ir, por favor? Sei que você está doido para caçar o Anderson — ele se dirige a Adam —, mas, pessoalmente? Eu adoraria pegar o Warner. Meter uma bala naquele merda imprestável e acabar com isso.

Alguma coisa me dá um soco no estômago com tanta força que tenho medo de ficar enjoada de verdade. Minha visão está falhando, estou me esforçando para ficar em pé, lutando para ignorar a imagem de Warner morto, seu corpo amarrotado em vermelho.

— Ei... Você está bem?

Adam me puxa para o lado. Olha meu rosto com atenção. Seus olhos são forçados a se juntar, tensos de preocupação.

— Estou bem — minto para ele.

Faço que sim com a cabeça vezes demais. Balanço a cabeça uma ou duas vezes.

— Apenas não dormi o bastante ontem à noite, mas ficarei bem.

Ele hesita.

— Tem certeza?

— Absoluta — minto de novo.

Faço uma pausa. Agarro a camisa dele.

— Ei... Tenha cuidado lá fora, combinado?

Ele solta um suspiro pesado. Faz que sim com a cabeça uma vez.

— É. Você também.

— Vamos vamos vamos! — Kenji nos interrompe. — Hoje é o dia da nossa morte, senhoritas.

Adam lhe dá um empurrão. Leve.

— Ó, então agora você está maltratando uma criança aleijada, hein?

Kenji leva um momento para se equilibrar antes de dar um soco no braço de Adam.

— Guarde sua angústia para o campo de batalha, irmão. Vai precisar.

Um apito agudo soa a distância.

É hora de ir.

64

Está chovendo.

O mundo está chorando aos nossos pés, prevendo o que estamos prestes a fazer.

Devemos nos dividir para entrar nos aglomerados, lutar em grupos unidos para não podermos ser todos mortos ao mesmo tempo. Não temos homens suficientes para lutar ofensivamente e, assim, precisamos ser discretos. E, embora sinta uma pontada de culpa por admitir, estou muito feliz por Kenji ter decidido vir conosco. Seríamos mais fracos sem ele.

Mas temos que sair da chuva.

Já estamos ensopados e, embora Kenji e eu estejamos usando trajes que oferecem pelo menos um pouquinho de proteção contra os elementos da natureza, Adam não está usando nada além de roupas básicas de algodão macio e temo que não duremos muito assim. Todos os membros do Ponto Ômega já se dispersaram. A área bem acima do Ponto não é nada além de um pedaço de terra infértil que nos deixa expostos ao sairmos.

Para nossa sorte, temos Kenji. Nós três já estamos invisíveis.

Os homens de Anderson não estão longe daqui.

Tudo o que sabemos é que, desde a chegada de Anderson, ele está fazendo todo o possível para provar seu poder e a mão de ferro do Restabelecimento. Qualquer voz de oposição, não importa o quão fraca ou debilitada, não importa o quão inofensiva ou inócua, foi silenciada. Ele está bravo por nós termos inspirado rebelião e, agora, está tentando mostrar do que é capaz. O que quer de verdade é destruir todos *nós*.

Os pobres civis estão apenas no meio desse ataque de Anderson contra sua própria população.

Tiros.

Automaticamente, vamos na direção do som que ecoa a distância. Não estamos falando nada. Sabemos o que temos de fazer e como temos de agir. Nossa única missão é nos aproximarmos o máximo possível da devastação e, então, derrubar o maior número possível de homens de Anderson. Nós protegemos os inocentes. Nós damos apoio aos nossos colegas do Ponto.

Nós nos esforçamos muito para não morrer.

Posso distinguir os aglomerados ficando mais próximos, mas a chuva dificulta a visão. Todas as cores estão se misturando, misturando-se ao horizonte, e tenho de me esforçar para discernir o que há à nossa frente. Por instinto, toco nas armas presas aos coldres às minhas costas e, por um instante, lembro-me de meu último encontro com Anderson — meu único encontro com o horrível e desprezível homem — e pergunto-me o que aconteceu a ele. Pergunto-me se, talvez, Adam estava certo quando disse que Anderson podia estar ferido com gravidade, que, talvez, ainda estivesse lutando para se recuperar. Pergunto-me se Anderson aparecerá no campo de batalha. Pergunto-me se, talvez, ele é covarde demais para lutar suas próprias guerras.

Os gritos nos dizem que estamos chegando perto.

O mundo ao nosso redor é um cenário borrado de azuis e acinzentados e tons manchados e as poucas árvores ainda em pé têm uma centena de braços trêmulos atravessando seus troncos, lançando-se para o céu como se rezassem, implorassem por um alívio da tragédia onde foram enraizadas. É o suficiente para me deixar com pena das plantas e dos animais forçados a serem testemunhas do que fizemos.

Eles nunca pediram por isso.

Kenji nos guia para os arredores dos aglomerados e deslizamos para ficarmos bem colados à parede de uma das pequenas casas quadradas, amontoados sob o pedaço extra de telhado que, pelo menos por um instante, cede-nos um abrigo temporário contra os punhos cerrados que caem do céu.

O vento atormenta as janelas, forçando-se contra as paredes. A chuva está estalando contra o teto como pipoca sobre um painel de vidro.

A mensagem do céu é clara: estamos irritados.

Estamos irritados e vamos puni-los e faremos com que paguem pelo sangue que derramam sem nenhum controle. Não ficaremos ociosamente indiferentes, não mais. Nunca mais. Vamos arruiná-los, é o que o céu diz para nós.

Como puderam fazer isso comigo?, ele sussurra ao vento.

Eu lhes dei tudo, ele diz para nós.

As coisas nunca mais serão iguais.

Pergunto-me por que ainda não vejo nenhum sinal do exército. Não vejo mais ninguém do Ponto Ômega. Não vejo ninguém mesmo. Na verdade, estou começando a achar que este aglomerado está um pouco pacífico demais.

Estou prestes a sugerir que continuemos em frente quando ouço uma porta ser aberta com um estrondo.

— É a última deles — alguém grita. — Ela estava escondida ali.

Um soldado está arrastando uma mulher, que chora, para fora do aglomerado contra o qual estamos amontoados, e ela está gritando, está implorando por misericórdia e perguntando sobre seu marido, e o soldado berra para ela ficar quieta.

Tenho de evitar que as emoções sejam derramadas pelos meus olhos, minha boca.

Não falo.

Não respiro.

Outro soldado chega correndo de onde não posso ver. Ele grita algum tipo de mensagem de aprovação e faz um movimento com as mãos que não entendo. Sinto Kenji endurecer ao meu lado.

Algo está errado.

— Jogue-a junto com todos os outros — o segundo soldado grita. — E daremos esta área como limpa.

A mulher está histérica. Ela está berrando, enterrando as unhas no soldado, dizendo a ele que não fez nada errado, que não entende, onde está seu marido, ela procurou a filha em toda parte e o que está acontecendo, ela grita, ela berra, ela bate os punhos contra o homem que a pegou como um animal.

Ele pressiona o cano da arma contra o pescoço dela.

— Se você não calar a boca, atiro agora mesmo.

Ela choraminga uma vez, duas vezes e, depois, fica mole. Desmaiou nos braços dele e o soldado parece enojado conforme a puxa fora de vista, para onde quer que estejam mantendo todos os outros. Não faço ideia do que está acontecendo. Não entendo o que está acontecendo.

Nós os seguimos.

O vento e a chuva aumentam seu ritmo e há barulho suficiente no ar e distância suficiente entre os soldados e nós para eu me sentir segura para falar. Aperto a mão de Kenji. Ele ainda é a cola entre Adam e eu, projetando seus poderes para nos manter invisíveis.

— O que você acha que está acontecendo? — pergunto.

Ele não responde logo.

— Estão reunindo todos eles — diz, após um instante. — Estão formando grupos de pessoas para matar de uma vez.

— A mulher...

— Sim.

Eu o ouço limpar a garganta.

— Sim, ela e quem quer que eles pensem que possa estar ligado aos protestos. Não matam apenas os incentivadores — ele me conta. — Matam os amigos e familiares também. É a melhor forma de manter as pessoas na linha. Nunca deixa de apavorar os poucos que são deixados vivos.

Tenho de engolir o vômito que ameaça me prostrar.

— Tem de haver um meio de tirá-los de lá — Adam diz. — Talvez possamos pegar os soldados que estão no comando.

— É, mas, ouçam, vou ter de soltá-los, certo? Já estou meio que perdendo a força; minha energia está acabando mais rápido do que o normal. Então, vocês ficarão visíveis — Kenji avisa. — Serão um alvo mais claro.

— Mas que outra opção nós temos? — pergunto.

— Poderíamos tentar derrubá-los ao estilo atirador de elite — Kenji sugere. — Não precisamos entrar em combate direto. Temos essa opção.

Ele faz uma pausa.

— Juliette, você nunca esteve neste tipo de situação antes. Quero que saiba que respeitaria sua decisão de ficar fora da linha direta de

tiro. Nem todo mundo tem estômago para o que podemos ver se seguirmos esses soldados. Não há vergonha nem culpa nisso.

Sinto um gosto de metal na boca ao mentir:

— Ficarei bem.

Ele fica quieto por um instante.

— Apenas... Tudo bem... Mas não tenha medo de usar suas habilidades para se defender — ele me diz. — Sei que você tem essa coisa estranha de não querer machucar as pessoas ou sei lá, mas esse pessoal não está brincando. Eles *vão* tentar matá-la.

Faço que sim com a cabeça, embora saiba que ele não pode me ver.

— Certo — respondo. — É.

Mas estou completamente em pânico.

— Vamos lá — sussurro.

Não consigo sentir os joelhos.

Há 27 pessoas em linha, uma ao lado da outra, no meio de um campo grande e estéril. Homens e mulheres e crianças de todas as idades. De todos os tamanhos. Todos em pé diante do que poderia ser chamado de esquadrão de fuzilamento. A chuva está desmoronando ao nosso redor, golpeando tudo e todos com gotas duras como ossos. O vento está verdadeiramente furioso.

Os soldados estão decidindo o que fazer. Como matar as pessoas. Como liquidar os 27 pares de olhos voltados bem para frente. Algumas pessoas estão chorando, outras estão tremendo de medo e tristeza e horror, outras ainda estão perfeitamente eretas, estoicas diante da morte.

Um dos soldados dispara um tiro.

O primeiro homem cai no chão e sinto-me como se tivesse sido chicoteada na coluna. Tantas emoções entram em mim e saem no espaço de poucos segundo que tenho medo de desmaiar; estou me agarrando à consciência com um desespero animalesco e tentando engolir as lágrimas, tentando ignorar a dor que me atravessa como uma lança.

Não consigo entender por que ninguém se mexe, por que nós não nos mexemos, por que nenhum dos civis está se mexendo nem que seja para pular fora do caminho e um pensamento me ocorre, percebo que correr, tentar escapar ou tentar revidar simplesmente não é uma opção viável. Eles estão subjugados por completo. Não têm armas. Nenhuma munição de nenhum tipo.

Mas eu tenho.

Tenho uma arma.

Tenho duas, na verdade.

Este é o momento, é agora que temos de nos soltar, é agora que temos de lutar sozinhos, apenas nós três, três crianças anciãs lutando para salvar 26 rostos ou morrer tentando. Meus olhos estão presos em uma menininha que não deve ser muito mais velha que James, com os olhos muito arregalados, muito assustados, a parte da frente das calças já molhada por causa do medo e isso me despedaça, isso me *mata*, e minha mão livre já está procurando a arma quando digo a Kenji que estou pronta.

Vejo o mesmo soldado mirar a arma na próxima vítima quando Kenji nos solta.

Três armas estão erguidas, prontas para atirar, e ouço as balas antes de elas serem soltas no ar, vejo que uma acha seu alvo no pescoço de um soldado e não faço ideia de se é minha.

Agora não importa.

Ainda há cinco soldados a enfrentar e, agora, eles podem nos ver.

Estamos correndo.

Estamos nos desviando das balas disparadas na nossa direção e vejo Adam jogar-se no chão, vejo-o atirar com precisão perfeita e, ainda assim, sem encontrar um alvo. Olho ao redor à procura de Kenji apenas para descobrir que ele desapareceu e fico muito feliz por isso; três soldados caem quase no mesmo instante. Adam aproveita a distração dos soldados que restam e derruba mais um. Atiro no quinto soldado pelas costas.

Não sei se o matei ou não.

Estamos gritando para as pessoas nos seguirem, estamos guiando-as de volta aos aglomerados, berrando para que fiquem abaixadas, para que fiquem fora de vista; dizemos que a ajuda está a caminho e faremos o possível para protegê-las e elas estão

tentando nos alcançar, tocar em nós, agradecer-nos e pegar nossas mãos, mas não temos tempo. Temos de fazê-las correr até um lugar que pelo menos pareça seguro e seguir para onde quer que o restante desta dizimação esteja acontecendo.

Eu ainda não esqueci o único homem que não fomos capazes de salvar. Não me esqueci do número 27.

Nunca mais quero que isso aconteça.

Estamos correndo pelos vários quilômetros de terra reservados a esses aglomerados agora, sem nos preocuparmos em nos esconder ou bolar um plano definitivo. Ainda não conversamos, ainda não discutimos o que fizemos ou o que podemos fazer e apenas sabemos que precisamos continuar em movimento.

Seguimos Kenji.

Ele tece o caminho por um grupo de aglomerados demolidos e sabemos que alguma coisa deu muito errado. Não há sinal de vida em nenhuma parte. As pequenas caixas de metal que costumavam abrigar civis estão destruídas por completo e não sabemos se ainda havia pessoas dentro delas quando isso aconteceu.

Kenji nos diz que precisamos continuar procurando.

Entramos mais no território regulamentado, esses pedaços de terra usados para habitação humana, até ouvirmos passos apressados, um som mecânico suavemente agitado.

Os tanques.

Eles funcionam com eletricidade e, assim, é mais difícil notá-los conforme se movimentam pelas ruas, mas conheço-os bem o suficiente para conseguir reconhecer o monótono barulho elétrico. Adam e Kenji também.

Seguimos o som.

Estamos lutando contra o vento que tenta nos empurrar para fora do caminho e é quase como se ele soubesse, como se o vento tentasse nos proteger do que quer que nos espera do outro lado deste aglomerado. Ele não quer que tenhamos de ver isso. Não quer que tenhamos de morrer hoje.

Algo explode.

Um fogo feroz rasga a atmosfera a menos de 15 metros de onde estamos. Suas chamas lambem a terra, puxando o oxigênio com sua língua, e nem mesmo a chuva consegue ensopar a devastação de uma vez. O fogo chicoteia e agita-se ao vento, enfraquecendo-se apenas o suficiente, rebaixado até à submissão pelo céu.

Precisamos ir para onde quer que esteja esse fogo. Algo aconteceu.

Nossos pés lutam para encontrar tração no solo lamacento e não sinto o frio enquanto corremos, não sinto a umidade, sinto apenas a adrenalina correr pelos braços e pernas, forçando-me a ir em frente, a arma apertada demais em meu punho, pronta de mais para mirar, pronta demais para atirar.

Porém, quando chegamos às chamas, quase deixo cair a arma.

Quase caio no chão.

Quase não acredito em meus olhos.

Mortos mortos mortos por toda parte.

Tantos corpos misturados e entrelaçados na terra que não faço ideia se são dos nossos ou dos deles e estou começando a me perguntar o que isso significa, estou começando a duvidar de mim mesma e desta arma em minha mão e não posso deixar de pensar nesses soldados, penso que podiam ser exatamente como Adam, como milhões de outras almas torturadas e órfãs que simplesmente precisavam sobreviver e pegaram o primeiro emprego que conseguiram.

Minha consciência declarou guerra contra si mesma.

Estou piscando para conter as lágrimas e a chuva e o horror e sei que preciso mexer as pernas, sei que preciso seguir em frente e ser corajosa, tenho de lutar gostando ou não porque não podemos deixar isso acontecer.

Alguém me segura por trás.

Alguém me segura e meu rosto está enterrado no chão e estou chutando, estou tentando gritar, mas sinto a arma ser arrancada da minha mão, sinto um cotovelo na minha coluna e sei que Adam e Kenji se foram, estão envolvidos na batalha, e sei que estou prestes a morrer. Sei que acabou e não parece real, de alguma forma, parece uma história que outra pessoa está contando, como se a morte fosse algo estranho e distante que só vimos acontecer com pessoas que não conhecemos e, com certeza, não acontece comigo, com você, com o restante de nós.

Mas aqui está.

É uma arma na parte de trás da minha cabeça e uma bota apertada contra minhas costas e é minha boca cheia de lama e é

um milhão de momentos sem valor que nunca vivi de verdade e está bem na minha frente. Vejo com muita clareza.

Alguém me vira.

A mesma pessoa que segurou uma arma contra a minha cabeça agora a está apontando para o meu rosto, examinando-me como se quisesse me ler, e eu estou confusa, não entendo seus olhos cinzentos e bravos ou a posição dura da sua boca porque ele não está puxando o gatilho. Ele não está me matando e isso, isso mais do que qualquer coisa me deixa petrificada.

Preciso tirar as luvas.

Meu capturador grita algo que não entendo porque não está falando comigo, não está olhando na minha direção porque está chamando outra pessoa, e uso esse momento de distração para arrancar o soco-inglês de aço da minha mão esquerda apenas para jogá-lo no chão. Preciso tirar minha luva. Preciso tirar minha luva porque é a minha única chance de sobreviver, mas a chuva deixou o couro muito molhado e ele está grudando na minha pele, recusando-se a sair com facilidade, e o soldado vira-se de volta rápido demais. Ele vê o que estou tentando fazer e me puxa para ficar em pé, aplica uma chave de braço em mim e aperta a arma contra meu crânio.

— Sei o que você está tentando fazer, sua aberraçãozinha — ele diz. — Ouvi falar de você. Se você se mexer um centímetro sequer, vou matá-la.

De alguma forma, não acredito nele.

Acho que ele não deve atirar em mim porque, se quisesse, já o teria feito. Porém, ele está esperando alguma coisa. Está esperando alguma coisa que não entendo e preciso agir rápido. Preciso de um plano, mas não faço ideia do que fazer e estou apenas enterrando as unhas no braço coberto dele, no músculo que ele prendeu ao redor do meu pescoço, e ele me balança, grita para que pare de me

contorcer e aperta-me mais para impedir-me de respirar, e meus dedos estão agarrados em volta do antebraço dele, tentando lutar contra o aperto de torno que ele tem sobre mim e não consigo respirar e estou em pânico; de repente, não tenho tanta certeza de que ele não vá me matar e nem percebo o que fiz até ouvi-lo gritar.

Eu esmaguei todos os ossos do braço dele.

Ele cai no chão, deixa cair a arma para segurar o braço e está gritando com uma dor tão aguda que quase sou tentada a sentir remorso pelo que fiz.

Em vez disso, corro.

Apenas percorri uns poucos metros até que mais três soldados trombam em mim, alertados pelo que fiz ao colega deles, e eles veem meu rosto e são iluminados pelo reconhecimento. Um deles parece vagamente familiar, quase como se eu tivesse visto seu cabelo castanho e bagunçado antes e percebo: eles me conhecem. Esses soldados me conheceram quando Warner me manteve presa. Warner fez de mim um espetáculo completo. É claro que iriam reconhecer meu rosto.

E não vão me soltar.

Os três estão me empurrando de cara no chão, segurando meus braços e minhas pernas até eu estar certa de que decidiram arrancá-los. Estou tentando resistir, estou tentando colocar minha cabeça no lugar certo para concentrar minha energia e estou prestes a derrubá-los, mas, então...

...uma pancada aguda na minha cabeça e quase fico completamente inconsciente.

Os sons estão se misturando, as vozes estão virando uma grande bagunça de barulhos e não vejo cores, não sei o que está acontecendo comigo porque não sinto mais as pernas. Nem sei se estou andando ou sendo carregada, mas sinto a chuva. Sinto-a cair

rápido na superfície do meu rosto até ouvir o som de metal no metal, ouvir um barulho monótono e elétrico bem conhecido e, depois, a chuva para, desaparece do céu e sei apenas duas coisas e apenas uma dela com certeza.

Estou em um tanque.

Vou morrer.

67

Ouço mensageiros dos ventos.

Ouço mensageiros dos ventos sendo soprados até a histeria por um vento tão violento que é uma ameaça real e tudo em que consigo pensar é que o tilintar é incrivelmente familiar para mim. Minha cabeça ainda está girando, mas tenho de me manter o mais alerta possível. Tenho de saber para onde estão me levando. Tenho de ter alguma ideia de onde estou. Preciso ter um ponto de referência e estou me esforçando para manter a cabeça reta sem revelar que estou consciente.

Os soldados não conversam.

Estava esperando pelo menos extrair algumas informações das conversas que eles pudessem ter, mas não dizem uma palavra uns para os outros. São como máquinas, como robôs programados para seguir em frente com uma tarefa específica, e eu me pergunto, sou muito curiosa, não consigo entender por que tive de ser arrastada para longe do campo de batalha para ser morta. Pergunto-me por que minha morte tem de ser tão especial. Pergunto-me por que eles estão me carregando para fora do tanque na direção do caos de um mensageiro dos ventos nervoso e ouso abrir os olhos apenas um pouquinho e quase solto um grito.

É a casa.

É a casa, a casa em território não regulamentado, a que foi pintada no tom perfeito de azul como um ovo de tordo americano e é a única casa tradicional e habitável em um raio de um quilômetro. É a mesma casa que Kenji disse que devia ser uma armadilha, é a casa onde eu estava certa de que encontraríamos o pai de Warner e é quando eu entendo. Uma marreta. Um trem-bala. Um golpe de entendimento esmaga meu cérebro.

Anderson deve estar aqui. Ele deve querer me matar com as próprias mãos.

Sou uma entrega especial.

Eles até tocam a campainha.

Ouço passos arrastados. Ouço rangidos e gemidos. Ouço o vento estalando pelo mundo e, depois, vejo meu futuro, vejo Anderson torturando-me até a morte de todas as maneiras possíveis e pergunto-me como vou sair desta situação. Anderson é muito esperto. Ele provavelmente vai me acorrentar ao chão e cortar minhas mãos e meus pés um por vez. É provável que ele queira aproveitar a experiência.

Ele abre a porta.

— Ah! Cavalheiros. Muito obrigado — diz. — Por favor, sigam-me.

E sinto o soldado que está me carregando reequilibrar seu peso sob meu corpo molhado, mole e, de repente, pesado. Estou começando a sentir um arrepio frio invadir meus ossos e percebo que passei tempo demais correndo sob a chuva.

Estou tremendo e não é de medo.

Estou queimando e não é de raiva.

Estou delirando tanto que, mesmo se tivesse força para me defender, não tenho certeza de que conseguiria fazê-lo direito. É incrível a quantidade de maneiras como eu poderia chegar ao meu fim hoje.

Anderson tem um aroma terroso e de riqueza; posso sentir o cheiro dele, apesar de estar sendo carregada por outra pessoa e é perturbadoramente agradável. Ele fecha a porta atrás de nós logo depois de aconselhar os soldados que esperam para voltar ao

trabalho. O que é, na essência, uma ordem para eles irem matar mais pessoas.

Acho que estou começando a ter alucinações.

Vejo uma lareira quente do tipo que vi apenas em livros. Vejo uma sala de estar confortável com sofás macios e peludos e um tapete oriental espesso enfeitando o chão. Vejo o lintel da lareira com fotos que não reconheço daqui e Anderson está me mandando acordar, está dizendo você precisa tomar um banho, você se sujou bastante, não foi, e assim não será possível, será? Vou precisar que você fique acordada e totalmente coerente ou não será muito divertido, ele diz, e estou quase certa de que estou perdendo a cabeça.

Sinto as batidas, batidas, batidas de passos pesados subindo pelo poço de uma escada e percebo que meu corpo está se mexendo com elas. Ouço uma porta ser aberta com um gemido, ouço o arrastar de outros pés e estão sendo ditas palavras que não consigo mais distinguir. Alguém diz algo a alguém e sou largada em um chão frio e duro.

Ouço-me choramingar.

— Tenha cuidado para não tocar na pele dela — é a única frase que consigo entender em sequência.

Todo o restante é “banho” e “dormir” e “pela manhã” e “não, acho que não” e “muito bom”, e ouço outra porta ser batida. É a que está bem perto da minha cabeça.

Alguém está tentando tirar meu traje.

Eu o agarro tão rápido que dói; sinto algo passar queimando pelo meu corpo, pela minha cabeça, até atingir-me bem no olho e sei que sou uma mistura de muitas coisas agora. Não consigo me lembrar da última vez em que comi e não durmo de verdade há mais de 24 horas. Meu corpo está ensopado, minha cabeça está latejando de dor, meu corpo foi torcido e pisoteado e estou dolorida de um milhão

de maneiras diferentes. Mas não permitirei que nenhum homem estranho tire minhas roupas. Eu preferiria morrer.

Porém, a voz que escuto desta vez não é nem um pouco masculina. Soa suave e gentil, maternal. Ela está falando comigo em um idioma que não entendo, mas, talvez, seja apenas a minha cabeça que não consegue entender nada. Ela solta sons tranquilizadores, esfrega as mãos nas minhas costas, fazendo pequenos círculos. Ouço uma corrente de água e sinto o calor aumentar ao meu redor e está muito quente, parece vapor e acho que este lugar deve ser um banheiro, ou uma banheira, e não posso deixar de pensar que não tomo um banho quente desde que estava na sede com Warner.

Tento abrir os olhos e não consigo.

É como se duas bigornas estivessem sobre minhas pálpebras, como se tudo estivesse preto e bagunçado e confuso e exaustivo e consigo apenas entender as circunstâncias gerais da minha situação. Vejo através de um espaço um pouco maior que duas fendas; vejo apenas a porcelana brilhante do que suponho ser uma banheira e rastejo até lá, apesar dos protestos em minha orelha e subo.

Eu tombo direto na água quente toda vestida, luvas e botas e traje intactos e é um prazer inacreditável que não esperava vivenciar.

Meus ossos começam a descongelar e meus dentes estão diminuindo suas batidas e meus músculos estão aprendendo a relaxar. Meu cabelo flutua em torno do meu rosto e sinto-o fazer cócegas no meu nariz.

Eu afundo da superfície.

EU PEGO NO SONO.

Acordo em uma cama feita de paraíso e estou usando roupas que pertencem a um garoto.

Estou aquecida e confortável, mas ainda posso sentir um rangido em meus ossos, a dor em minha cabeça, a confusão que obscurece minha mente. Sento-me. Olho ao redor.

Estou no quarto de alguém.

Estou emaranhada em roupas de cama azuis e laranja decoradas com pequenas luvas de beisebol. Há uma pequena escrivaninha com uma pequena cadeira ao lado e há uma cômoda, uma coleção de troféus de plástico arrumada em filas perfeitamente retas em cima. Vejo uma porta simples de madeira com uma maçaneta de latão tradicional que deve levar para fora; vejo um conjunto deslizante de espelhos que deve estar escondendo um guarda-roupa. Olho para a direita e acho um pequeno criado-mudo com um despertador e um copo de água e eu o pego.

É quase constrangedora a velocidade com que sugo o conteúdo.

Desço da cama apenas para descobrir que estou usando shorts de ginástica azul-marinhos, tão baixos na minha cintura que tenho medo de que caiam. Estou usando uma camiseta cinza com uma espécie de logo e estou nadando no pano extra. Não tenho meias. Nem luvas. Nem roupa de baixo.

Não tenho nada.

Pergunto-me se tenho permissão para sair e decido que vale a pena tentar. Não tenho ideia do que estou fazendo aqui. Não tenho ideia de por que ainda não estou morta.

Congelo diante das portas espelhadas.

Meu cabelo foi bem lavado e cai em ondas grossas e macias ao redor do rosto. Minha pele está radiante e, com exceção de alguns arranhões, relativamente sem ferimentos. Meus olhos estão arregalados; uma mistura estranha e vibrante de verde e azul piscando para mim, surpresos e surpreendentemente sem medo.

Mas meu pescoço.

Meu pescoço é uma bagunça roxa, um grande machucado que descolore toda a minha aparência. Não tinha percebido o quanto fui estrangulada até a morte ontem — acho que foi ontem — e apenas agora percebo o quanto dói para engolir. Tomo um fôlego cortante e forço-me a ir além dos espelhos. Preciso encontrar uma forma de sair daqui.

A porta abre quando a toco.

Olho ao redor pelo corredor procurando um sinal de vida. Nem faço ideia de que horário do dia é ou no que me meti. Não sei se existe alguém nesta casa além de Anderson — e quem quer que tenha me ajudado no banheiro —, mas preciso avaliar minha situação. Tenho de determinar exatamente quanto perigo estou correndo antes de tramar um plano para lutar e sair.

Tento descer as escadas em silêncio, na ponta dos pés.

Não funciona.

Os degraus rangem e gemem sob meu peso e mal tenho chance de recuar antes de ouvi-lo chamar meu nome. Ele está no andar de baixo.

Anderson está no andar de baixo.

— Não seja tímida — ele diz.

Eu ouço o farfalhar de algo que parece papel.

— Tenho comida para você e você deve estar faminta.

De repente, meu coração está pulsando na minha garganta. Penso que escolha tenho, que opções devo considerar e decido que não posso me esconder dele em seu próprio esconderijo.

Encontro-o no andar inferior.

Ele é o mesmo homem bonito de antes. O cabelo perfeito e brilhante, as roupas novas, limpas, profissionalmente passadas. Ele está sentado na sala de estar em uma das poltronas macias com um cobertor dobrado sobre o colo. Reparo em uma muleta maravilhosa, de aparência rústica, com entalhes intrincados inclinada contra o apoio de braço. Ele tem uma pilha de papéis na mão.

Sinto cheiro de café.

— Por favor — ele fala para mim, nem um pouco surpreso com minha aparência estranha e selvagem. — Sente-se.

Eu me sento.

— Como está se sentindo? — pergunta.

Levanto os olhos. Não respondo.

Ele balança a cabeça para cima e para baixo.

— Sim, bem, tenho certeza de que está muito surpresa em me ver aqui. É uma casinha adorável, não é?

Ele olha ao redor.

— Mantive-a preservada logo depois de levar minha família para o que é agora o Setor 45. Esse setor devia ser meu, no final das contas. Acabou se revelando o lugar ideal para guardar minha esposa.

Ele balança a mão.

— Parece que ela não se dá muito bem nos aglomerados — conta, como se eu devesse ter alguma ideia do que ele está falando.

Guardar a esposa?

Não sei por que permito que qualquer palavra saída da boca dele me surpreenda.

Anderson parece perceber minha confusão. Ele parece achá-la divertida.

— Devo entender que meu garoto apaixonado não lhe contou sobre sua amada mãe? Ele não discorreu por horas e horas sobre seu amor patético pela criatura que lhe deu à luz?

— O quê? — é a primeira palavra que falo.

— Estou chocado de verdade — Anderson afirma, sorrindo como se não estivesse nem um pouco chocado. — Ele não se deu ao trabalho de mencionar que tem uma mãe doente e fraca que mora nesta casa? Ele não contou que foi por isso que quis o posto aqui, neste setor, com tanto desespero? Não? Não lhe contou nada sobre isso?

Ele levanta a cabeça.

— Estou tão chocado — ele mente de novo.

Estou tentando controlar a velocidade das batidas do meu coração, tentando descobrir por que diabos ele está me contando isso, tentando ser mais esperta que ele, mas ele está se saindo superbem na tarefa de me confundir pra burro.

— Quando fui escolhido como comandante supremo — ele continua —, ia deixar a mãe de Aaron aqui e levá-lo comigo ao Capitólio. Mas o garoto não quis abandonar a mãe. Ele queria cuidar dela. Não queria deixá-la. Ele precisava *ficar* com ela como uma

criança idiota — diz, subindo o tom da voz no final, esquecendo a maneira como sempre se comporta.

Ele engole em seco. Recupera a compostura.

E estou esperando.

Esperando pela bigorna que ele está preparando para jogar na minha cabeça.

— Ele contou quantos outros soldados queriam ficar encarregados do Setor 45? Entre quantos ótimos candidatos tivemos de escolher? Ele tinha apenas 18 anos!

Ele ri.

— Todos pensaram que ele havia enlouquecido. Mas eu lhe dei uma chance — Anderson diz. — Pensei que poderia ser bom para ele assumir esse tipo de responsabilidade.

Ainda esperando.

Um suspiro profundo e satisfeito.

— Ele já lhe contou — Anderson começa — o que teve de fazer para provar seu merecimento?

Aí está.

— Ele já contou o que eu o obriguei a fazer para ganhar o cargo?

Sinto-me morta por dentro.

— Não — Anderson diz, com os olhos brilhantes, brilhantes demais. — Suspeito que ele não tenha desejado mencionar essa parte, certo? Aposto que ele não incluiu essa parte do seu passado, não é?

Não quero ouvir isso. Não quero saber isso. Não quero ouvir mais...

— Não se preocupe — Anderson fala. — Não vou estragar a surpresa. É melhor deixá-lo compartilhar esses detalhes com você por conta própria.

Não estou calma mais. Não estou calma e, oficialmente, comecei a entrar em pânico.

— Voltarei para a base logo mais — Anderson comenta, examinando seus papéis, sem parecer se importar em ter uma conversa inteiramente de mão única comigo. — Não suporto estar sob o mesmo teto que a mãe dele por muito tempo... Não me dou bem com os doentes, infelizmente... Mas este lugar revelou ser um acampamentozinho conveniente nas circunstâncias atuais. Tenho usado a casa como base a partir de onde supervisiono o que acontece nos aglomerados.

A batalha.

A luta.

O derramamento de sangue e Adam e Kenji e Castle e todos que deixei para trás.

Como eu poderia esquecer...

As horripilantes, aterrorizantes possibilidades estão surgindo na minha mente. Não faço ideia do que aconteceu. Se eles estão bem. Se eles sabem que estou viva. Se Castle conseguiu levar Brendan e Winston de volta.

Se alguém que eu conheço morreu.

Meus olhos estão enlouquecidos, lançando-se de um lado ao outro. Fico em pé, convencida de que tudo isso é apenas uma armadilha elaborada, que, talvez, alguém venha me espancar por

trás ou alguém esteja esperando na cozinha com uma faca de açougueiro, e não consigo recuperar o fôlego, estou ofegante e estou tentando entender o que fazer o que fazer o que fazer e digo:

— O que estou fazendo aqui? Por que você me trouxe para cá? Por que ainda não me matou?

Anderson olha para mim. Levanta a cabeça. Fala:

— Estou muito chateado com você, Juliette. Muito, muito triste.

Ele diz:

— Você fez uma coisa muito ruim.

“O quê?” parece ser a única pergunta que sei fazer.

— Do que está falando?

Por um louco instante, pergunto-me se ele sabe o que aconteceu com Warner. Quase me sinto corar.

Porém, ele respira fundo. Pega a bengala apoiada na poltrona. Tem de usar toda a parte de cima do copo para se levantar. Está tremendo, mesmo com a bengala para apoiá-lo.

Ele está aleijado.

Diz:

— Você fez isto comigo. Conseguiu me dominar. Atirou nas minhas pernas. Quase atirou no meu coração. E sequestrou meu filho.

— Não — ofego —, isso não foi...

— Você fez isto comigo — ele me interrompe. — E, agora, quero uma compensação.

Respirando. Tenho de me lembrar de continuar respirando.

— É bastante extraordinário — Anderson comenta — o que você conseguiu fazer totalmente sozinha. Havia apenas três pessoas naquela sala — ele diz. — Você, eu e meu filho. Meus soldados estavam observando a área toda, alertas para qualquer pessoa que pudesse vir com você e me disseram que você estava completamente sozinha.

Uma pausa.

— Eu, na verdade, pensei que você viria com uma equipe, sabe? Não achei que seria corajosa o suficiente para me encontrar sozinha. Mas, então, você me desarmou sem ajuda de ninguém e levou seus reféns de volta. Teve de carregar dois homens, sem contar meu filho, até um lugar seguro. Como conseguiu fazer isso está totalmente além da minha compreensão.

E eu percebo: a escolha é simples.

Ou eu conto a ele a verdade sobre Kenji e Adam e arrisco fazer Anderson ir atrás deles, ou assumo toda a responsabilidade.

Assim, olho nos olhos de Anderson.

Faço que sim com a cabeça. Digo:

— Você me chamou de menininha tola. Disse que eu era covarde demais para me defender.

Ele parece desconfortável pela primeiríssima vez. Parece perceber que é provável que eu consiga fazer a mesma coisa de novo com ele; agora, se eu quiser.

E eu penso, sim, é provável que eu consiga. Que ideia excelente.

Mas, por enquanto, ainda tenho uma estranha curiosidade para ver o que ele quer de mim. Por que está conversando comigo. Não estou preocupada em atacá-lo agora; sei que tenho uma vantagem sobre ele. Devo conseguir surpreendê-lo com facilidade.

Anderson limpa a garganta.

— Eu planejava voltar ao Capitólio — conta.

Respira fundo.

— Mas claramente meu trabalho aqui não está terminado. Seu pessoal está tornando as coisas infinitamente mais complicadas e está ficando cada vez mais difícil simplesmente matar todos os civis.

Uma pausa.

— Bem, não, na verdade, isso é mentira. Não é difícil matá-los, é apenas que está ficando impraticável.

Ele olha para mim.

— Se eu matasse todos, não teria ninguém para governar, teria?

Ele começa mesmo a gargalhar. Gargalhar como se tivesse dito algo engraçado.

— O que você quer de mim? — pergunto.

Ele respira fundo. Está sorrindo.

— Devo admitir, Juliette... Estou muitíssimo impressionado. Você sozinha foi capaz de me dominar. Teve capacidade de planejamento suficiente para pensar em levar meu filho como refém. Salvou dois dos seus homens. Provocou um *terremoto* para salvar o restante da sua equipe!

Ele ri. E ri e ri e ri.

Não me dou ao trabalho de contar a ele que apenas duas dessas afirmações são verdadeiras.

— Vejo agora que meu filho tinha razão. Você poderia ser valiosa para nós, em especial agora. Conhece o interior da sede deles melhor do que qualquer coisa que Aaron seja capaz de lembrar.

Então Warner foi ver o pai.

Compartilhou nossos segredos. É claro que sim. Não posso imaginar por que estou tão surpresa.

— Você — Anderson diz para mim — poderia me ajudar a destruir todos os seus amiguinhos. Poderia me contar tudo de que preciso saber. Poderia me contar tudo sobre as outras aberrações, do que são capazes, quais são seus pontos fortes e fracos. Poderia me levar ao esconderijo. Você faria tudo que eu lhe pedisse.

Quero cuspir na cara dele.

— Eu preferiria morrer — digo a ele. — Preferiria ser queimada viva.

— Ó, duvido muito disso — ele responde.

Ele apoia seu peso na bengala para se segurar melhor em pé.

— Acho que você mudaria de ideia se tivesse mesmo a oportunidade de sentir a pele derreter e escorrer do seu rosto. Mas — ele fala —, não sou indelicado. Com certeza não vou descartar essa opção, se você estiver tão interessada de verdade.

Homem horrível, horrível.

Ele sorri, com um sorriso largo, satisfeito com meu silêncio.

— Sim, foi o que pensei.

A porta da frente é aberta de repente.

Não me mexo. Não me viro. Não sei se quero ver o que está prestes a acontecer comigo, mas, então, ouço Anderson cumprimentar o visitante. Convidá-lo a entrar. Pedir que ele cumprimente sua nova hóspede.

Warner anda até a minha linha de visão.

De repente, fico fraca até os ossos, enjoada e levemente mortificada. Warner não diz uma palavra. Está usando seu terno perfeito com seu cabelo perfeito e parece exatamente o Warner que vi pela primeira vez; a única diferença agora é seu olhar. Ele está me encarando em um estado de choque tão debilitante que chega a parecer doente.

— Vocês se lembram um do outro, não, crianças?

Anderson é o único que ri.

Warner está respirando como se tivesse escalado várias montanhas, como se não conseguisse entender o que está vendo ou por que está vendo isso e está olhando para o meu pescoço, ao que deve ser o feio machucado cheio de manchas que suja minha pele, e o rosto dele se contorce em algo que parece raiva e horror e coração partido. Os olhos dele descem para a minha camiseta, para os meus shorts e sua boca se abre apenas o suficiente para que eu note antes de ele ter controle sobre si mesmo, varrendo as emoções para fora de seu rosto. Ele está se esforçando para permanecer sereno, mas posso ver os movimentos rápidos do seu peito subindo e descendo. Sua voz não está nem de longe tão forte quanto poderia quando ele diz:

— O que ela está fazendo aqui?

— Mandei recolherem-na para nós — Anderson diz simplesmente.

— Para quê? — Warner pergunta. — Você disse que não a queria...

— Bem — Anderson começa, pensando. — Não é totalmente verdade. Eu com certeza colheria benefícios tendo-a por perto, mas decidi no último instante que não estava mais interessado na companhia dela.

Ele balança a cabeça. Baixa o olhar para as próprias pernas. Suspira.

— É tão *frustrante* estar aleijado assim — fala, rindo de novo. — É tão inacreditavelmente *frustrante*. Mas — ele diz, sorrindo —, pelo menos, encontrei uma maneira rápida e fácil de consertar isso. Voltar tudo ao normal, como dizem. Será como mágica.

Algo nos olhos dele, o sorriso doentio na sua voz, a maneira como diz a última frase me deixa enjoada.

— O que quer dizer? — pergunto, quase com medo de ouvir a resposta.

— Estou surpreso por você ter de perguntar, querida. Quero dizer, honestamente... Você achou mesmo que eu não iria reparar no ombro novo em folha do meu filho?

Ele ri.

— Pensou que eu não acharia estranho vê-lo voltar para casa não apenas ileso, mas completamente *curado*? Sem cicatrizes, sem áreas sensíveis, sem fraquezas... Como se nunca tivesse levado um tiro! É um milagre — ele afirma. — Um milagre, meu filho me contou, que foi executado por duas de suas aberraçõezinhas.

— Não.

O horror está crescendo dentro de mim, cegando-me.

— Ó sim.

Ele dirige um olhar para Warner.

— Não foi assim, filho?

— Não — eu ofego. — Ó, meu Deus... O que você fez... ONDE ELAS ESTÃO...

— Acalme-se — Anderson diz para mim. — Elas estão perfeitamente a salvo. Eu apenas mandei recolherem-nas, como você foi recolhida. Preciso que fiquem vivas e bem se vão me curar, não acha?

— Você sabia disso? — viro-me para Warner, furiosa. — Você fez isso? Você sabia...

— Não... Juliette — ele responde —, eu juro... não foi ideia minha...

— Vocês dois estão se agitando sem motivo — Anderson diz, balançando a mão preguiçosa na nossa direção. — Temos coisas mais importante em que nos concentrar agora. Assuntos mais urgentes com que lidar.

— Do que — Warner começa — você está falando?

Ele não parece estar respirando.

— Justiça, filho.

Anderson está olhando para mim agora.

— Estou falando de justiça. Gosto da ideia de acertar as coisas. De colocar ordem no mundo de novo. E estava esperando a sua chegada para poder mostrar exatamente o que quis dizer. Isso — ele fala — é o que eu deveria ter feito da primeira vez.

Ele olha para Warner.

— Está ouvindo? Preste muita atenção agora. Está observando?

Ele puxa uma arma.

E atira no meu peito.

Meu coração explodiu.

Sou jogada para trás, tropeçando em meus próprios pés até atingir o chão, minha cabeça batendo contra o chão acarpetado, meus braços ajudando pouco para amortecer a queda. É uma dor que nunca senti antes, uma dor que nunca pensei que pudesse sentir, nunca nem teria imaginado. É como se uma dinamite tivesse explodido em meu peito, como se tivesse sido incendiada de dentro para fora e, de repente, tudo desacelera.

Então essa, eu penso, é a sensação de morrer.

Estou piscando e parece demorar uma eternidade. Vejo uma série de imagens sem foco à minha frente, cores e corpos e luzes agitando-se, movimentos afetados misturam-se, borrados. Os sons são deformados, deturpados, altos demais e baixos demais para que eu ouça com clareza. Explosões geladas, elétricas, oscilam pelas minhas veias, como se cada parte do meu corpo tivesse adormecido e estivesse tentando acordar de novo.

Há um rosto à minha frente.

Tento me concentrar na forma, nas cores, tento colocar tudo em foco, mas é difícil demais e, de repente, não consigo respirar, de repente, sinto como se houvesse facas na minha garganta, buracos perfurados em meus pulmões e, quanto mais pisco, menos clara fica minha visão. Logo, consigo apenas tomar fôlegos muito nervosos, pequenos fôlegos que me lembram de quando era criança, quando os médicos disseram que eu sofria de ataques de asma. Eles estavam errados, no entanto; minha respiração curta não tinha nada a ver com asma. Tinha a ver com pânico e ansiedade e hiperventilação. Porém, o que estou sentindo agora é muito parecido com o que vivi na época. É como tentar inspirar oxigênio através de um canudo minúsculo. Como se os pulmões estivessem

simplesmente se fechando, saindo de férias. Sinto a tontura me dominar, a sensação de quase desmaio me dominar. E a dor, a dor, *a dor*. A dor é terrível. A dor é o pior. A dor parece nunca acabar.

De repente, fico cega.

Eu sinto em vez de ver o sangue, sinto-o escorrer de mim conforme pisco e pisco e pisco em uma tentativa desesperada de recuperar a visão. No entanto, não consigo ver nada além de um nevoeiro branco. Não ouço nada além das batidas nos meus tímpanos e a minha respiração ofegante ofegante ofegante, curta e frenética, e sinto-me quente, muito quente, o sangue do meu corpo ainda tão fresco e quente e formando uma poça sob mim, por toda a minha volta.

A vida está vazando de mim e isso me faz pensar na morte, pensar em como foi curta a vida que vivi e o quão pouco vivi dela. Como passei a maior parte dos meus anos acovardada e com medo, sem nunca me defender, sempre tentando ser o que outra pessoa queria que eu fosse. Por 17 anos, tentei me forçar a caber em um molde que eu esperava que fosse fazer as outras pessoas se sentirem confortáveis, seguras, sem ameaça.

E isso nunca ajudou.

Morrerei sem ter alcançado nada. Ainda sou uma ninguém. Não sou nada além de uma menininha tola sangrando até a morte no chão de um homem psicótico.

E eu penso, se pudesse fazer tudo de novo, faria de um jeito tão diferente.

Seria melhor. Faria algo com a minha vida. Faria a diferença neste mundo triste, triste.

E começaria matando Anderson.

Que grande pena eu já estar tão perto da morte.

71

Meus olhos se abrem.

Estou olhando ao redor e admirando-me com essa estranha versão de vida após a morte. Que estranho Warner estar aqui, eu aparentemente ainda não conseguir me mexer, ainda sentir uma dor tão extraordinária. Ainda mais estranho ver Sonya e Sara em frente a mim. Nem consigo fingir entender a presença delas nesta cena.

Estou ouvindo coisas.

Sons estão começando a chegar com mais clareza e, como não consigo levantar a cabeça e olhar ao redor, tento, em vez disso, concentrar-me no que estão dizendo.

— Vocês têm que fazer! — Warner grita.

— Mas não podemos... Não podemos t-tocar nela — Sonya está dizendo, engasgando para conter as lágrimas. — Não temos como ajudá-la...

— Não acredito que ela esteja mesmo morrendo — Sara ofega. — Não achei que você estivesse dizendo a verdade...

— Ela não está morrendo! — Warner diz. — Ela não vai morrer! Por favor, escutem, estou dizendo a vocês — ele fala, desesperado agora —, vocês podem ajudá-la... Estou tentando explicar — ele continua —, tudo o que precisam fazer é tocar em mim e eu posso pegar o poder de vocês... Posso transferir, posso controlar e redirecionar sua energia...

— Isso não é possível — Sonya diz. — Isso não é... Castle nunca disse que podíamos fazer isso... Ele teria nos dito se pudéssemos fazer isso.

— Jesus, por favor, apenas me escutem — ele diz, com a voz falhando. — Não estou tentando enganá-las...

— Você nos sequestrou! — as duas gritam ao mesmo tempo.

— Não fui eu! Não fui eu que sequestrei vocês...

— Como devemos confiar em você? — Sara pergunta. — Como sabemos que não foi você quem fez isso com ela?

— Por que não se importam?

Ele está respirando com muita dificuldade agora.

— Como podem não se importar? Por que não se importam com ela estar sangrando até morrer? Pensei que fossem amigas dela...

— É claro que nos importamos! — Sara afirma, com a voz sumindo na última palavra. — Mas como podemos ajudá-la agora? Aonde podemos levá-la? Para quem podemos levá-la? Ninguém pode tocar nela e ela já perdeu muito sangue... Olhe para o seu...

Uma inspiração cortante.

— Juliette?

Passos batem batem batem no chão. Apressam-se em volta da minha cabeça. Todos os sons estão batendo uns nos outros, colidindo de novo, girando ao meu redor. Não acredito que ainda não estou morta.

Não tenho ideia de quanto tempo faz que estou deitada aqui.

— Juliette? JULIETTE...

A voz de Warner é uma corda à qual quero me agarrar. Quero pegá-la e amarrá-la em torno da minha cintura e que ele me puxe para fora deste mundo paralisado onde estou presa. Quero dizer para ele não se preocupar, que está tudo bem, que vou ficar bem

porque aceitei a situação, estou pronta para morrer agora, mas não consigo. Não consigo dizer nada. Ainda não consigo respirar, mal consigo formar palavras com os lábios. Tudo que posso fazer é continuar com a respiração curta e torturante e imaginar por que meu corpo ainda não desistiu.

De repente, Warner está sobre meu corpo sangrento, com cuidado para não permitir que seu peso toque em mim, e ele arregaça minhas mangas. Pega meus braços nus e diz:

— Você vai ficar bem. Vamos consertar isso... Elas vão me ajudar a consertar isso e você... Você vai ficar bem.

Respiração profunda.

— Você vai ficar perfeita. Está me ouvindo? Juliette, você consegue me ouvir?

Eu pisco para ele. Eu pisco e pisco e pisco para ele e descubro que ainda estou fascinada por seus olhos. Um tom tão surpreendente de verde.

— Vocês duas, segurem meus braços — ele grita para as garotas, com as mãos ainda presas com firmeza aos meus ombros. — Agora! Por favor! Estou *implorando*...

E, por algum motivo, elas escutam.

Talvez vejam algo nele, vejam algo em seu rosto, em seus traços. Talvez vejam o que eu vejo desta perspectiva desconjuntada e embaçada. O desespero da expressão dele, a angústia talhada em seus traços, a maneira como olha para mim, como se pudesse morrer se eu morresse.

E não posso deixar de pensar que este é um interessante presente de despedida do mundo.

O fato de que, pelo menos, no fim, não morrerei sozinha.

72

Estou cega de novo.

O calor está sendo derramado em mim com tal intensidade que literalmente tirou minha visão. Não consigo sentir nada além do calor, calor, calor enorme que flui por meus ossos, meus nervos, minha pele, minhas células.

Tudo está pegando fogo.

No início, penso que é o mesmo calor do meu peito, a mesma dor do buraco onde meu coração costumava estar, mas, depois, percebo que, na verdade, este calor não dói. É um calor do tipo tranquilizador. Muito potente, muito intenso, mas, de alguma forma, é bem-vindo. Meu corpo não quer rejeitá-lo. Não quer se encolher para longe dele, não está procurando uma maneira de se proteger dele.

Na verdade, sinto minhas costas se erguerem do chão quando o fogo atinge meus pulmões. De repente, estou tomando fôlegos enormes, violentos e hiperventilados, tragando grandes goles de ar como se fosse chorar se não fizer isso. Estou bebendo oxigênio, devorando-o, engasgando com ele, tomando-o o mais rápido possível, meu corpo todo arfando conforme se esforça para voltar ao normal.

Meu peito parece estar sendo costurado de volta, como se a pele estivesse se regenerando, curando-se em um ritmo inumano, e estou piscando e respirando e estou mexendo a cabeça e tentando ver, mas ainda está muito embaçado, ainda indistinto, mas está ficando mais fácil. Posso sentir os dedos dos pés e das mãos e a vida em meus braços e em minhas pernas e posso mesmo ouvir meu coração bater de novo e, de repente, os rosto sobre mim entram em foco.

De uma vez, o calor desaparece.

As mãos saem.

Eu caio de volta no chão.

E tudo fica preto.

73

Warner está dormindo.

Sei disso porque ele está dormindo bem ao meu lado. Está escuro o suficiente para eu precisar de muitas tentativas de piscar e abrir os olhos e entender que não estou cega desta vez. Tenho um vislumbre do lado de fora da janela e descubro a lua cheia até a borda, derramando luz neste pequeno quarto.

Ainda estou aqui. Na casa de Anderson. No que, provavelmente, costumava ser o quarto de Warner.

E ele está adormecido no travesseiro bem ao meu lado.

Seus traços ficam tão suaves, tão etéreos à luz da lua. Seu rosto está enganadoramente calmo, muito despretensioso e inocente. E penso no quão impossível é ele estar aqui, deitado ao meu lado. Eu estar aqui, deitada ao lado dele.

Estarmos deitados na cama da infância dele juntos.

Ele ter salvado minha vida.

Impossível é uma palavra tão idiota.

Eu me mexo quase nada e Warner reage na mesma hora, sentando-se ereto, com o peito arfando, os olhos piscando. Olha para mim, vê que estou acordada, que meus olhos estão abertos e congela no lugar.

Há tantas coisas que quero dizer a ele. Tantas coisas que tenho de lhe dizer. Tantas coisas que preciso fazer agora, que preciso analisar, que preciso decidir.

Porém, por ora, tenho apenas uma pergunta.

— Onde está o seu pai? — sussurro.

Warner precisa de um instante para encontrar voz. Ele diz:

— Ele voltou para a base. Foi embora logo depois... — ele hesita, tem dificuldade de falar por um segundo — logo depois de atirar em você.

Inacreditável.

Ele me deixou sangrando por todo o chão da sua sala de estar. Que presentinho agradável para o filho limpar. Que liçãozinha agradável para o filho aprender. Apaixone-se e você poderá ver seu amor levar um tiro.

— Então ele não sabe que estou aqui? — pergunto a Warner. — Não sabe que estou viva?

Warner balança a cabeça.

— Não.

E eu penso *bom*. Isso é muito bom. Será muito melhor se ele achar que estou morta.

Warner ainda está olhando para mim. Olhando e olhando e olhando para mim como se quisesse me tocar, mas está com medo de se aproximar demais. Por fim, ele sussurra:

— Você está bem, amor? Como se sente?

E sorrio para mim mesma, pensando em todas as maneiras como poderia responder a essa pergunta.

Penso em como meu corpo está mais exausto, mais derrotado, mais esvaziado do que já esteve em toda a minha vida. Penso que não ingeri nada além de um copo de água em dois dias. Que nunca estive mais confusa a respeito das pessoas, sobre quem elas parecem ser e quem são na verdade, e penso em mim deitada aqui,

dividindo uma cama em uma casa que nos disseram que não existia mais, com uma das pessoas mais odiadas e temidas do Setor 45. E penso que essa criatura assustadora tem capacidade de ser muito terna, que salvou minha vida. Que seu pai atirou em meu peito. Que, horas mais cedo, estava deitada sobre uma piscina do meu próprio sangue.

Penso que meus amigos provavelmente ainda estão presos na batalha, que Adam deve estar sofrendo sem saber onde estou ou o que aconteceu comigo. Que Kenji ainda está lutando pela sua cota e a cota de várias pessoas. Que Brendan e Winston podem ainda estar perdidos. Que as pessoas do Ponto Ômega podem estar todas mortas. E isso me faz pensar.

Sinto-me melhor do que já me senti em toda a vida.

Estou admirada com como me sinto diferente agora. Quão diferente sei que as coisas serão. Tenho tanto a fazer. Tantas ofensas a revidar. Tantos amigos que precisam da minha ajuda.

Tudo mudou.

Porque, um tempo atrás, eu era apenas uma criança.

Hoje, ainda sou apenas uma criança, mas, desta vez, tenho uma vontade de ferro e dois punhos feitos de aço e envelheci 50 anos. Agora, finalmente sei. Finalmente entendi que sou forte o bastante, que, talvez, seja um pouco corajosa o bastante, que, talvez, desta vez, possa fazer o que fui destinada a fazer.

Desta vez, sou uma força.

Um desvio da natureza humana.

Sou a prova viva de que a natureza está oficialmente arrasada, com medo do que fez, do que se tornou.

E estou mais forte. Estou mais brava.

Estou pronta para fazer algo de que, com certeza, vou me arrepender e, desta vez, não me importo. Chega de ser boazinha. Chega de ficar nervosa. Não tenho medo de mais nada.

O caos completo está no meu futuro.

E vou deixar minhas luvas para trás.

Agradecimentos

Quero amigos piedosos e estranhos generosos e horas de sono sem interrupção. Quero os mirtilos mais doces, as melhores conversas, os abraços mais calorosos e ladrões que roubem sua tristeza. Quero auroras boreais e altas gargalhadas; quero infinidade e tudo que leva a ela e quero tudo isso para você. Meu amigo mais querido. Meu marido. Você é minha cor favorita, minha estação favorita, meu dia favorito da semana. Quero tudo o que vale a pena ter neste mundo apenas para poder lhe dar tudo de presente.

Minha mãe. Meu pai. Meus irmãos. Minha família. Adoro-os rindo. Adoro-os chorando. Adoro-os rindo e chorando diante de cada bule de chá que já terminamos juntos. Vocês são as pessoas mais incríveis que já conheci e serão forçados a estar comigo durante toda a minha vida e nunca reclamaram, nem uma vez. Obrigada, sempre, por cada xícara quente. Por nunca soltarem minha mão.

Jodi Reamer. Eu disse olá e você sorriu e, assim, eu perguntei do clima e você disse o clima? O clima é imprevisível. Eu disse e a estrada? Você disse que a estrada é conhecida por ser acidentada. Eu disse você sabe o que vai acontecer? Você disse de jeito nenhum. E, depois, você me apresentou a alguns dos melhores anos da minha vida. Eu digo esquecê-la é impossível.

Tara Weikum. Você lê as palavras que escrevo com meu coração e minhas mãos e as entende com uma precisão que é, ao mesmo tempo, dolorosa e espantosa. Sua genialidade, sua paciência, sua gentileza que não falha. Seus sorrisos generosos. É uma grande honra trabalhar com você.

Tana. Randa. Derramamos muitas lágrimas juntas... de tristeza, de alegria. Porém, a maior parte das lágrimas que já chorei veio em

momentos que passei rindo com vocês. A amizade de vocês tem sido o melhor presente; é uma bênção que estou determinada a merecer todo dia.

Sarah. Nathan. Por seu apoio sem vacilos. Vocês dois são incríveis além do que as palavras expressam.

Sumayyah. Por seu ombro e seu ouvido e o espaço seguro que me concede. Não sei o que faria sem isso.

Um obrigada enorme, enorme a todos os meus amigos queridos da HarperCollins e da Writers House que nunca recebem agradecimentos suficientes por tudo que são: Melissa Miller, por todo seu amor e entusiasmo; Christina Colangelo, Diane Naughton e Lauren Flower, por sua energia, paixão e valiosa proeza no marketing; Marisa Russel, minha excepcionalmente talentosa relações públicas, que é tanto esperta quanto infalivelmente gentil. Mais agradecimentos para Ray Shappel e Alison Donalty, por saberem exatamente como fazer essas impressionantes capas de livros ganharem vida; Brenna Franzitta: porque fico agradecida todo santo dia por ter uma revisora tão brilhante quanto você (e espero ter usado os dois-pontos do jeito certo); Alec Shane, por tudo, mas também por saber como reagir com graça quando brinquedos infantis de formato estranho e vazando aparecem no seu escritório; Cecilia de la Campa, por sempre trabalhar para meus livros ficarem disponíveis no mundo todo; Beth Miller, por seu apoio constante; e Kassie Evashevsky, da UTA, por sua graça silenciosa e instinto aguçadíssimo.

Obrigada sempre a todos os meus leitores! Sem vocês, não teria ninguém com quem conversar, além dos personagens em minha cabeça. Obrigada por compartilharem a jornada de Juliette comigo.

E a todos os meus amigos no Twitter, Tumblr, Facebook e meu blog: obrigada. De verdade. Pergunto-me se, algum dia, saberão de verdade o quanto estimo a amizade, o apoio e a generosidade de vocês.

Obrigada para sempre.

Copyright © 2013 by Tahereh Mafi
Copyright © 2013 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Edição: Edgar Costa Silva
Produção Editorial: Alline Salles, Lívia Fernandes, Tamires Cianci
Preparação de Texto: Lilian Aquino
Revisão de Texto: Patrizia Zagni
Diagramação: Lucas Borges

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 – Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.editoranovoconceito.com.br



Table of Contents

Sumário
Rosto
Dedicatória
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68

69
70
71
72
73
Agradecimentos
Créditos: Star Books Digital